

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**PESQUISAS SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES / EDUCADORES  
PARA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA**

**Autora: REGINA CÉLIA PINHEIRO DA SILVA**

**Orientador: JORGE MEGID NETO**

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por Regina Célia Pinheiro da Silva e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data:     /     /

---

Orientador

**Comissão Julgadora**

---

---

---

CAMPINAS  
2004

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

Si38p	<p>Silva, Regina Célia Pinheiro da. Pesquisas sobre formação de professores / educadores para abordagem da educação sexual na escola / Regina Célia Pinheiro da Silva. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.</p> <p>Orientador : Jorge Megid Neto. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1.Educação sexual. 2. Professores – Formação. 3. Educadores. 4. Educação permanente. I. Megid Neto, Jorge. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p>
-------	---

04-071-BFE

## **AGRADECIMENTOS**

Meu grande agradecimento ao orientador deste trabalho, Prof. Dr. Jorge Megid Neto, pelas suas contribuições e, ainda, por ter compartilhado seu saber de maneira crítica, afetuosa e dialogal fundamentais para que eu pudesse aprender e apreender este meu caminhar.

Ao Pedro, companheiro de jornada, por tudo. Especialmente, pelo estímulo e apoio que deu durante esses anos e pelo abstract.

Aos meus filhos: Fabio, por estar sempre disposto a ir para a cozinha nos meus impedimentos; Tiago, meu mestre na computação e socorro permanente em todos os meus momentos de “pânico” com a máquina; Diogo, pela ajuda final na configuração das tabelas. Incluo aqui meus agradecimentos a Gisele, Elisangela e Raquel pelos momentos de colaboração na administração desta casa repleta de homens. Obrigada a todos pelo apoio, atenção e ajuda.

À minha mãe, pelos constantes cuidados, ajuda e palavras de apoio, que a faziam estar sempre presente, ainda que, fisicamente, nem sempre isto fosse possível.

Aos amigos, fundamentais em minha vida, que em diversos momentos contribuíram com seu incentivo para que eu realizasse mais esta etapa. Impossível nomear a todos.

Em especial, meu agradecimento às amigas Fátima e Carmem que nos últimos anos me ouviram, compreenderam, acolheram e apoiaram nos momentos alegres e nos difíceis.

Aos professores e colegas do FORMAR-Ciências, pela construção de um espaço crítico e afetivo de aprendizagem.

À bibliotecária da UNICAMP, Josidelma Francisca de Souza pela atenção dispensada e pelo empenho na aquisição das produções acadêmicas.

À Universidade de Taubaté pela bolsa concedida facilitando a realização deste trabalho.

## RESUMO

Investiga as produções de pós-graduação que tratam da formação dos professores/educadores para o trabalho com Educação Sexual nas escolas, com o objetivo de conhecer essa produção e apontar suas principais tendências. Para isto, identifica, seleciona e classifica as teses de doutorado e de livre-docência e as dissertações de mestrado brasileiras que tratam do tema. Aponta considerações conceituais e breve histórico destacando as principais ocorrências da Educação Sexual no Brasil e no Estado de São Paulo, incluindo diretrizes e orientações curriculares para esta área. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa do estado da arte, selecionando dentre 165 produções acadêmicas na área, 65 trabalhos que são descritos e analisados quanto ao grau de titulação acadêmica, graduação do autor, orientador, ano de defesa, instituição de produção, nível escolar, modelos de formação inicial e continuada, características e concepções/representações dos professores e educadores, e elementos teóricos, históricos e curriculares tratados nas pesquisas.

Palavras-chave: Educação Sexual na escola; formação inicial e continuada de professores / educadores



## **ABSTRACT**

This research intends to investigate post graduate production that deal with the background of teachers and educators who work with Sexual Education at schools, aiming at knowing such production and to point out at its main tendencies. To achieve this it identifies ,selects and classifies the doctorate and associated professorship thesis and Brazilian master academic researches that deal with this theme. It points out at conceptual considerations and a brief report highlighting the main points on Sexual Education in Brazil and in São Paulo state including directions and curricular supervision for this field. The present study is characterized as a state of the art research selecting among 165 academic productions in this field 65 studies which are described, as well as analysed as to authorship, author`s graduation, academic degree, research advisory, year of defense of the thesis, production institution, school level, continuous and initial schooling models, teachers` and educators` features, conceptions/representations and school practice and theoretical, historical and curricular elements studied in these researches.

Key-words: Sexual Education at schools; teachers' and educators' continuous and initial schooling



# SUMÁRIO

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	v
Abstract .....	vii
Sumário .....	ix
Lista de Tabelas e Gráficos .....	xiii
Lista de Siglas das Instituições de Ensino Superior .....	xv
Lista de Siglas das Unidades Acadêmicas .....	xvii
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1 – ASPECTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL .....</b>	<b>13</b>
. Educação Sexual ou Orientação Sexual? .....	14
. A Abordagem da Educação Sexual no Espaço Escolar e as Orientações Curriculares Oficiais: Recuperação Histórica.....	22
. Os Parâmetros Curriculares Nacionais: a Orientação Sexual enquanto Tema Transversal .....	30
<b>CAPÍTULO 2 – REVISANDO A PESQUISA DO TIPO ESTADO DA ARTE .....</b>	<b>35</b>
. Um Estudo Especial no Campo da Educação Sexual .....	40
<b>CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>	<b>51</b>
. Problema e Objetivos .....	52
. Identificação e Recuperação dos Documentos de Pesquisa .....	54
. Conjunto de Descritores para Classificação das Pesquisas .....	59
<b>CAPÍTULO 4 – FORMAÇÃO DO PROFESSOR/EDUCADOR PARA O TRABALHO COM EDUCAÇÃO SEXUAL: O ESTADO ATUAL DAS</b>	



<b>PESQUISAS</b> .....	67
. Visão Geral do Conjunto das Pesquisas sobre Educação Sexual no Brasil .....	68
. Descrição Geral das Pesquisas sobre Formação dos Professores/Educadores para Abordagem da Educação Sexual nas Escolas .....	70
. Descrição e Análise dos Focos Temáticos das Pesquisas sobre Formação dos Professores/Educadores para Abordagem da Educação Sexual nas Escolas .....	85
Foco Formação Inicial .....	90
Foco Formação Continuada .....	92
1. Dificuldades para a implantação da Educação Sexual .....	95
2. Programas e projetos desenvolvidos na formação .....	96
3. Ações pedagógicas relacionadas nas pesquisas .....	98
Foco Características, Concepções/Representações e Práticas Escolares .....	107
1. Características do professor/educador para abordagem da Educação Sexual .....	110
2. Posturas e práticas escolares relatadas nas pesquisas .....	111
3. Concepções/representações dos professores/educadores .....	115
Foco Elementos Teóricos, Históricos e Curriculares .....	125
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	 131
 <b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	 149
 <b>ANEXOS</b> .....	 159
. Anexo 1 – Referências e resumos das dissertações e teses que tratam da formação do professor e de outros profissionais para abordagem da Educação Sexual nas escolas.....	160
. Anexo 2 – Tabelas de cruzamento entre descritores utilizados para classificação das dissertações e teses que tratam da formação do professor e de outros profissionais para abordagem da Educação Sexual nas escolas .....	189



## LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

QUADRO GERAL –Dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola .....	72
GRÁFICO 1– Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por ano de defesa .....	77
TABELA 1 – Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por instituição de ensino superior .....	79
TABELA 2 – Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por instituição de ensino superior e região.....	81
GRÁFICO 2– Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por Estado em que foram defendidas .....	82
TABELA 3 – Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por nível escolar .....	83
TABELA 4 – Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por foco temático .....	86



## **LISTA DE SIGLAS DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR**

**FURG** - Fundação Universidade do Rio Grande  
**UNIJUÍ** – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul  
**PUCAMP** - Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
**PUC-RIO** – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
**PUC-RS** - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
**PUC-SP** - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
**UERJ** - Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
**UFBA** - Universidade Federal da Bahia  
**UFCE** - Universidade Federal do Ceará  
**UFES** - Universidade Federal do Espírito Santo  
**UFG** - Universidade Federal de Goiás  
**UFMS** - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
**UFMT** - Universidade Federal de Mato Grosso  
**UFPB** - Universidade Federal da Paraíba  
**UFPE** - Universidade Federal de Pernambuco  
**UFRGS** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
**UFRJ** - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
**UFSC** - Universidade Federal de Santa Catarina  
**UFSCar** - Universidade Federal de São Carlos  
**UFSM** - Universidade Federal de Santa Maria  
**UGF** - Universidade Gama Filho  
**UNAERP** – Universidade de Ribeirão Preto  
**UNESP** - Universidade Estadual Paulista  
**UNICAMP** - Universidade Estadual de Campinas  
**UNIFOR** - Universidade de Fortaleza  
**UNI-RIO** – Universidade do Rio de Janeiro  
**UPE** – Fundação Universidade de Pernambuco  
**UPF** - Universidade Passo Fundo  
**USP** - Universidade de São Paulo



## **LISTA DE SIGLAS DAS UNIDADES ACADÊMICAS**

**CCE** – Centro de Ciências da Educação

**CCS** – Centro de Ciências da Saúde

**CECH** – Centro de Educação e Ciências Humanas

**DE** – Departamento de Educação

**EERP** – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto

**FC** – Faculdade de Ciências

**FE** – Faculdade de Educação

**FFC** – Faculdade de Filosofia e Ciências

**FMRP** – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

**FSP** – Faculdade de Saúde Pública

**IE** – Instituto de Educação

**IMECC** – Instituto de Matemática, Estatística e Ciências da Computação

**IP** – Instituto de Psicologia

# **INTRODUÇÃO**

Duas experiências profissionais marcaram profundamente minha vida: ser professora, atividade que iniciei no ensino fundamental, em 1970, em escolas estaduais do Rio de Janeiro e que desenvolvi por alguns anos; e ser assistente social, cuja graduação, em 1974, possibilitou-me uma extensa gama de experiências no campo, principalmente, da saúde pública.

Tanto como professora quanto como assistente social, o processo educativo com suas implicações sócio-políticas e histórico-culturais sempre permearam minhas ações. Trabalhar numa dimensão educativa, seja com grupos e/ou com comunidades, foi sempre um compromisso pessoal e profissional.

Assim foi quando, junto com uma equipe interdisciplinar, assumimos o Hospital São Pio X, em Ceres, Goiás, pertencente à Diocese de Goiás Velho, para um trabalho comunitário baseado em ações de saúde pública. E quando, anos depois, trabalhei no então denominado Ambulatório Regional de Saúde Mental do Vale do Paraíba e Litoral Norte, da Secretaria de Estado da Saúde do Estado de São Paulo, localizado em São José dos Campos, realizando, entre outras tantas atividades, grupos sócio-educativos com pré-adolescentes filhos de alcóolatrás. Baseada no conhecimento adquirido nesta instituição, o enfoque em saúde mental passou a acompanhar o meu trabalho em todas as demais áreas e instituições em que trabalhei, principalmente em seu aspecto preventivo.

Não só em termos de tempo (1982 a 1999) e quantidade de ações desenvolvidas, mas também na qualidade das ações preventivas e promocionais então realizadas, a experiência no Ambulatório Regional de Especialidades (ARE) de Taubaté constituiu-se em grande parte do meu trabalho como assistente social. Além dos atendimentos e acompanhamentos individuais, desenvolvi trabalhos sócio-educativos em grupos, organizei e realizei treinamentos e oficinas nos diversos programas da Secretaria de Saúde, principalmente os de Saúde da Mulher, Hanseníase e Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST/AIDS. Colaborei na organização e participei do Conselho de Saúde da Comunidade e do Grupo de Apoio à Prevenção a AIDS (GAPA), de Taubaté; além de ter sido membro da diretoria do Conselho Municipal de Entorpecentes da Prefeitura do mesmo município.

Mas minha experiência mais gratificante aconteceu junto à Secretaria de Estado da Educação, do governo do Estado de São Paulo, quando desenvolvi trabalho continuado em grupo com professores do ensino fundamental e ensino médio da rede estadual de ensino no projeto: “Saúde e Vida: Uma Questão de Educação”, que abrangia “Noções de Sexualidade Humana” (realizado de 1985 a 1995) e “Prevenção ao Uso Indevido de Drogas” (de julho de 1987 a 1995). Este trabalho foi realizado em conjunto com a então denominada Divisão de Ensino de Taubaté (hoje, Diretoria de Ensino) por uma equipe interdisciplinar da qual fiz parte, enquanto assistente social, junto com uma psicóloga e um médico da Secretaria de Estado da Saúde e uma assistente pedagógica de Ciências da Secretaria de Estado da Educação. A abordagem com a Educação Sexual era realizada, na formação dos professores, a partir do enfoque psicodramático, uma vez que tanto eu quanto a psicóloga somos psicodramatistas.

Enquanto estas experiências iam se desenvolvendo, fui convidada a integrar, a partir de 1990, o Departamento de Serviço Social da Universidade de Taubaté (UNITAU) onde, após concurso público, fui efetivada como professora assistente na disciplina “Introdução à Prática Profissional I e II” tendo também, por vários anos, ministrado as disciplinas “Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso” (T.C.C.) a alunas de 4º ano e “Estágio Supervisionado I” e “Estágio Supervisionado II”, respectivamente para alunas de 3º e 4º anos. Assumi por dois anos a Coordenação de Estágio do Departamento de Serviço Social.

Apesar de sempre ter procurado manter contato com a questão do ensino oferecendo campo de estágio a alunos nas instituições às quais estive ligada enquanto assistente social, ter retomado a minha primeira escolha profissional – ser professora – foi muito gratificante.

Outra atividade acadêmica muito especial foi a elaboração, organização e desenvolvimento de “Grupos de Vivência e Sensibilização” com alunos dos diversos Departamentos da Universidade de Taubaté. Realizado através de jogos dramáticos, estes grupos eram possibilitados pelo Programa de Apoio ao Estudante (PAE), ligado à Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias.

Junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UNITAU, coordenei por quatro anos o programa de “Aprimoramento de Assistentes Sociais na Área da Saúde”, convênio FUNDAP/UNITAU em que também supervisionei as atividades práticas e teóricas das assistentes sociais participantes. Como assessora na Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias para o diagnóstico de Projetos Extensionistas e área de estágios extensionistas, tive a oportunidade de conhecer os projetos desenvolvidos por vários Departamentos da UNITAU, propondo medidas para melhor desenvolvimento dos mesmos.

Meus estudos na pós-graduação incluem o curso de especialização em Saúde Pública na Universidade de Taubaté, em 1986, e a formação em Psicodrama concluída em 1994 pela Associação de Psicodrama e Sociodrama Revolução Creadora (SP). Especialmente, alguns cursos na área da educação, da sexualidade e da prevenção ao uso indevido de drogas forneceram-me subsídios para o trabalho desenvolvido com os professores da Secretaria de Estado da Educação na região da Diretoria de Ensino de Taubaté.

Enquanto profissional autônoma três experiências foram muito significativas na minha trajetória. Fui, durante cinco anos (1997/2001), supervisora da equipe interdisciplinar responsável pelo “Projeto Piloto Alto São João”, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof<sup>a</sup> Luzia de Castro Mittidieri, da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Guaratinguetá. Esse projeto acompanhava alunos com dificuldades de aprendizagem e/ou comportamento, no horário inverso ao do ensino regular, buscando resgatar a auto-estima e proporcionar uma atenção especial às dificuldades desses educandos. Eram realizadas também visitas domiciliares e reuniões mensais com os responsáveis.

A segunda experiência ainda está em andamento: supervisiono o Grupo Assessor de Aspectos Sociais, profissionais ligados à Coordenação do Programa Estadual de Hanseníase, no “Projeto Piloto de Capacitação Profissional ou Semi-Profissionalizante no Programa de Hanseníase/SP”, da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, desde junho de 2001. Junto a este projeto o grupo realizou uma pesquisa para conhecer a situação de trabalho dos sujeitos, antes e depois do diagnóstico de hanseníase, e as representações que os mesmos fazem de sua doença. O grupo está na fase final de elaboração do relatório deste trabalho.

Em 2002 também supervisionei, quinzenalmente, de setembro a dezembro, a equipe de profissionais de uma Brinquedoteca, projeto da Prefeitura Municipal de Pindamonhangaba em conjunto com o Fundo Social de Solidariedade do mesmo município. Foi uma experiência nova que muito me motivou: possibilitar às crianças em situação social de risco, destituídas de recursos, o direito ao brincar.

Sempre motivada por minhas experiências enquanto educadora, inicei em março de 2001 o mestrado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na Área de Concentração: Ensino, Avaliação e Formação de Professores. Inserida no Grupo FORMAR-Ciências (Estudos e Pesquisas em Formação de Professores da Área de Ciências), meu projeto de pesquisa versou, desde o início, sobre a abordagem da Educação Sexual nas escolas, interesse ligado a minha prática profissional. Minha curiosidade em conhecer novas experiências sobre o tema, aliada a um dos objetivos do grupo que é realizar pesquisas do estado da arte, possibilitou que meu projeto seguisse esta metodologia.

Assim, sempre me motivaram as leituras e os estudos ligados a esta questão e ao conhecimento das relações sociais estabelecidas através da sexualidade humana. Ligado à área de Ciências, o ensino do aparelho reprodutor, quando ministrado pelos professores, era realizado de forma dicotomizada da totalidade do ser humano. Os condicionamentos cientificistas e positivistas, aliados aos valores e normas religiosas, imputavam à prática escolar em geral uma negação à questão da Educação Sexual que não podia ser formalmente realizada pelas escolas. Negação esta que favorecia a não articulação do tema com a realidade sócio-econômica-cultural e política do país. Hoje, no contexto da globalização mundial e frente a proposta neoliberal que estimula o individualismo e a competitividade, a possibilidade de resgatar o prazer pela Educação Sexual viabilizada no âmbito escolar sem dúvida pode trazer força, energia, vida tanto a alunos quanto a professores que com esta abordagem estiverem envolvidos. O estar consciente, feliz, com certeza tem um caráter revolucionário podendo gerar união e possibilitar resistência às formas de discriminação e dominação impostas através do sexo, assegurando o direito à cidadania.

Em toda esta trajetória de vida, as experiências desenvolvidas no Estado de São Paulo sobre Educação Sexual nas escolas tiveram um enfoque especial por fazerem parte da minha história profissional. Com certeza, o que interessa ao sujeito investigar está sempre relacionado, de forma dialética e dinâmica, à experiência desenvolvida pelo mesmo, à sua realidade concreta (GAMBOA, 1987), num processo de construção que vai ampliando-se e aprofundando-se.

Meu interesse pela questão da Educação Sexual sistematizada no âmbito escolar data de 1984, quando foi desenvolvido um projeto piloto em Taubaté, município da região do Vale do Paraíba no Estado de São Paulo, intitulado "Trabalho Educativo na Área da Sexualidade Humana". Consistiu numa experiência com quatro escolas da rede estadual de ensino da Delegacia de Ensino Professor Miguel Melo de Carvalho de Taubaté, da Secretaria de Estado da Educação, realizada em conjunto com a Secretaria de Estado da Saúde, ambas do Governo do Estado de São Paulo, sendo publicada em 1986 pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) no livro *Sexualidade humana: reflexões e proposta em ação* (SÃO PAULO, 1986).

A experiência piloto ficou paralisada até meados de 1985, quando foram retomados os contatos entre essas duas Secretarias de Estado e constituída uma equipe interdisciplinar. A partir do 2º semestre do referido ano, iniciou-se a formação e o acompanhamento sistematizado aos professores que se dispusessem a, voluntariamente, abordar a Educação Sexual através das suas disciplinas no projeto: "Saúde e Vida: Uma Questão de Educação", que envolvia professores não só do município de Taubaté, mas também de outros cinco que integravam a então Delegacia de Ensino.

No final dos anos 80 entra em vigor a nova proposta curricular de Ciências e Programas de Saúde da Secretaria de Estado da Educação do Governo de São Paulo, propondo em cada série, desde o ciclo básico, noções de sexualidade humana. Tal fato facilitou sobremaneira o trabalho e deu um amparo oficial à ação do professor.

O projeto desenvolvido no município de Taubaté perdurou até 1994, contando, ao longo deste período, com frequência aproximada de 260 professores, ainda que alguns não tenham concluído os 3 anos previstos de acompanhamento e supervisão. Encerrou-se por questões internas da Delegacia de Ensino e em função de alterações político-administrativas que estavam sendo levadas a efeito pela Secretaria de Educação. Nos nove anos de trabalho a equipe constatou o quanto é difícil lidar com os conceitos, preconceitos e revisão de valores, uma vez que, com relação à sexualidade, não é suficiente o conhecimento científico. Cada pessoa provém de uma cultura com valores familiares, religiosos e sociais específicos, gerando conceitos e preconceitos que, depois de introjetados, são muito difíceis de serem revistos e reformulados. Por isso, durante todos esses anos a equipe procurou estar resgatando o papel de educador do professor, no sentido de fortalecê-lo para a prática pedagógica nesta abordagem específica.

Este meu interesse na área foi reforçado no contato com o grupo FORMAR-Ciências (Estudos e Pesquisas em Formação de Professores da Área de Ciências), uma vez que pelo trabalho realizado estive por vários anos diretamente lidando, entre outros, com professores de Ciências e Biologia. O grupo foi constituído em 1997 e tem como um de seus objetivos *"realizar pesquisas de "estado da arte", nos diversos aspectos do ensino de Ciências dos níveis de escolarização infantil, fundamental, médio e superior, de modo especial as que possibilitem a atuação em projetos de formação de professores da área"* (AMARAL; CUNHA, 1998, p. 96). Para isso vem desenvolvendo vários projetos em que procura *"identificar, recuperar, classificar e divulgar a pesquisa acadêmica brasileira no campo da Educação em Ciências"* (MEGID NETO, 2001: 88) buscando articular a produção científica da área com os propósitos da formação de professores.

Para facilitar e organizar este trabalho, o FORMAR-Ciências mantém o Centro de Documentação em Ensino de Ciências (CEDOC), cujo acervo de teses e dissertações e livros de textos da área vem contribuindo para as investigações realizadas por diversos pesquisadores. Em Amaral e Cunha (1998) constatei que informalmente este Centro funcionava desde 1989 ligado ao Departamento de Metodologia do Ensino da Faculdade de Educação da UNICAMP.

No final de 1998, o CEDOC publicou o trabalho *"O Ensino de Ciências no Brasil - Catálogo Analítico de Teses e Dissertações (1972-1995)"*, contendo referências bibliográficas, resumos e quadros de classificação de 572 pesquisas defendidas no país com respeito ao ensino na área de Ciências, em suas diversas modalidades curriculares e níveis de escolaridade (MEGID NETO, 1998), apresentando parte do estado da arte na área.

Estudos de revisão bibliográfica do tipo "estado da arte" respondem a minha busca em estar conhecendo outras experiências e visões sobre o trabalho com Educação Sexual, especialmente através de teses e dissertações que tratam sobre a formação do professor para a abordagem da Educação Sexual no contexto escolar, uma vez que, por falta de conhecimento sobre o que se produz em nível de pós-graduação nesta área, pouco foi possível aproveitar com trabalhos semelhantes.

Ao estar relacionando os interesses da minha investigação aos objetivos compartilhados com o grupo FORMAR-Ciências, isto favorece a superação de um dos problemas detectados no estudo censitário realizado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) com a produção acadêmica na área de educação no período de 1982-1991 (WARDE, 1993): a dispersão das linhas de pesquisa e sua desarticulação com projetos mais amplos. Este trabalho afirma que:

*"em alguns programas, os docentes se afirmaram como orientadores, não desta ou daquela dissertação/tese, mas de projetos de investigação, nos quais os pós-graduandos integram seus estudos, através de uma mesma temática, ou de uma referência teórica e de método compartilhada. Nesses casos, a unidade entre os projetos parece não se dar por justaposição ou homogeneidade, mas por acumulação."* (WARDE, 1993, p. 69).

Luna (2000, p. 39) ressalta também que *"é a explicitação da inserção de um problema de pesquisa mais delimitado no contexto maior de um programa de pesquisa (...) que confere relevância à pesquisa"*. Assim, a possibilidade de inserir a minha investigação e o meu aprendizado através da experiência do grupo FORMAR-Ciências nesta linha de pesquisa foi

de enorme enriquecimento para mim e, com certeza, também trará contribuições para o fortalecimento dessa linha de investigação no grupo.

Para realização da presente pesquisa, o estudo abrangeu de maneira mais específica as produções científicas de pós-graduação: teses de doutorado e de livre-docência e dissertações de mestrado que abordam a **formação do professor/educador para a abordagem da Educação Sexual no espaço escolar**. O contato mantido por tantos anos com professores e as várias leituras realizadas reforçam a necessidade de formar docentes e demais profissionais que se proponham a trabalhar com Educação Sexual nas escolas. No entanto, pouco são difundidas estas ações e o conjunto das pesquisas sobre este tema é pouco conhecido e não-sistematizado. Conhecer essas produções acadêmicas localizadas num tempo e espaço próprios e, portanto, condicionadas histórico-social e culturalmente, e as contribuições que elas apresentam motivou-me a tomá-las como foco de estudo. Assim, a elaboração desta pesquisa gerou a produção de um novo conhecimento capaz de tornar-se uma síntese sistematizada e refletida dos trabalhos já existentes, num movimento dialético do processo de conhecimento pois, a partir da mesma, novos trabalhos e estudos poderão ser propostos e realizados possibilitando o caminhar científico.

A possibilidade de apontar contribuições à rede escolar para a abordagem da Educação Sexual, especificamente na questão da formação do professor/educador, a partir da identificação, classificação, sistematização, análise e catalogação das pesquisas realizadas favorece o enriquecimento de novos trabalhos. Desse modo, podem ser trazidas contribuições não só aos professores/educadores pela possibilidade de conhecer experiências e/ou estudos realizados como também ao sistema educacional através de suas instâncias responsáveis pela formação/capacitação dos profissionais que atuam diretamente na escola a partir desta temática.

A divulgação de trabalhos acadêmicos, condição intrínseca a todo novo conhecimento que é produzido, está longe de ser realidade em nosso país, *"razão pela qual sua publicidade é elemento indispensável do processo de produção de conhecimento."* (LUNA, 2000, p. 24). Essa questão também será foco de atenção deste estudo. Nas últimas décadas, algumas

produções acadêmicas decorrentes de pós-graduação abordam o tema da Educação Sexual nas escolas. No entanto, poucas são as que têm seu conteúdo divulgado aos mais interessados: os professores, assim como aos profissionais que, como eu, vêm trabalhando com a questão. Desta forma, os exaustivos e profundos estudos realizados quando da elaboração de uma tese de livre-docência ou doutorado ou de uma dissertação de mestrado ficam restritos a um pequeno número de pessoas que lhes têm acesso e não são aproveitados por falta de conhecimento. O que equivale a afirmar, que à imensa importância do tema não corresponde uma divulgação de igual peso. Com certeza, não basta a intenção do autor em fazer esta divulgação. As dificuldades são inúmeras, apontando a necessidade de buscar formas de socializar as informações aos professores, de maneira que não só o acesso mas também a utilização dos dados seja eficaz.

Por outro lado, conhecer como a produção acadêmica tem tratado o tema da formação dos professores para o trabalho com Educação Sexual nas escolas tem, a meu ver, relevância social. Uma vez que a sexualidade integra a vida de todo ser humano, a forma e o conteúdo como ela é abordada pela escola deve ser foco de atenção da sociedade. Deveria ser mais explícito o compromisso da instituição escolar, informando à sociedade como vem abordando esse conhecimento tão carregado de vida, valores, ética, mas também de tabus, preconceitos e discriminações. É possível que, através desta pesquisa, o conhecimento do conjunto dos trabalhos já produzidos sobre a formação dos professores/educadores para esta abordagem possibilite a visualização das contribuições oferecidas, servindo como subsídio para a formação dos mesmos bem como fonte de atualização para outros pesquisadores, pela condensação dos seus principais pontos (LUNA, 2000).

O primeiro capítulo discute os dados referentes à revisão bibliográfica dos termos Educação Sexual e/ou Orientação Sexual utilizados pelos vários profissionais que se interessam pela abordagem deste tema nas escolas, obtidos a partir de subsídios de alguns livros que tratam do assunto. Algumas referências sobre a compreensão desses autores quanto a estes e outros termos são apresentadas subsidiando teoricamente a questão. Neste também apresento um breve histórico que contribui para situar a Educação Sexual no tempo e no espaço destacando as principais ocorrências no Brasil e no Estado de São Paulo, por ser onde

localizei minhas atividades nesta área. Destaque é dado também aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pela amplitude das orientações oficiais, especialmente no que se refere ao caderno sobre “*Pluralidade Cultural, Orientação Sexual*” (BRASIL, 1997).

O segundo capítulo apresenta uma breve revisão bibliográfica realizada sobre outras pesquisas do tipo “estado da arte”. Dei ênfase especial a trabalhos e produções acadêmicas de alguns autores cujos estudos sobre esta metodologia contribuíram para minhas reflexões teóricas e aprendizado, além de sintetizar os principais pontos da dissertação de mestrado de Figueiró (1995), a única autora no conjunto de produções identificadas que trabalhou alguns aspectos do tema Educação Sexual através da pesquisa do estado da arte.

O terceiro capítulo retoma a problemática da pesquisa, configurando o problema que desencadeou a investigação e os objetivos da pesquisa. Relato, ainda, como foi feito o levantamento bibliográfico que me possibilitou identificar as dissertações e teses sobre Educação Sexual no Brasil e como foram selecionadas as que apresentam pesquisas/estudos sobre a formação do professor/educador para o trabalho com Educação Sexual no espaço escolar, que subsidiaram a minha investigação. O foco deste capítulo é a própria metodologia da pesquisa nos seus vários momentos e procedimentos. Há ainda uma apresentação dos descritores e sub-descritores que foram utilizados na investigação.

O capítulo seguinte refere-se à apresentação geral, descrição e análise das características e tendências do conjunto de 65 dissertações e teses identificadas que tratam sobre a formação do professor/educador para a abordagem da Educação Sexual nas escolas. São apresentadas e discutidas as tabelas e os gráficos correspondentes à classificação das 65 pesquisas pelos descritores escolhidos.

Nas considerações finais deste texto, trago o apreendido a partir da investigação levada a efeito na produção científica que trata sobre a formação do professor/educador para o trabalho com Educação Sexual no espaço escolar, e sintetizo os pontos essenciais deste processo, as principais tendências das pesquisas e lacunas existentes .

Na Bibliografia estão incluídas as referências bibliográficas das citações feitas ao longo do texto. Nos anexos apresento as referências e resumos dos 65 trabalhos utilizados para a pesquisa do estado atual da arte sobre a formação dos professores/educadores para a abordagem com Educação Sexual na escola, e também algumas tabelas de cruzamento entre descritores utilizadas para classificação das pesquisas que subsidiam os resultados obtidos e análises decorrentes.

## **CAPÍTULO 1**

### **ASPECTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL**

## **Educação Sexual ou Orientação Sexual?**

A educação enquanto fenômeno histórico mostra que diversas épocas e momentos diferenciam seus métodos e formas de abordagem. No caso da Educação Sexual, até recentemente não se podia falar sobre a mesma; menos ainda realizar atividades no espaço escolar que abrissem possibilidades de tratar o assunto com os educandos. Hoje, há quase uma "obrigação" em fazê-lo, tendo o professor por diretriz as propostas de trabalho com os temas transversais sugeridos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), entre eles, a Orientação Sexual.

Durante os anos em que participei, em Taubaté, do trabalho com professores visando sua formação para a abordagem do tema nas escolas, a equipe utilizava o termo Orientação Sexual como sendo a função a ser desempenhada pelos professores na realização das atividades no trato do tema com seus alunos. Posteriormente, ao preparar o projeto de mestrado percebi, a partir de Vitiello (1993), que o termo Educação Sexual é mais apropriado ao trabalho que havia desenvolvido. Esta dificuldade, bem pude perceber, não é só minha: os autores que lidam com a Educação Sexual no espaço escolar também a tem. Passei a questionar-me: haverá um termo mais adequado que outro?

Um dos primeiros pontos que chamam a atenção na revisão bibliográfica realizada é o uso dos termos Educação Sexual (ES) e Orientação Sexual (OS). Alguns autores usam-nos sem antes defini-los; outros, principalmente os que realizam estudos após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1997, utilizam a terminologia Orientação Sexual, possivelmente por ser esta a oficialmente adotada. Há ainda autores que usam um e outro termo, sem diferenciá-los. Em outras palavras, para alguns autores eles são sinônimos, para outros são termos com conceitos diferentes e, outros ainda, os consideram como complementares.

Os autores consultados, cujas publicações são anteriores aos PCNs, utilizam o termo Educação Sexual em seus relatos. Vitiello (1995), por exemplo, antes de abordar especificamente a Educação Sexual discute os termos educação, orientação, informação e

aconselhamento. No que se refere à Educação Sexual, o autor diferencia duas situações: a Educação Sexual sistemática e a Educação Sexual assistemática.

Quando conceitua educação, o autor associa a noção de Educação Sexual sistemática às ações que podem ocorrer na família e na escola:

*"Educar, no sentido mais amplo, significa 'formar' (...) o educador dá ao educando condições e meios para que cresça interiormente. A influência do educador, por isso mesmo, além de intensa precisa ser contínua e duradoura (...). Nesse sentido, a educação sexual sistemática só pode ser feita por familiares ou por professores"* (VITIELLO, 1995, p. 18-19).

Este autor ainda faz uma diferenciação da Educação Sexual sistemática realizada pela escola, portanto, num contexto formal, com planejamento e intencionalidade, da que se processa na família, considerada por ele informal e espontânea. Vitiello e Conceição (1991) apontam, em outro artigo, que a família é a principal responsável pela educação uma vez que acompanha a pessoa desde o seu nascimento, mas que ela não se encontra preparada, especialmente, no que se refere ao exercício da sexualidade.

No que se refere à Educação Sexual assistemática, Vitiello (1995) afirma ser esta ocasional podendo acontecer, por exemplo, através dos meios de comunicação de massa ou na procura pelo interessado por cursos e leituras sobre o tema.

Diferente do aconselhamento em que a pessoa já conhece os possíveis caminhos necessitando que alguém a ajude a decidir, em relação ao termo orientação ele afirma que *"implica num mecanismo mais elaborado que se baseia na experiência e nos conhecimentos do orientador. Esse processo ajuda a pessoa a analisar diferentes opções, tornando-a apta a descobrir novos caminhos"* (VITIELLO, 1993, p. 37).

Vitiello (1995, p. 20) conceitua Educação Sexual como *"a parte do processo educativo especificamente voltada para a formação de atitudes referentes à maneira de viver a*

*sexualidade*”. Para ele, a Educação Sexual acontece dentro de um processo amplo de educação.

O mesmo autor afirma que profissionais como médicos, enfermeiros, psicólogos ou assistentes sociais quando abordam o tema na escola estão fornecendo informação. Considera esta uma atividade importante ligada ao ensino, mas que, na abordagem da Educação Sexual no espaço escolar, ocorre, através destes profissionais, ocasionalmente. Por não implicar num processo continuado, dentro da classificação de Vitiello essa abordagem seria considerada uma Educação Sexual assistemática, uma vez que estes profissionais não se situam cotidianamente neste espaço. No meu entender, nas situações em que esses profissionais/educadores façam parte do corpo de funcionários da escola ou ainda se agreguem a ele de forma regular na realização de um trabalho, sendo reconhecidos como parte da instituição, poderiam desenvolver a proposta de Educação Sexual sistemática dentro da concepção de Vitiello e dos próprios PCNs.

Vitiello considera ainda, que a Educação Sexual eficaz é aquela sistemática, o que significa: contínua e duradoura. A realização de palestras nas escolas por profissionais diversos contribui para desmistificar o tema porém, para ele, *“o caminho real para a educação sexual não é levar profissionais de várias áreas às escolas, mas sim preparar professores interessados para a tarefa de fazê-la”* (VITIELLO, 1995, p. 19), uma vez que estes também são da mesma geração dos pais dos educandos e, como eles, possuem deficiências na sua formação. Considero tal formação imprescindível se a pretensão da Educação Sexual for que a escola assuma tal tarefa com consciência dos preconceitos e das dificuldades secularmente vivenciadas, como a desinformação e a repressão sexual, e propicie uma reflexão em torno dos valores que envolvem a questão da sexualidade humana.

Schiavo e Silva (1997) compreendem a Educação Sexual como Vitiello, porém, reforçam que a educação informal acontece de modo não declarado e não intencional. Já a formal, própria do ensino, também é contínua, mas se processa de maneira sistemática e intencional. Questiono, no entanto, se a família, a igreja e outros grupos sociais não teriam intencionalidade nas suas ações. Com certeza, cada vez que reprimem e/ou tentam condicionar

uma manifestação da sexualidade há, ainda que de forma velada, uma intenção que se revela mais ou menos consciente, uma vez que nenhum ato humano é neutro; sempre envolve escolhas.

Por outro lado, nem Vitiello nem Schiavo e Silva, fazem considerações sobre o aprendizado com o “outro”, o que também não foi constatado, de forma aprofundada, em outras obras consultadas. Como historicamente, em nossa sociedade, até recentemente, nem a família nem a escola assumiam sequer a responsabilidade de estar informando sobre sexualidade, há que se considerar o quão significativo foi e ainda continua sendo, para a maioria dos jovens, o aprendizado com o colega que, de alguma forma, conseguia/consegue obter algumas informações. Ainda que estas contribuam para a perpetuação de valores discriminatórios, idéias preconceituosas ou deturpadas, a troca entre iguais foi sempre a maneira de estar satisfazendo a curiosidade sobre as questões ligadas a sexualidade humana, principalmente por não contar com a repressão e o controle da maioria dos adultos.

Guimarães (1995) utiliza a expressão Educação Sexual, mas não a define. No entanto, tanto ela como Werebe (apud BRUSCHINI, 1981) compreendem a expressão no mesmo sentido de Vitiello. Em seu relatório à CENP, Guimarães afirma basear-se na conceituação de Werebe. Para ela,

*"Educação sexual, tomada no sentido amplo, compreende todas as ações diretas ou indiretas, deliberadas ou não, conscientes ou não, exercidas sobre o indivíduo (ao longo de seu desenvolvimento), que lhe permitem situar-se em relação à sexualidade em geral e a sua vida sexual em particular. A educação sexual, num sentido mais restrito, distingue-se da primeira, pelo seu caráter de intervenção deliberada e sistemática, com intenções que podem ser mais ou menos explicitadas" (SÃO PAULO, 1984, p. 18).*

Werebe (1998), por sua vez, relata que prefere a expressão Educação Sexual, pois o termo Orientação Sexual pode ser confundido com a opção sexual de cada um (homossexual, heterossexual ou bissexual), além do primeiro ser o termo adotado em quase todos os países.

Thums e Kieling (1990, p. 39) entendem Educação Sexual como

*"o processo formado pelo conjunto de ações pedagógicas acerca do desenvolvimento da sexualidade humana, embasado nas ciências biológicas, médicas, psicológicas, educacionais, e contextualizadas na realidade social, cultural e educacional do grupo para o qual se dirige."*

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentam no caderno sobre Orientação Sexual (BRASIL, 1997) as propostas para este trabalho nas escolas, a partir da transversalidade. Esta implica em que o tema seja abordado de forma que os objetivos e conteúdos sejam contemplados pelas diversas áreas do conhecimento, impregnando toda a prática educativa. O documento afirma que a Orientação Sexual

*"constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. O trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho" (BRASIL, 1997, p. 21).*

Kehl, citada por Bruschini (1981), refere que o orientador sexual surge nos anos 60, com o trabalho de Masters e Johnson, e que, a partir do conhecimento minucioso sobre o funcionamento sexual possibilitado pelas pesquisas destes cientistas, vai dirigir e orientar a sexualidade insatisfeita em busca de uma vida sexual sadia e equilibrada. Na referência de Kehl percebe-se um certo teor psicoterápico na atividade do orientador sexual. A autora menciona ainda preocupação com o risco na utilização das técnicas comportamentais visando a Orientação Sexual.

Caberiam vários questionamentos a partir da afirmação desta autora: que equilíbrio é buscado? Quem determina o que é sadio ou não em termos de sexualidade? A quem interessa o controle da vida sexual das pessoas? Se, como afirma Vitiello, a orientação implica na

experiência e conhecimento do orientador, dependendo dos valores deste não haveria a possibilidade de uma certa manipulação e disciplinamento?

Em 1993, um grupo de educadores e profissionais do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS), de São Paulo, com assessoria da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), do Rio de Janeiro, e do Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECOS), de São Paulo, interessados na questão da Educação Sexual no âmbito escolar, começou a adaptar e elaborar, a partir de material norte-americano, o *"Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia"*. Após ter sido submetido à apreciação de diversas entidades, o mesmo foi distribuído pelo governo a várias escolas em 1994. Este Guia adota o conceito de Orientação Sexual afirmando que esta *"quando utilizada na área de educação, deriva do conceito pedagógico de Orientação Educacional, definindo-se como o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas"* (GTPOS; ABIA; ECOS, 2001, p. 20). Os profissionais responsáveis pela adaptação reconhecem que *"no meio médico, jurídico e da sexologia, o termo Orientação Sexual é utilizado para denominar a identidade erótica dos cidadãos"* (GTPOS; ABIA; ECOS, 2001, p. 21). Afirmam que este é o conceito que eles adotam, entendendo a Educação Sexual como processo informal que acontece ao longo da vida das pessoas.

Desta forma, quando os PCNs são elaborados, a proposta formulada não incorpora os pontos de vista de Vitiello e Kehl sobre a expressão Orientação Sexual, mas sim, adotam esta terminologia qual referendada no Guia, contrariamente ao que vinha sendo usado pela quase totalidade dos autores antes da formulação da proposta: Educação Sexual.

A adaptação do Guia foi realizada por um grupo de profissionais, dentre eles Marta Suplicy. Esta autora confirma os conceitos adotados no Guia num trabalho posterior realizado com outros colaboradores, conceituando a Educação Sexual como um processo de vida, que *"ocorre de maneira informal e nos permite incorporar valores, símbolos, preconceitos e ideologias"* (SUPLICY et al, 1999, p. 7). A Orientação Sexual, para o grupo, é definida como uma "intervenção pedagógica",

*"um processo formal e sistematizado que se propõe a preencher as lacunas de informação, erradicar tabus e preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos. À Orientação Sexual cabe também propiciar uma visão mais ampla, profunda e diversificada acerca da sexualidade"* (Idem, p. 8).

Cabe considerar que vários autores tinham esta mesma compreensão, só que referente ao conceito de Educação Sexual. Apesar das propostas dos PCNs serem bastante amplas, numa linha de não-diretividade, a colocação de Kehl sobre a função do orientador traz indagações sobre se este seria o melhor termo a ser utilizado no trabalho com este tema transversal.

Já Santos e Bruns (2000, p. 98) apresentam Educação Sexual e Orientação Sexual sob a ótica de vários autores. Elas, no entanto, utilizam ora um termo ora outro, afirmando que Orientação Sexual é uma *"forma de educação [que deve perpassar] os níveis sensoriais, cognitivos e emotivos do ato de conhecer"*. Os dois termos aqui aparecem coincidentes no seu sentido, o que também pode ser constatado em Aquino (1997), que ao apresentar o livro organizado por ele se refere à *"educação/orientação sexual"*.

Pinto (1997, p. 43) afirma que *"qualquer discussão realista sobre o vínculo entre escola e sexualidade deve reduzir-se, assim, ao âmbito da orientação sexual, isto é, ao aconselhamento possível acerca do destino a dar às pulsões genitais emergentes"*. Sob este prisma, parece que a autora aproxima sua visão da referência que Kehl faz sobre o orientador sexual nos anos 60. Além disto, as afirmações de Pinto, ao igualar orientação e aconselhamento como se fossem idênticas, são, a meu ver, equivocadas. O aconselhamento seria uma *"etapa no processo de orientação"* (AURÉLIO, 1975, p. 28). Para Vitiello (1995), aconselhar significa ajudar alguém a tomar decisões e escolher entre situações que o próprio sujeito já conhece. Pela minha observação, no âmbito escolar poucos seriam os profissionais com experiência e conhecimento dos procedimentos da orientação e do aconselhamento que estivessem aptos a fazê-los sem confundir as histórias e valores dos educandos com os seus.

Dentre os autores que utilizam o termo Orientação Sexual de acordo com a proposta oficial do MEC encontram-se Yara Sayão (1997) e Silva (2002). Este afirma que nem todos os grupos que trabalham nesta área utilizam esta terminologia o que não deve impedir o diálogo e a troca de experiências. Reportando-se à necessidade de formação dos profissionais declara que *"o trabalho de OS nos leva a pensar primeiramente no educador sexual e em sua formação"* (SILVA, 2002, p. 26). Este autor, ao referir-se ao profissional que trabalha nesta abordagem como educador sexual, mostra, no meu entender, que não é o uso de um ou outro termo que divide os educadores, o que é confirmado por Yara Sayão (1997, p. 112) ao questionar: *"Por que trabalhar com educação sexual (ou será orientação?) na escola?"*. O imprescindível é conhecer como uns e outros entendem e utilizam cada conceito e agem pedagogicamente.

Dos autores consultados, apenas Camargo e Ribeiro (1999) utilizam a expressão Educação Sexual após os PCNs, com a mesma compreensão dos demais pesquisadores que adotam esta terminologia.

A compreensão que fica da utilização dos termos Educação Sexual e Orientação Sexual é que a maioria dos autores, nos livros consultados, antes dos PCNs utilizavam o primeiro. Depois, há uma divisão: alguns usam só Orientação Sexual e, outros, ambos os termos, não conseguindo optar por um ou outro, e sem deixar claro porque tal mudança na utilização dos termos se processou. Para Goldberg (1984), importa menos a precisão intelectual da definição do que é Educação Sexual e mais a combatividade nas lutas em busca de transformar os padrões sociais referentes ao relacionamento sexual.

Se for considerada a posição desta última autora, importa pouco realmente a definição dos termos, uma vez que ambos referem-se a um processo a ser desenvolvido com os educandos, tendo maior relevância e demandando maior atenção o por que, para que e como isto é feito. Importa mais ainda questionar a educação que se busca, acreditando, no entanto, que se ela pode servir para conservar as normas e padrões sociais reproduzindo a ideologia dominante, utilizada pelos que detêm o poder para manterem seus valores, cultura e objetivos, também pode, como afirma Barroso (1980), facilitar reflexões que apontem contradições,

dialeticamente possibilitando uma síntese em que sejam possíveis mudanças culturais que favoreçam ao educando ampliar sua consciência tornando-se mais crítico, contestador e livre em suas escolhas. Se o termo educar não serve para a abordagem sobre a sexualidade no âmbito escolar, há que questioná-lo também em relação aos demais temas transversais e mesmo ao processo global realizado nas escolas.

## **A Abordagem da Educação Sexual no Espaço Escolar e as Orientações Curriculares Oficiais: Recuperação Histórica**

Em Schiavo e Silva (1997), vemos que histórica, social e culturalmente as normas e comportamentos ligados à sexualidade sempre foram norteados por valores e princípios religiosos e, posteriormente, ligados à fertilidade e às relações de convivência que iam sendo estabelecidas pelos grupos. Informações sobre a sexualidade e a reprodução humana foram passadas inicialmente de forma oral e depois preservadas através de desenhos e registros, possibilitando a transmissão da cultura numa incipiente, mas desde sempre presente, Educação Sexual. Ao longo dos tempos, pode-se constatar os limites e as barreiras impostas em cada sociedade sobre a vida sexual de seus membros direcionando, através de normas e regras, o permitido e o proibido.

A partir da era cristã, com a associação entre sexo e pecado, a humanidade passou a conviver com a repressão e o conseqüente sentimento de culpa, fundamentais para o controle dos comportamentos. Muito lentamente estas concepções passaram a ser questionadas ao longo dos séculos, ainda que sob risco do julgamento e do isolamento social daqueles que ousavam apontar a influência cultural na questão da sexualidade e/ou transgredir as normas socialmente impostas em busca do prazer sexual.

Até a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, a educação era um processo que acontecia de forma mais ou menos assistemática. A partir de meados do século XVIII, a Educação Sexual sistemática passa a ser motivo de discussão dentro do processo geral de educação, sendo defendida ou renegada por diversos pensadores no plano teórico. Como

nenhuma educação é neutra, ela se fazia pela negação da sexualidade, com acentuada repressão ao prazer sexual, buscando preparar a mulher para ser esposa e mãe, coibir o desejo dos jovens e combater a masturbação através de ações deseducativas, segundo Werebe (1998) "educação anti-sexual", porque baseadas em um cunho moralista e repressivo.

No fim do século XIX e primeiras décadas do século XX, com o incremento das então denominadas "doenças venéreas", especialmente da sífilis, o exercício da sexualidade é acrescido, além dos aspectos já referidos, do medo frente a possibilidade de uma doença que levava à morte. A tentativa de acabar com as doenças sexualmente transmissíveis conduz vários países a incluírem a Educação Sexual nas escolas, baseada sob rígidos padrões morais vigentes na época, e sob estímulo ao *"medo como seu principal instrumento de persuasão."* (SCHIAVO; SILVA, 1997, p. 155).

Anos depois, com a revolução dos costumes, o aparecimento dos antibióticos e principalmente da pílula anticoncepcional, a geração do "amor livre" empreende esforços no sentido de recuperar o seu direito à sexualidade e ao prazer, logo depois refreados pelo advento da AIDS. No dizer de Dunley (1999), passa-se do "sexo livre" dos anos 60 para o "sexo seguro" dos anos 80/90.

Ao longo da história, a Educação Sexual de crianças e jovens sempre existiu, mas se fez mais pela omissão e repressão, do que por intermédio de uma educação dialogal, humanista e libertária. A família, primeira instituição a estar repassando os valores, normas e condutas sociais, incute desde o nascimento o que é permitido ou não em matéria de sexualidade, nem sempre de forma verbalizada. Antes que sejamos capazes de refletir criticamente, já absorvemos medos, preconceitos e valores afetivos que irão nortear toda a nossa vida.

Nas escolas, os professores, como quaisquer outros adultos, também repassam consciente ou inconscientemente, através de verbalizações e/ou de posturas, noções de Educação Sexual que recebem reforço muitas vezes dos meios de comunicação, podendo ser positivas e instrutivas ou repressoras e castradoras.

Yara Sayão (1997) afirma que, como nos demais países, no Brasil inicia-se uma preocupação com a Educação Sexual, no final dos anos 20 e década de 30, pautada no estímulo ao medo das "doenças venéreas" e, por conseguinte, na repressão à sexualidade. Esta concepção está baseada numa visão biologizante da Educação Sexual sob influência da corrente médico-higienista, que propõe a abordagem da sexualidade a partir dos seus aspectos biológicos, aí incluídos os reprodutivos.

Até a década de 50 a Igreja, que possuía uma sólida rede de ensino voltada principalmente para a elite, reprime severamente o assunto. Nos anos 60, algumas experiências de educação formal e sistemática realizam-se através da inclusão do tema em escolas do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, ainda que realçando o aspecto biológico e coibindo manifestações da sexualidade, experiências estas extintas após o início dos governos militares e os anos de repressão instaurados. Repressão que também se fazia sentir sobre qualquer atividade que pudesse tornar as pessoas mais felizes, como no exercício afetivo e responsável da sexualidade. Em 68, no Rio de Janeiro, a deputada Júlia Steimbruck apresenta um projeto de lei propondo a introdução obrigatória da Educação Sexual nas escolas, o que não é aprovado.

Em 1971 a legislação brasileira que fixa as Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus – Lei 5.692 – torna obrigatória a inclusão de Programas de Saúde no currículo escolar. Bagnato (1987) refere que, em 1974, o Conselho Federal de Educação, através do Parecer 2.264, aponta diretrizes e fornece orientações para o desenvolvimento dos Programas de Saúde, recomendando o seu planejamento de acordo com as necessidades do meio e do aluno, devendo ser estabelecido em conjunto por representantes dos órgãos de saúde, docentes e universidades locais visando “*a auto-capacitação dos indivíduos e da sociedade para lidar com problemas fundamentais do cotidiano, como o desenvolvimento biopsicológico, nutrição, reprodução, etc.*” (BAGNATO, 1987, p. 18).

É, portanto, através da Lei 5.692/71 que efetivamente surge a possibilidade de, anos mais tarde, especialmente na década de 80, inserir através dos Programas de Saúde algumas

reflexões sobre sexualidade humana no momento em que esta abordagem ainda não era oficialmente permitida na rede escolar.

Em meados da década de 70 o tema da Educação Sexual é retomado, impulsionado pelos movimentos feministas e pela alteração no comportamento dos jovens. Novas experiências voltam a acontecer em espaços não-formais (rádio, TV, serviços telefônicos, trabalhos com populações de periferia), uma vez que nas escolas a postura oficial do governo brasileiro ainda era retrógrada, repressiva e discriminatória, como podemos constatar em documento do MEC sobre as posições assumidas no "Primer Seminario Interamericano de Educación Sexual", em 1978, no Paraguai:

*". No Brasil, primordialmente, corresponde à família os problemas da educação sexual;*

*. A escola não dispõe da infra-estrutura necessária para o desenvolvimento de tarefa tão delicada, em primeiro lugar, porque consideramos inadequadas as chamadas aulas de educação sexual;*

*. No Brasil somos contrários às aulas de educação sexual. Admitimos a educação sexual feita, preferencialmente, de forma individual e por pessoa realmente habilitada;*

*. Não estamos de acordo com aqueles que preconizam a educação sexual feita em grupos de ambos os sexos. Julgamos que a orientação sexual deve ser feita pelo serviço de orientação educacional, apenas para tratar questões sexuais quando estas são motivadas por intensas provocações sociais;*

*A responsabilidade da iniciação do adolescente nas práticas sexuais não é tarefa da escola. Somente o lar reúne condições morais e psicológicas para dar a um assunto tão delicado como a educação sexual, uma orientação sabia e eficiente." (SCHIAVO; SILVA, 1997, p. 159).*

Ainda em 1978, realiza-se em São Paulo o 1º Congresso Nacional sobre Educação Sexual nas Escolas. Apesar dos educadores presentes terem posições contrárias às do governo,

concluem sobre a impossibilidade da implantação da Educação Sexual no âmbito escolar por falta de pessoas qualificadas para fazê-lo.

Apenas em 1989 o Estado demonstra uma preocupação mais significativa com a Educação Sexual formal, quando os Ministérios da Educação e da Saúde apoiam projeto de Ricardo Cavalcanti que realiza cursos para capacitação de educadores em conteúdos de sexualidade humana e que é implantado em vários estados nordestinos. Este projeto propunha

*"a inclusão transdisciplinar da orientação sexual nos currículos (...). Sem pretender que os professores se transformassem em educadores sexuais, a idéia era criar condições para que, no decorrer do processo educativo, o tema sexualidade pudesse ser tocado com conhecimento, por parte dos professores"* (SCHIAVO; SILVA, 1997, p. 167).

Em 1992, preocupado com o crescente aumento da AIDS na população, o governo baixa a Portaria Interministerial nº 796, recomendando a implantação, manutenção e/ou ampliação de projeto educativo de prevenção à AIDS nas redes oficiais e privadas de ensino em todos os níveis. A preocupação não é com a Educação Sexual em si, mas com a epidemiologia da doença.

O então Ministério da Educação e Cultura (MEC) cria em 1993 o Conselho Nacional de Projetos Especiais (CONAPES), que previa a normatização da Educação Sexual no sistema público de ensino (SCHIAVO; SILVA, 1997), levando professores a iniciar projetos de Educação Sexual na rede escolar estadual e municipal. Em 1994, o MEC distribui uma adaptação do Guia de Orientação Sexual editado nos Estados Unidos em 1992, contendo uma ordenação de conteúdos sobre Educação Sexual da pré-escola ao 2º grau, dentro de uma visão multidisciplinar da sexualidade.

A proposta de inclusão da Educação Sexual nas escolas de todo o país acontece com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), cujo caderno sobre Pluralidade Cultural, Orientação Sexual, de 1997, apresenta a política do agora Ministério da Educação e

do Desporto (MEC) para a área. Este caderno refere-se à Educação Sexual através de uma abordagem baseada na concepção dos temas transversais, perpassando as várias disciplinas escolares. É possível considerar que, a partir desta data, o governo federal brasileiro reconhece a importância da Educação Sexual no espaço escolar como necessária à formação integral do indivíduo.

Em função de todo o contexto histórico-social e cultural que permeia a Educação Sexual, esta ainda conta com inúmeras amarras que dificultam sua abordagem nas escolas, uma vez que não basta a publicação dos PCNs para garantir que o professor tenha condições de tratar deste assunto.

Como o Estado de São Paulo foi onde desenvolvi as experiências com a formação dos professores na abordagem da Educação Sexual, conhecer, ainda que brevemente, a história da evolução desta abordagem no estado contribui para uma melhor compreensão dos recuos e enfrentamentos durante as últimas décadas.

Apesar de todos os obstáculos que o trato desta questão sempre suscitou, no Estado de São Paulo algumas experiências foram desenvolvidas no fim da década de 50 e até meados dos anos 60. Segundo Yara Sayão (1997), no período de 1954 a 1970, o serviço de Saúde Pública do Departamento de Assistência ao Escolar propunha às alunas da quarta série primária aulas de orientação sexual. Guimarães (1995) também faz referência a esta experiência, no entanto relata que no Diário Oficial de São Paulo, de 28/01/1965, o ato nº 9 vedava aos professores de ensino médio apresentarem os métodos anticoncepcionais e mesmo posicionarem-se a favor da limitação de filhos, ameaçando-os com a punição de suspensão.

A história mostra ainda a grande resistência encontrada entre os próprios professores e várias instituições (sendo as principais a família e a igreja, principalmente a católica), que se opunham formalmente à Educação Sexual no âmbito escolar. Tais instituições pressionavam o poder público de São Paulo que, principalmente no período repressivo da ditadura militar, com sua oposição a todo "texto ou ação contrária à moral e aos bons costumes", fez com que as poucas experiências em desenvolvimento cessassem denotando um grande retrocesso na

proposta de tratar a Educação Sexual no âmbito escolar. A partir do final dos anos 70, com as alterações do sistema político, novos projetos começam a ser implantados. Rosemberg (1985) aponta o projeto pedagógico de Orientação Sexual da Prefeitura Municipal de São Paulo em 1978, que acontece de forma velada e restrita, evitando-se a sua divulgação em face da resistência ao trato do assunto nas escolas (quando o trabalho foi revelado omitiram até mesmo o nome das unidades e de todos os profissionais e participantes).

Yara Sayão (1997), por sua vez, relata que de 1975 a 1979 a Secretaria de Estado da Educação do governo de São Paulo impediu que a Educação Sexual nas escolas fosse assumida oficialmente, alegando que ela era de responsabilidade exclusiva da família. Ainda em 1979, Barroso e Bruschini, pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, desenvolvem um programa de Educação Sexual com jovens da periferia de São Paulo e de colégios públicos e particulares.

Segundo Bagnato (1987), em 1980, a versão preliminar do Guia Curricular do Estado de São Paulo (editado posteriormente pela CENP em 1988 como "*Proposta Curricular para o Ensino de Ciências e Programas de Saúde – 1º grau*") após sucessivas discussões e análises com os professores de Ciências da rede estadual de ensino) apresenta conteúdos para os Programas de Saúde que abrangem quatro temas: crescimento e desenvolvimento; nutrição; higiene física, mental e social; e agravos à saúde.

A partir de 1980, o Serviço de Orientação Educacional (SOE) da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo desenvolve estudos em conjunto com o Departamento de Educação e Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública, buscando iniciar "*um trabalho de informação mais específica dos aspectos biológicos da reprodução, através da cadeira de Ciências e Programas de Saúde*" (GUIMARÃES, 1995, p. 67). Estes estudos geram em 1981, 1982 e 1984 a realização de sensibilizações e treinamentos com especialistas e professores e a implantação de projetos pilotos de Educação Sexual amparados na Lei 5.692/71, que propunham compreender a educação como processo que, na sua totalidade, objetiva formar integralmente os alunos. Tal compreensão possibilitou a inclusão da abordagem da Educação Sexual nas escolas, a fim de

que o sistema de ensino não se omitisse em relação a um dos aspectos do desenvolvimento do ser humano que é a sexualidade (SÃO PAULO, 1984).

O início dos anos 80 marca também o momento de reflexão e rediscussão do tema no espaço público e a consolidação das iniciativas de implantação de programas de sexualidade nas escolas, ainda que em sua maioria individuais e isolados ou promovidos por prefeituras, como as de São Paulo e Campinas, que implantam o trabalho com Educação Sexual na rede municipal.

Cabe ressaltar a experiência desenvolvida no município de São Paulo, na gestão de Paulo Freire como secretário de educação (1989-1992), em que, após cuidadosa preparação de professores e acompanhamento continuado em supervisão, é implantada a Educação Sexual nas escolas de ensino fundamental e posteriormente nas de educação infantil. A progressão geométrica dos casos de AIDS no país, em sua maioria localizados no Estado de São Paulo, e o crescente aumento da gravidez em adolescentes, fortalece ainda mais a necessidade de focar a questão no espaço que congrega o maior número de jovens: a escola.

Na verdade, o que reativa o interesse de educadores pela Educação Sexual sistematizada é a liberalização de costumes, ocorrida principalmente nas três últimas décadas do século XX. Acrescente-se o advento da AIDS, levando a questão da sexualidade para dentro da escola quase que como uma "obrigação" do professor em estar falando de prevenção com seus alunos, ainda que com a preocupação de "controlar e normatizar" os comportamentos dos mesmos.

Na rede estadual de ensino do Estado de São Paulo, até 1988 o desenvolvimento de experiências de Educação Sexual aconteciam a partir da boa vontade e ousadia de equipes e professores nelas envolvidos, visto não existir amparo legal para se falar de sexualidade humana no espaço escolar.

A partir de 1988 entra em vigor a nova proposta curricular de Ciências da Secretaria de Estado da Educação do Governo de São Paulo (antes, portanto, da normatização do Conselho

Nacional de Projetos Especiais - CONAPES), propondo em cada série, desde o ciclo básico, a inclusão de questões referentes à saúde integradas às explicações científicas e noções de sexualidade humana. Apesar do grande avanço trazido pela proposta curricular, houve um acréscimo na preocupação e nos questionamentos à viabilização da proposta, uma vez que os professores não tinham sido formados para tal abordagem. Alguns cursos com o objetivo desta formação aconteceram, especialmente, nos primeiros anos após a elaboração da proposta curricular. Levantamento que realizei em 2001 na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, aponta que de 1995 a 2000 foram realizados 773 cursos de extensão e aperfeiçoamento/especialização nas diversas áreas, incluindo os temas transversais. Destes, aproximadamente 30 (3,9%) abordavam questões ligadas à sexualidade humana (com enfoque principalmente nas DSTs/AIDS, prevenção ao uso indevido de drogas e educação para a saúde). Se for considerada uma média de 30 professores por curso, isto equivaleria a menos de 1% dos professores do Estado de São Paulo atingidos, o que é, sem dúvida, insuficiente.

Nos demais estados do país, ao longo das últimas décadas também aconteceram muitas experiências abarcando a Educação Sexual na rede escolar, como as que foram desenvolvidas em Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC), Recife (PE) e Goiânia (GO). Sem dúvida alguma, estas experiências em muito contribuíram para que hoje a Educação Sexual seja reconhecida como um tema relevante a ser tratado em todos os sistemas e níveis de ensino.

## **Os Parâmetros Curriculares Nacionais: a Orientação Sexual Enquanto Tema Transversal**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) vinham sendo produzidos desde 1995. Foram publicados em 1998 pelo Ministério da Educação e do Desporto, objetivando apresentar os pontos comuns a que todos os sistemas de ensino devem ater-se dentro dos princípios e metas do projeto educativo assumido pelo país. De abrangência nacional, essas diretrizes são no entanto abertas e flexíveis às realidades regionais e locais, valorizando a sua utilização crítica e criativa e possibilitando alteração nos conteúdos sugeridos.

Nos PCNs, o caderno sobre Pluralidade cultural, Orientação sexual (BRASIL, 1997) afirma a necessidade de que o trabalho desenvolvido seja formal, explícito, sistemático (contínuo) e sistematizado (planejado), devendo ser alvo de atenção em todas as séries e articulado com a promoção da saúde. Os Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais afirmam que

*"a sexualidade humana é considerada uma expressão que envolve fatores biológicos, culturais, sociais e de prazer, com significado muito mais amplo e variado do que a reprodução, para pessoas de todas as idades. É elemento de realização humana em suas dimensões afetivas, sociais e psíquicas que incluem mas não se restringem à dimensão biológica"* (BRASIL, 1998b, p. 47).

Apesar disto, o caráter medicalizante está muito presente na justificativa desta abordagem, seja na necessidade manifesta de prevenir as doenças sexualmente transmissíveis de forma mais eficaz, especialmente a AIDS, como também evitar as graves conseqüências dos problemas gerados pelo abuso sexual e pela gravidez indesejada na adolescência (BRASIL, 1997), questões básicas de saúde pública, e por isso mesmo, de responsabilidade do Estado. No entender de Mendonça Filho (1999, p. 121), *"podemos dizer que a inclusão da orientação sexual nas escolas não advém exclusivamente da demanda dos interessados, mas da necessidade de se aprimorar o controle do Estado sobre sua população"*.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

*"até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961, ministravam-se aulas de Ciências Naturais apenas nas duas últimas séries do antigo curso ginásial. Essa lei estendeu a obrigatoriedade do ensino da disciplina a todas as séries ginasiais, mas apenas a partir de 1971, com a Lei nº 5692, Ciências passou a ter caráter obrigatório nas oito séries do primeiro grau"* (BRASIL, 1998b, p. 19).

Nos hoje denominados 1º ciclo (1ª e 2ª séries) e 2º ciclo (3ª e 4ª séries) do ensino fundamental, o ensino sempre foi perpassado por temas transversais, que eram introduzidos a partir de datas comemorativas (dia da árvore, dia da consciência negra etc.), campanhas específicas e questões de saúde. Já no 3º ciclo (5ª e 6ª séries) e no 4º ciclo (7ª e 8ª séries), estes temas quando eram trabalhados estavam mais diretamente ligados aos Programas de Ciências e Saúde. Com os PCNs, *"as problemáticas sociais em relação à ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual e trabalho e consumo são integradas na proposta educacional (...) como Temas Transversais"* (BRASIL, 1998a, p. 65).

A transversalidade implica que os conteúdos no processo de aprendizagem sejam tratados por diversas áreas, de maneiras diversas, em diferentes momentos da escolaridade e de acordo com o nível de complexidade desta. Os temas transversais supõem ainda que os educadores, desde que sensibilizados e mobilizados, se comprometam em estar trabalhando estas questões em suas áreas, de forma interdisciplinar e buscando a *"efetivação do direito de todos à cidadania"* (BRASIL, 1998a, p. 65).

A introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais aponta que *"a proposta (...) para Orientação Sexual é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas, questão ampla e polêmica, marcada pela história, pela cultura e pela evolução social"* (BRASIL, 1998a, p. 67). A intervenção pedagógica deve ser não-diretiva em relação ao comportamento dos alunos, buscando informar e problematizar questões da sexualidade, ressaltando o trabalho a partir das posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Uma vez que a escola é um contexto de socialização e que valores e atitudes não são apreendidos apenas através da veiculação de informações, é necessário que, pedagogicamente, se invista na formação, o que é pouco explorado pelos docentes. Visto sob esta ótica, a abordagem ao tema da Educação Sexual com a perspectiva de trabalhar valores e atitudes, significa estar garantindo o espaço de formação dos educandos.

O caderno sobre Orientação Sexual afirma que o trabalho deve fazer parte do projeto educativo da escola e se realizar até a 4ª série transversalmente dentro da programação de cada área, bem como sempre que surgirem questões sobre o assunto, podendo, a partir da 5ª série,

ter um espaço específico dedicado ao tema. O âmbito de intervenção da escola é pedagógico e coletivo, devendo auxiliar o aluno, a partir das problematizações realizadas e da ampliação de conhecimentos e opções, para que ele próprio faça suas escolhas.

A proposta dos PCNs para a Orientação Sexual prevê também que o professor deve preparar-se para a intervenção prática junto aos educandos através de leituras e discussões e ter um espaço grupal de supervisão continuada e sistemática que lhe possibilite a reflexão dessa prática e de seus próprios valores e limites nesta abordagem, o que o ajudará a ampliar sua consciência em relação à sexualidade e visão de mundo, além de ter uma postura ética na sua atuação.

Lembrando que no final dos anos 70 a proposta de operacionalizar a Educação Sexual nas escolas é abandonada pelos próprios educadores, por concluírem que não há pessoas qualificadas para fazê-lo, Mendonça Filho (1999, p. 121) questiona: *"o que então nos levaria a pensar que, no final dos anos 90, esta situação se modificou?"*. Este questionamento também é realizado por outros autores, como Santos e Bruns (2000) que temem que a Orientação Sexual aconteça sem o devido planejamento e a competência necessária aos educadores.

Os condicionamentos sócio-político-culturais em relação à sexualidade e a carga de culpa introjetada por séculos nos seres humanos torna imprescindível a formação dos educadores para seu auto-conhecimento e ampliação da sua visão de homem e mundo. Na realidade, a proposta de formação e supervisão dos docentes tem que ser continuada para não se constituir em um dos limites à efetivação da proposta de Orientação Sexual dos PCNs. Além disso, é necessário que a matéria seja incluída nos cursos de educação superior, a fim de diminuir a distância entre a formação e as exigências de atuação profissional.

Em que pese a importância das questões apontadas, há que se cuidar para que as escolas não restrinjam suas ações pedagógicas em Orientação Sexual às doenças sexualmente transmissíveis, AIDS e prevenção da gravidez na adolescência, em detrimento de aspectos como a afetividade, a busca do prazer e a conquista da cidadania. Por outro lado, o Conselho Nacional de Educação (CNE) confirmou a autonomia de cada escola na elaboração do seu

projeto pedagógico, quando emitiu parecer afirmando não ser obrigatória a execução dos PCNs (LÜDKE, 2000). Considerando a não-obrigatoriedade da Orientação Sexual e mesmo dos PCNs, uma vez que, segundo D'Ambrosio (INOUE; MIGLIORI; D'AMBROSIO, 1999, p. 12), os parâmetros “*são propostas referenciais, não verdades absolutas que todos devem aceitar*” e a tendência ao conservadorismo e à estagnação a que a escola está sujeita como qualquer outra instituição social ligada à reprodução do sistema, é possível que a implantação da Orientação Sexual no contexto escolar continue restrita apenas a algumas experiências.

É imprescindível a liberdade e a autonomia da escola, mas também é imprescindível o trabalho de sensibilização e mobilização do professor - enquanto possibilitador de transformações e mudanças - para o trato com o tema. Não porque existem os PCNs, mas porque a sexualidade é parte integrante de todo ser humano e a escola, como responsável pelo processo formal de ensino, deve compartilhar e assumir a sua responsabilidade pela educação integral do aluno. E para isso, partir da curiosidade deste, do que lhe interessa ouvir e falar, da vida que o rodeia, da sexualidade que ele sente e quer viver é o ponto de partida na construção do diálogo que deve permear a Educação Sexual, “*em processos que são sempre transversais, mesmo que não o percebamos*” (GARCIA; ALVES, 2000, p. 106).

## **CAPÍTULO 2**

### **REVISANDO A PESQUISA DO TIPO ESTADO DA ARTE**

A pesquisa de revisão bibliográfica, também denominada pesquisa do estado da arte, "*é um trabalho no qual o autor faz um levantamento completo de todos os pesquisadores que escreveram sobre um determinado assunto*" (JURBERG; JURBERG, 1997, p. 204-205). Dentro desta perspectiva, minha primeira ocupação foi entrar em contato com pesquisas que tivessem utilizado a metodologia do "estado da arte", uma vez que não tinha familiaridade com a mesma. Assim, em Gamboa (1987), constatei que esta metodologia surge nos anos 70, no Brasil, com a criação dos cursos de Pós-Graduação e, em Soares (1989), que a mesma ganha impulso a partir de 1980, muito embora seja a mesma metodologia utilizada por vários pesquisadores na avaliação e conhecimento de um tema, sendo as especificidades dadas pelo objeto, objetivos e categorias a serem analisados. Segundo ainda Soares (1989, p. 3), são "*pesquisas de caráter bibliográfico, com o objetivo de inventariar e sistematizar a produção em determinada área do conhecimento (...) necessária no processo de evolução da ciência, a fim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos*".

Ferreira (1999) afirma que a importância desta metodologia se verifica uma vez que a produção acadêmico-científica tem crescido qualitativa e quantitativamente, mas é pouco divulgada, analisada e articulada, o que conduz os próprios pesquisadores que se utilizam dela a uma necessidade de apropriação do conhecimento para, conhecendo o que já existe, poderem buscar o que ainda não foi feito, num movimento em que o pesquisador "*falando de outras produções acadêmicas faz a sua própria*" (FERREIRA, 1999, p. 33).

Entre as várias pesquisas sobre o estado da arte que basearam suas investigações em teses e dissertações brasileiras, no todo ou em parte, relaciono as que tive acesso e que contribuíram com as minhas reflexões sobre a metodologia em questão.

A tese de doutorado de Silvio Ancízar Sánchez Gamboa, de 1987, investiga as dissertações e teses aprovadas nos diversos cursos de Pós-Graduação em Educação do Estado de São Paulo, no período de 1971 a 1984. O autor foca seu estudo nas estruturas internas das produções levantadas (dimensão lógica) e nas condições históricas (surgimento e evolução) das mesmas, classificando-as e agrupando-as em abordagens metodológicas. Afirma que destas, o grupo que predomina em todos os cursos e períodos é o das abordagens *empírico-*

*analíticas* (integrado por pesquisas empiristas, positivistas, sistêmicas e funcionalistas), seguido pelo grupo das *fenomenológico-hermenêuticas*. O grupo que apresenta o maior crescimento é o das pesquisas *crítico-dialéticas*, mas ainda muito pequeno em relação ao conjunto das produções. Gamboa constata um aumento quantitativo das pesquisas em educação, mas com temas e referenciais teóricos investigados que têm se repetido. O autor sugere o aprofundamento epistemológico das pesquisas, essencial para que se dê destaque à questão qualitativa.

O estudo de Magda Becker Soares (1989) sobre alfabetização no Brasil, no período de 1961 a 1986, descreve a produção acadêmica e científica nesta área. Soares constata que a Educação é a área que mais investiga a aquisição da escrita pela criança, sendo a maioria das produções originadas na região Sudeste, principalmente em São Paulo. As dissertações compuseram a maioria dos documentos investigados (70%), estando concentradas no período de 1980-1986.

A tese de doutorado de Hilário Fracalanza, de 1992, analisa a produção acadêmica e didática sobre livro didático para o ensino na área de Ciências em escolas de 1º e 2º graus, no Brasil, especialmente procurando identificar as metodologias de ensino que constam destes trabalhos, o papel dos livros didáticos e as possíveis sugestões. O autor afirma que nos anos 80 há um acentuado aumento na quantidade de trabalhos produzidos e uma diversificação nos "gêneros" de produção. Fracalanza extrai várias características de seu material de análise, reforçadas, posteriormente, no relatório da ANPED: a dispersão e a semelhança dos estudos; sua pequena circulação quase que restrita aos meios acadêmicos; a não referência em uma pesquisa de outros trabalhos precedentes. Afirma ainda que a maior parte da produção é formada por teses acadêmicas e relatórios de pesquisa, mas a divulgação destes trabalhos é pouca, seja pela dificuldade de acesso à produção seja pela não elaboração de artigos em periódicos científicos e eventos, o que para o autor deve constituir-se numa das ações prioritárias.

O relatório de Mirian Jorge Warde (1993) referente ao trabalho produzido pela ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), investiga a produção

discente dos cursos de Pós-Graduação em Educação no Brasil, de 1982 a 1991. Além de descrever e avaliar esta produção num estudo censitário, aponta tendências e perspectivas na área. Dentre algumas conclusões constata que, no período estudado, as teses e dissertações passam a interessar-se por problemas ligados ao meio ambiente (do sistema de ensino e da sociedade), porém, através de estudos em que a metodologia e a amostra não objetivam nem dão legitimidade a elaboração de evidências e generalizações. Revela nestas produções uma grande fragmentação dos temas, dispersos numa variedade de assuntos, não havendo continuidade dos mesmos, e sim, uma sub-utilização do que já foi produzido, o que leva à repetição de assuntos pelo desconhecimento do que já existe e/ou privilegiamento do que foi experienciado/observado pelos pesquisadores. Entre os assuntos predominam os de caráter pedagógico em que se verifica baixa densidade teórico-conceitual, praticismo e grande dependência a teorias psicológicas. De maneira geral, este relatório aponta que vários estudos não têm ou têm pouca ligação com a educação, estando relacionados aos interesses imediatos e pragmáticos dos autores dos trabalhos. Em relação à metodologia encontra difusão de novos procedimentos, diminuição do número de pesquisas quantitativas (o que, segundo o estudo, denota desinteresse ou dificuldade na elaboração de diagnósticos de amplo alcance) e pequeno aumento dos estudos teóricos.

A tese de doutorado de Norma Sandra de Almeida Ferreira, de 1999, pesquisa o "estado da arte" sobre Leitura através do estudo de 189 resumos de dissertações e teses defendidas no Brasil no período de 1980-1995 nas áreas de Biblioteconomia, Educação, Letras/Linguística, Psicologia e Comunicações. Sua tese, como ela mesma afirma, também conta o seu processo de formação como pesquisadora. Em sua opção por trabalhar apenas com os resumos, Ferreira percebe a dificuldade de acesso aos mesmos e a falta de homogeneidade nos dados que os identificam, o que torna difícil a pesquisa utilizando apenas esta fonte. Afirma a autora, que todos os resumos por ela identificados cumprem sua finalidade: informar, sucinta e objetivamente, do que trata o trabalho.

A tese de doutorado de Jorge Megid Neto, de 1999, pesquisa sobre o Ensino de Ciências no Brasil a partir de teses e dissertações defendidas até 1995, analisando especialmente as do nível fundamental. Dentre os resultados que o autor constata, resalto o

aumento das investigações no campo da Educação em Ciências (segunda metade da década de 80 e primeira dos anos 90), a predominância dos estudos voltados para o ensino médio, mas com percentual relativamente próximo ao do nível fundamental, a pequena quantidade das investigações sobre a educação infantil; nestes mesmos 10 anos, há também uma maior frequência em temas e questões referentes à Educação Ambiental, suas relações com o ensino escolar em geral e com o de Ciências em particular. Na análise das produções no nível fundamental o autor não encontra linhas de investigação bem definidas e consolidadas, apesar de verificar em algumas instituições (UNICAMP, UFSCar, UFRJ e USP) um núcleo de interesses consolidado para estudos e pesquisas no ensino fundamental. As instituições de ensino superior (IES) que mais produzem sobre o ensino de Ciências são a USP e a UNICAMP (no nível fundamental e no conjunto geral) e a UFRGS (na educação superior). A maioria das pesquisas investiga apenas uma área específica da educação em Ciências, sem considerar a necessidade de integração entre os conteúdos e poucas são as de caráter interdisciplinar. Considerando todos os trabalhos coletados pelo autor, foram encontrados apenas quatro sobre *revisão bibliográfica*, sendo três envolvendo trabalhos sobre o ensino fundamental.

Segundo Megid Neto, a importância de estudos de *revisão bibliográfica* é dada por coletar os trabalhos elaborados no país e, após descrevê-los e analisá-los, divulgá-los possibilitando a articulação dos conhecimentos construídos pelo intercâmbio dos resultados e contribuições e, com isso, buscando democratizar os saberes produzidos o máximo possível. Além disto, ele também afirma que a dispersão de temas de investigação por diversas instituições de ensino superior poderia ser reduzida através de estudos periódicos que relacionassem toda a produção no país, avaliando o conhecimento construído em cada tema e possibilitando o avanço do conhecimento.

Dentre várias propostas, Megid Neto apresenta: a necessidade de expandir os "programas de pós-graduação ou áreas de concentração em educação em Ciências nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, (...) ampliar vagas nos programas já existentes e constituir (...) núcleos de estudo e pesquisa com interesses voltados para essa área" (1999, p. 213). O autor propõe também um redirecionamento das pesquisas acadêmicas na área de Ciências para a

educação infantil e as séries iniciais do ensino fundamental que, quantitativamente, agregam a maioria dos educandos, professores e escolas do país, além de terem fundamental importância na formação/desenvolvimento dos mesmos. Ainda aponta a necessidade de pesquisas sobre a realidade escolar e o aprofundamento das múltiplas relações entre ciência, escola e sociedade. Para a divulgação dos trabalhos, Megid Neto sugere a organização de Centros de Documentação, a utilização da Internet, a edição de CD-Rom com texto completo das produções ou de coletâneas com resenhas.

## **Um Estudo Especial no Campo da Educação Sexual**

No levantamento realizado em diversas fontes bibliográficas encontrei um conjunto de 165 produções científicas que abordam o tema da Educação Sexual nos vários níveis escolares. Dentre elas, somente uma realiza pesquisa do estado da arte: a de Mary Neide Damico Figueiró: *"Educação sexual no Brasil: estado da arte de 1980-1993"*, sua dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, em 1995, que posteriormente deu origem ao livro *"Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio"* (FIGUEIRÓ, 1996). Pela contribuição que me possibilitou, o trabalho de Figueiró será sintetizado em seus principais aspectos.

A autora, a partir da percepção de que os profissionais que lidavam com a questão da Educação Sexual o faziam a partir de diferentes concepções filosóficas, pedagógicas e metodológicas e de questões que a instigavam, analisou as produções acadêmico-científicas do Brasil no período de 1980 a 1993. Sua pesquisa baseou-se em publicações divididas por ela em três grupos: Grupo A: livros e capítulos de livros; Grupo B: artigos, pesquisas e trabalhos apresentados em eventos; Grupo C: dissertações e teses, desde que os textos tratassem sobre Educação Sexual e não apenas falassem de Educação Sexual (como guias e textos que tratam de sexo e sexualidade para educandos).

O principal objetivo da autora foi investigar qual era a abordagem de Educação Sexual (religiosa católica, religiosa protestante - ambas podendo ser tradicional ou liberadora - ,

médica, pedagógica ou política) predominante na produção acadêmico-científica brasileira (teses, dissertações, livros e artigos) no período já referido. Para a seleção do material a ser analisado, Figueiró considerou Educação Sexual como *"toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja a nível de conhecimento de informações básicas, seja a nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual"* (FIGUEIRÓ, 1995, p. 8). Fez aprofundado estudo teórico sobre as concepções destas abordagens, determinando em cada uma delas um quadro de referência no qual pautou sua análise.

Figueiró divide a Abordagem Religiosa em Católica e Protestante e considera dois níveis para cada uma delas: tradicional e liberadora, cujos sentidos são semelhantes podendo ser melhor compreendidos a seguir.

Na Abordagem Religiosa, após apresentar os principais pensadores cristãos que influenciaram o Catolicismo em assuntos ligados à sexualidade e à Educação Sexual, a autora afirma que *"uma Educação Sexual Religiosa Católica Tradicional é aquela que promove a educação para a castidade/virgindade e para a capacidade de orientar o instinto sexual ao serviço do amor, da doação"* (FIGUEIRÓ, 1995, p.23, grifo da autora). Esta abordagem varia de posições mais conservadoras, baseadas integralmente nas normas oficiais da Igreja, até outras interrogatórias/questionadoras, mais flexíveis e que buscam relacionar as normas e mensagens bíblicas a partir da cultura e do contexto social de cada época, transmitindo os valores religiosos de forma menos impositiva, apesar de, segundo a autora, serem muito pequenos os avanços reais desta proposta. Dá importância à informação sobre sexualidade, mas não tem isso como sua principal meta, pois a formação cristã é o fundamental.

Já na Educação Sexual Religiosa Católica "Liberadora" Figueiró (1995, p. 30) aponta que

*"há o reconhecimento de que a doutrina moral oficial é controladora, repressiva e incoerente com o momento histórico presente e, por isso, dá espaço para o indivíduo ser sujeito de sua própria sexualidade, sentindo-se livre e sem*

*sentimento de culpa para transgredir as normas oficiais que pretendem controlar o comportamento sexual do católico".*

A autora reforça que esta "liberação" é um processo ainda em construção, que envolve o desenvolvimento da criticidade dos sujeitos, resgata o direito ao prazer, a defesa do amor, o compromisso com a transformação social, condenando a discriminação e a utilização do outro como objeto sexual, realizando debates que visam a tomada de consciência. A Educação Sexual, nesse caso, é vista como ato político.

Dentro ainda da Abordagem Religiosa, Figueiró toma agora por foco o Protestantismo Tradicional ou Histórico, que penetra no Brasil a partir da segunda metade do século XIX e abrange as Igrejas: Congregacional, Presbiteriana, Metodista, Batista e Episcopal, seus principais expoentes, normas de conduta e influências sobre a questão sexual. Para a autora, a Abordagem Religiosa Protestante Tradicional de Educação Sexual segue as mesmas características da católica, também podendo variar ao longo de um contínuo de uma posição mais conservadora (rígida em suas normas) para uma mais interrogatória/questionadora (revê os ensinamentos bíblicos à luz da cultura e da contextualização social), tendo, em ambas, um modelo que *"impõe as normas sexuais, dita as regras de relacionamento e os critérios para julgar lícito e ilícito os variados comportamentos sexuais"* (FIGUEIRÓ, 1995, p. 45). Da mesma forma que no catolicismo, uma Educação Sexual Religiosa Protestante "Liberadora" também reconhece que a Igreja interpreta a Bíblia de forma tal que as normas morais são controladoras, repressivas e incoerentes nos dias de hoje, e possibilita ao sujeito viver sua sexualidade livremente, sem culpa, mas com responsabilidade, amorosidade, criticidade. Também aqui, a Educação Sexual é percebida como ato político.

Ao apresentar as influências que a medicina teve sobre a questão sexual, visando tratar da Abordagem Médica, Figueiró faz uma recuperação histórica desde o século XIX quando os profissionais da área começam a estudar o sexo, mais especificamente as disfunções e anomalias, baseados no corpo científico da época. A Medicina baseava-se em ações que tinham o caráter de imprimir higiene à população e à cidade visando a proteção da saúde pública. Em função dos altos índices de mortalidade infantil e da precária condição de saúde

que havia então, ações com estes objetivos foram executadas em diversos espaços tais como: casas, escolas, quartéis, prostíbulos, rios, matas, ar etc. Junto às famílias e à população como um todo, as ações visavam impor medidas de higiene baseadas nos conceitos sanitários vigentes, extensivas também à sexualidade a partir de interesses do Estado.

Através de uma política higienista, a medicalização do sexo propunha-se controlar e normatizar a vida sexual das pessoas visando o vigor físico e a pureza moral. A reprodução da população e a necessidade de obediência e submissão das pessoas ao Estado é assumida pela área médica que condena a masturbação, a homossexualidade, a prostituição, a libertinagem e o celibato por serem contrários à ordem da família nuclear, considerando como lícito e, portanto, normal, higiênico e saudável o sexo ligado ao amor, ao matrimônio e à procriação. A política higienista contribuiu para reformular os papéis sociais do homem e da mulher, controlando, especialmente, a sexualidade desta. A partir do século XX inicia-se um processo de urbanização e modernização originando diversas transformações na sociedade, e, entre elas, uma modernização da vida sexual (racionalização da sexualidade), expressa no debate público e transmissão objetiva de conhecimentos científicos sobre o sexo. Muda a influência da Medicina sobre a sexualidade: é considerado relativo o que é normal ou anormal em termos de sexualidade, e é enfatizada a escolha que cada pessoa tem sobre seu corpo e a procriação.

Figueiró ainda ressalta a importância dos profissionais da área da saúde na utilização de seus conhecimentos (o que lhes confere um poder) sobre Educação Sexual, e o despreparo do profissional universitário para trabalhar com este tema, uma vez que não tem uma disciplina relacionada à questão em sua formação acadêmica. Relata também algumas experiências desenvolvidas no Brasil por estes profissionais a partir de 1954, com uma maior participação dos mesmos na década de 80, bem como a criação de instituições ou órgãos dirigidos a este assunto. Para a autora, a Abordagem Médica da Educação Sexual prioriza as *"informações relacionadas à biologia do sexo e ao uso adequado da sexualidade, com o fim maior de assegurar a saúde sexual do indivíduo e da coletividade"* (FIGUEIRÓ, 1995, p. 70), procurando compreender os fatores pessoais e familiares que interferem na mesma e propondo ações terapêuticas para tratar os desajustes sexuais.

Em sua dissertação, a autora descreve, dentro das considerações que faz sobre a Abordagem Pedagógica, experiências brasileiras sobre a Educação Sexual formal. Na escola, a primeira iniciativa estende-se de 1930 a 1954 em uma escola religiosa Batista, sendo observado por Figueiró que até a década de 60 tais experiências só aconteciam em escolas protestantes ou sem vínculo religioso, uma vez que a igreja católica opunha-se radicalmente à Educação Sexual. É nesta década que são implantados vários programas ligados à rede pública de ensino em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. No final da década de 60 e parte da de 70, acontecimentos políticos e o planejamento familiar pró-natalista adotado pelo governo impediram a continuidade das experiências.

Apesar de em 1974 o Estado começar a propor ações de Educação Sexual, Figueiró informa que até a década de 80 a repressão ainda se fazia sentir nessa área. A autora aponta ainda a necessidade de apoio e colaboração dos órgãos oficiais para a implantação da Educação Sexual nas escolas públicas; a importância de divulgar os trabalhos realizados para conseguir mais adesões a sua implantação; o fato que a Educação Sexual "*como todo processo ensino-aprendizagem é uma tarefa complexa, que envolve dificuldades e requer planejamento e preparo do educador*" (FIGUEIRÓ, 1995, p. 91); e ainda a verificação de que a escola educa sexualmente mesmo quando não existem programas planejados, podendo atingir um grande número de crianças e adolescentes. Assim, a Abordagem Pedagógica de Educação Sexual valoriza principalmente o aspecto informativo voltando-se para o processo do ensino-aprendizagem de questões da sexualidade, em que "*o desenvolvimento sadio da sexualidade, o bem estar e a felicidade da pessoa humana parecem estar em primeiro plano, podendo, às vezes, até estar sendo salientada a preocupação com a felicidade sexual da sociedade como um todo*" (idem, p. 88).

A Abordagem Política da Educação Sexual, segundo a autora, surgiu no início da década de 80 a partir do compromisso com a transformação social, cultural, econômica e política da sociedade e percebe a "*Educação Sexual como um meio de transformações sociais, portanto como uma atividade política*" (idem, p. 94). A autora tece reflexões sobre os diversos expoentes desta abordagem a qual, segundo ela, preocupa-se em que a Educação Sexual não possibilite atitudes repressivas e/ou contribua com a auto-repressão. Pelo contrário, possibilita

que seja encarada "*a sexualidade como algo bonito e bom na vida das pessoas*" (idem, p. 103), questionando as rígidas decisões do que é possível ou não em termos da sexualidade. A conquista de uma sexualidade feliz e prazerosa, com liberdade, responsabilidade e aquisição de novos valores sexuais pelo indivíduo e também pela sociedade, é influenciada pela cultura e implica em que sejam fornecidas informações que possibilitem compreender como as normas foram construídas socialmente, a fim de que sejam empreendidas lutas coletivas que conduzam a transformações sociais.

A partir destas considerações sobre as diversas abordagens, Figueiró analisa o estado da arte do conjunto das publicações acadêmico-científicas do Brasil sobre educação sexual, baseada nos seguintes tópicos: Abordagem de Educação Sexual, Área de Conhecimento sobre Educação Sexual, Tipos de Pesquisa/Estudo, Contextos em que tem sido abordada a Educação Sexual, Tipo de Educando a que têm se referido os textos, Elementos-chaves (prazer, amor, relações de gênero, abuso e/ou violência sexual, DST e sexualidade na velhice) considerados pelo autor, Profissionais responsáveis pela Educação Sexual, Questões conceituais (Terminologia priorizada nas publicações: educação sexual ou orientação sexual e Conceitos de Educação Sexual adotados) e Concepções questionáveis que aparecem nos textos (idéias/crenças contestáveis por já serem ultrapassadas pedagógica ou socialmente, falhas em algumas afirmações ou aspectos do trabalho).

Como meu foco de estudo são as produções de teses e dissertações, farei uma síntese apenas dos principais dados coletados por Figueiró relativas a esse grupo. Foi composto por 14 dissertações e três teses, sendo que do total 14 referem-se ao contexto escolar. A Abordagem Pedagógica (52,94%) foi predominante nestas produções e em relação aos outros dois grupos estudados pela autora (livros e artigos), tendo aumentado este enfoque a partir de 1985. Também foi bastante significativa a Abordagem Política (41,18%) acentuada do período de 1980-1984 para o de 1985-1989, o que mostra, segundo Figueiró (1995, p. 124), "*que é na pós-graduação que aumentam as chances de se obter uma visão do papel político-social da educação*". No entanto, entre 1990-1993 há um decréscimo neste tipo de abordagem, o que a autora relaciona com os problemas sociais do final da década de 80 (AIDS, gravidez na adolescência e aumento de abortos), provavelmente conduzindo indiretamente para a

elaboração de trabalhos na Abordagem Pedagógica. Só uma dissertação tinha uma Abordagem Médica (5,8%).

Em relação à Área de Conhecimento que mais produz sobre Educação Sexual no grupo de teses e dissertações, todos os trabalhos estão categorizados nas Ciências Humanas, com predomínio da Área da Educação (70,59%), seguida pela Área de Psicologia (quase 30%), especialmente a Psicologia Escolar. Apesar de três produções terem sido elaboradas na Área da Saúde Pública (duas) e na de Enfermagem (uma), o conteúdo de ambas está relacionado à Educação.

Quanto aos tipos de Pesquisa/Estudo, a *explicação teórica* aglutina a maioria dos trabalhos, sendo que os com reflexão crítica foram predominantes (58,82%), porém, para Figueiró, não num índice satisfatório. A *análise avaliativa* de programas e experiências realizadas, contribui aproximadamente com 30%. A *análise investigadora* sobre atitudes e comportamentos sexuais, conhecimentos sobre o assunto, opiniões sobre o tema e a realização de trabalhos de Educação Sexual com reflexão crítica aparece com 47%. Na pesquisa de *análise histórica* que apresenta reconstituição histórica: seja da implantação da Educação Sexual; da história da sexualidade, e/ou do conjunto de pesquisas realizadas na área foi encontrada apenas uma dissertação. Cabe ressaltar que cada trabalho pode ser classificado pela autora em mais de um tipo, gerando sobreposição de classificações.

Em relação ao contexto, o escolar foi o mais abordado com 64,70% e o escolar como “um todo” em 82,35% dos trabalhos. Como consequência, os tipos de educandos mais referenciados pelas pesquisas são as crianças, adolescentes e jovens. O contexto clínico e o familiar ficaram cada um com 11,76%.

Quanto aos elementos-chaves investigados pela autora nas teses e dissertações, foram significativos no período de 1980 a 1993 o prazer e as relações de gênero, segundo ela, provavelmente pela *"presença crescente, em nossa sociedade, da perspectiva do erótico e da perspectiva modernizada da sexualidade"* (FIGUEIRÓ, 1995, p. 144-145). A violência sexual e o abuso sexual aparecem, cada um com 5,88%, confirmando uma atenção secundária a esses

elementos. A autora considera a necessidade de ligar a Educação Sexual com a reflexão a partir dos problemas sociais emergentes.

No grupo de teses e dissertações, o professor é o profissional mais citado como responsável pela Educação Sexual (87,0%), sendo que há uma dissertação que atribui esta responsabilidade ao enfermeiro, apesar de quase no final do trabalho citar que este deve compor equipe formada também com outros profissionais: médico, professor, assistente social e psicólogo escolar. Figueiró (1995, p. 153) considera que não se deve restringir a exclusividade pela Educação Sexual a um único profissional, pois esta *"pode e deve ser do interesse de várias Áreas e que, cada profissional, dentro de suas reais condições, deve buscar criatividade para atuar"*, se possível de forma interdisciplinar, para o que, se todos estiverem preparados e tiverem a mesma concepção de Educação, de desenvolvimento humano, dos objetivos da Educação Sexual e o mesmo posicionamento quanto às suas abordagens, será mais provável alcançar o êxito.

Apenas três trabalhos (17,64%) referem-se ao psicólogo como educador sexual compondo a equipe interdisciplinar. Figueiró, no entanto, aponta que *"a priori, sua função primordial deve estar centrada no preparo e no acompanhamento de educadores sexuais"* (idem, p. 157).

Em relação à terminologia utilizada nas produções acadêmico-científicas, 43,75% usam exclusivamente Educação Sexual e outros 50% usam este termo e também Orientação Sexual como sinônimos (duas não utilizam terminologia específica). Entre os autores que utilizam apenas Educação Sexual a maioria não a conceitua. Alguns classificam o processo (como formal ou informal) mas não há unidade na maneira de fazê-lo. Já os autores que utilizam os dois termos como sinônimos o fazem de forma confusa. Figueiró afirma a necessidade de unificação das terminologias usadas para que se possa unificar o corpo teórico em questão, considerando mais adequado o termo Educação Sexual, uma vez que considera a pessoa como sujeito ativo do processo de aprendizagem, o que não observa nas outras terminologias que o vêem como receptor de conhecimentos e orientações. Além disto, Educação Sexual está em consonância com a proposta de *" 'debate aberto', discussões e*

*educação através da participação em lutas sociais*" (FIGUEIRÓ, 1995, p. 171). A autora reforça, ao fim desta reflexão, a importância da elaboração de uma linguagem comum referente à terminologia básica e à classificação do processo em si.

Quanto aos textos em que aparecem concepções questionáveis, Figueiró faz referência apenas a quatro deles citando, entre outras, a distorção da idéia do autor consultado pelo pesquisador e a utilização inadequada da bibliografia apresentada.

Nas considerações finais de sua dissertação, Figueiró elenca três fatores que precisam ser revistos:

- . o processo de sistematização e continuidade da Educação Sexual, uma vez que a maioria dos pesquisadores e/ou educadores não percebem a Educação Sexual "formal" como um trabalho de longo prazo, sistematizado e contínuo;
- . o processo de integração que possibilite aos programas de Educação Sexual (curriculares ou não) não serem desenvolvidos como programas à parte, mas relacionados ao contexto escolar como um todo;
- . o potencial dinamizador da "Educação Sexual" que, pelo fato de ser composta por temas altamente mobilizantes em todas as idades, pode, a partir do questionamento das normas e dos valores relativos à sexualidade, contribuir com transformações na instituição escolar.

A autora reforça ainda que encontrou, na maioria dos trabalhos a visão "*que se pensa em 'dar' Educação Sexual, esquecendo-se de que é preciso criar condições para a formação da autonomia moral e intelectual do educando*" (idem, p. 199) para que ele continue se auto-educando. Figueiró coloca como imprescindível para isso tomar a leitura como fundamento para discussões e um recurso que permita ampliar os conhecimentos.

Apesar desta produção ter-me sido de grande valia no início de meus estudos, Figueiró ocupou-se mais com a pesquisa do estado da arte referente a artigos e livros didáticos. No período por ela investigado encontrei outras 14 teses e dissertações além das 17 por ela identificadas. Além disto, há produções anteriores a 1980 e posteriores a 1993, período estudado pela autora, que merecem ser incluídas num mapeamento global da área. Assim,

considero, a partir do que foi exposto, que o conjunto de pesquisas sob a forma de dissertações e teses sobre Educação Sexual nas escolas é pouco conhecido, incluindo aí as produções sobre a formação do professor/educador para o trato com o tema. Por isso, a sistematização dos trabalhos com este enfoque é fundamental para que se avance neste conhecimento podendo servir de estímulo e ponto de partida para outras iniciativas. Além disso, o desvelar das tendências e lacunas da formação do professor/educador para a abordagem da Educação Sexual no espaço escolar poderá contribuir para uma reflexão desse processo de formação. Espero que o presente estudo do tipo estado da arte acrescente informações, subsídios e contribuições aos professores/educadores em seu trabalho com a Educação Sexual de seus alunos.



## **CAPÍTULO 3**

### **METODOLOGIA DA PESQUISA**

## Problema e Objetivos

A partir do meu interesse pelo tema e dos quase 10 anos de trabalho na preparação de professores para a abordagem da Educação Sexual, uma pergunta se tornou constante: “Quais as características e tendências das pesquisas acadêmicas de pós-graduação que tratam da formação dos professores/educadores para atuarem com Educação Sexual nas escolas?” Partindo deste problema central destaquei para estudo as seguintes questões:

- . Quais as principais implicações na formação inicial e continuada do professor/educador para a abordagem do tema da Educação Sexual no contexto escolar?
- . Quais as características do professor/educador que as teses e dissertações apontam como necessárias para o trabalho com Educação Sexual?
- . Que ações pedagógicas têm sido propostas pelas pesquisas acadêmicas no trabalho com esta formação?

Nesta investigação incluo como educadores, além dos professores, todos aqueles profissionais da área da saúde desde que lidando com Educação Sexual no espaço escolar, ou sendo na educação superior ou no ensino médio preparados para esta abordagem. Tal opção deve-se a que, com frequência, estes profissionais são convidados a ir à escola para palestras, seminários, debates sobre sexualidade humana numa ação informativa dentro do processo de Educação Sexual ainda que, pedagogicamente, existam vários questionamentos sobre a prática de levar profissionais fora do âmbito escolar para falar deste tema. Esporadicamente, outros fazem parte do corpo de funcionários da escola, podendo participar do desenvolvimento de ações sistemáticas para abordagem ao tema. Mais especialmente, muitas vezes profissionais da área da saúde participam de cursos/treinamentos desenvolvendo ações pedagógicas que visam à formação de professores. Em qualquer destas situações, também eles devem estar preparados para lidar com o trabalho em Educação Sexual.

Conhecer, sistematizar, descrever e analisar as produções acadêmicas da pós-graduação com respeito a formação do professor/educador para a abordagem da Educação Sexual nas escolas constitui-se no principal objetivo desta pesquisa.

Especificamente, dentro da perspectiva de estar conhecendo o que se produz no Brasil sobre esta questão, a pesquisa busca:

- . Identificar pesquisas brasileiras em nível de pós-graduação possibilitando o conhecimento do estado da arte relacionado à formação do professor/educador para a abordagem com Educação Sexual no espaço escolar.

- . Classificar e descrever estas produções acadêmicas segundo descritores que favoreçam o conhecimento e posterior consulta às mesmas.

- . Sistematizar as pesquisas já realizadas de forma a facilitar aos professores, sujeitos diretamente responsáveis por esta atividade no âmbito escolar, aos demais educadores que trabalham com Educação Sexual nas escolas, bem como aos órgãos e entidades responsáveis pela formação dos mesmos, o conhecimento já acumulado.

De forma mais ampla, esta pesquisa busca formas de facilitar aos docentes e demais profissionais o acesso sistematizado às pesquisas realizadas e conhecimentos que possibilitem a formação dos educadores para atuação nesta área, aproveitando o que foi positivo e negativo nas experiências relatadas nos trabalhos para reinventar e recriar novas possibilidades de uma formação mais eficaz. Além disto, possibilitar que tanto docentes que lidam com a temática quanto discentes de pós-graduação possam, a partir de um primeiro contato com este trabalho, recorrer à íntegra das produções armazenadas no CEDOC de acordo com o interesse específico de cada um.

Metodologicamente, foi utilizada a pesquisa do "estado da arte" como forma de estar investigando o tema em questão. Esta é uma pesquisa de descrição, também conhecida como pesquisa de revisão bibliográfica, do "estado do conhecimento", ou do "estado atual do conhecimento", que busca inventariar, sistematizar e avaliar a produção em determinada área do conhecimento e num período previamente estabelecido (MEGID NETO, 1999).

Segundo ainda Megid Neto (1999, p. 124), esse tipo de trabalho possibilita a

*"identificação, (...) seleção e classificação dos documentos segundo critérios e categorias estabelecidos em conformidade com os interesses e objetivos do*

*pesquisador, na descrição e análise das características e tendências do material e na avaliação dos seus principais resultados, contribuições e lacunas"*

Esta é uma pesquisa em que a análise qualitativa dos dados quantitativos se faz de forma complementar e dinâmica, na busca por “*uma síntese unificadora do conhecimento*” (BAPTISTA, 1999, p. 34). A pesquisa do estado da arte, pela sua característica quali-quantitativa, possibilita ao pesquisador estar não só facilitando a visualização de dados existentes nas diversas produções e, por isso mesmo, possibilitando uma consulta mais direcionada às obras, como também apresentar a leitura que o autor do estudo dá aos trabalhos, através de um posicionamento crítico em relação aos aspectos mais relevantes dos dados encontrados. No dizer de Gamboa (1987, p. 48), é uma “*pesquisa sobre a pesquisa educacional*”, que pretende dar maior visibilidade à produção acadêmica facilitando o acesso e a utilização dos recursos e experiências pedagógicas realizadas e possibilitar uma reflexão crítica sobre a produção existente.

Muito contribuiu a leitura da tese de doutorado de Megid Neto (1999) e das dissertações de mestrado de Verardo (1989), Ribeiro (1989), Fruet (1995), Schussel (1982) e Figueiró (1995), além do próprio Catálogo Analítico de Teses e Dissertações 1972-1995, produzido pelo CEDOC. Estes trabalhos serviram como subsídio para a reflexão inicial sobre Educação Sexual e a seleção inicial de descritores. Além disso, estas leituras serviram também como fonte para complementar o levantamento bibliográfico de livros, artigos e pesquisas.

## **Identificação e Recuperação dos Documentos de Pesquisa**

A revisão bibliográfica iniciou-se a partir da busca por produções acadêmicas sobre a abordagem da Educação Sexual nas escolas. Não me limitei nesta etapa a buscar documentos especificamente relacionados a pesquisas para a formação de professores e educadores para o trabalho com Educação Sexual no contexto escolar. As consultas bibliográficas visando identificar estes documentos foram realizadas a partir dos seguintes termos: Educação Sexual, Orientação Sexual, sexo na escola, sexualidade na escola. Isto levou-me a uma profunda

investigação que resultou na identificação e catalogação de 165 dissertações e teses no período compreendido de 1977 (ano em que foi identificada a primeira produção sobre o tema) a 2001.

O primeiro instrumento utilizado para a identificação do conjunto dos documentos foi o catálogo organizado pelo CEDOC: "*O ensino de Ciências no Brasil: catálogo analítico de teses e dissertações: 1972-1995*", coordenado por Megid Neto e publicado pela Faculdade de Educação da UNICAMP em 1998. Este catálogo contém referências bibliográficas, resumos e classificação de 572 teses e dissertações defendidas no Brasil até 1995 e relacionadas ao Ensino de Ciências nos vários níveis escolares e nas diversas modalidades curriculares ou áreas afins: Ciências Naturais, Biologia, Física, Química, Geociências, Educação Ambiental e Educação em Saúde (MEGID NETO, 1998). Além deste instrumento, também foram utilizados outros catálogos complementares disponíveis no CEDOC, incluindo uma atualização preliminar do 1º Catálogo de Teses e Dissertações, agora tomando o período 1996-2001.

A pesquisa bibliográfica por outras dissertações e teses que estivessem relacionadas à Educação Sexual na escola e que tivessem sido defendidas nas diversas instituições de ensino superior foi também efetivada através dos *sites* de outras universidades ou de banco de dados, tais como: IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia); Acervus-UNICAMP (base livros e teses); Catálogos Bibliográficos da Produção da Faculdade de Educação da UNICAMP; DEDALUS (base de dados da USP); ATHENAS (base de dados da UNESP); PERGAMUM (base de dados da UFSC); o Banco de Teses da CAPES; e o CD-Rom da ANPED. Dentre esses bancos, o que trouxe maior contribuição para a pesquisa foi o da CAPES, inclusive por trazer os resumos das pesquisas. Mesmo assim, a recuperação de documentos não pode prescindir da consulta a vários bancos de dados eletrônicos e catálogos impressos, pois, por exemplo, encontrei referências de pesquisas não relacionadas no Banco da CAPES, embora dentro do período de sua abrangência.

Com relação às teses e dissertações várias situações dificultaram a revisão bibliográfica. Entre elas, o meu pouco domínio de informática, a dificuldade de acesso a informações em alguns *sites*, a falta de unidade na linguagem dos mesmos quanto à referência

do material gerando dúvidas quanto à sua inclusão ou não. Vários bancos de dados não forneciam os dados necessários, especialmente os resumos, o que implicou, inicialmente, num referenciamento incompleto das produções. O empenho em completá-los e relacionar informações de diversas fontes e instituições de ensino superior demandou um tempo bastante significativo na produção desta pesquisa. Encontrei ainda trabalhos cujas informações tinham dados diferentes em *sites* de distintas universidades.

A identificação das pesquisas brasileiras sobre Educação Sexual nas escolas, objetivo que demandou boa parte do tempo deste trabalho, possivelmente não conta com todas as obras do período delimitado. Com certeza, pela demora dos sistemas em as estar incluindo nos diversos *sites*, seja das instituições de ensino superior (IES) onde elas foram geradas ou dos órgãos competentes que procedem a aglutinação desse material, tais como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), algumas possam não ter sido identificadas neste momento. No entanto, acredito que a quase totalidade das produções existentes estejam em seu conjunto relacionadas.

Após a identificação, várias teses e dissertações demandaram verificação se as pesquisas estavam referidas ao contexto escolar, pois seu título não permitia esta avaliação e eu não havia conseguido ainda o resumo de vários documentos, que nem sempre são incluídos nos *sites* das bibliotecas das universidades ou outros bancos informatizados. Esta verificação deu-se pelo envio de e-mails, contatos telefônicos e mesmo através da procura em bancos de dados de outras IES ou agências que contivessem informações sobre a produção em foco.

Por outro lado, nem sempre o conhecimento do resumo fornecia os indicativos necessários o que gerou várias consultas aos bancos bibliográficos buscando sanar dúvidas, o que, por este aspecto, tornou demorada a conclusão do levantamento uma vez que, ao realizar nova consulta para buscar complementar dados que faltavam em produções já selecionadas anteriormente em outras fontes, acabava identificando outras produções não localizadas antes e que também apresentavam lacunas de informações, o que aguçava sobremaneira o meu lado de "investigadora" e a minha ansiedade em conhecer cada vez mais.

De posse deste material, passei à organização das referências bibliográficas segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Concomitantemente à identificação do conjunto das teses e dissertações, vários levantamentos complementares foram realizados na literatura na busca por livros e artigos de periódicos que tratassem de Educação Sexual no espaço escolar. Alguns foram obtidos e serviram para subsidiar a relação e a compreensão do tema proposto e do próprio processo educativo nesta abordagem, constituindo-se numa revisão bibliográfica que possibilitou a recuperação da história da Educação Sexual no Brasil e sua significância no contexto escolar. Apontaram ainda as concepções e possíveis semelhanças e diferenças nas abordagens referidas pelos termos: Educação Sexual e Orientação Sexual. No dizer de Luna (2000), o estudo realizado procurou familiarizar o pesquisador com o que outros autores investigaram, o que possibilitou a elaboração do primeiro capítulo deste trabalho.

O período de busca de livros e artigos retrocedeu ao início dos anos 60 em face da grande mudança social ocorrida a partir desta data, repercutindo nos comportamentos sexuais de maneira global e a busca de dissertações e teses a partir dos anos 70 quando se iniciam os primeiros programas de pós-graduação no Brasil.

Um grande ganho neste longo processo de investigação e revisão da literatura deu-se pela confirmação do reconhecimento da importância em estar "vasculhando" as bibliografias das produções e dos livros a que fui tendo acesso. Através delas pude complementar o meu levantamento.

Inicialmente, pesquisas do tipo "estado da arte" teriam como foco de trabalho estar selecionando, classificando e analisando o conjunto formado por todas as produções em determinada área. Após o exame de qualificação, foi orientado delimitar o foco de atenção, tomando apenas um aspecto para ser aprofundado. A necessidade de fazer um recorte no conjunto de 165 teses e dissertações inicialmente identificadas deixou-me com o problema de perceber o que era mais significativo para a minha pesquisa. Porém, desde logo me veio a vontade de voltar-me à **formação dos professores**, não só pela experiência desenvolvida na

formação continuada de docentes para a abordagem com este tema em Taubaté, mas também pela minha inserção no mestrado na área de Ensino, Avaliação e Formação de Professores. Por outro lado, quando vim para o mestrado já tinha a intenção de estudar sobre a formação de professores e educadores para o trabalho com sexualidade para posteriormente poder propor novos programas. A partir disto, direcionei a pesquisa para este enfoque: a formação do professor/educador para abordar o tema da Educação Sexual na escola, o que levou a nova seleção das produções.

Esta etapa, realizada após a revisão bibliográfica e a qualificação, consistiu em estar selecionando, a partir dos resumos e em conjunto com o orientador, os trabalhos que versavam sobre a formação para a abordagem da Educação Sexual tanto de professores quanto de outros profissionais da área da saúde, também educadores, desde que referidas ao contexto escolar. Assim, as fontes de informação para esta pesquisa foram as produções acadêmicas de pós-graduação compreendidas por **65 dissertações e teses** defendidas nas diversas instituições brasileiras de ensino superior até 2001, documentos de estudo que constituíram o corpus desta dissertação.

Produções acadêmicas ligadas a Educação Sexual nas escolas com outro foco temático; as referidas à educação não-formal, como em casos de ensino especializado aos portadores de necessidades especiais (como deficientes auditivos, visuais e mentais) fora do espaço escolar; e ainda, as produções ligadas a estudos no campo da saúde pública, fizeram parte do início da investigação em função do levantamento para a revisão bibliográfica, mas não foram incluídas entre os documentos de descrição da pesquisa.

A partir da seleção das dissertações e teses que tratam do tema da formação do professor/educador para a abordagem da Educação Sexual nas escolas, o procedimento seguinte foi a elaboração dos descritores a partir dos quais elas seriam analisadas.

## Conjunto de Descritores para Classificação das Pesquisas

Como Megid Neto (1999) e Fracalanza (1992), utilizei o termo *descriptor* para indicar os aspectos a serem observados na classificação e descrição das teses e dissertações, bem como na análise de suas características e tendências. Os descritores foram estabelecidos de acordo com o interesse do estudo e da metodologia adotada partindo, na sua elaboração inicial, da busca por referências nas pesquisas do estado da arte já mencionadas. Posteriormente, para adentrar no objeto deste estudo, utilizei os resumos obtidos das 65 produções identificadas para configurar os descritores diretamente relacionados à formação do professor/educador.

Foi feita uma primeira revisão dos 65 resumos possibilitando um movimento contínuo, junto com o orientador, nesse processo de estar selecionando indicadores que possibilitassem uma adequada catalogação dos documentos de pesquisa. Posteriormente, a partir do início da leitura integral de algumas das dissertações e teses e classificação dos documentos, ocorreram ajustes ou alterações (supressões ou incorporações) que possibilitaram uma melhor descrição do conjunto de descritores visando adequá-los ao objeto deste estudo. Assim, foi estabelecido um conjunto de descritores que estão detalhados a seguir.

Eles estão organizados em dois grandes conjuntos. Um primeiro conjunto denominei Descritores Gerais e tem por intenção uma primeira aproximação ao estudo de características e tendências das pesquisas. Tratam de informações objetivas referentes a dados gerais do próprio trabalho, em seu sentido amplo, ou informações que puderam ser obtidas de maneira relativamente simples pela leitura dos resumos.

1. **Autor** da produção – Discente de pós-graduação responsável pela elaboração da produção acadêmica.
2. **Titulação** acadêmica – Grau da titulação para a qual foi elaborada: dissertação de mestrado, tese de doutorado ou de livre-docência.
3. **Ano** de defesa da tese ou dissertação.

4. **Instituição de Ensino Superior (IES)** responsável pela pós-graduação onde o trabalho foi defendido, **Unidade Acadêmica (UA)** que foi fonte da produção e **Local** (Estado) em que esta se situa.

5. **Orientador** da tese ou dissertação - Docente responsável pela orientação e acompanhamento do trabalho.

6. **Graduação** do autor – Qualificação obtida quando da sua formação no ensino superior.

#### 7. **Nível Escolar (NE)**

De acordo com a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei 9.394/96), foi adotada a seguinte nomenclatura para a classificação dos trabalhos pelos níveis:

. Educação Infantil (**EI**) - referente à educação formal de 0 a 6 anos, o que inclui o período da creche à pré-escola;

. Ensino Fundamental (**EF**) - anteriormente denominado 1º grau, que subdivide-se em Ensino Fundamental 1 (**EF1**) da 1ª a 4ª séries e Ensino Fundamental 2 (**EF2**) da 5ª a 8ª séries. Quando o trabalho não indicou especificamente a que série ou ciclo se referia, foi anotado como EF;

. Ensino Médio (**EM**) - correspondendo ao ensino médio, antigo 2º grau, que também abrange o magistério ou "normal" e os cursos técnicos.

. Educação Superior (**ES**) - trabalhos de pesquisa referentes ao nível da graduação.

. **Geral** - Trabalhos que não se referiam a nenhum nível escolar em particular e que trataram a questão de forma ampla.

Os estudos que abordaram o ensino supletivo ou referentes à Educação Sexual de portadores de necessidades especiais foram classificados no nível escolar correspondente quando este estava expresso.

O segundo conjunto de descritores enfoca, especificamente, o tema da formação do professor/educador para atuação com Educação Sexual no espaço escolar. Através dos mesmos busquei aprofundar algumas questões que interessavam mais diretamente aos propósitos desta pesquisa. Estes Descritores Específicos estabelecem características e

tendências dos profissionais/professores na sua formação e vivência profissionais e necessitaram, para serem identificados, de uma leitura mais completa dos textos das teses e dissertações.

Aqui procurei identificar o **Foco temático** privilegiado pelo autor da tese ou dissertação. Os trabalhos foram classificados de acordo com um dos quatro focos temáticos a seguir descritos:

. **Formação inicial:** quando a pesquisa realizada referiu-se à formação de professores para o trabalho com Educação Sexual em seu curso básico da formação específica, seja no ensino médio (magistério) ou no ensino superior (cursos de licenciatura), como: Licenciatura em Biologia, em Ciências, em Pedagogia, em Enfermagem, entre outras. Também foram incluídas as pesquisas que tratam sobre a formação de outros profissionais/educadores para o trato com o tema da Educação Sexual nas escolas, quando estas aconteceram durante o ensino de graduação. Especialmente, isto é verificado nos casos dos cursos de Medicina, Bacharelado em Enfermagem e Psicologia, Serviço Social, que acabam, pela própria profissão, lidando diretamente com as questões de sexualidade humana.

Na formação inicial estão relacionadas as ações pedagógicas de que o autor lançou mão para o trabalho de formação dos professores/educadores durante o aprendizado profissional específico dos mesmos, podendo uma mesma tese ou dissertação conter mais de um dos tipos de ação:

- . cursos/treinamentos curriculares em Educação Sexual para formação dos futuros profissionais;
- . realização de oficinas curriculares com vivências para sensibilização a respeito do tema;
- . elaboração de seminários e apresentação de palestras como subsídios informativos e de estudo sobre aspectos da sexualidade humana e seu enfoque no contexto escolar.
- . outras ações pedagógicas não relacionadas.

. **Formação continuada:** foram classificadas as pesquisas em que os autores relataram e analisaram trabalhos (programas, projetos, cursos, oficinas etc.) desenvolvidos com

professores visando possibilitar sua formação para o trabalho com Educação Sexual. Ainda foram incluídas neste foco temático pesquisas sobre a atuação do professor com temas específicos sobre Educação Sexual enquanto subsídios para sua formação continuada.

No foco da formação continuada estão referidas as ações pedagógicas utilizadas pelo autor com os professores em seu trabalho/pesquisa na escola, visando prepará-los para a abordagem com Educação Sexual, sendo que as produções foram classificadas em tantos tipos de ações pedagógicas quantos a pesquisa apontou:

- . assessorias e supervisões realizadas através de reuniões/encontros esporádicos ou periódicos para reflexão e debate dentro de um processo de acompanhamento reflexivo continuado do trabalho desenvolvido pelo professor/educador na escola; podem incluir a participação direta do pesquisador em intervenções na sala de aula em colaboração com o professor/educador ou o acompanhamento indireto dessas ações;
- . cursos/treinamentos extracurriculares em Educação Sexual para formação de professores/educadores;
- . oficinas extracurriculares com dinâmicas vivenciais visando à sensibilização e formação para o trabalho com o tema;
- . grupos de estudo/discussão sobre sexualidade humana tanto no aspecto teórico quanto valorativo e da sexualidade do próprio professor/educador;
- . palestras/seminários organizados para subsidiar a formação em Educação Sexual;
- . outras ações pedagógicas não relacionadas.

. **Características, concepções/representações e práticas escolares:** neste foco temático foram classificados os trabalhos que basearam sua investigação em conhecer de maneira ampla ou restrita as concepções/representações expressas pelos professores/educadores relativas a aspectos particulares das questões e temas da sexualidade humana (como: DST/AIDS, gravidez, namoro, etc) incluindo a necessidade e a importância da abordagem da Educação Sexual dentro do contexto escolar. Estão ainda referidas as pesquisas que contenham concepções/representações dos professores/educadores sobre a relação e participação da família neste trabalho e concepções/representações da sexualidade do próprio professor/educador.

Ainda fazem parte deste foco temático as pesquisas que apontam as características necessárias ao professor/educador para o trabalho com Educação Sexual nas escolas, ou que estudaram as posturas profissionais e as práticas pedagógicas e escolares desenvolvidas por professores, especialistas de ensino, funcionários, pais, alunos, educadores, no âmbito da sala de aula ou da escola. Também comparecem estudos de expectativas dos professores quanto à formação para o trabalho com Educação Sexual.

. **Elementos teóricos, históricos e curriculares:** Foram incluídos ensaios e outras formas de produção científica que investigaram diversas concepções teórico-filosóficas e suas contribuições para fundamentar projetos de Educação Sexual; as que analisaram currículos a partir da existência de disciplinas que enfocam a sexualidade ou dirigiram sua investigação para a Educação Sexual nos PCNs; e ainda as que apresentaram pesquisas que historicizam a sexualidade humana e o processo da Educação Sexual. Pode apontar subsídios teóricos e metodológicos para programas de formação inicial e continuada de professores e educadores.

Como já referido, a seleção das dissertações e teses que compuseram o corpus desta pesquisa, dentre as 165 identificadas sobre Educação Sexual no contexto escolar, foi feita, inicialmente, a partir dos resumos. Foram catalogadas 65 produções de pós-graduação identificadas sobre a formação do professor e de outros profissionais/educadores que lidam com a abordagem da Educação Sexual no âmbito escolar, buscadas no período de 1977 a 2001. As referências bibliográficas e resumos destes 65 documentos encontram-se no Anexo 1. Os resumos inicialmente foram considerados na forma original obtida sendo alterados apenas erros de digitação ou de concordância. Posteriormente, considerando que alguns resumos obtidos deixavam frases incompletas e sem sentido; que às vezes faltavam períodos de interesse para esta pesquisa contidos no resumo do trabalho do autor, mas não no que foi obtido via internet; e que outros continham muitos erros de digitação, eles foram conferidos de acordo com o original da tese ou dissertação ou compatibilizadas as versões eletrônicas diferenciadas e acrescidos/modificados, quando necessário, respeitando o texto da produção elaborada pelo autor.

Os resumos foram conseguidos: no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), 24 resumos de trabalhos, que correspondem a 37,0%; 21 resumos (32,3%) através dos Catálogos do CEDOC; seis (9,2%) no CD-Rom da ANPED; nove (13,8%) nas bases de dados de instituições de ensino superior; e cinco (7,7%) conseguidos por solicitação às bibliotecas das IES que os enviaram por correio, fax ou meio eletrônico.

A primeira questão que apareceu ao lidar com os resumos destes trabalhos é que a seleção foi prejudicada pela falta de informações básicas no texto. Algumas produções foram incluídas em função do seu título, onde estava claro o contexto escolar e que se tratava da formação do professor/educador, o que não aparecia no resumo. Outras ainda, cerca de 9%, foram selecionadas para poderem, após a leitura da íntegra das produções, serem reavaliadas quanto a sua inclusão no corpus da pesquisa uma vez que seus resumos não deixavam claro às vezes o sujeito investigado, às vezes a abordagem ou não da questão da formação do professor/educador para o trabalho com Educação Sexual.

O procedimento seguinte foi estar procurando na biblioteca da Faculdade de Educação da UNICAMP e junto ao CEDOC, quais as dissertações e teses existentes, para que as demais pudessem ser solicitadas via comutação às instituições de ensino superior onde foram defendidas. O grupo FORMAR-Ciências e a Faculdade de Educação da UNICAMP adquiriram as produções que não existiam no acervo para comporem o corpus da pesquisa e integrarem o acervo do CEDOC.

Enquanto as produções eram obtidas foram organizadas fichas em que constavam a referência da produção e o seu resumo, colocadas em ordem alfabética pelo sobrenome do autor e numeradas, servindo ainda de espaço para coleta e registro dos dados levantados a partir dos descritores e da leitura do texto integral da tese ou dissertação. Este procedimento facilitou a coleta de informações e sua posterior análise.

Ao mesmo tempo, as tabelas de frequência simples e as tabelas de cruzamento de dados foram elaboradas no Programa Excel de acordo com os descritores determinados, a fim de possibilitar o tratamento das informações.

Com relação à íntegra dos trabalhos foi feita uma primeira abordagem, inicial e mais dinâmica, para conhecimento dos mesmos. Logo a seguir, uma leitura para detalhamento, aprofundamento e coleta de dados. Os documentos foram classificados segundo os descritores procurando apreender o exposto pelas pesquisas de forma a apresentar o pensamento do autor das produções de maneira clara e adequada ao texto por ele elaborado.

No período de desenvolvimento da pesquisa foram conseguidos 35 documentos dentre os 65 que compõem o material de investigação. Todos estes 35 documentos foram lidos na íntegra. Os demais foram classificados a partir da leitura dos resumos. A obtenção total dos documentos não foi possível em virtude dos seguintes fatores: dificuldades para obtenção de recursos financeiros para cópia das dissertações e teses; demora nos processos de solicitação e recebimento das cópias via COMUT (Comutação entre Bibliotecas). A título de exemplo, após obtidos os recursos financeiros, foi estimado entre 6 e 9 meses o prazo para obtenção completa dos documentos, o que inviabilizaria o prazo final da defesa de mestrado. Optei assim, por trabalhar com os resumos de parte dos documentos, procedimento usual em muitas pesquisas do tipo “estado da arte” (por exemplo: Gamboa, 1987 e Ferreira, 1999).

Quando da análise e avaliação do material, as fichas foram agrupadas e reagrupadas a partir de cada descritor, facilitando o manuseio dos dados obtidos, possibilitando estabelecer relações e associações entre os vários descritores. Alguns gráficos foram elaborados a partir dos dados coletados possibilitando uma melhor visualização dos resultados.

A reflexão crítica do pesquisador, a partir do conhecimento adquirido com a pesquisa, possibilitou a discussão dos resultados obtidos em resposta às questões formuladas em termos de avaliação, contribuições e lacunas sobre a formação do professor/educador para abordagem com a Educação Sexual no espaço escolar contidas nas produções acadêmicas de pós-graduação.



## **CAPÍTULO 4**

### **FORMAÇÃO DO PROFESSOR / EDUCADOR PARA O TRABALHO COM EDUCAÇÃO SEXUAL: O ESTADO ATUAL DAS PESQUISAS**

Neste capítulo são descritas as características e tendências principais das 65 teses e dissertações que tratam da formação do professor/educador para a abordagem da Educação Sexual no espaço escolar.

Antes, porém, são feitos comentários gerais sobre o conjunto das pesquisas identificadas sobre Educação Sexual escolar, de onde foram extraídos os 65 trabalhos mais específicos da presente pesquisa. Com tais comentários pretendo situar o corpus selecionado para este estudo no universo mais amplo da produção na área.

## **Visão Geral do Conjunto das Pesquisas sobre Educação Sexual no Brasil**

Retomando o levantamento bibliográfico realizado, após intensa consulta a catálogos de teses e dissertações e a bancos eletrônicos de informação bibliográfica, foram identificadas 165 produções acadêmicas referentes à Educação sexual no âmbito escolar, desde a educação infantil até a educação superior.

Além das referências bibliográficas desses trabalhos (título, autor, instituição, ano etc.) obtive o resumo dos mesmos. Estes 165 resumos foram conseguidos: 81 (49,1%) no Banco de Teses da CAPES; 32 (19,4%) através nos catálogos do CEDOC; 23 (13,9%) em banco de dados de diversas IES; 17 (10,3%) por meio do CD-Rom de teses da ANPED; 11 (6,7%) obtidas após solicitação às instituições em que os trabalhos foram defendidos; um (0,6%) conseguido através do *site* do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia).

Já foi comentada a importância do Banco de Teses da CAPES, disponível na internet ([www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br)), para a divulgação da produção científica em programas de pós-graduação no país e para estudos do tipo “estado da arte”. Inaugurado em 2001, o banco facilitou o acesso a esse tipo de informação, porém não é suficiente por algumas razões: o banco não traz relação das pesquisas defendidas anteriormente a 1987; não constam as teses de livre-docência (embora somente duas no conjunto de 165 produções); mesmo sendo

obrigatório o envio das informações bibliográficas referentes às pesquisas defendidas – por parte de todos os autores mestres e doutores, via respectivos programas de pós-graduação – foram identificados muitos trabalhos defendidos após 1987 que não constam no Banco de Teses da CAPES.

Os dados coletados apontam que o conjunto das 165 produções foi defendido em 39 instituições de ensino superior, nos diversos estados brasileiros, principalmente nos da região sudeste e sul, mais especialmente concentrados em São Paulo, seguido dos estados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. As instituições de ensino superior que mais contribuem com investigações nesta área são: a USP com 27 trabalhos (16,6%), a PUC-RS com 14 (8,6%), a UNICAMP com 12 (7,4%) e a PUC-SP com 11 (6,8%) produções. Há ainda IES com número de teses e dissertações bastante significativo como: a UFRGS e a UFSC ambas com oito; a UGF e a UFRJ, cada uma com sete; a UNESP e a UERJ, com cinco cada uma delas. Os demais trabalhos ficam diluídos pelas demais instituições no país.

A grande maioria das produções é constituída por dissertações de mestrado (87,9%). Foram identificadas 20 teses, sendo 2 de livre-docência e 18 de doutorado. A primeira produção acadêmica localizada foi defendida no ano de 1977, na UNICAMP, e nos últimos anos desta década não foram identificados outros trabalhos. Nos anos 80 a produção é baixa e esporádica. Só a partir da década de 90 é que o interesse dos pesquisadores por esta área tornou-se mais presente, tendo sido intensificadas as pesquisas a partir de 1995, quando são defendidos 118 trabalhos (71,5%). Mais especialmente, considerando ser a intensificação da produção sobre Educação Sexual nas escolas bastante recente, me chama a atenção o grande interesse demonstrado pelos pesquisadores com este tema nos dois últimos anos do período investigado, 2000 e 2001, que respondem por 27,3% do conjunto das 165 produções acadêmicas identificadas.

Apesar de serem encontradas pesquisas sobre a abordagem da Educação Sexual nas escolas em todos os níveis escolares, a maioria enfoca os níveis de escolaridade mais altos, a partir da 5<sup>a</sup> série do ensino fundamental. Conforme já foi assinalado, como parte significativa das 165 produções não contém este dado nos resumos (em torno de 30%) referindo apenas a

investigação de pré-adolescentes ou adolescentes e, ainda, em outras produções o autor cita a faixa etária com a qual trabalha sem informar o nível de escolaridade, a coleta deste dado ficou bastante prejudicada no conjunto dos trabalhos. Numa primeira abordagem dos resumos das produções grande parte foi incluída no item Geral, o que pode sofrer alteração após a leitura da íntegra das dissertações e teses. Os níveis escolares mais pesquisados foram: o ensino médio, que aparece em 32 trabalhos, seguido pelos relacionados no ensino fundamental sem especificação do nível e os classificados em EF2 (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries) cada um com 23 trabalhos. As investigações na educação superior contam com 16 produções. Observei ainda que os níveis escolares menos pesquisados em relação à Educação Sexual nas escolas são os ligados ao primeiro ciclo do ensino fundamental (sete trabalhos) e à educação infantil (dez trabalhos). Cabe ainda ressaltar, que grande parte das teses e dissertações refere-se ao nível escolar com a terminologia antiga: 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> graus, por terem sido escritas antes de 1996, quando surge a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Mesmo entre as produzidas após esta data ainda encontrei em torno de 8% que se referem aos níveis escolares por estes termos.

Pelos resumos foi possível perceber ainda que a maioria (60%) dessas 165 teses e dissertações abordou experiências e/ou investigou alunos no sistema formal de ensino nos seus diversos níveis; outras o fizeram de maneira abrangente tratando o tema da Educação Sexual escolar de maneira geral, podendo tê-lo abordado sob variados enfoques (sócio-cultural, implantação de programas e projetos, investigação de representações sobre temas relacionados à sexualidade, capacitação de professores, práticas curriculares etc.) numa busca por ampliar a discussão e reflexão sobre a questão dentro da escola.

### **Descrição Geral das Pesquisas sobre Formação dos Professores/Educadores para Abordagem da Educação Sexual nas Escolas**

Passo agora a descrever as 65 produções de pós-graduação sobre a formação do professor/educador para a abordagem da Educação Sexual no espaço escolar. Elas correspondem a cerca de 40% do conjunto total de trabalhos identificados no país que tratam da Educação Sexual na escola no período compreendido entre 1977 e 2001.

As dissertações e teses foram classificadas de acordo com os descritores previamente selecionados: autor, graduação, orientador, grau de titulação acadêmica, ano de defesa, instituição de ensino superior em que foi defendida e unidade acadêmica em que foi produzida, nível escolar abrangido e foco temático. A cada produção acadêmica foi referido um número, dado de acordo com a ordem alfabética do sobrenome do autor, que servirá para referência da mesma, quando necessário, em outras tabelas e no processo de análise. O significado das siglas das instituições de ensino superior e das respectivas unidades acadêmicas encontram-se nas páginas iniciais deste trabalho.

Em 23 (35,4%) trabalhos não foi possível identificar a graduação do autor. Nas demais produções os autores constituem-se, principalmente, por: 11 profissionais graduados em Ciências Biológicas (em torno de 17%), 10 em Psicologia (15,4%), 9 em Pedagogia (13,8%), cinco ( 7,7%) em Enfermagem, três em Medicina, dois em Filosofia e um em cada uma das graduações a seguir: História, Bioquímica e Letras. Um mesmo autor foi contado duplamente em Medicina e Psicologia por ter as duas graduações. Esta variedade de graduação profissional reforça a concepção de que qualquer professor/educador pode, a partir do seu interesse e formação, desenvolver trabalhos com Educação Sexual.

Este e os demais dados gerais que possibilitaram a descrição dessas dissertações e teses podem ser conhecidos no quadro a seguir.

QUADRO GERAL: Dissertações e teses sobre a formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001.

DOC.	AUTOR	GRADUAÇÃO	ORIENTADOR	GRAU	ANO	IES	UA	NE	FOCO TEMÁTICO			
									1	2	3	4
1	BANZATO, D.S.G.	n. loc.	GRANT, W.H.	M	1998	USP	IP	EI			X	
2	BARCELLOS, J.A.S	História	EIZIRIK, M.F.	M	1992	UFRGS	FE	Geral			X	
3	BARROSO, C. R.	Biologia	JURBERG, M.B.	M	1999	UGF	n. loc.	EF2+EM			X	
4	BISON, R.A.P.	Enfermagem	RODRIGUES, A.R.F.	M	1998	USP	EERP	ES			X	
5	BUENO, S.M.V.	Pedagogia	Não se aplica.	LD	2001	USP	EERP	EF+EM		X	X	
6	CAPELO, M.C.	n. loc.	MACIEL, T.J.P.M.	M	1998	UFCE	n. loc.	Geral		X		
7	CARVALHO, S.P.	Psicologia	FREIRE, M. L. B. L.	M	1997	UFMT	IE	EI+EF1		X	X	
8	CHAGAS, E.R.C.	Biologia	MOSQUERA, J.J.M.	M	1990	PUC-RS	FE	Geral			X	
9	CHAGAS, E.R.C.	Biologia	STOBAUS, C.D.	D	1995	PUC-RS	FE	ES			X	
10	CHAVES, G.	Bioquímica	JURBERG, P.	M	1998	UGF	n. loc.	Geral				X
11	CRUZ, E.F.	n. loc.	ROSEMBERG, F.	M	1996	PUC-SP	n. loc.	EI	X	X		
12	CURSINO, E.A.	n. loc.	JACQUEMIN, A.	M	2000	USP	FMRP	EF			X	
13	DALL'ALBA, L.	Pedagogia	DIAS, T.R.S.	M	1992	UFSCar	CECH	Geral			X	
14	DE LA OSSA IZQUIERDO, I.	n. loc.	FOLBERG, M.N.	M	1992	UFRGS	FE	EI		X	X	
15	DIAS, A.	n. loc.	BUENO, S.M.V.	M	2000	USP	EERP	EM	X		X	
16	DUARTE, J.B.	Biologia	PÊPE, A.M.	M	2001	UFBA	n. loc.	EF2			X	
17	EGRY, E.Y.	Enfermagem	LAURENTI, R.	D	1985	USP	FSP	ES		X		
18	FALCÃO, E.R.	n. loc.	BRATTER, A.E.	M	1977	UNICAMP	IMECC	Geral		X		
19	FIGUEIRÓ, M.N.D.	Psicologia	SILVA JUNIOR, C.A.	D	2001	UNESP	FFC	Geral		X		
20	FILGUEIRAS, V.M.S.A.	Pedagogia	JURBERG, M.B.	M	1999	UGF	n. loc.	EF			X	
21	FRAUCHES, D.O.	Medicina	RODRIGUES, M.M.P.	M	2001	UFES	n. loc.	ES			X	
22	FREITAS, M.R.	n. loc.	DIAS, T.R.S.	M	1996	UFSCar	CECH	Geral			X	
23	GONÇALVES, E.	n. loc.	DOMINGUES, M.H.M.S.	M	1998	UFG	FE	EF2+EM		X		
24	GUERRA, A.F.S.	Biologia	PEY, M.O.	M	1996	UFSC	n. loc.	EM+ES	X	X		
25	GUIMARÃES, C.R.P.	Biologia	MIZUKAMI, M.G.N.	M	1992	UFSCar	CECH	EM			X	
26	GUIMARÃES, I.R.F.	Pedagogia	AROUCA, L.S.	D	1989	UNICAMP	FE	EF2+EM		X	X	
27	KASSUGA, I.H.	n. loc.	SIQUEIRA, V.H.F.	M	2000	UFRJ	CCS	EF1		X	X	

28	KIELING, S.S.S.	n. loc.	COMIOTTO, M.S.	M	1993	PUC-RS	FE	Geral			X	
29	LAVIOLA, E.C.	n. loc.	ROSEMBERG, F.	M	1998	PUC-SP	n. loc.	EI			X	
30	LIMA, R.C.R.	Pedagogia	LUTFI, M.	M	1995	UNICAMP	FE	EF1+EF2			X	
31	MACENA, R.H.M.	Enfermagem	ALBUQUERQUE, V.L.M.A.	M	2001	UNIFOR	n. loc.	EF2		X		
32	MANFRIM, M.L.	n. loc.	MOSER, A.	M	1991	UNAERP	n. loc.	EF2			X	
33	MARCHI, M.C.F.	n. loc.	ALBERTINI, P.	M	2000	USP	IP	EF2			X	
34	MARTINS, J.C.	n. loc.	DAVIS, C.L.F.	D	2000	PUC-SP	n. loc.	EF+EM		X		
35	MATTOS, M.	n. loc.	RAYS, O.A .	M	2001	UPF	FE	EF2			X	
36	MELO, S.M.M.	Pedagogia	BERNARDES,NMG;MEDEIROS,MF	D	2001	PUC-RS	n. loc.	ES			X	
37	MILITÃO, A.C.	n. loc.	GLAT, R.	M	1991	UERJ	FE	Geral			X	
38	NUNES, C.A.	Filosofia	GOERGEN, P.L.	D	1996	UNICAMP	FE	Geral				X
39	OLIVEIRA, D.L.L.C.	Enfermagem	FELDENS, M.G.	M	1994	UFRGS	FE	Geral		X		
40	PARRÉ, S.H.G.	Psicologia	RODINI, E.S.O.	M	2001	UNESP	FC	EF2			X	X
41	PEDROSA, M.P.L.	n. loc.	MENDONÇA, O.M.L.	M	2001	UFPB	n. loc.	EF			X	
42	PEREIRA, G.L.	Enfermagem	XAVIER, I.M.	M	1997	UNI-RIO	n. loc.	Geral	X			
43	PERIM, P.C.	Psicologia	TRINDADE, Z.A.	M	2000	UFES	n. loc.	Geral			X	
44	PREVE, A.M.H.	Biologia	PEY, M.O.	M	1997	UFSC	CCE	Geral		X		
45	RAPOSO, A. E.S.	Letras	KRAMER, S.	M	1998	PUC-RIO	DE	EI			X	
46	RIBEIRO, H.C.F.	Psicologia	AMIRALIAN, M.L.T.M.	D	1995	USP	IP	Geral			X	
47	RIBEIRO, P.R.M.	Psicologia	MORAES, J.F.R.	M	1989	UNICAMP	FE	Geral			X	X
48	SALLA, L.F.	Medicina	QUINTANA, A.M.	M	2001	UFMS	n. loc.	Geral			X	
49	SAMPAIO, J.	n. loc.	SANTOS, M.F.S.	M	2001	UFPE	n. loc.	EF			X	
50	SANTOS, C.	Biologia	BRUNS, M.A.T.	M	1999	USP	n. loc.	Geral		X	X	
51	SCHUSSEL, D.R.	n. loc.	GATTI, B.A.	M	1982	PUC-SP	n. loc.	EF+EM			X	
52	SILVA, E.A.	Pedagogia	NUNES, C.A	M	1997	PUC-CAMP	FE	ES			X	X
53	SILVA, E.A.	Pedagogia	NUNES, C.A	D	2001	UNICAMP	FE	Geral				X
54	SILVA, R. C.	Psicologia	CAMARGO, A.M.F.	M	1995	UNICAMP	FE	EF1+EF2		X		
55	SILVA, T.M.	Biologia	CAVALCANTI, P.S.	M	2000	UFPE	n. loc.	EF2			X	
56	SILVEIRA, M.T.	Medicina e Psicologia	DOMINGUES, M.H.M.S.	M	1993	UFG	FE	ES			X	
57	SOARES, G.F.	n. loc.	LUNARDI, V.L.	M	1999	FURG	n. loc.	Geral			X	
58	SOARES, M.G.	n. loc.	TRIVIÑOS, A.S.	M	1985	PUC-RS	FE	EF+EM			X	
59	SODELLI, M.	Psicologia	GOMES, H.S.R.	M	1999	PUC-SP	n. loc.	EF			X	
60	STOLL, R.R.	Biologia	n. loc.	M	1994	PUC-RS	FE	EI			X	
61	VEIGA, S.G.	Biologia	RECHE, C.C.	M	1996	UFRGS	FE	EF2			X	

62	VERARDO, M.T.V.	Filosofia	MORAES, R.C.C.	M	1989	UNICAMP	FE	Geral				X
63	WAIDEMAN, M.C.	Psicologia	CARIOLA, T.C.	D	1997	UNESP	n. loc.	Geral				X
64	WUO, M.	n. loc.	ROSADO, E.M.S.	M	1998	PUCCAMP	IP	EM				X
65	XAVIER FILHA, C.	Pedagogia	GOMES, A.M.	M	1998	UFMS	FE	EF2				X

Fonte: “Pesquisas em Educação Sexual Escolar” (Silva e Megid Neto, 2003)

Legenda:

n. loc. – não localizada a informação

Foco Temático: 1 – Formação Inicial

2 – Formação Continuada

3 – Características, Concepções/Representações e Práticas escolares

4 – Elementos Teóricos, Históricos e Curriculares

Pelo quadro geral percebe-se que são poucos os autores que realizaram sua produção de mestrado e também a de doutorado relativas ao tema da formação do professor/educador. Apenas dois, CHAGAS (1990 e 1995) e SILVA, E. (1997 e 2001) o fizeram, demonstrando continuidade e persistência no tema. Apesar de que, se for pego o conjunto de todas as 165 produções acadêmicas que realizaram pesquisas sobre Educação Sexual na escola, outros autores também escreveram suas produções sobre esta, a partir de outros enfoques. Isto não implica em poder afirmar que os demais não têm interesse no tema da formação e/ou que não continuam trabalhando com a questão, pois não é possível saber se continuaram a pós-graduação no doutorado. Além disso, aproximadamente 43% dos autores realizaram seu mestrado em 1998 ou após esta data. Portanto, até 2001, final do período do levantamento desta pesquisa, mesmo entre os que prosseguiram na pós-graduação o tempo não foi suficiente para a conclusão do doutorado e nem para a identificação dessa possível continuidade. Como já assinalado anteriormente, o fato de realizarem suas pesquisas sobre o tema da Educação Sexual já é, por si só, significativo do seu interesse.

Situação análoga acontece com os orientadores. À exceção de quatro, que orientaram dois trabalhos cada um, JURBERG (Docs. 3 e 20), ROSEMBERG (Docs. 11 e 29), PEY (Docs. 24 e 44), DOMINGUES (Docs.23 e 56) e NUNES (Docs. 52 e 53), todos os demais contam com uma orientação sobre o tema pesquisado, o que pode apontar, por parte dos orientadores, uma não concentração neste enfoque do tema relativo à Educação Sexual.

Por outro lado, há dois autores que, após sua qualificação e terem defendido suas produções acadêmicas sobre formação do professor/educador para abordagem da Educação Sexual na escola, orientaram outros trabalhos também sobre este tema. São eles: BUENO, S. M. V. que orientou DIAS (Doc. 15), e NUNES, C. A. que orientou as duas produções de SILVA, E (Docs. 52 e 53).

Das 65 produções de pós-graduação sobre formação do professor/educador para a abordagem da Educação Sexual no espaço escolar, a grande maioria (54 que corresponde a 83,1%) é composta por dissertações de mestrado. Foi encontrada apenas uma (1,5%) tese de livre-docência e dez (15,4%) de doutorado. A maioria dos mestrados e doutorados foi

realizado em Educação (34, que correspondem a 52,3%). Se a estes somarem-se os da Psicologia da Educação, Educação em Saúde, Educação Pública e os da Educação Especial, o percentual sobe para em torno de 63%. Seguem-se 8 na área da Psicologia, 3 em Sexologia, 2 em Enfermagem e também 2 em área da Saúde. Todos os demais têm pouca expressividade numérica sendo distribuídos por outros cursos. Em sete produções não foi possível obter este dado.

Das instituições de ensino superior (IES), as que contam com teses de doutorado e/ou de livre-docência são: a UNICAMP e a USP com três trabalhos cada uma; a PUC-RS e a UNESP com dois; e a PUC-SP com uma produção. Cabe ressaltar, que o único Mestrado em Sexologia nas instituições de ensino superior pesquisadas que consegui detectar através da investigação realizada ou da leitura das produções acadêmicas foi o da Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, que existe desde 1994 (FILGUEIRAS, 1999, p. 50). Apesar disto, esta instituição contribuiu até o momento com poucos trabalhos (três) sobre a formação de professores/educadores para a abordagem da Educação Sexual.

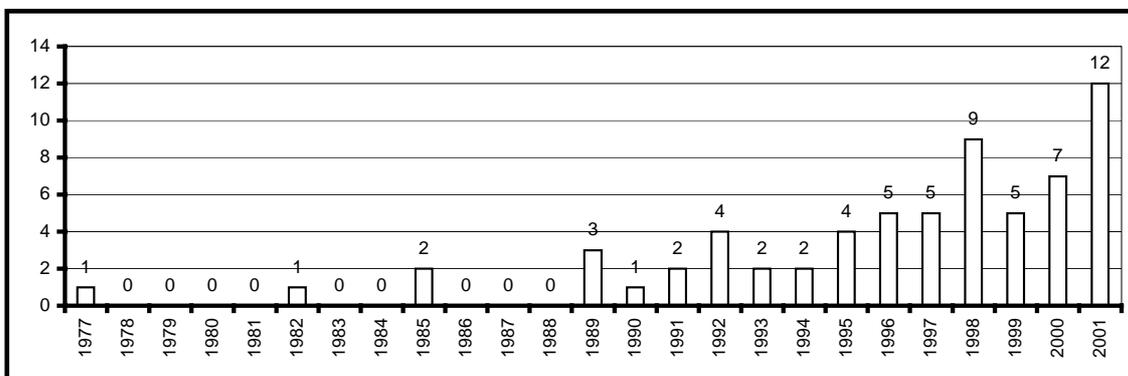
As primeiras produções sobre a formação do professor/educador para a abordagem da Educação Sexual nas escolas surge no final dos anos 70, provavelmente acompanhando os novos horizontes provenientes da abertura política no país. Mais especificamente, em 1977 (Doc. 18) com uma dissertação de mestrado defendida na UNICAMP. Após essa data, houve outro trabalho defendido em 1982 (Doc. 51) e outros dois em 1985 (Docs. 17 e 58). Novas defesas só voltam a ocorrer em 1989. Ou seja, até 1988, ocorreram apenas 4 defesas na área.

Uma possível justificativa para essa pequena produção pode residir em ação do governo federal ocorrida no final da década de 70, quando se manifesta contrariamente à Educação Sexual na escola, no que é acompanhado pelo Estado de São Paulo, que também a proíbe. O abrandamento das atitudes repressivas na questão da sexualidade, como mostra a história, só começa a se fazer sentir uma década depois. Portanto, é "natural" a constatação da quase inexistência de dissertações e teses neste período, apesar de, desde 1978, no 1º Congresso Nacional sobre Educação Sexual nas Escolas, ocorrido em São Paulo, os educadores reconhecerem sua falta de qualificação para o desenvolvimento desta atuação o

que geraria a necessidade de intensificação de estudos e pesquisas sobre a formação profissional dos mesmos para o trabalho na área.

Pelo gráfico a seguir constato, na evolução das produções acadêmicas durante o período de 1977 a 2001, que até 1988 elas são bastante esporádicas. Possivelmente, a compreensão passava pela não necessidade de se realizar estudos e pesquisas enfocando a formação de profissionais uma vez que a abordagem da Educação Sexual não era permitida no espaço escolar. Pelo contrário, era formalmente reprimida. A partir de 1989, as defesas tornam-se constantes ao longo dos anos, apesar de ainda pouco significativas numericamente até meados dos anos 90, com, em média, duas defesas a cada ano. Assim, antes da década de 90 a produção acadêmica sobre o tema conta com somente 7 pesquisas (em torno de 11% dentre as 65 produções).

GRÁFICO 1 – Distribuição das 65 dissertações e teses sobre a formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por ano de defesa.



Fonte: “Pesquisas em Educação Sexual Escolar” (Silva e Megid Neto, 2003)

Na segunda metade dos anos 90, a formação de professores/educadores para a abordagem da Educação Sexual nas escolas passa a ser mais expressiva nas pesquisas de pós-graduação contando com uma média de 6 defesas a cada ano. Há um pico nas produções sobre o tema (9 defesas) em 1998. Segue-se um decréscimo em 1999 e uma pequena recuperação no ano posterior. Em 2001, a produção alcança 12 defesas. Esse período coincide com as

iniciativas adotadas pelo governo federal em tratar o tema no espaço escolar, preocupado com o incremento da AIDS e o aumento das gestações entre as adolescentes e acompanhando a lenta evolução da sociedade em encarar a necessidade desta abordagem nas escolas. Coincide também com um aumento da produção de pesquisas em campos correlatos à Educação Sexual, como a Educação em Ciências (MEGID NETO, 1999).

No último ano desta investigação concentra-se o maior número dos trabalhos (12 defesas). Cabe ressaltar que nos dois últimos anos pesquisados houve um acréscimo bastante significativo nas produções acadêmicas sobre a formação do professor/educador para a abordagem do tema no contexto escolar, tendo em vista que os anos de 2000 e 2001 respondem por quase 30% dos trabalhos. Se for tomado o quadriênio 1998-2001, são encontradas 33 defesas, cerca de 51% dos trabalhos.

Assim, verifico, como Megid Neto (1999), que a pesquisa acadêmica vem ao encontro das manifestações da sociedade sobre as questões e problemas que a envolvem. Na medida em que foi possível aos sujeitos estar desvelando e refletindo sobre a sexualidade, seja por uma maior liberação da sociedade, pela tomada de consciência de alguns profissionais, ou ainda, em função da epidemia da AIDS, a produção acadêmica acompanhou este interesse da sociedade e aumentou o número de investigações sobre a preparação necessária àqueles que na escola vão se ocupar com a questão.

Observando agora a distribuição das 65 pesquisas pelas instituições em que foram defendidas, obtém-se 26 instituições de ensino superior sobressaindo a USP com 13,9% dos trabalhos, a UNICAMP com 12,4%, seguidas da PUC-RS (9,3%), da PUC-SP (7,8%) e da UFRGS (6,3%).

Ainda podem ser apontadas as instituições de ensino superior: UFSCar, UGF e UNESP, que contam com três defesas cada uma. As demais produções sobre formação do professor/educador para abordagem da Educação Sexual no âmbito escolar estão pulverizadas pelas outras IES. A maioria delas aparece com um ou dois trabalhos, o que sugere um

interesse muito específico do autor e da instituição pelo tema em questão e não a existência, por exemplo, de um grupo de pesquisa institucional.

TABELA 1- Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por instituição de ensino superior

Instituição	Número de Documentos	
	Número	Porcentual
USP	9	13,9%
UNICAMP	8	12,4%
PUC-RS	6	9,3%
PUC-SP	5	7,8%
UFRGS	4	6,3%
UFSCar	3	4,6%
UGF	3	4,6%
UNESP	3	4,6%
UFG	2	3,1%
UFPE	2	3,1%
PUCCAMP	2	3,1%
UFES	2	3,1%
UFSC	2	3,1%
PUC-RIO	1	1,5%
UFMS	1	1,5%
UFMT	1	1,5%
UFBA	1	1,5%
UFCE	1	1,5%
UFPB	1	1,5%
UNIFOR	1	1,5%
UERJ	1	1,5%
UFRJ	1	1,5%
UNAERP	1	1,5%
UNI-RIO	1	1,5%
FURG	1	1,5%
UFSM	1	1,5%
UPF	1	1,5%
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: “Pesquisas em Educação Sexual Escolar” (Silva e Megid Neto, 2003)

Relacionando os descritores ano de defesa e IES (Tabela I, Anexo 2), percebo que a UNICAMP produziu mais trabalhos sobre o tema em 1989 (três) e a USP no ano 2000 (também três). Algumas instituições como a UFRGS, a UFSCar, a UGF, a UNESP, e as

próprias UNICAMP e USP em anos diferentes chegaram a produzir dois trabalhos/ano, porém, todas as demais produções aparecem dispersas, uma em cada ano. As instituições de ensino superior que contam com apenas uma dissertação ou tese, à exceção da UERJ e da UNAERP cujos trabalhos foram ambos defendidos em 1991, estão relacionadas apenas a partir de 1997, quando na sociedade aumenta o interesse pela Educação Sexual na escola a partir da publicação das diretrizes oficiais. Mesmo a USP, que aparece com um número mais significativo de trabalhos, só passa a produzir dissertações e teses sobre o tema de forma constante nos últimos quatro anos. Há IES que, apesar de a cada ano produzirem poucos trabalhos versando sobre o tema, nos últimos anos o têm feito de forma regular e quase ininterruptamente como a PUC-SP e a USP.

Como já constatado em outros estudos do tipo estado da arte, há uma predominância nas produções acadêmicas defendidas nas regiões sul e sudeste, sendo que esta é responsável pela maioria (61,5%) dos trabalhos como pode ser verificado na próxima tabela. Segue-se a região sul com 23,1%, a região nordeste com 9,2% e a região centro-oeste com 6,2%. Não foram identificados trabalhos defendidos em IES da região norte do país.

A maior concentração de programas de pós-graduação nas regiões sudeste e sul é um dos fatores responsáveis pela predominância dessas regiões na produção em estudo.

TABELA 2 – Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por instituição de ensino superior e região

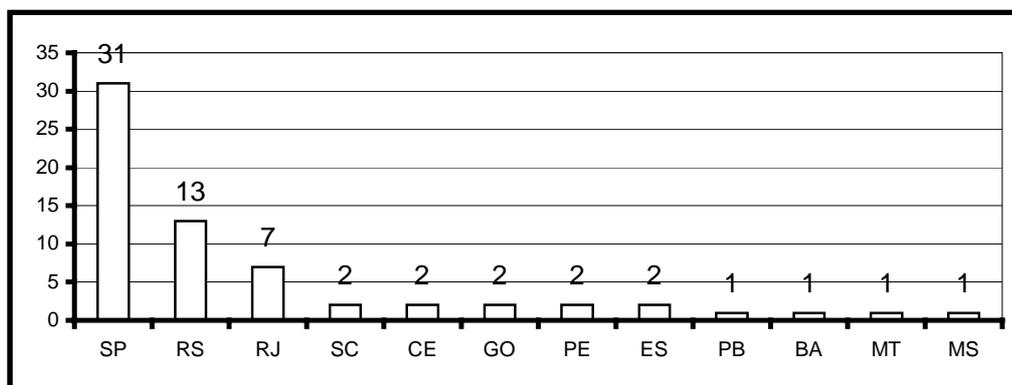
<b>Região/Instituição de Ensino</b>	<b>Número de Documentos</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
<b>Região Centro-Oeste</b>	<b>4</b>	<b>6,2%</b>
UFG	2	3,2%
UFMS	1	1,5%
UFMT	1	1,5%
<b>Região Nordeste</b>	<b>6</b>	<b>9,2%</b>
UFBA	1	1,5%
UFCE	1	1,5%
UFPB	1	1,5%
UFPE	2	3,2%
UNIFOR	1	1,5%
<b>Região Sudeste</b>	<b>40</b>	<b>61,5%</b>
PUCCAMP	2	3,2%
PUC-RIO	1	1,5%
PUC-SP	5	7,7%
UERJ	1	1,5%
UFES	2	3,2%
UFRJ	1	1,5%
UFSCar	3	4,6%
UGF	3	4,6%
UNAERP	1	1,5%
UNESP	3	4,6%
UNICAMP	8	12,3%
UNI-RIO	1	1,5%
USP	9	13,8%
<b>Região Sul</b>	<b>15</b>	<b>23,1%</b>
FURG	1	1,5%
PUC-RS	6	9,2%
UFRGS	4	6,2%
UFSC	2	3,2%
UFSM	1	1,5%
UPF	1	1,5%
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: “Pesquisas em Educação Sexual Escolar” (Silva e Megid Neto, 2003)

A visualização gráfica por estado, possibilita a constatação de que São Paulo, com percentual de 47,7%, detém a maioria dos trabalhos defendidos (31). Também bastante significativo é o número de produções do Rio Grande do Sul (13, correspondendo a 20,0%) e,

com pouco mais da metade das dissertações e teses produzidas por este último estado encontra-se o Rio de Janeiro, com 10,8% (7 pesquisas). Nos demais estados, os trabalhos defendidos são de menor expressividade numérica

GRÁFICO 2 – Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação sexual na escola, 1977-2001, por estado em que foram defendidas.



Fonte: “Pesquisas em Educação Sexual Escolar” (Silva e Megid Neto, 2003)

Quanto às unidades acadêmicas em que os 65 trabalhos foram gerados, pode ser observado no Quadro Geral que parte significativa (28 produções, aproximadamente 43%) foi em Faculdades/Institutos/Centros e/ou Departamentos de Educação. Isto mostra o interesse que profissionais, ao realizarem seu mestrado e doutorado na área pedagógica e de humanas, vêm demonstrando pelo tema, uma vez que o trabalho de Educação Sexual nas escolas está diretamente ligado a esta área. Foram geradas em Faculdades, Centros ou Escolas ligadas à área da saúde, tais como: Enfermagem, Medicina, Saúde Pública, Psicologia e Ciências da Saúde, 10 trabalhos. Dentre estas unidades, a que aglutina o maior número de pesquisas é a Psicologia (4 trabalhos) seguida da Enfermagem com três. Também aparecem, cada uma com um trabalho, produções geradas em unidades acadêmicas de Filosofia e Ciências, Faculdade de Ciências e mesmo em Instituto de Matemática. Cabe ressaltar que em 24 trabalhos (36,9%) não foi possível obter este dado.

A Tabela 3 apresenta a distribuição dos 65 documentos pelo descritor nível escolar. Nessa classificação onze trabalhos (aproximadamente 17%) abrangeram dois níveis escolares, sendo incluídos em ambos; por isso, o percentual foi calculado a partir do total dos trabalhos, não correspondendo a 100%.

O maior percentual de um item isolado do nível escolar coube ao descritor Geral (35,4%), ou seja, pesquisas que não se direcionaram para um nível escolar específico. Nesse nível estão incluídas quatro produções referentes a investigações realizadas em escolas que atendem a alunos portadores de necessidades especiais, as referentes aos Docs. 13 (DALL'ALBA, 1992), 22 (FREITAS, 1996), 46 (RIBEIRO, H., 1995) e 37 (MILITÃO, 1991).

TABELA 3 – Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por nível escolar

Nível Escolar	Número de Documentos	
	Número	Porcentual
EI	7	10,8%
EF	9	13,8%
EF1	4	6,2%
EF2	14	21,5%
EM	11	16,9%
ES	8	12,3%
Geral	23	35,4%
<b>Total</b>	<b>76</b>	<b>-</b>

Fonte: “Pesquisas em Educação Sexual Escolar” (Silva e Megid Neto, 2003)

Nota: O total de classificações (76) supera o número de documentos (65) pois há trabalhos que abrangeram mais de um nível. Os percentuais foram calculados sobre o total de documentos (65).

O conjunto de classificações abrangendo o ensino fundamental, em suas fases e ciclos ou como um todo, é responsável por grande parte das produções (27, correspondendo a 41,5%). No entanto, pouca atenção é dada ao ensino fundamental de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries em que apenas quatro trabalhos são encontrados. Já o ensino de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries recebe 14 pesquisas (21,5%). Voltados para o ensino médio foram identificados 11 trabalhos (16,9%) e para o ensino superior 8 pesquisas (12,3%). Em suma, na classificação pelo nível escolar a

distribuição está mais voltada para o ensino fundamental e para o conjunto dos níveis escolares (Geral). O ensino médio, que tem na maioria da sua população educandos que se encontram em plena fase da adolescência, não tem um número significativo de produções.

Os dados obtidos nos diversos níveis escolares podem sugerir que ainda é incipiente a preocupação com a formação dos professores/educadores para o trabalho com Educação Sexual tanto com crianças/alunos de baixa idade, inseridos na educação infantil ou no nível fundamental até a 4<sup>a</sup> série, quanto com alunos no nível universitário. Possivelmente, por serem considerados pelos educadores, os primeiros, como de baixa idade para participarem da abordagem do tema e os segundos, como não sendo mais responsabilidade da escola o trato desta questão, pois, afinal, já “são adultos”.

Considerando que o presente estudo debruça-se sobre pesquisas voltadas para a formação do professor/educador para a abordagem da Educação Sexual nas escolas, a representatividade das pesquisas na educação superior ainda é quantitativamente pouco expressiva se for considerado que às universidades compete a responsabilidade pela formação inicial dos alunos que, posteriormente, poderão abordar o tema. Seria, assim, esperado um número maior de pesquisas que se dedicassem à formação inicial de professores e educadores para lidar com a área em questão.

A formação inicial desses profissionais pode acontecer em cursos de Licenciatura (Ciências Biológicas e Pedagogia, por exemplo) e em graduação em Enfermagem, Medicina, Psicologia, Serviço Social, entre outros. Também essa formação inicial pode ocorrer em curso Normal de ensino médio (Magistério). Porém, dentre as 11 pesquisas classificadas no ensino médio, apenas duas são desenvolvidas em cursos de formação de professores nesse nível escolar (Docs. 24 e 25).

O ano de 1998 foi quando pesquisadores mais investigaram o tema no nível da educação infantil (Tabela II, Anexo 2) defendendo 3 produções, após 4 outras defesas em anos anteriores, porém uma a cada ano e não seqüenciais. Porém, não são encontrados trabalhos nos três últimos anos sinalizando uma tendência de diminuição das pesquisas neste nível escolar.

Já as produções referentes ao ensino fundamental (EF) e ao de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries (EF2) foram elaboradas em maior quantidade em 2001. Os trabalhos classificados no nível escolar no item Geral distribuem-se de forma contínua a partir de 1989, tendo pequeno acréscimo no número de produções em 1997 e 2001. As do ensino médio, apesar da primeira ter sido elaborada em 1982, aparecem de forma irregular ao longo dos anos, só tornando-se freqüentes depois de 1998. Nos demais anos as teses e dissertações apresentam-se irregularmente distribuídas pelos níveis escolares investigados.

Com relação aos níveis escolares abordados nos diversos trabalhos e as instituições de ensino superior (tabela III, Anexo 2) a que pertencem as dissertações e teses, foi possível perceber que no item Geral há uma concentração de trabalhos (5) defendidos na UNICAMP. No ensino fundamental é constatada esta relação na PUC-SP, e no ensino de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, na UNICAMP, cada uma delas com 3 produções. Há ainda algumas que aparecem com dois trabalhos em alguns níveis entre elas, a USP, que apesar de ser a IES mais expressiva em número de produções em relação ao tema pesquisado, na distribuição das pesquisas pelo nível escolar não aparece significativamente. As instituições: FURG, UERJ, UFCE, UFSM e UNIRIO têm somente uma produção sobre o tema, todas em 2001 e incluídas no item Geral. Nas demais IES os trabalhos são distribuídos pelos diversos níveis escolares, sem uma predominância significativa.

Apesar do dado não ter sido possível de obter em 18 (27,7%) produções, constatei que a grande maioria das pesquisas realizou sua investigação em escolas da rede pública (67,7%) e apenas 16,9% o fez em instituições de ensino particular. Cabe ressaltar que alguns trabalhos investigaram ambas e foram contadas nas duas redes de ensino.

### **Descrição e Análise dos Focos Temáticos das Pesquisas sobre Formação dos Professores/Educadores para Abordagem da Educação Sexual nas Escolas**

Procurei identificar em cada pesquisa o foco principal abordado pelo estudo. Nos casos em que mais de um foco temático foi abrangido com igual relevância, o documento foi

classificado em mais de um foco. Como doze trabalhos (18,5%) foram alocados em dois focos temáticos, a soma das classificações é maior que o número de trabalhos.

A maioria das dissertações e teses referem-se ao foco 3: Características, Concepções/Representações e Práticas Escolares, que aparece em 48 pesquisas (73,8%) dentre os 65 documentos identificados. O foco da Formação Inicial (1) é muito pouco expressivo: é abordado em apenas 4 produções (6,2%). O segundo foco, Formação Continuada, é referido em 18 investigações (27,7%) e o quarto, Elementos Teóricos, Históricos e Curriculares em sete documentos (10,8%). A tabela a seguir apresenta o resultado da classificação dos 65 documentos pelos focos temáticos estabelecidos.

TABELA 4 – Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por Foco Temático

Foco Temático	Número de Documentos	
	Número	Porcentual
1	4	6,2
2	18	27,7
3	48	73,8
4	7	10,8
<b>Total</b>	<b>77</b>	<b>-</b>

Fonte: “Pesquisas em Educação Sexual Escolar” (Silva e Megid Neto, 2003)

Legenda: Foco Temático: 1 – Formação Inicial

2 – Formação Continuada

3 – Características, Concepções/Representações e Práticas Escolares

4 – Elementos Teóricos, Históricos e Curriculares

Nota: O total de classificações (77) supera o número de documentos (65) pois há trabalhos que abrangem mais de um nível. Os percentuais foram calculados sobre o total de documentos (65).

No geral, as 65 pesquisas abrangem no estudo poucos sujeitos, porém há vários estudos com grandes populações, como nos 14 documentos referidos pelos números: Doc. 3 (100 educadores), Doc. 5 (2 Delegados de Ensino, 123 Diretores de Ensino e 4800 educadores), Doc. 12 (221 alunos e 39 professoras), Doc. 15 (92 alunos de graduação em Enfermagem), Doc. 16 (30 professores mais 190 alunos), Doc. 20 (130 professores), Doc. 21 (176 estudantes

de graduação em Medicina), Doc. 25 ( 333 alunos de habilitação no magistério), Doc. 29 (86 educadoras), Doc. 40 (90 professores), Doc. 43 (161 educadores), Doc. 47 (118 supervisores de ensino), Doc. 51 (146 sujeitos de subgrupos sociais e 155 docentes) e Doc. 58 (698 sujeitos sendo: 138 pais, 82 educadores e 478 alunos). Muitas destas pesquisas correspondem a “surveys”, estudos diagnósticos das características e práticas educativas escolares.

Como pode ser constatado acima, nem todas as investigações restringiram-se a pesquisar professores/educadores, tendo alguns autores dirigido-as também para outros segmentos que estão entrelaçados quando se enfoca a temática da Educação Sexual no contexto escolar: pais, alunos, profissionais da área da saúde e de outras instituições sociais, e segmentos da população em geral.

Na abordagem da temática de seus estudos, grande parte dos pesquisadores fundamenta teoricamente suas pesquisas em Freud, Reich e Foucault. Também são citados, mas com menor expressividade quantitativa, entre outros, Martin Buber, Marilena Chauí, Paulo Freire, Piaget, Martin Heidegger, Lacan e Merleau Ponty.

O cruzamento de alguns descritores com os quatro focos temáticos apontam os dados a seguir.

Quanto à relação entre as instituições de ensino superior e os focos temáticos, a Tabela IV (Anexo 2) mostra que as instituições cujas pesquisas são quantitativamente mais significativas no foco 3 – foco de maior representatividade – são: a USP com 8; a PUC-RS com 6; seguidas da PUC-SP, da UFRGS, da UFSCar e da UNICAMP ambas com três documentos. O número expressivo de trabalhos das duas primeiras instituições pode sugerir um interesse especial ou mesmo a existência de um grupo que se detém mais em investigar as características, práticas escolares e concepções/representações dos profissionais sobre Educação Sexual na escola, além de questões ligadas à sexualidade humana. Aponta para esta hipótese a constatação que na USP três produções são do Instituto de Psicologia e outras três da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto; na PUC-RS, cinco foram geradas na Faculdade de Educação.

No foco 2 – Formação Continuada – novamente aparecem a USP e a UNICAMP, cada uma com três produções. A UNICAMP ainda contribui expressivamente com quatro estudos que relacionam-se a pesquisas Teóricas, Históricas e Curriculares ligadas ao tema (Foco Temático 4). As demais IES não aparecem significativamente em quantidade de trabalhos, que estão repartidos pelos diversos focos.

A distribuição dos focos temáticos por ano de defesa (tabela V, Anexo 2) mostra que o interesse dos pesquisadores pelas investigações que apontam as características, concepções/representações e práticas escolares dos professores e educadores (foco 3) tem um significativo acréscimo no ano de 1992, caindo pela metade no ano seguinte e mais ainda em 1994. Seguem-se pequenos aumentos em 1995 e 1997. As produções no foco 3 somente ganham relevância a partir de 1998 quando há um aumento no número de trabalhos e este é mantido. Parece haver uma tendência à elevação na quantidade de produções neste foco temático, pois em 2001 um novo acréscimo volta a acontecer. A valorização deste foco pelos pesquisadores pode significar a necessidade, após o reconhecimento pelo governo da relevância da abordagem da Educação Sexual na escola e da apresentação das suas diretrizes, da urgência da formação dos professores e educadores para que o projeto de Orientação Sexual (nomenclatura utilizada pelos PCNs) seja colocado em prática. Para isto, torna-se necessário conhecer o que pensam, fazem e sentem os professores para poder propor ações pedagógicas que venham ao encontro de suas dificuldades e necessidades, melhor subsidiando o planejamento e o processo de formação dos profissionais não só na graduação, mas também na continuidade do seu aprendizado. Isto justificaria o grande interesse por esse foco temático, pois conhecer concepções, representações, práticas escolares e características, só adquire sentido se, após decodificar e desvelar o real, viabilizar uma futura prática de formação.

Nos demais focos temáticos as produções oscilam entre um e dois trabalhos por ano, sem apontar tendências que mereçam ser ressaltadas. A exceção fica por conta do ano de 2001, que no foco temático 2 (Formação Continuada) aparece com 3 trabalhos. Não é possível avaliar, considerando a evolução dos anos anteriores, a tendência deste foco. No entanto, para que haja uma preparação adequada visando a formação de professores e educadores não só

continuada, mas também referente à formação inicial, é necessário um maior empenho dos pesquisadores direcionando seus estudos especialmente para estes focos.

O cruzamento dos focos temáticos e níveis escolares, mostra que as produções classificadas no item Geral são as mais expressivas numericamente: 13 no foco temático 3, seis no 2 e cinco no 4 (Tabela VI, Anexo 2). No foco temático 3 também têm grande relevância os níveis escolares EF2 (com 11 trabalhos) e os do EM e EF (cada um com 8 produções). Neste mesmo foco, se forem somados os trabalhos relacionados em EF, já que se referem a ambos os ciclos, com os da 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries, que neste foco é o nível escolar que recebe o menor número de pesquisas, com os da 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries (portanto, EF+EF1+EF2) aparecem 22 trabalhos, confirmando uma tendência de estudos no foco temático 3 neste nível escolar.

Também aparecem significativamente no foco 3 as produções acadêmicas que realizaram investigações com professores/educadores que trabalham com educação infantil e educação superior, cada um destes níveis com seis trabalhos.

No foco temático 2 também é o item Geral que detém o maior número de pesquisas (6) sobre a formação continuada de professores/educadores. Neste foco também é expressiva a quantidade de dissertações e teses abrangendo o ensino médio (5 trabalhos), que supera um pouco os de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries (EF2) com quatro. A partir destes dados, é possível observar que os pesquisadores, em relação à formação continuada, dirigem sua atenção para a formação de professores/educadores que lidam, prioritariamente, com o ensino médio e com o 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> ciclos do ensino fundamental.

No nível escolar, o item EF (que não se refere especificamente a nenhum ciclo) é o que, juntamente com o da educação superior, menos atenção recebe dos pesquisadores no foco temático 2: apenas duas produções em cada um.

O item Geral é o único que aparece com expressão quantitativa no foco temático 4. Pode-se fazer uma leitura que a maioria dos pesquisadores, ao produzirem reflexões teóricas, estudos históricos ou avaliações curriculares, pensam no conjunto dos professores/educadores

e realidades educacionais e não em algum nível escolar específico, contribuindo com todos os que se empenham na abordagem da Educação Sexual na escola.

O foco temático 1, referente à Formação Inicial, é pouco expressivo tanto numericamente quanto na aglutinação dos trabalhos em algum dos níveis escolares.

A partir deste momento analisarei mais detalhadamente as pesquisas classificadas em cada um dos focos temáticos, referindo-me às dissertações e teses pelo número do documento (Doc.) que receberam no Quadro Geral, buscando sempre ressaltar os aspectos de interesse desta dissertação.

### **Foco Formação Inicial**

O foco temático 1 diz respeito a estudos sobre a formação inicial que analisam o preparo dos futuros professores/educadores para a abordagem da Educação Sexual nas escolas.

Esta formação de professores é realizada em seu curso básico da formação específica, seja no ensino médio (magistério) ou no ensino superior (cursos de Licenciatura em Biologia, em Ciências, em Pedagogia, em Enfermagem, entre outros). Também estão incluídas, neste foco, as pesquisas que tratam sobre a formação de outros profissionais e educadores que acabam, pela própria profissão, lidando diretamente com as questões de sexualidade humana podendo, por isso, abordar o tema da Educação Sexual nas escolas quando esta formação acontece durante o ensino de graduação como, por exemplo, nos cursos de Medicina, Bacharelado em Enfermagem e Psicologia, Serviço Social.

Neste foco também estão relacionadas as ações pedagógicas de que o autor lançou mão para o trabalho de formação dos professores/educadores durante o aprendizado profissional específico dos mesmos, podendo uma mesma tese ou dissertação conter mais de um dos tipos de ação, tais como: cursos/treinamentos curriculares em Educação Sexual; oficinas curriculares com vivências para sensibilização a respeito do tema; seminários e palestras como

subsídios informativos e de estudo sobre aspectos da sexualidade humana e seu enfoque no contexto escolar; além de outras ações pedagógicas não relacionadas.

Considerando a responsabilidade dos futuros profissionais e, ainda, que as dificuldades nesta área são encontradas em todos os seres humanos, quando não por outros motivos, por estarem inseridos desde o nascimento em um contexto social culturalmente repressor, é irrisória a quantidade de pesquisas identificadas que se referem a este foco. São apenas quatro (6,2%) as produções acadêmicas, nos 25 anos do período investigado, que realizaram pesquisas neste sentido. São referenciadas nos documentos de números 11, 15, 24 e 42, sendo que as três primeiras abrangem também outros focos temáticos.

Todas são dissertações de mestrado, cada uma proveniente de uma das seguintes instituições: USP, UNI-RIO, PUC-SP e UFSC. São produções recentes: duas defendidas em 1996, uma em 1997 e a outra em 2000, mostrando uma tendência ainda incipiente entre os pesquisadores em voltar seus estudos para a formação inicial de professores e educadores para a abordagem da Educação Sexual na escola. Estes estudos coincidem com o voltar-se do Estado ao enfrentamento da temática.

Em relação ao nível escolar, estas quatro dissertações foram classificadas em níveis distintos, não havendo outros comentários a fazer.

Nos documentos 15 ( DIAS, 2000) e 42 (PEREIRA, 1997) há uma explicitação das autoras quanto à preparação de alunos do ensino médio e/ou adolescentes, para tornarem-se agentes multiplicadores ao nível preventivo, já que ambos os estudos referem-se à DST/AIDS. Ambas as autoras destes documentos preocupam-se em que esta formação prepare-os para a vida profissional mas também pessoal, com mudança de comportamento e a inclusão de práticas sexuais preventivas. Aqui já se percebe a compreensão de que a preparação envolve a formação global do educador e não só a aquisição de informações que lhe propicie acúmulo e acréscimo de conhecimentos profissionais.

O estudo relativo ao documento 11 (CRUZ, 1996) realiza um mapeamento sobre a Educação Sexual de educadores de creche e pré-escola, pesquisando em instituições responsáveis por realizarem a formação inicial ou continuada como se deu a formação destes educadores para poderem abordar a Educação Sexual no espaço escolar. De maneira complementar a autora faz um levantamento bibliográfico e analisa livros, contribuindo com profissionais que trabalham com crianças de baixa idade. Este trabalho também foi classificado no foco temático Formação Continuada.

Quanto às ações pedagógicas na formação inicial, duas das produções, as referidas pelos docs. 24 (GUERRA, 1996) e 42 (PEREIRA, 1997) desenvolveram oficinas, que constituem-se como espaços de criação, convivência e expressão corporal com o objetivo de tomada e/ou ampliação de consciência em relação a um tema proposto, no caso destes documentos, sobre a questão corporal e o tema da AIDS respectivamente.

Sintetizando, as 4 produções acadêmicas de pós-graduação que se ocupam de investigações relacionadas à formação inicial de professores e educadores para a abordagem da Educação Sexual nas escolas são recentes e pouco expressivas numericamente, o que impossibilita prever uma tendência das pesquisas neste foco temático. O único tema que quantitativamente é mais expressivo nas dissertações e teses referentes à formação inicial é o da DST/AIDS. Quanto à ação pedagógica, apenas é relatada a utilização de oficinas na formação dos profissionais, sem, no entanto, informar como foram operacionalizadas.

### **Foco Formação Continuada**

Este segundo foco temático refere-se à formação continuada de profissionais para que possam abordar a Educação Sexual no espaço escolar.

Estão aqui classificadas as pesquisas que relataram e analisaram trabalhos (programas, projetos, cursos, oficinas etc.) desenvolvidos com professores/educadores visando possibilitar sua formação para a abordagem da Educação Sexual. Estão ainda incluídas as pesquisas que

versaram sobre a atuação dos profissionais com temas específicos sobre Educação Sexual enquanto subsídios para sua formação continuada.

As produções também foram classificadas em tantos tipos de ações pedagógicas quantos a pesquisa apontou. Estas ações podem ser: assessorias e supervisões realizadas através de reuniões/encontros esporádicos ou periódicos para reflexão e debate dentro de um processo de acompanhamento reflexivo continuado do trabalho desenvolvido pelo professor/educador na escola; participação direta do pesquisador em intervenções na sala de aula em colaboração com o professor/educador ou o acompanhamento indireto dessas ações; cursos/treinamentos extracurriculares em Educação Sexual; oficinas extracurriculares com dinâmicas vivenciais visando à sensibilização e formação para o trabalho com o tema; grupos de estudo/discussão sobre sexualidade humana tanto no aspecto teórico quanto valorativo e da sexualidade do próprio professor/educador; palestras/seminários organizados para subsidiar a formação em Educação Sexual; outras ações pedagógicas não relacionadas.

Este foco temático constitui-se por 18 dissertações e teses, correspondendo a quase 30% dos 65 trabalhos aqui estudados, sendo quatro teses de doutorado e uma de livre-docência e 13 dissertações de mestrado. Estas produções estão referidas pelos documentos de números: 5, 6, 7, 11, 14, 17, 18, 19, 23, 24, 26, 27, 31, 34, 39, 44, 50 e 54.

A distribuição dos documentos pelas IES revela que há um predomínio, em relação ao número de dissertações e teses, da USP e da UNICAMP, ambas com três produções, seguidas pelas PUC-SP, UFSC e a UFRGS cada uma com dois trabalhos. Os demais estão alocados em outras instituições brasileiras.

Até 1994, os quatro trabalhos que aparecem se distribuem de forma esporádica. A partir desse ano eles tornam-se constantes apesar de quantitativamente pouco numéricos: um ou dois trabalhos a cada ano. Apenas em 2001, último ano investigado, constata-se um pico nas produções sem que também aqui se possa apontar ainda alguma tendência a um crescimento contínuo.

Apesar da inclusão oficial e da possibilidade de abordagem da Educação Sexual nas escolas, isto não gera um aumento de pesquisas neste foco temático, o que leva à constatação de que o Estado não está assumindo a formação continuada de professores e educadores nesta área. Depois de décadas de proibições e repressões, possibilita aos educadores por meio dos PCNs abordarem assuntos referentes à sexualidade humana, mas não lhes possibilita respaldo científico e metodológico para tal, o que implica na ineficácia de suas diretrizes curriculares.

As produções acadêmicas deste foco distribuem-se por todos os níveis escolares considerados. Há uma maior concentração no item Geral (6 trabalhos) e no ensino médio (5). Também é significativo o ensino de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries (EF2), com quatro trabalhos. A educação infantil e o ensino fundamental de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries comparecem ambos com três produções. Os níveis escolares menos pesquisados neste foco são o ensino fundamental de maneira geral e a educação superior, com dois trabalhos cada um. Esta característica pode ser entendida pois, como não há um investimento na formação inicial de futuros professores de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries nem nos cursos superiores, o mesmo se repete na formação continuada na concentração de trabalhos por níveis.

Neste foco temático a grande maioria dos temas abordados refere-se ao relato de experiências, projetos e cursos desenvolvidos na formação continuada de professores e educadores. O enfoque educativo em relação à DST/AIDS responde por duas pesquisas neste foco, além de outros dois enfoques, cada um com um trabalho, que investigam: um, a corporeidade e o outro, a relação entre sexualidade, gênero e livro didático.

Pela leitura dos documentos classificados neste foco foi possível identificar três grandes tendências nos estudos dos autores. Uma é referente às dificuldades encontradas para a implantação da Educação Sexual nas escolas; a segunda, a apresentação de programas e projetos através das quais o autor vai delineando como se processou a formação continuada dos professores/educadores; e a terceira, a ação pedagógica e sua viabilização. Por facilitar a descrição e posterior análise, os documentos serão apresentados dentro dessas tendências.

## **1. Dificuldades para a implantação da Educação Sexual**

A maioria dos documentos deste foco aborda os limites e dificuldades para a implantação da Educação Sexual no contexto escolar, alguns de maneira mais superficial e, outros, mais aprofundada. São representados pelos documentos de números: 5, 7, 11, 17, 18, 19, 23, 26, 27, 31, 34 e 50. As dificuldades, de maneira geral, são expressas pelos autores por: despreparo do professor para lidar com temas da sexualidade humana, fatores ligados a questões pessoais, falta de informações e conhecimento científico, contexto de trabalho, carência de recursos materiais, ausência de apoio institucional, falta de espaço para reflexão sobre aspectos da sexualidade humana, apoio dos pais, a não conscientização da equipe escolar e ausência de política de formação continuada. Cabe considerar que esta tendência das produções teve a maioria de suas pesquisas efetivadas nos últimos cinco anos, o que mostra a atualidade destas dificuldades. Dentre as teses e dissertações identificadas podem ser destacadas algumas que apontam, de forma mais aprofundada, algumas reflexões sobre essas dificuldades.

O Doc. 31 (MACENA, 2001) afirma que o despreparo do professor produz condutas discriminatórias e posturas pouco reflexivas, o que colabora para a imposição de valores, mitos e crenças relativos à Educação Sexual, oriundos da história de vida de cada um.

Reconhecendo que há repressão da própria sexualidade e despreparo profissional, o Doc.7 (CARVALHO, 1997) percebe que a problemática da sexualidade na escola remetia à questão da formação de formadoras, residindo aí a grande dificuldade a ser enfrentada. O trabalho realizado pela autora constatou que nas perguntas formuladas pelos educadores, como tendo sido expressas pelos alunos, estavam embutidas as próprias dúvidas dos professores que, além de pedagógicas, também faziam parte do contexto pessoal de cada um dos envolvidos precisando ambas serem respondidas. A autora acaba, desta forma, remetendo as dificuldades que encontra na formação continuada à formação inicial que, por não conter em seus currículos, nos diversos cursos de formação, a abordagem da Educação Sexual, não contribui para o preparo do educador.

Esta "cobrança" pela formação também está presente nos documentos 19 e 23, em que os autores remetem à universidade a inclusão da Educação Sexual nos cursos de graduação. O Doc. 19 (FIGUEIRÓ, 2001) afirma que estes não devem ser somente os de Pedagogia e Ciências Biológicas, mas também aqueles que lidam com saúde e educação como Medicina, Enfermagem, Psicologia e Serviço Social e nos cursos que abrangem a formação em licenciatura. Tanto esta autora, quanto a do Doc. 23 (GONÇALVES, 1998) sugerem também a criação de cursos de extensão e especialização e de disciplinas na pós-graduação, que atendam às exigências da formação continuada de professores/educadores, porém, a autora deste último documento ressalta como mais importante a abordagem da Educação Sexual nos cursos de graduação, pois os da pós atingem pequeno contingente de professores.

Em relação à inclusão da Educação Sexual nos cursos de graduação, é importante a investigação realizada pela autora do Doc. 17 (EGRY, 1985) que constata que os professores do ensino superior também se encontram despreparados, tornando-se este mais um obstáculo à implantação da Educação Sexual no âmbito escolar.

## **2. Programas e projetos desenvolvidos na formação**

A segunda tendência dentro deste foco temático Formação Continuada apresenta programas e projetos desenvolvidos em escolas pelo pesquisador ou com sua participação direta, visando capacitar professores e demais educadores para o trabalho com Educação Sexual. Aqui também estão incluídas as dissertações e teses em que os autores acompanharam de forma contínua e formal, por alguns meses ou mesmo durante todo um ano, professores/educadores num programa de formação continuada de assessoria, desde que buscando transformar as ações e práticas dos envolvidos.

Os programas e projetos têm várias denominações e não serão aqui analisados quanto a ação pedagógica desenvolvida neles, pois isto será melhor detalhado posteriormente. Nesta tendência estão incluídos dez documentos: 7, 14, 17, 19, 23, 26, 31, 39, 50 e 54. Às vezes, esses programas e projetos fizeram parte da pesquisa do autor; em outras, o autor participou dos mesmos anteriormente, mas os apresenta por terem subsidiado a elaboração do seu texto e

feito parte da sua experiência profissional na área. Serão aqui incluídos numa referência aos seus principais achados. Entre estes documentos citarei alguns a título de exemplos.

O Doc. 7 (CARVALHO, 1997) apresenta dois projetos. O relato do primeiro constata que a dificuldade dos professores/educadores em falar da sexualidade é porque discutir o assunto os remete à própria sexualidade, tendo que falar dela, além de encarar esta apenas como genitalidade. No entanto, as perguntas pedagógicas feitas por eles, apesar de mostrarem sua insegurança e despreparo, também denotam o interesse e o empenho com o aprendizado do tema, demonstrando que se dispõem a rever suas ações e concepções. No segundo projeto apresentado neste mesmo documento a autora mostra que na relação pedagógica estão envolvidas tanto a sexualidade dos alunos quanto a do professor.

Estes dois projetos, segundo a autora, confirmam a necessidade de, na formação continuada, serem trabalhadas as necessidades do professor oferecendo espaço para que ele possa não só adquirir conhecimentos, mas falar de si, de suas dúvidas, reeducar sua sexualidade para que tenha mais e melhores condições de enfrentar o que para ele é um constante desafio.

Para a autora do Doc. 19 (FIGUEIRÓ, 2001), o desenvolvimento pessoal e o profissional caminham sempre interligados. Com esta mesma compreensão, o autor do Doc. 54 (SILVA, R., 1995) afirma que o processo de formação continuada inicia-se no auto-conhecimento e que, para isso, o professor precisa falar, se expor, mostrar como pensa e reage. Esta também é a postura encontrada no Doc. 39 (OLIVEIRA, 1994) quando afirma a interação entre as dimensões pessoais e profissionais em que o ambiente educativo bastante íntimo, descontraído, onde predominam as relações de confiança, laços de amizade e sentimentos de "pertença", torna-se uma oportunidade de reler a própria experiência e compartilhá-la com o grupo.

Segundo minha leitura do Doc. 34 (MARTINS, 2000) que foi relacionado na tendência das dificuldades, no qual o autor afirma querer encontrar um caminho para a formação que não exponha a intimidade do professor, por tudo o que foi relatado em várias pesquisas acredito

ser isto impossível, uma vez que o espaço para a fala, o sentir, é imprescindível se a pretensão for que o professor, minimamente, aprenda a lidar com suas dificuldades pessoais e profissionais ou, pelo menos, inicie esse processo. Cada um falará na medida da sua vontade e do seu limite. Por outro lado, como querer que o professor/educador fale "naturalmente" com os alunos sobre Educação Sexual se ele não conquistar a possibilidade de que também para ele seja natural falar disto?

Ainda, como expresso no Doc. 54 (SILVA, R., 1995), na formação de professores é preciso voltar-se para os outros papéis que ele exerce, trabalhar com os professores por inteiro, como homens e mulheres que são. Ao oportunizar o auto-conhecimento e o conhecimento do outro em encontros possibilitadores de transformação e crescimento pela sua ação contínua, o pesquisador afirma que este espaço torna-se terapêutico pela possibilidade de mudança, de fala, de troca, de ouvir coisas diferentes, compartilhar, entre outros aspectos.

Um dos projetos referidos pelo Doc. 19 (FIGUEIRÓ, 2001) mostra a importância de que a reflexão envolva toda a escola e, por isso, ela precisa acontecer no próprio local de trabalho como pré-condição para o êxito da formação continuada. A necessidade de sensibilização de toda a escola também é abordada no Doc. 54.

Se isto acontecesse, uma vez que todos os que trabalham nesta instituição entre eles, serventes, merendeiras, secretárias inspetores etc. são, pelo fato de ali estarem, educadores, já poderiam ser minimizadas algumas das dificuldades apontadas na tendência anterior para a implantação da Educação Sexual nas escolas.

### **3. Ações pedagógicas relacionadas nas pesquisas**

Na terceira tendência encontram-se relacionadas as ações pedagógicas desenvolvidas pelos autores nas suas pesquisas e projetos sobre Educação Sexual. Estão incluídos 17 documentos referenciados pelos números: 5, 6, 7, 14, 17, 18, 19, 23, 24, 26, 27, 31, 34, 39, 44, 50 e 54. As ações pedagógicas identificadas nestas produções acadêmicas foram: grupos de discussão, grupos focais, oficinas, cursos, assessorias e supervisões.

A grande maioria das ações pedagógicas aconteceu no coletivo, em processos grupais. Cada pesquisador utilizou um procedimento metodológico diferente, nem sempre exposto em seus detalhes no texto das dissertações e teses. Dada a importância da ação pedagógica para a formação dos professores e educadores elas serão aqui descritas nos seus aspectos mais significativos.

Os trabalhos correspondentes aos documentos 7, 17, 19 e 54 centraram a ação pedagógica no próprio grupo, tendo por base um processo reflexivo e de estudos. O início de todo processo grupal é cuidadoso e, por isso mesmo, foi alvo de maior minúcia pelos pesquisadores que explicaram o procedimento que adotaram. A autora do Doc. 7 (CARVALHO, 1997) refere, no primeiro projeto por ela apresentado, ter iniciado os grupos de discussão com perguntas feitas pelos professores que eram lidas para que o próprio grupo escolhesse por onde preferia começar a reflexão.

No Doc. 54 (SILVA, R., 1995) os professores foram indicados pela escola e participaram de seleção para serem inseridos no grupo. Houve um contato inicial para verificar as condições que dificultariam a participação. Já nos primeiros encontros, o autor refere que trabalhou a percepção do papel do professor através da postura e limites do mesmo frente à demanda dos alunos. Posteriormente, foi organizado um roteiro de atividades: apresentação individual ou em grupo dos temas selecionados na série em que o professor lecionava e troca de idéias de ações para aquele tema; discussão aprofundada de temas pelas dificuldades que apresentavam para os professores; aprofundamento com leituras e atividades relacionadas ao conteúdo.

Já o Doc. 17 (EGRY, 1985) relata que para formar o grupo a autora colocou cartazes em locais de maior acesso aos professores, com informações sucintas. Antes de iniciar o processo grupal realizou entrevistas individuais buscando descobrir, dentro do discurso do entrevistado, as dimensões da sexualidade e as contradições existentes. Após organizar e analisar o material detectando as contradições, devolveu-o a cada entrevistado para que encontrasse as afirmações, negações e valores nela contidos. O início do grupo aconteceu com cada um apresentando sua análise o que suscitou discussões e reflexões. Ao final de cada

apresentação, a pesquisadora fornecia a sua análise. Estas reuniões foram gravadas, transcritas e o registro devolvido ao grupo para novas discussões. Foram levantados ainda alguns temas trabalhados nas reuniões posteriores, ligados, entre outros, à conceituação da sexualidade, moral e abordagem de aspectos profissionais em relação à sexualidade.

O Doc. 19 (FIGUEIRÓ, 2001) cita dois trabalhos grupais desenvolvidos: o primeiro por cinco meses, distribuídos ao longo de um ano, com reuniões semanais de 3 horas de duração; o segundo, com professores e educadores que haviam participado do grupo anterior, em encontros quinzenais de 3 horas para supervisão, ação pedagógica desenvolvida a partir do trabalho dos profissionais com alunos, a qual será detalhada mais à frente. No primeiro grupo, a autora relata que no encontro inicial realizou trabalho para que os professores/educadores repensassem como foi a sua Educação Sexual.

Nestas duas últimas produções acadêmicas a tendência foi iniciar o grupo já abordando questões da sexualidade ligadas à dimensão pessoal dos participantes, enquanto nos Docs. 7 e 54 as questões abordadas, apesar de também ligadas ao tema, eram mais generalizadas.

Quanto à periodicidade e duração das reuniões nos trabalhos que utilizaram como ação pedagógica o próprio grupo, variaram de:

- . 7 reuniões em um ano, com média de uma hora de duração (Doc. 17);
- . uma vez por semana, por 3 horas, durante cinco meses (primeiro projeto do Doc. 19);
- . encontros semanais de 3 horas, durante o ano (Doc. 54).

No desenvolvimento destes grupos foram feitas pelos pesquisadores algumas constatações: no Doc. 7, que quando os professores se relacionavam bem o trabalho fluía melhor, também sendo verdadeiro o inverso. O Doc. 17 relata que as tensões e o receio do início das atividades grupais vão cedendo espaço para a troca de experiências e vivências e que o grupo favorece a tomada de consciência individual. Ainda afirma que, quando os membros são francos, cada um se sente no direito e no dever de interrogar os demais. O documento 54 relata o resgate do prazer nas relações e na aprendizagem; o espaço das emoções; o respeito pela fala do outro; a reconstrução da imagem de professores e dos alunos.

O relato das produções mostra que o fato dos grupos abordarem questões ligadas mais diretamente ao aspecto pessoal no contexto coletivo não foram impeditivas das relações e do aprendizado. De maneira geral, os pesquisadores concordam em que estes grupos devam estabelecer um processo contínuo, com construção de uma rede de vínculos que possibilite confiança e abertura entre os membros, num espaço de aprendizagem que gere uma nova construção da sexualidade, uma vez que compartilhada com o grupo.

Em seu relato, o Doc. 19 afirma que havia um programa de conteúdos mas não seqüência rígida na sua execução, pois caminhava conforme as necessidades do grupo. Em todos os encontros eram trabalhados os sentimentos, valores, tabus, preconceitos e garantido espaço para relato de situações ocorridas em sala de aula. O trabalho com estas situações também é referendado nos documentos 14 (DE LA OSSA IZQUIERDO, 1992) e 39 (OLIVEIRA, 1994) incluídos na descrição de outras ações pedagógicas. Para o professor/educador, o espaço para reelaborar estas situações é essencial para que ele se sinta cada vez mais seguro na abordagem da Educação Sexual com os alunos.

Enquanto estratégias, os documentos que utilizaram como ação pedagógica o grupo de discussão/estudo apontam a reflexão como instrumento de desenvolvimento do pensamento e da ação e um novo modelo de realizar a ação continuada. Citam ainda, entre outros, a importância da prática cotidiana dos professores como embasamento para o processo formativo; a seleção de leituras; as aulas expositivas; dinâmicas de grupo; dramatizações; trabalho com letras de músicas; análise de livros; filmes de vídeo.

Por último, duas produções acadêmicas devem ser apresentadas e descritas separadamente em relação a esta ação pedagógica: os documentos 27 e 31. Os pesquisadores trabalham realizando dois grupos focais cada um. O Doc. 27 (KASSUGA, 2000) para discussão das imagens e dos textos apresentados em livros didáticos relacionando sexualidade e gênero, com aproximadamente uma hora de duração cada um. O Doc. 31 (MACENA, 2001) para exposição/reflexão sobre LDB e PCNs, seleção de temas para a intervenção educativa e planejamento. Preferi deixá-los à parte, pois não utilizam o grupo como os demais autores,

enquanto ação pedagógica em si mesmo, com continuidade processual, mas apenas em poucos encontros pontuais para focar determinadas questões específicas de interesse do autor.

Outra ação pedagógica referida nas dissertações e teses que tratam da formação continuada de professores/educadores para a abordagem da Educação Sexual na escola foi a realização de cursos. Estes aparecem em quatro produções acadêmicas nos documentos de números: 18, 23, 26 e 39.

Os cursos apresentados no Doc. 18 (FALCÃO, 1977) tiveram por objetivo acrescentar informações sobre sexualidade humana com conteúdo baseado na abordagem fisiológica da sexualidade e provocar mudanças no conhecimento e nas atitudes pessoais dos participantes em relação a mesma. É a produção mais antiga detectada por esta pesquisa (1977) e o curso tem uma estrutura formal.

No Doc. 26 (GUIMARÃES, I., 1989) o curso segue a estrutura proposta pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP), da Secretaria de Estado da Educação do Estado de São Paulo: sensibilização (um dia, 8 horas), treinamento (curso de 5 dias), acompanhamento e avaliação. O curso abrangeu conteúdos diretamente relacionados à sexualidade (como anatomia, fisiologia, reprodução e contracepção), mas também os valores, atitudes e posturas pessoais sobre a própria sexualidade dos participantes.

O relato do Doc. 23 (GONÇALVES, 1998) mostra na descrição de seu primeiro projeto, um curso de sensibilização de 20 horas, complementado por outro de 40 horas, ministrados aos professores que se interessaram pelo desenvolvimento das atividades de Educação Sexual na escola. A seguir, refere que aconteciam supervisões. No segundo projeto, a sensibilização tinha de 16 a 20 horas, sem o curso complementar, e a continuidade também se processava através de supervisões, completando, no total deste projeto, 14 meses de formação. A seleção dos dois projetos aconteceu através de avaliação de respostas a questionários enviados aos professores a partir dos seguintes critérios: a escola dispor de uma hora semanalmente para as aulas sobre o tema; o professor ter tempo para as supervisões

posteriores; interesse do professor pelo tema; no primeiro projeto, uma dramatização completou o processo seletivo.

Este documento revela uma concepção de que, no processo educativo, por melhor que seja o curso e que utilize estratégias dinâmicas que estimulem a participação, só ele não é suficiente para garantir a mudança de comportamento do professor/educador e a abordagem formal da Educação Sexual. É necessário um processo continuado, no caso, possibilitado pelas supervisões, que o ajude a reelaborar o que aprendeu e lhe possibilite, no cotidiano escolar, viabilizar este aprendizado.

Por último, o Doc. 39 (OLIVEIRA, 1994) apresenta um curso de capacitação realizado em 29 encontros semanais, no espaço de um ano letivo, com inscrição voluntária dos interessados e preenchimento de um questionário. Depois havia uma entrevista grupal em que eram considerados no processo de seleção: o interesse da escola e do professor, a disponibilidade de carga horária deste, além de critérios relativos à sua postura. Este curso procurou desenvolver um trabalho educativo de caráter reflexivo, centrado em atividades grupais, buscando formar um profissional com perfil reflexivo, crítico e autônomo. Fez uma opção por trabalhar dentro de uma “pedagogia situada”, baseada no real cotidiano da sala de aula, nas diferenças existentes entre os alunos, através de um ensino não só ligado aos saberes científicos mas também ligado às intuições e sentimentos. O curso era condição para que o professor pudesse iniciar o trabalho com os alunos. Assim, havia proximidade entre teoria e prática, que se misturavam num processo de ação-reflexão-ação.

A estrutura teórico-metodológica deste curso apresenta vários elementos inovadores para uma ação pedagógica na área: descentralização e compartilhamento do poder decisório na definição da organização curricular; flexibilidade dos planejamentos; condução do ensino na direção dos interesses específicos dos professores; a valorização de sua “bagagem de vida” numa interação entre as dimensões pessoais e profissionais; reconhecimento do sujeito da formação como um ser humano integral; proximidade entre teoria e prática na condução do ensino e a opção, principalmente, por modos de ensino experienciais que privilegiam a auto-reflexão. Esta estrutura tem vários pontos de contato com os grupos de discussão e com as

oficinas, uma ação pedagógica que prima pelas vivências, dinamicidade e participação mais direta e ativa dos participantes.

A oficina foi a ação pedagógica mais utilizada nas pesquisas deste foco temático: cinco produções referidas pelos Docs.: 24, 26, 31, 44 e 54. Foram usadas, às vezes, de forma breve, como no Doc. 26 (GUIMARÃES, I., 1989): um dia com 8 horas de atividades grupais para sensibilização de participantes sobre a questão da sexualidade na escola, em função de um projeto; em outras, em períodos mais longos como no Doc. 31 (MACENA, 2001), em que as 24 horas da oficina compuseram a intervenção educativa de formação com os professores. Os documentos não relatam detalhadamente como se processou esta ação pedagógica, porém, o Doc. 31 refere que, após a oficina, as atividades dos professores foram acompanhadas, através de observação, por dois meses.

Apenas dois trabalhos intitularam sua ação pedagógica como supervisão: os Docs. 19 (FIGUEIRÓ, 2001) e 23 (GONÇALVES, 1998). No primeiro, a supervisão foi oferecida em grupos quinzenais a professores que já haviam participado de um grupo de estudos, com 3 horas de duração, em dois momentos: o primeiro realizando reflexões tendo por base leituras teóricas prévias; o segundo constituiu-se na supervisão propriamente dita, a partir do trabalho desenvolvido pelo professor. O relato do Doc. 23 informa que, após a participação em um curso, foram realizadas supervisões, com duração e periodicidade de 4 horas semanais.

A assessoria foi utilizada enquanto ação pedagógica em três documentos: 7, 14 e 50. No Doc. 14 (DE LA OSSA IZQUIERDO, 1992), dentro do propósito do autor de auxiliar tecnicamente, a partir de seus conhecimentos especializados no assunto, a assessoria buscou alcançar mudanças de concepções e práticas da professora investigada. Ainda neste documento, é relatado o único caso, dentre as 65 produções identificadas, em que o pesquisador acompanha individualmente um sujeito observando suas atividades com os alunos, por um semestre. A esta assessoria acrescenta entrevistas quinzenais com a professora, quando vai intervindo em suas ações e concepções sobre sexualidade. No Doc. 7 (CARVALHO, 1997) a assessoria foi oferecida no segundo projeto apresentado. A pesquisadora ficava à disposição do professor que buscava orientação a partir de uma

situação-problema vivenciada por ele com os alunos, geralmente ligada à sexualidade (era oferecida assessoria também em questões de relacionamento interpessoal e dificuldades de aprendizagem).

Uma síntese das 18 investigações relacionadas a este foco mostra que de 1977 a 1993 as produções são bastante espaçadas e pouco significativas quantitativamente. Após 1994 tornam-se constantes, porém, com um ou dois trabalhos ao ano, o que não permite uma avaliação da evolução das investigações relacionadas à pós-graduação neste foco. Denota, por outro lado, o pequeno interesse oficial em estar formando continuamente os profissionais para esta abordagem, o que implica na não implantação da Educação Sexual e, portanto, numa possibilidade de fracasso das diretrizes oficiais no que se refere a este tema transversal. Três tendências são encontradas nos relatos das investigações deste foco temático.

Uma primeira tendência, encontrada na maioria das pesquisas classificadas no foco da formação continuada, é estar investigando o que impede ou dificulta a efetivação da proposta de trabalhar com Educação Sexual nas escolas. O primeiro achado é a falta de preparo dos professores/educadores, o que tem várias implicações: pessoais, científicas, institucionais e, mesmo, oficiais, uma vez que as políticas públicas são insuficientes para garantirem a formação continuada para a abordagem da temática. Como as dissertações e teses deste foco datam dos últimos cinco anos, isto valida ainda hoje as dificuldades apontadas. O despreparo do professor/educador vai repercutir na sua postura pessoal e profissional e na sua prática com os educandos. Os autores ressaltam a importância de, na graduação universitária, incluir a Educação Sexual na formação dos alunos para que, futuramente, no exercício profissional, encontrem-se preparados para abordar a temática.

A segunda tendência apresenta programas e projetos desenvolvidos com o objetivo de formar os professores/educadores. Conforme o relato dos autores, estes programas e projetos procuraram possibilitar aos profissionais um espaço para o auto-conhecimento nas dimensões pessoal e profissional, desenvolvido a partir de encontros grupais em que o trato das questões relacionadas à sexualidade acontecia de forma aberta, dialogal, tendo por base as relações de confiança e troca entre os participantes. Neste ambiente educativo foi percebido o interesse e

empenho dos professores/educadores em adquirir conhecimentos específicos e também rever suas ações e concepções. Autores afirmam a necessidade de que a reflexão sobre a Educação Sexual envolva toda a escola para que a abordagem ao tema seja realizada de forma satisfatória.

A terceira tendência é formada pelas produções acadêmicas de pós-graduação que relatam ações pedagógicas na formação dos professores/educadores. A grande maioria delas foi desenvolvida através de programas e projetos referidos na segunda tendência e, por isso, realizadas no coletivo, em processos grupais. A ação pedagógica que toma o grupo de discussão/estudo como referência é realizada por um tempo que, apesar de variar nos relatos dos autores, é constante e prolongado, possibilitando o desenvolvimento do processo grupal. Este processo, na formação de professores/educadores para abordagem da Educação Sexual, é, dentre as ações pedagógicas, o mais eficaz. Outras ações pedagógicas como a supervisão e a assessoria são, muitas vezes, consequência de um processo coletivo anterior que pode ter sido realizado através de outras ações como: grupos de discussão/estudo, grupos focais, oficinas ou cursos.

Dentre as ações pedagógicas, a mais significativa numericamente é a oficina. Há relato de sua utilização para sensibilização ou realização de atividades educativas sobre a temática, porém as produções não as detalham. Os grupos de discussão/estudo também aparecem significativamente, sendo relatados em trabalhos em que, tanto a dimensão pessoal da sexualidade quanto a dimensão profissional foram enfocadas. Pesquisas reforçam que o espaço grupal oferecido ao professor/educador para expor suas idéias, valores e sentimentos o leva ao auto-conhecimento e ao aprendizado de saber lidar com suas dificuldades pessoais e profissionais na abordagem da Educação Sexual, além da possibilidade da troca com os demais participantes. No processo grupal, a reflexão é o principal instrumento utilizado na formação continuada.

Os cursos são tão expressivos numericamente quanto os grupos de discussão/estudo. Todos tiveram por objetivo não só abordarem o aspecto informativo, mas também a formação

dos professores/educadores, buscando provocar mudanças não só no conhecimento mas também nas atitudes pessoais dos participantes em relação à sexualidade humana.

A ação pedagógica caracterizada como grupo focal é pouco expressiva numericamente. Apesar de ser realizada de forma coletiva e de atingir os objetivos dos autores das produções, é operacionalizada em poucos encontros, não tendo continuidade processual.

Tanto a assessoria quanto a supervisão aparecem em um número bastante reduzido de trabalhos, tendo pouco significado quantitativo em relação às outras ações pedagógicas. O relato das supervisões mostra que as mesmas foram desencadeadas após a efetivação de uma outra ação (curso ou grupo de estudo).

Em síntese, dentre todas as ações pedagógicas relatadas nas produções e classificadas no foco da formação continuada, as que apontam resultados mais eficazes em relação ao que se propõem – formar professores/educadores para a abordagem da Educação sexual na escola – são as que foram desenvolvidas através de um processo coletivo e continuado de reflexão.

### **Foco Características, Concepções/Representações e Práticas Escolares**

O foco temático 3: Características, Concepções/Representações e Práticas Escolares é o que aglutina o maior número de pesquisas. São 48 (73,8%) trabalhos identificados pelos Docs.: 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 37, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64 e 65.

Estão classificadas neste foco as produções que investigaram de maneira ampla ou restrita as concepções/representações dos professores/educadores relativas a aspectos particulares das questões e temas da sexualidade humana, incluindo como estes percebem a necessidade e a importância da abordagem da Educação Sexual dentro do contexto escolar. Encontram-se ainda referidas as pesquisas que contêm concepções/representações dos profissionais sobre a relação e a participação da família no trabalho com esta temática e concepções/representações da sexualidade do próprio professor/educador.

Também estão incluídas neste foco temático as pesquisas que apontaram as características necessárias aos professores e educadores para o trabalho com Educação Sexual nas escolas, ou que estudaram as posturas profissionais e as práticas pedagógicas e escolares desenvolvidas pelos mesmos na sala de aula ou na escola. Constam ainda os estudos sobre as expectativas dos professores/educadores quanto à formação para o trabalho com Educação Sexual.

Compõem este foco 42 dissertações de mestrado, uma tese de livre-docência e 5 de doutorado. Foram defendidas, principalmente, na USP (8 trabalhos) e na PUC-RS (seis), seguidas da UNICAMP, UFRGS, UFSCar e PUC-SP, ambas com 3 produções. As demais dissertações e teses encontram-se divididas entre as outras instituições de ensino superior, com um ou dois trabalhos cada uma.

Em relação ao ano em que foram defendidas, as produções acadêmicas deste foco temático têm seu grande pico em 2001, sendo que os trabalhos nos dois últimos anos investigados respondem por, aproximadamente, 23% das 65 produções acadêmicas identificadas sobre o tema. Neste foco temático o primeiro trabalho é do início da década de 80, na qual foram defendidas 4 produções. Desde 1989, a elaboração de dissertações e teses neste foco tem sido constante. À exceção de um pico em 1992, até a metade da década de 90 a produção é pouco expressiva numericamente. A partir de 1995 há um pequeno aumento que torna-se mais significativo a partir de 1998. Pela distribuição dos trabalhos é possível afirmar que há uma tendência de crescimento nas pesquisas que investigam as características, concepções/representações e práticas escolares dos professores e educadores que abordam a Educação Sexual nas escolas.

As produções acadêmicas privilegiaram, em relação aos níveis escolares, as dissertações e teses classificadas no item Geral (13 trabalhos). Se forem aglutinados os níveis correspondentes ao ensino de 1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries (EF1, EF2 E EF) são 22 os trabalhos encontrados, sendo 11 deles direcionados ao ensino de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries (EF2), 8 abrangendo o conjunto das oito séries (EF) e somente 3 produções voltadas para as séries iniciais (EF1). No ensino médio foram classificados 8 trabalhos. A educação infantil e a educação superior são responsáveis, cada uma, pelas investigações em seis dos trabalhos deste foco.

As pesquisas classificadas neste foco têm dois grandes interesses em relação a temas. O primeiro refere-se à DST/AIDS, com nove produções acadêmicas, sendo que duas associam também suas investigações à questão das drogas e uma à adolescência. O segundo, quatro trabalhos que investigam a Educação Sexual para deficientes mentais (Docs. 13, 22, 37 e 46). Além destes dois focos de interesse aparecem produções que investigam relações de gênero (um associado ao estudo de livros didáticos), prazer e erotismo na Educação Sexual, sexualidade e gravidez, a questão da corporeidade, entre outros temas. A maioria, porém, realiza suas pesquisas sobre as representações dos professores/educadores a partir de questões de abrangência geral como, por exemplo, a sexualidade humana, a sexualidade infantil e da criança e como os professores e educadores compreendem suas manifestações, a sexualidade dos adolescentes, o desempenho do professor no processo de Educação Sexual, e o interesse e as expectativas dos profissionais em relação à Educação Sexual no contexto escolar.

Neste foco temático há produções que investigam concepções/representações também de alunos, além dos professores e educadores. Dois trabalhos envolvem alunos de graduação em Medicina, um com os alunos de Enfermagem e outro com alunos da Pedagogia. Há dois trabalhos de investigação das concepções/representações de alunos do ensino médio: um referente ao curso técnico profissionalizante de Enfermagem e outro com alunas de habilitação ao magistério de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries. Tais investigações têm relevância no contexto dos objetivos deste estudo pois estes alunos serão futuros profissionais que poderão trabalhar com o tema sexualidade/Educação Sexual.

As produções identificadas neste foco temático também estão apresentadas por tendências de forma a facilitar a análise dos dados. A primeira refere-se às dissertações e teses que em suas pesquisas apresentam características pessoais e idiossincráticas do professor/educador. A segunda aborda as posturas profissionais, as práticas pedagógicas e escolares que foram apresentadas e as expectativas dos professores quanto à sua formação para o trabalho com Educação Sexual. A terceira tendência diz respeito às investigações realizadas sobre as concepções/representações dos professores/educadores sobre a abordagem da Educação Sexual na escola e sobre questões e aspectos da sexualidade humana, incluindo as referentes à sexualidade do próprio professor/educador. Cabe ressaltar que, no entanto, estas

tendências estão intrinsicamente relacionadas e que, muitas vezes, tornou-se difícil a separação, pois, por exemplo, quando o professor/educador aponta características ou revela suas posturas e práticas suas representações estão presentes.

## **1. Características do professor/educador para abordagem da Educação Sexual**

São poucos os documentos em que as pesquisas apontam características que devem compor o perfil do professor/educador para a abordagem da Educação Sexual no contexto escolar. O Doc. 8 (CHAGAS, 1990) direcionou sua atenção, especialmente, para esta tendência. Seu resumo informa que a autora procurou caracterizar pessoal e profissionalmente o educador de saúde que trabalha com Educação Sexual. As demais produções que abordam as características do professor/educador para a abordagem com o tema não têm estas como a principal tendência de sua pesquisa neste foco temático. Apesar disto, selecionei alguns documentos que tratam destas características.

Geralmente elas apontam para aspectos pessoais e altamente subjetivos como, por exemplo, a feminização da Educação Sexual. Isto pode ser constatado no Doc. 25 (GUIMARÃES, C., 1992): ser séria, compreensiva, mulher ou de qualquer sexo, com aspecto bom e ser “neutro” para não haver risco de inculcar seus valores; no Doc. 65 (XAVIER FILHA, 1998): que seja mãe ou que tenha um equilíbrio mental e psicológico; e no Doc. 3 (BARROSO, 1999) em que, mesmo os homens atribuem a Educação Sexual às professoras mulheres. O fato do desenvolvimento do trabalho com Educação Sexual ser visto como ligado ao sexo feminino, por um lado, demonstra ter sobre o profissional que o faz uma compreensão subjetiva discriminatória em relação ao gênero. Por outro, desconsidera a competência profissional de ambos os sexos para esta abordagem.

Também aparecem referências quanto à necessidade do professor/educador possuir como relatado no Doc. 20 (FILGUEIRAS, 1999): relativo equilíbrio emocional no trato das questões sexuais; no Doc. 51 (SCHUSSEL, 1982): possuir amadurecimento psicológico e afetivo e ser amigo dos alunos.

Como bem sinalizado pela autora do Doc. 65, a caracterização de educador sexual que os professores/educadores possuem é de alguém muito bem resolvido “*equilibrado, preparado, que não tenha medos, dúvidas, contradições, além de serem libertos de culpas e preconceitos*” (XAVIER FILHA, 1998, p. 95-96), portanto, alguém “neutro”. Como isto não é possível, a formação do professor/educador deve possibilitar, ainda segundo a autora, espaços de trocas, estudos, reflexões, uma reeducação sexual de todos, pois só o diálogo e a reflexão ajudarão a elaborar a ansiedade, o medo e a curiosidade em relação à sexualidade.

Nos documentos que apresentam características do profissional para o trabalho com o tema, dois apontam o que seria o papel do educador sexual. O Doc. 3 afirma que seria fornecer informações e conhecimentos, mas, igualmente, propiciar reflexões e discussões. Estas últimas atribuições também são confirmadas pelo Doc. 65 que ressalta o diálogo, afirmando ainda que o professor/educador deve ser um desequilibrador e problematizador.

## **2. Posturas e práticas escolares relatadas nas pesquisas**

A Educação Sexual ocorre de maneira explícita ou implícita em todas as escolas. Nas posturas e práticas pedagógicas todos os profissionais da escola emitem constantemente valores, conceitos e preconceitos em relação à sexualidade humana, ainda que nem sempre reconheçam fazê-lo. O Doc. 1 (BANZATO, 1998) relata que em vários professores há uma distância entre como consideram a sexualidade e como, efetivamente, ela é por eles considerada nas práticas educativas que realizam. Para a autora deste documento, de maneira geral, como o tema sexualidade em sala de aula desperta medo, sentimentos de despreparo, desamparo, vergonha, insegurança e falta de confiança nos professores, os próprios valores destes passam a nortear as suas ações em relação ao tema. Quase todos lidam com as manifestações da sexualidade relacionadas a como vivenciam a própria sexualidade, sem propiciar a reflexão necessária e possibilitadora da tomada de consciência. Além disto, segundo a autora, na sua prática os professores/educadores lidam com a sexualidade dos alunos como os vêem: como objetos de suas ações e, neste caso, a preocupação não é em ouvi-los mas transmitir-lhes informações.

Além disto, a forma pedagógica como os professores/educadores abordam a Educação Sexual também está diretamente relacionada com o lugar subjetivo de professor e de alunos e as posturas que adotam. O Doc. 30 (LIMA, 1995) afirma que a forma fragmentada como os professores/educadores consideram os alunos em que os “problemas pessoais” dos mesmos são considerados alheios às questões pedagógicas compromete sua prática. Por isso, considera que para o professor atuar conscientemente a partir do seu papel é necessário que, além da capacitação, ele possua recursos que possibilitem o “saber fazer”, o que remete à formação.

Parte significativa dos documentos deste foco temático referem-se ao despreparo dos professores e educadores para trabalhar com temas da sexualidade humana. O Doc. 40 (PARRÉ, 2001) relata que dos professores/educadores investigados em seu estudo, 1/4 desconhece a proposta de Orientação Sexual dos PCNs, a metade não iniciou o trabalho com o tema e a maioria não recebeu qualquer formação para poder fazê-lo.

A falta de preparo é considerada como podendo levar à perpetuação daquilo que a quase totalidade conheceu e vivenciou, a repressão, pois a mesma Educação Sexual recebida, na falta de uma formação adequada tende a ser repassada pelo professor/educador. O Doc. 2 (BARCELLOS, 1992), em outras palavras, afirma que este despreparo provoca interferências do privado no público, ou seja, uma mistura entre o que é da esfera pessoal do professor/educador com projeções desta no coletivo da sala de aula, da escola. Este autor vai mais além: constata a dificuldade encontrada nos professores para trabalhar a Educação Sexual a partir dos alunos, dos seus saberes. Como o seu estudo foi realizado com professores que haviam cursado programas de Educação Sexual, o autor do trabalho constata que, nas salas de aula, agem cada qual a sua maneira, o que leva ao questionamento de como estaria sendo efetivada esta formação e de quão séria é a questão.

Este mesmo autor, após várias observações realizadas em diversos espaços da escola, incluindo os alunos no recreio onde, segundo ele, Eros se movimenta, constata que este “movimento dos alunos” (a energia do prazer) não é visto como natural pelos professores/educadores. Desta forma, assumem posturas inadequadas para exercerem o “controle” sobre as atividades manifestas.

Esta inadequação para trabalhar misturando seus próprios valores na abordagem do tema também é afirmado no Doc. 16 (DUARTE, 2001) sendo que este complementa referindo que em sua investigação constatou que há relação entre o desempenho dos professores que abordam a Educação Sexual e sua religião, valores, credences, preconceitos e tabus sexuais.

O Doc. 27 (KASSUGA, 2000) relata que alguns professores revelam-se dispostos e abertos para trabalhar questões de sexualidade, mantendo uma relação de diálogo e confiança com os alunos. Mas, em vários outros profissionais a autora percebeu uma preocupação em controlar/cerrear a sexualidade dos educandos. Esta prática foi observada através da fala dos professores e educadores em que houve negação e omissão frente a perguntas/atitudes dos alunos; fuga de situações, encaminhando o problema para outros setores da escola; mensagens de proibição/interdição.

Este mesmo documento investiga a relação sobre sexualidade, gênero e livro didático. Segundo a pesquisa, nos livros didáticos predomina o viés biologicista, com desenhos fragmentados do corpo humano e “cortes” de difícil entendimento, com imagens que freqüentemente contribuem para a manutenção de estereótipos e desigualdades entre homens e mulheres, em que raramente são tratadas as relações e interações afetivas e o prazer, e ainda, se as mensagens de cunho discriminatório não são percebidas pelos professores nos livros didáticos, o que esperar das suas posturas e práticas escolares? A não percepção destes aspectos denota uma consciência crítica ainda em formação, não sensibilizada para o trato com as questões da sexualidade humana, carecendo de reflexão para que possa ser ampliada.

A autora do Doc. 61 (VEIGA, 1996) afirma que sexualidade e Educação Sexual não vêm sendo abordadas com naturalidade e objetividade pela escola, sendo necessário resgatar o prazer, o afeto e o desejo nesta abordagem. Constata também que a prática dos professores na sala de aula mostra uma visão reducionista e simplificadora sobre o sexo, privilegiando, quando da abordagem da Educação Sexual, um enfoque biologicista e higienista, sem a amplitude que a questão da sexualidade humana tem. Isto também foi relatado em outros documentos, tais como: 1, 2, 13, 26 e 27. Trabalhar dentro deste enfoque, em que predomina o

discurso do medo e da doença, é uma postura que, com certeza, compromete a eficácia dos trabalhos na área.

Um desmembramento do reconhecimento pelos professores/educadores do seu despreparo para a abordagem do tema na prática escolar é a favorabilidade por eles demonstrada de que a Educação Sexual seja incluída nos cursos de formação/graduação, o que é tratado nos documentos de números: 3, 7, 20, 46, 50, 52, 55, 56 e 65. Segundo, por exemplo, o Doc. 7 (CARVALHO, 1997), na formação do professor o trabalho docente ainda é caracterizado formalmente e descontextualizado das situações concretas da escola e da sala de aula. Sem trabalhar a partir da realidade e, sim, com um enfoque priorizando o teórico, o professor/educador tende a não ser adequadamente preparado para a abordagem da Educação Sexual.

Outro desmembramento da constatação deste despreparo é relatado no Doc. 20 (FILGUEIRAS, 1999): o reconhecimento pelos professores e educadores da necessidade de reverem seus conceitos pessoais (religiosos, morais, sociais, culturais, psicológicos, biológicos) para melhor poderem agir pedagogicamente e não passarem seus preconceitos em relação à vivência da sexualidade para os alunos. A partir deste reconhecimento, nos Docs. de números 5, 13, 22, 26, 30, 46, 51 e 65 os profissionais sugerem formas de reverem seus conceitos. Entre eles cito o Doc. 5 (BUENO, 2001) em que alguns professores reivindicam que sejam efetivadas ações e intervenções educativas para atender suas necessidades nesta área; e o Doc. 13 (DALL'ALBA, 1992), que propõe a formação de grupos de estudo com profissionais que trabalham na escola.

Dentro da análise das posturas do professor/educador, o Doc. 25, que realiza estudo com futuras professoras de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries, relata que a quase totalidade acha que as perguntas dos alunos devem ser respondidas com honestidade, mas a metade tenderia a evitar explicações, pois, segundo elas, isto aguçaria precocemente a curiosidade das crianças. Esta justificativa traz embutida uma negação da sexualidade infantil, que também é evidenciada no Doc. 48 (SALLA, 2001). Na verdade, o professor/educador sente-se dividido: quer fazer algo, mas se sente incapaz e não sabe como. Ou ainda, no dizer do Doc. 30 (LIMA, 1995), divididos

entre o falar e o calar, com medo de não conseguirem manter a disciplina. Por falta de formação e informação desconhecem que a verbalização daquilo que está oculto, proibido e é parte indissociável de todo ser humano, é capaz de possibilitar aos educandos desenvolverem-se globalmente enquanto pessoas e cidadãos, contribuindo, inclusive, no processo de aprendizagem.

Apesar dos avanços nos depoimentos de professores/educadores em relação ao conflito preconceito-solidariedade, os Docs. 30, 33 e 43 constataram que a postura preconceituosa em relação aos homossexuais é ainda muito forte. Por conseguinte, o professor/educador encontra dificuldades para tratar deste tema e também da AIDS. Talvez, por isso mesmo, seja significativo o número de pesquisas que neste foco temático tratam deste assunto: nove (quase 20%). Estes dados reforçam a posição de alguns autores, entre eles o do Doc. 43 (PERIM, 2000), quando afirma que é provável que a Educação Sexual esteja sendo efetivada, mais dentro de uma concepção tradicional, reproduzindo padrões conservadores para manutenção de valores e papéis, do que sendo direcionada para uma prática libertária.

Outro ponto com o qual concordam alguns autores é quanto aos estereótipos e relações de gênero que permeiam a educação escolar. Estas são abordadas em três documentos de números: 33, 61 e 65, defendidos, respectivamente, em 2000, 1996 e 1998, portanto, todos recentes. Os estudos sinalizam que os professores/educadores ainda tendem a abordar a Educação Sexual de forma desigual para ambos os sexos, perpetuando, com esta prática, a discriminação e os estereótipos.

### **3. Concepções/representações dos professores/educadores**

As produções acadêmicas que tratam das concepções/representações dos professores e dos educadores, constituem a terceira e a maior das tendências em que foram alocadas as dissertações e teses deste foco temático. Foram investigadas a partir do interesse de cada autor podendo ser identificadas, entre outras, as concepções/representações sobre educação, Educação Sexual, sexualidade humana, a sexualidade do próprio professor/educador, sobre a família, a escola e a sexualidade, deficiência mental e Educação Sexual, sexualidade infantil e

alguns temas específicos como: DST/AIDS, drogas, passando ainda por questões como homossexualismo e gênero.

Quanto às concepções/representações da própria sexualidade dos professores e dos educadores, o Doc. 2 (BARCELLOS, 1992) constata que estes desconhecem vários aspectos sobre sexualidade, o que implica não só no despreparo destes profissionais, mas também na necessidade que a implantação da Educação Sexual seja complementada por estudos, diálogo e reflexão. Na percepção que os profissionais têm da própria Educação Sexual que receberam na escola, o Doc. 61 (VEIGA, 1996) relata que esta trabalhava com valores morais socialmente aceitos e não permitia a abordagem do tema. Com certeza, isto contribuiu para as dificuldades do professor/educador no trato com seus alunos.

No Doc. 25 (GUIMARÃES, C., 1992), em que são investigadas futuras professoras num curso de habilitação ao magistério, a sexualidade é vista por elas no seu aspecto individual em que o relacionamento com o corpo aparece, entre outros, através do cuidado com a beleza e o desempenho de papéis. Já as concepções das professoras relatadas no Doc. 60 (STOLL, 1994) são consideradas ambíguas, heterogêneas e suscetíveis às influências sociais e culturais do contexto no qual as escolas se inserem, em relação à sua própria sexualidade e corporalidade, bem como à sexualidade e corporalidade das crianças. A percepção da corporeidade em professores também é estudada no Doc. 36 (MELO, 2001) que constata a necessidade urgente de ressignificá-lo a partir de uma educação que resgate a corporeidade como uma expressão básica de cidadania e de direitos humanos.

Como pontuado no Doc. 3 (BARROSO, 1999) a sexualidade para os professores e educadores parece não ter uma concepção integrada, pois muitas vezes encontra-se desvinculada de aspectos afetivos. Esta autora ainda afirma, que para compreender como vivenciam sua sexualidade é preciso que os professores/educadores reflitam sobre suas posturas em relação aos alunos.

Os documentos 13 (DALL'ALBA, 1992) e 15 (DIAS, 2000), por sua vez, revelam que a concepção de sexualidade para os professores/educadores encontra-se ao nível do senso

comum, reproduzindo a concepção e os valores da sociedade atual. Já o Doc. 14 (DE LA OSSA IZQUIERDO, 1992) aprofunda um pouco mais a questão, mostrando que a concepção de sexualidade da professora investigada está centralizada no ato sexual. Esta confusão referida entre sexo e sexualidade também é relatada nas pesquisas dos autores dos Docs. 28, 52 e 61.

No estudo efetivado pelo Doc. 32 (MANFRIM, 1991), a maioria dos professores preocupava-se com assuntos de natureza sexual, mas não se sentiam na obrigação de falar disto com os alunos. Já no Doc. 46 (RIBEIRO, H., 1995), os professores/educadores que lidavam com deficientes mentais ainda consideravam a sexualidade um tabu. No Doc. 59 (SODELLI, 1999), a autora discute a idéia de que a existência de profissionais que se dispõem a falar sobre temas de sexualidade humana e de outros que não o fazem, deve-se a própria dificuldade que os professores/educadores têm em falar sobre sexualidade. Na verdade, como as concepções dos professores não tiveram espaço para serem trabalhadas, boa parte deles procura se omitir verbalmente. Quando o fazem, predomina uma representação da sexualidade humana bastante reducionista e atrelada ao sexo orgânico, desprezando os aspectos sociais, políticos e culturais, como ressalta o Doc. 48 (SALLA, 2001).

Outra concepção dos professores relatada nos trabalhos é que crianças pequenas são ingênuas, assexuadas e, portanto, a sexualidade não está presente. Isto aparece nos Docs. 13, 25, 37 e 49. No Doc. 49 (SAMPAIO, 2001) a autora verifica que como a representação da AIDS está relacionada a grupos marginais e práticas sexuais consideradas perversas, a AIDS torna-se incompatível com a imagem da criança inocente e assexuada existente no imaginário social, o que a desprivilegia nas ações de prevenção da doença. Esta representação da sexualidade nas crianças pode ser uma das explicações para o pequeno número de pesquisas, principalmente, no ensino fundamental de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries, mas também na educação infantil.

A concepção/representação do que é Educação Sexual para os professores e educadores aparece no Doc. 3 (BARROSO, 1999) como “formação/informação dos problemas sexuais dos jovens”, seguida de “educar para a vida, valorizar a vida”. Esta autora constata que embora a grande maioria dos profissionais se declare favorável à Educação Sexual na escola,

nem todos pretendem assumir esta função. E ainda, que quando a escola realiza alguma ação não mantém sua continuidade.

O Doc. 25 (GUIMARÃES, C., 1992) informa que os sujeitos investigados em seu estudo consideram não haver Educação Sexual na escola pelo fato de não percebê-la no discurso formal. Já o Doc. 7 (CARVALHO, 1997) verifica que os professores/educadores concebem a escola ainda lidando com a temática de forma a dar-lhe invisibilidade. Acredito que esta concepção explica, em parte, o que foi constatado no documento anterior.

O doc. 26 (GUIMARÃES, I., 1989) relata que os professores e educadores, na prática, concebem a Educação Sexual entre outros aspectos, como devendo começar na escola assim que a criança entra, ser trabalhada como algo normal da vida, a partir da elaboração de um programa com conteúdo amplo e abrangente, acontecer num ambiente de aceitação e confiança e num clima de reciprocidade, de abertura.

O espaço escolar também é representado neste documento como desatualizado, com aspecto conservador e repressor, perpetuando mecanismos repetitivos e controladores que poriam em risco a abordagem adequada da Educação Sexual. Segundo esta pesquisa, a escola precisa mudar e o desafio transformador é partir sempre dos interesses e necessidades dos alunos.

Na verdade, na prática, o estímulo dado pela escola ou a sua ausência, são determinantes na implantação de projetos e/ou abordagens da Educação Sexual pelos diversos docentes. Como a escola é uma instituição social, condicionada histórico-culturalmente e, como todas as outras, composta por pessoas que são responsáveis por sua organização e direção, é necessário que estas também sejam sensibilizadas para que se possa, ainda que passo a passo, reverter essa situação representada pelos professores/educadores.

Já no Doc. 61 (VEIGA, 1996), a representação expressa pelos professores e educadores é que, ao passar a idéia de afeto, já estão trabalhando com Educação Sexual. Por outro lado, este mesmo documento afirma que muitos dos sujeitos pesquisados concebem a família como

continuidade da escola, o que implica, segundo estes, em que os conhecimentos sobre Educação Sexual devam ser atribuições de ambas. A primeira parte desta concepção dos sujeitos não deixa de ser preocupante considerando que a identificação da escola com a família pode significar em perda da autonomia da escola para tratar a sexualidade de forma ampla e crítica em todas as suas dimensões, o que nem sempre é compreendido pela família.

No estudo deste mesmo documento, que foi realizado em 1996, ainda é encontrada em vários professores/educadores a constatação que as informações sobre sexualidade devem ser dadas quando solicitadas e dentro do que foi perguntado. Quanto a abordar na Educação Sexual questões relacionadas ao gênero esta autora refere que, apesar da maioria achar importante tratar esta questão na escola, alguns professores/educadores não sabem sequer porque seria importante abordá-la.

Em outro documento, o Doc. 65 (XAVIER FILHA, 1998), encontram-se professores/educadores que consideram que meninos e meninas devem receber a mesma Educação Sexual, porém, separadamente. Esta mesma autora relata que no currículo em ação os educadores, sem um diálogo franco, repassam suas representações, que ainda são muito conservadoras, para que os alunos formem e construam suas próprias representações de sexualidade. Como a autora afirma, a ausência do diálogo impede que o exercício da reflexão ajude a elaborar a ansiedade, o medo e a curiosidade relacionados ao tema. Isto traz o risco, já pontuado, que o professor/educador repasse seus próprios valores como verdades a serem seguidas.

Tomando agora alguns temas específicos tratados nos documentos desta terceira tendência, em geral, os professores parecem ter uma visão restrita da Educação Sexual na escola pois, como relata o Doc. 3, priorizam como mais relevantes os temas sobre controle da gravidez e a prevenção em DST/AIDS, questões estas diretamente relacionadas à saúde-doença, portanto, dentro da possibilidade, já sinalizada, de trabalharem numa concepção biologicista. Outros temas ficam relegados a segundo plano. Apesar de alguns estudos constatarem que os profissionais apresentam conhecimentos corretos e atualizados sobre a AIDS, o Doc. 64 (WUO, 1998) relata que o conhecimento dos professores está mais ligado ao

histórico da doença, numa visão abstrata e teórica sobre o HIV/AIDS, com baixa frequência dos conceitos de prevenção e com predomínio da representação de que a AIDS é uma doença restrita a um grupo de pessoas (de risco). Este mesmo documento afirma que as representações dos profissionais sobre os programas de prevenção do HIV/AIDS os consideram como de responsabilidade da escola, porém é percebido pelos professores/educadores que sua primeira função é informar, ficando em segundo plano a educação e a prevenção. A consequência disto é que o processo educativo não se efetiva.

O Doc. 33 (MARCHI, 2000) relata que a metade dos professores/educadores investigados no estudo representam a homossexualidade como uma forma patológica e/ou desviante de sexualidade e que há nisto uma mistura com valores religiosos. Tal realidade figura-se mais grave quando se verifica que este estudo foi realizado recentemente. Este mesmo documento ainda relata que, em geral, os profissionais não consideram que a vida sexual pode ser positiva para o ser humano; são contrários à opção pela atividade sexual nos adolescentes; a quase totalidade tem posturas autocráticas em questões de gênero, principalmente no “ficar”, com presença de estereótipos e discriminações, posturas estas também percebidas na questão da AIDS. A autora conclui afirmando que as representações das docentes estão distantes dos princípios e orientações veiculadas nos PCNs para o trato com a sexualidade.

A falta de informação é outro aspecto que foi verificado, especialmente, nos docs. 3, 28, 51, 52, 56 e 57 em algumas questões respondidas pelos profissionais. O Doc. 51 (SCHUSSEL, 1982) afirma que a fala de todos os professores de Ciências Biológicas tende para abordar a Educação Sexual pela informação. Tal constatação é preocupante, considerando que, pedagogicamente, informar não implica em educar e que os estudos apontaram para a falta de informação do professor/educador. Dado semelhante encontra a autora do Doc. 52 (SILVA, E., 1997) quando todos os sujeitos por ela investigados respondem que o estudo sobre o tema foi insuficiente na graduação (Medicina), mas a maioria afirma que deve atuar em Educação Sexual nas escolas e instituições. Segundo a autora desta produção acadêmica, apesar de não se sentirem preparados para a abordagem do tema, estes futuros educadores não

conseguem avaliar tais carências e percebê-las, o que também constata a pesquisa do documento 56, com sujeitos da mesma graduação.

Por outro lado, o Doc. 7 (CARVALHO, 1997) observa que nas respostas às questões formuladas aos professores/educadores, cujo teor revelou as concepções/representações desses profissionais, foram constatadas inseguranças, incertezas, despreparo; foi também percebida a vontade de aprender, discutir, trocar, numa real abertura para a reflexão e a ação na grande maioria dos sujeitos. Situação idêntica também é reconhecida no Doc. 50 (SANTOS, 1999) quando constata, a partir do trabalho desenvolvido com os educadores, abertura ao encontro, ao diálogo, reelaboração de conceitos, posturas e atitudes.

Com respeito a quem deve abordar a Educação Sexual na escola, os documentos variaram bastante dependendo do ano em que foram defendidos. Apesar de ainda serem encontrados professores e educadores que afirmam que esta abordagem é da competência do professor de Ciências e/ou de especialistas da área da saúde (especialmente médicos e psicólogos), o que era comum antes de 1997, após este ano parte significativa dos profissionais acha que qualquer professor, desde que garantida a sua formação, pode fazê-lo. Na verdade, no cotidiano escolar qualquer um o faz, independente de ter ou não recebido formação para tal. No caso das escolas especiais (APAEs), o Doc. 22 (FREITAS, 1996) afirma que todos os técnicos devem estar envolvidos na tarefa desta abordagem sejam eles ligados mais diretamente à área da educação, da saúde ou social.

As relações escola/família/sexualidade, apontadas nos documentos de números 3, 32, 51 e 61, mostram que os professores/educadores concordam, em suas concepções, que a Educação Sexual deve integrar o grupo familiar à escola. Em alguns documentos, principalmente nos que tratam da questão dos deficientes mentais, aparece a importância de ser desenvolvida abordagem em Educação Sexual também com a família. Alguns autores chegam a pesquisar como os professores entendem a presença desta em relação à Educação Sexual e mesmo à sexualidade. No Doc. 1 (BANZATO, 1998) os professores representam a família como destituída de conhecimentos; o Doc. 61 (VEIGA, 1996), por sua vez, constata

que há idéias errôneas sobre sexualidade que permeiam a tarefa educativa tanto na família quanto na escola.

O despreparo dos professores/educadores torna-se mais acentuado ainda quando envolve portadores de necessidades especiais. Afirma o Doc. 13 (DALL'ALBA, 1992) que o preconceito em relação à sexualidade do deficiente mental impede a reflexão e gera no professor/educador medo de que as manifestações sexuais tornem-se incontroláveis. As concepções/representações dos profissionais apresentadas por esta autora revelam que os alunos que demonstram manifestações sexuais são considerados agressivos, com sensibilidade exacerbada, chegando mesmo os profissionais a percebê-los com um nível maior de desvio e defeitos de caráter, o que denota um desconhecimento da questão. Estas manifestações sempre são percebidas como um problema para a instituição e os profissionais que nela atuam. A autora ainda observa que, por considerá-los infantilizados em razão da deficiência, os professores também os consideram incapazes de entender e/ou sentir necessidades sexuais, no que são acompanhados pela família.

Em vários outros documentos, envolvendo sujeitos não-deficientes, também esta é a atitude da escola: encarar como dificuldade/problema, transgressão e indisciplina o que se relaciona à sexualidade.

Atitudes preconceituosas também são abordadas no Doc. 46 (RIBEIRO, H., 1995). Por isto mesmo, as produções acadêmicas que neste foco tratam desta relação – deficiência mental e sexualidade – concluem que a família também tem que ser trabalhada para que haja continuidade do processo de educação. Apesar dos professores/educadores de todos os quatro documentos de números 13, 22, 37 e 46 concordarem sobre a necessidade da Educação Sexual para os deficientes mentais, este autor relata que a representação de quase todos os profissionais veta este direito quanto a casar e ter filhos.

No Doc. 22 (FREITAS, 1996) que também trata da Educação Sexual dos deficientes mentais, os professores/educadores afirmam que a proposta desta abordagem, além de possibilitar a aquisição de informação e conhecimento sobre sexualidade aos alunos

contribuindo para o seu desenvolvimento global, ajudaria a encarar estas pessoas com mais naturalidade e integrá-las melhor na família e na sociedade. O que, sem dúvida, estaria resgatando seus direitos e cidadania.

Constata ainda, que apesar dos profissionais sugerirem a inclusão da Educação Sexual no planejamento ou no currículo da escola, sugerem, também, a canalização da energia sexual dos deficientes mentais para outro interesse. Neste mesmo documento percebe-se uma contradição: ao mesmo tempo em que os profissionais propõem que o trabalho seja bem estruturado e curricular, alguns acham também que ele deve ser realizado individualmente com alunos que estejam apresentando manifestações sexuais. Como apontado no Doc. 13 que, especialmente no caso dos deficientes mentais, todas as manifestações sexuais são consideradas na prática escolar como uma dificuldade, um “problema” a ser de alguma forma enfrentado, trabalhar somente a partir deles foge à proposta de Educação Sexual como entendida por grande parte dos educadores e pelas diretrizes oficiais para esta abordagem.

A síntese aponta que as produções que investigam este foco temático têm sido elaboradas desde 1989, num total até 2001 de 48 pesquisas, tornando-se mais significativas numericamente a partir de 1998. Os dois últimos anos contêm cerca de 23% do total das dissertações e teses identificadas. O nível escolar que aglutina o maior interesse dos pesquisadores é o ensino fundamental, especialmente o que se refere ao período da 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries. O tema das DST/AIDS é o que mais aparece nos trabalhos seguido dos que tratam da Educação Sexual para deficientes mentais.

Tendências também são observadas neste foco. Na primeira os autores investigam as características que devem ter os professores e educadores para trabalharem com Educação Sexual. Geralmente são apontadas características subjetivas, ligadas ao gênero feminino: ser boa, compreensiva, séria, mulher ou de qualquer sexo, mãe ou que tenha um equilíbrio mental e psicológico, numa desconsideração com a possibilidade de ambos os sexos abordarem igualmente a temática.

Na segunda tendência os documentos relatam posturas e práticas pedagógicas encontradas nas investigações realizadas pelos autores. De maneira geral, estas posturas e práticas, em grande parte, ainda são retrógradas, controladoras e repressoras, sendo as ações dos profissionais norteadas pelos valores pessoais dos mesmos, o que está diretamente relacionado com os limites e as dificuldades dos professores/educadores constatadas nas pesquisas e que contribuem para obstaculizar a implantação da Educação Sexual nas escolas. A relação com os alunos ainda é baseada na transmissão e os profissionais encontram dificuldades em trabalhar a Educação Sexual a partir dos saberes dos educandos. Apesar disto, alguns professores/educadores revelam-se dispostos a manter uma relação de diálogo e confiança com os alunos. Também há relatos de posturas em que o professor/educador demonstra não conseguir lidar com a sexualidade infantil, tem dificuldades com questões ligadas ao homossexualismo e com as relações de gênero.

Estas posturas e práticas acabam por levar a uma visão reducionista e simplificadora sobre sexo, privilegiando um enfoque biologicista e higienista, sem dar amplitude à questão da sexualidade. Os professores/educadores são favoráveis à inclusão da Educação Sexual nos cursos de formação/graduação e reconhecem a necessidade de ações e intervenções educativas que lhes possibilite reverem seus conceitos e preconceitos, preparando-os adequadamente para a abordagem da Educação Sexual.

A terceira tendência é formada pela maioria das pesquisas classificadas neste foco temático e refere-se às concepções/representações dos profissionais. O relato das produções mostra que, de maneira geral, estas encontram-se ao nível do senso comum, com a perpetuação de valores, conceitos e preconceitos. Sintetizando as principais concepções/representações dos professores/educadores, algumas apontam para uma representação da sexualidade humana atrelada ao sexo orgânico. Em relação à corporalidade as concepções são consideradas suscetíveis às influências sociais e culturais. Há uma negação da sexualidade infantil, pois algumas pesquisas mostram que os professores/educadores consideram as crianças de faixas escolares mais baixas como pequenas, inocentes, sem malícia, de quem as questões sexuais devem ser ocultadas. Como a imagem da AIDS é

incompatível com esta imagem da criança, esta é desprivilegiada nas ações de prevenção da doença.

Os professores e educadores concebem a escola como conservadora, repressora, sem abertura para ver, ouvir e compreender os educandos, não dando visibilidade à temática. A família é percebida como não preparada para a abordagem da Educação Sexual e, por isso, precisa ser envolvida no processo, o que é, especialmente, considerado como necessário no caso dos deficientes mentais. Alguns concebem a família como continuidade da escola, o que pode levar à perda da autonomia desta para tratar a sexualidade.

Os profissionais, em relação à Educação Sexual, denotam concepções diferentes: uns acham que ela deve começar assim que a criança entra na escola e ser trabalhada como algo normal na vida; outros consideram que meninos e meninas devem receber a mesma Educação Sexual, porém, separadamente. Os professores/educadores também estão desinformados; parecem não ter uma concepção integrada da sexualidade, pois muitas vezes esta encontra-se desvinculada de aspectos afetivos. Na abordagem da Educação Sexual priorizam temas como gravidez e prevenção em DST/AIDS (com enfoque na relação saúde/doença, numa concepção biologicista). Em questões de gênero os professores/educadores têm concepções com presença de estereótipos e discriminações. Apesar dos documentos que tratam do tema em relação aos deficientes mentais reconhecerem a necessidade da Educação Sexual para estes, tanto os professores/educadores como a escola percebem os alunos que demonstram mais intensamente manifestações sexuais como agressivos, com sensibilidade exacerbada, e, até mesmo, com um nível maior de desvio e defeitos de caráter, o que leva a escola a considerar as manifestações sexuais na prática escolar como problema.

### **Foco Elementos Teóricos, Históricos e Curriculares**

O quarto foco temático conta com sete produções acadêmicas (aproximadamente 11% do conjunto de 65 pesquisas) sendo cinco dissertações de mestrado e duas teses de doutorado. Estão classificadas nos documentos números: 10, 38, 40, 47, 52, 53 e 62. Como as produções

são em sua maioria recentes e pouco expressivas numericamente, não é possível avaliar outras tendências das pesquisas classificadas neste foco.

Estão aqui incluídos ensaios e outras formas de produção científica que investigaram diversas concepções teórico-filosóficas e suas contribuições para a fundamentação de programas/projetos de Educação Sexual; as que analisaram currículos a partir da existência de disciplinas que enfocam a sexualidade ou dirigiram seu estudo para a Educação Sexual nos PCNs; e ainda as que apresentaram pesquisas que historicizam a sexualidade humana e o processo da Educação Sexual. Especialmente neste foco temático, algumas pesquisas podem apontar subsídios teóricos e metodológicos para programas de formação inicial e continuada de professores e educadores.

A distribuição delas pelas instituições de ensino superior mostra que a maioria (4) foi defendida na UNICAMP e as demais, cada uma em uma instituição diferente. Duas foram defendidas em 1989, três delas na segunda metade da década de 90, e duas em 2001. Cinco pesquisas foram classificadas, em relação ao nível escolar, no item Geral, podendo apresentar contribuições a todo o ensino. As demais referem-se uma à educação superior e outra ao nível escolar EF2 (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries).

Quanto aos temas específicos abordados, as produções estão assim distribuídas: duas fazem análises curriculares e duas realizam estudos a partir da relação entre filosofia, educação e Educação Sexual e/ou sexualidade. Um trabalho analisa os cursos da CENP, outro os PCNs em relação à temática enfocada, e outro, ainda, procede a um ensaio sobre sexualidade humana e Educação Sexual. Dadas as singularidades de cada um, serão todos descritos isoladamente ressaltando-se alguns dos dados apontados sobre a formação do professor/educador para a abordagem da Educação sexual.

As dissertações que pesquisam sobre currículo e cursos de graduação são referenciadas pelos Docs. 10 e 52, defendidas, respectivamente, em 1998 e 1997. Uma investiga a partir dos cursos de Biologia e a outra dos de Medicina. O Doc. 10 (CHAVES, 1998), que realiza seus estudos a partir de estruturas curriculares do curso de Biologia em diversas IES, relaciona suas

preocupações à falta de planejamento familiar e da natalidade, ao aumento crescente da gravidez entre adolescentes e à proliferação de Doenças Sexualmente Transmissíveis, segundo o autor, distorções que necessitam de controle. Recupera questões legais sobre tornar-se professor e poder atuar como educador sexual, restringindo o direito a abordar a Educação Sexual àqueles profissionais que possuem no seu histórico escolar disciplinas pedagógicas que lhes garantam o direito legal de lecionar em cursos regulares.

Este autor afirma que os professores de Ciências Biológicas e os de Ciências com habilitação em Biologia têm esse perfil. Porém, para esta abordagem, tanto os professores de Biologia quanto os de outros cursos (inclui os de Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Medicina, Psicologia, Pedagogia, Serviço Social e Comunicação Social) para poderem fazê-lo teriam que ter em seus currículos disciplinas que enfocassem e aprofundassem a sexologia. No entanto, em que pese a pesquisa ser realizada em cursos de Biologia, as preocupações que o autor relaciona e que para ele devem ser “controladas”, referem-se todas à dimensão biológica da sexualidade, sem nenhuma pontuação às demais dimensões desta questão tão complexa. E ainda, considerando suas afirmativas e a realidade de nosso país, restringir a abordagem do tema a professores de Ciências Biológicas ou de Ciências é colocar mais um empecilho para a não efetivação da Educação Sexual nas escolas. Mais do que legal, a questão passa pela formação inicial e continuada de professores/educadores. Este, sim, deve ser o critério a ser seguido: a formação.

No Doc. 52 (SILVA, E., 1997) a autora realiza estudo crítico do currículo das Faculdades de Ciências Médicas da UNICAMP, da USP e da PUCCAMP. Considera, após análise das ementas das disciplinas, que os estudos sobre sexo ficam dentro de explicações biológicas e mecânicas das características anatômicas, fisiológicas e patológicas. Conclui afirmando que a estrutura curricular dos cursos de Medicina investigados é anacrônica e desatualizada.

Os Docs. 38 e 53 dirigem seus focos de investigação para a relação entre Filosofia, Educação e Educação Sexual. No Doc. 38 (NUNES, 1996) o autor verifica os diferentes modelos que fundamentam projetos sobre Educação Sexual e discursos sobre sexualidade

humana na década de 80. Numa postura dialética analisa criticamente os pressupostos filosóficos e fundamentos éticos presentes na sexualidade humana. Afirma não haver Educação Sexual sem um reexame crítico e reeducação da própria sexualidade, o que leva o autor a considerações sobre a necessidade de inclusão da Educação Sexual nos currículos de formação do magistério até o curso superior, e sobre a formação especializada no tema.

No Doc. 53 (SILVA, E., 2001) a autora aborda a dinâmica da Educação Sexual na escola através das apropriações teóricas e educacionais do pensamento dos autores Freud, Reich e Foucault por ela investigados em seu estudo. Afirma que o profissional que vai trabalhar com Educação Sexual precisa ter consciência de que há muito o que aprender, o que equivale a referendar a necessidade de uma permanente formação continuada.

Quanto às três outras produções acadêmicas deste foco temático, o Doc. 40 (PARRÉ, 2001) analisa a aplicabilidade da proposta do MEC para a área, contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais. A autora relata aspectos da elaboração/implantação dos PCNs, as dificuldades encontradas e seus principais avanços. Apesar de realizar seu estudo partindo da prática de professores, este documento foi aqui incluído por ter como centro da sua investigação a avaliação da aplicação da proposta de Orientação Sexual dos PCNs na região investigada.

O Doc. 62 (VERARDO, 1989) também realiza seu estudo a partir de orientações curriculares oficiais, só que relativas à Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, através da análise de dois projetos da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP). Apresenta em detalhes os cursos ministrados pela CENP a professores de Ciências e Programas de Saúde, orientadores educacionais e seus assistentes técnicos e, ainda, a professores que lecionavam na habilitação ao magistério, em projetos que duraram de 1979/1980 a 1984. Relata como eram elaborados os cursos tecendo comentários sobre as fases, a importância e as dificuldades encontradas. Apresenta, ainda, pressupostos teóricos para a Educação Sexual.

O documento referido pelo número 47 (RIBEIRO, P., 1989) referenda vários aspectos na abordagem da Educação Sexual, já apontados por outros autores ao longo da descrição nos focos temáticos anteriores, numa proposta de reflexão crítica sobre o tema. Entre esses aspectos, ressalta a importância da formação dos professores/educadores para que não haja uma redução da Educação Sexual aos aspectos informativo, biológico e moralista. Dentro da formação do profissional vai tecendo reflexões teóricas e críticas sobre este processo de formação, apresentando indicativos para sua melhor realização e maior eficácia.

Uma síntese das 7 pesquisas deste foco temático mostra que estas produções são ainda pouco significativas numericamente. Estudos sobre análises de currículos relatam que nas ementas de cursos de Medicina o tema fica restrito às explicações biológicas e mecânicas das características anatômicas, fisiológicas e patológicas da sexualidade. Estudos teórico-críticos sobre a relação entre Filosofia, Educação e Educação Sexual são relatados em produções que, após tratarem esta relação em seu aspecto educacional, subsidiam a formação dos professores e educadores e incluem contribuições para a abordagem da Educação Sexual nas escolas. Também foram encontradas neste foco temático, pesquisas que investigam as orientações curriculares oficiais relatando suas operacionalizações e dificuldades.



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A identificação das pesquisas sobre a formação do professor/educador para abordagem da Educação Sexual nas escolas foi realizada no período compreendido entre 1977 e 2001. Apontou 65 dissertações e teses brasileiras dentre 165 identificadas sobre Educação Sexual no espaço escolar defendidas, principalmente, na USP (13,9%), UNICAMP (12,4%), PUC-RS (9,3%), PUC-SP (7,8%) e UFRGS (6,3%). As produções acadêmicas estão concentradas prioritariamente na região sudeste (61,5%) seguida da região sul (23,1%). O Estado de São Paulo detém a maioria dos trabalhos defendidos (47,7%) ficando o Estado do Rio Grande do Sul com 20%.

A maioria dos trabalhos são dissertações de mestrado correspondendo a 83% aproximadamente. Cerca de 60% dos trabalhos foram defendidos nos últimos 5 anos e 30% nos dois últimos anos do período abrangido, o que mostra uma tendência bastante acentuada à produção mais recente nesse campo de investigação acadêmica em nível de pós-graduação. Nas produções em que a graduação dos autores pode ser identificada os dados mostram que, entre outros, 17% dos profissionais são graduados em Ciências Biológicas, 15,4% em Psicologia e 13,8% em Pedagogia. A maioria das produções está relacionada a mestrados e doutorados em Educação (52,3%) chegando a cerca de 63% se forem acrescidos outros cursos também correlacionados a esta área. Por isso mesmo, é significativa a quantidade de trabalhos gerados em Faculdades/Institutos/Centros e/ou Departamentos de Educação (aproximadamente 43%).

Para descrever as principais características e tendências desse conjunto de pesquisas, foram estabelecidos os seguintes descritores: autor da produção; titulação acadêmica; ano de defesa; instituição de ensino superior responsável pela pós-graduação; unidade acadêmica que foi fonte da produção; local (Estado) em que esta se situa; orientador da dissertação ou tese; graduação do autor; nível escolar abrangido na produção; e os focos temáticos: formação inicial; formação continuada; características, concepções/representações e práticas escolares; elementos teóricos, históricos e curriculares.

Se for considerado o descritor nível escolar em seus itens isolados, o Geral, item em que foram classificados os trabalhos que não se referiram a nenhum nível escolar em particular

e que trataram a Educação Sexual de forma ampla, é o mais representativo numericamente com 23 trabalhos (35,4%). Segue-se o ensino de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries com 21,5% das produções. Muito possivelmente, este nível seja o que mais concentra a atenção dos pesquisadores por abranger a faixa etária em que os alunos expressam com maior intensidade seus afetos, desafetos, seu prazer, sua ousadia, desafiando a hegemonia do pensamento adulto sobre o que pode e o que não pode, o “certo” e o “errado” em termos de sexualidade. Também pode estar relacionado com o fato de que vários pesquisadores são biólogos e, tradicionalmente, em Ciências de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries são trabalhados temas correlatos, especialmente, na 6<sup>a</sup> série (o corpo humano).

Se forem somadas todas as subdivisões do ensino fundamental (1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup>, 5 a 8<sup>a</sup>, EF-Geral), o número de trabalhos passa a 27 (41,5%), o que caracteriza uma forte tendência entre os pesquisadores para a investigação neste nível escolar como um todo.

Dentro do ensino fundamental o número de pesquisas referentes ao ensino de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries é o menos expressivo quantitativamente, ficando em torno de 6%. Também são poucas as investigações na educação infantil (aproximadamente 11%). Se for considerada a faixa etária de 0 a 10 anos (EI+EF1) é possível compreender o não interesse pela produção de trabalhos versando sobre a formação do professor/educador para abordagem da Educação Sexual com esta faixa etária, uma vez que a representação dos profissionais concebe os alunos desta como inocentes, puros, assexuados. Portanto, não carecendo do trabalho com a temática.

Como é nas idades mais precoces que mais facilmente são absorvidos valores, conceitos e preconceitos, os quais permeiam basicamente a Educação Sexual, e que os professores afirmam não se sentir preparados para tal abordagem, é fundamental que sejam intensificadas as pesquisas nas séries iniciais de escolarização e educação infantil, que possam contribuir com a viabilização da Educação Sexual nestes níveis.

Também considero como necessário um maior investimento de pesquisas sobre a educação superior. É inegável sua importância na qualificação de futuros profissionais nos cursos de licenciatura e nos de graduação em cursos ligados à área da saúde e outros, em que

os profissionais fatalmente acabarão se deparando com questões de Educação Sexual no exercício da sua profissão. E, ainda, na formação continuada, que, muitas vezes, tem seu desenvolvimento atrelado à participação de profissionais das universidades que desenvolvem programas em nível de extensão e especialização, que possibilitam a qualificação dos professores/educadores para a abordagem do tema em questão. Tal importância justifica a necessidade de uma maior atenção dos pesquisadores neste nível escolar que aparece pouco expressivamente (em torno de 12% das produções).

O ensino médio, referente aos cursos de habilitação ao magistério e aos cursos técnicos na área da saúde, apesar de apresentar um maior número de pesquisas, quase 17% das dissertações e teses identificadas, ainda assim carece de outras investigações que possibilitem conhecer melhor o pensamento dos alunos deste nível escolar no que se refere à sexualidade, bem como planejar um trabalho mais eficaz com estes educandos, capacitando-os como multiplicadores e futuros profissionais na abordagem da Educação Sexual. No ensino médio encontram-se os alunos do magistério que serão os futuros professores dos alunos de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries. Aqui é o momento de realizar a sensibilização e a formação dos mesmos para a atuação com Educação Sexual, deixando para a formação continuada a complementação e o processo de acompanhamento e supervisão. Também outros cursos de ensino médio como, por exemplo, técnicos de enfermagem, devem ser formados para esta abordagem.

Na verdade, se levado à sério, o trabalho de Educação Sexual com alunos do ensino médio, seja com os dos cursos já especificados ou quaisquer outros, possibilitaria a estes tornarem-se multiplicadores de conceitos e valores na Educação Sexual ligados à conquista dos direitos humanos e da cidadania, especialmente em uma faixa etária em que a troca entre iguais tem grande ressonância, uma vez que as atitudes e comportamentos referidos anteriormente aos alunos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série também permeiam os alunos do ensino médio.

O foco temático mais investigado (cerca de 74% das produções) é o referente a Características, Concepções/Representações e Práticas Escolares, com uma frequência relativamente constante de trabalhos desde o fim da década de 80, e com um aumento significativo uma década depois, denotando uma tendência de crescimento das investigações

neste campo. A concentração de trabalhos deste foco na USP e na PUC-RS sugere a possibilidade de interesses de grupos de pesquisa.

As características apontadas nos documentos para o perfil do professor/educador para abordagem da Educação Sexual no contexto escolar ainda são, por um lado, bastante idealizadas nos seus aspectos subjetivos: ser séria – como se não fosse possível ser alegre ao falar sobre o tema; compreensiva; boa; amiga – características estas atribuídas especialmente ao sexo feminino; para alguns, ser mulher e/ou mãe – escolha que confirma as características anteriores; ter equilíbrio/amadurecimento mental e psicológico, como se fosse possível avaliar a maior parte delas no contato inicial para participação em algum projeto ou experiência. Por outro lado, são altamente exigentes, e até devem sê-lo frente à seriedade da questão, nos aspectos objetivos, ligados mais diretamente à dimensão profissional, por exemplo: estar preparado/ter conhecimento do assunto, ter interesse em desenvolvê-lo e não passar seus valores, como se os professores/educadores já tivessem sido formados para tal em seus cursos de graduação e pudessem ser “escolhidos” entre os melhores para o exercício da atividade.

Isto me leva a considerar que grande parte das concepções dos professores/educadores sobre as características que compõem ou devem compor o perfil do profissional para a abordagem desta temática tem relação direta com a sua compreensão bem como com os seus limites, dificuldades e falta de preparo para este trabalho. O professor/educador se sente distante de grande parte das características que apresenta e com isso, por esse perfil idealizado que tem, acaba não realizando e mesmo se distanciando da abordagem do tema.

Por outro lado, algumas ações pedagógicas, ao serem realizadas, procedem a uma seleção dos profissionais que terão o “mérito” de participar da formação, confirmando com esta atitude, na representação dos mesmos, a distância em que eles se sentem em relação à real possibilidade de abordarem o tema. Algumas experiências mostram que existe um processo de auto-seleção, permanecendo aqueles que, apesar de suas dificuldades e limites estão realmente afinados com a proposta da abordagem da Educação Sexual na escola. O que importa é que a formação chegue a todos que desejam tê-la, sem discriminações, pois é melhor capacitar aqueles que o desejam do que correr o risco de que continuem a abordar a Educação Sexual de

forma inadequada. Ninguém nunca estará “acabado”, totalmente pronto para o desenvolvimento do trabalho. Importa é o dispor-se à caminhada.

Sem uma formação inicial ou continuada eficiente e eficaz, é de se esperar que os resultados apontados sobre as posturas e práticas escolares na abordagem da Educação Sexual seja o que se apresenta: constituído em grande parte por atitudes retrógradas, controladoras, repressoras, que são exercidas baseadas nos valores pessoais de cada professor/educador. Assim, não é de surpreender que vários documentos constatem o despreparo destes profissionais para trabalhar com a sexualidade humana. Pedagogicamente, as próprias posturas e práticas escolares relatadas mostram que a relação com o aluno ainda é baseada na transmissão e não no respeito pelo saber do outro. Apesar de nas características citadas pelos professores/educadores aparecerem concepções que favoreceriam uma relação com o aluno através do diálogo, do fato de ouvi-lo, do resgate afetivo e prazeroso na convivência e no aprendizado com o outro, não é isto que as posturas e práticas escolares mostram no relato das pesquisas.

E, se o professor/educador não encontra prazer e alegria com o que faz e vive, como admitir que o outro, no caso específico, o seu aluno, a tenha? Se a sua prática escolar não é gratificante pessoal e profissionalmente isto vai se refletir não só nele, mas em todo o seu cotidiano.

Com tudo isso, o melhor é tratar do biológico pura e simplesmente e, para isso, existe o professor da área de Ciências. Então, “Educação Sexual não tem nada a ver comigo”, o que tranquiliza o professor/educador em relação ao seu falso “não-envolvimento” com o tema.

Em que pesem todas estas questões e dificuldades pontuadas até aqui, há que se reconhecer a vontade de alguns professores/educadores de ultrapassarem seus próprios limites, suas dificuldades e desconhecimento. Afinal, o assunto é a sexualidade e o espírito desbravador que existe em cada um de nós leva à descoberta de novos caminhos e possibilidades. Isto é o que precisa ser resgatado, principalmente, na formação continuada: o elán vital, a energia que vai possibilitar ao professor/educador a recuperação do prazer com a

profissão por ele escolhida. Com todas as dificuldades que o mundo contemporâneo infringe a estes profissionais: excesso de aulas/trabalho para que possa garantir um padrão mínimo de vida, falta de reconhecimento do trabalho desenvolvido, remuneração insuficiente e/ou inadequada, falta de recursos disponíveis e apoio institucional, excesso de atribuições e atividades que lhes são, muitas vezes, impostas pelo próprio sistema educacional numa perpetuação de relações destituídas de respeito e valorização do seu saber, o professor/educador está cada vez mais carente da motivação que o levou a assumir a profissão. Acrescente-se a isto que, na maioria das vezes, encontram ausência de políticas públicas que lhes possibilite a continuidade do aperfeiçoamento.

Ressalto, porém, que as dificuldades, a repressão que foi ou ainda é cotidianamente vivida de forma clara ou subliminar, o não-reconhecimento, a falta de tempo, não são justificativas para a omissão, para a não participação; apenas facilitam o compreender as posturas e práticas escolares adotadas, devendo servir de ponto de partida para um melhor planejamento da formação do professor/educador para a abordagem do tema.

Os próprios professores/educadores, conscientes de sua falta de preparo e da importância da formação, em grande parte das pesquisas, apontam a necessidade de inclusão da Educação Sexual nos cursos de graduação bem como de um espaço em que lhes seja possibilitada a revisão de seus conceitos e a ampliação de conhecimentos sobre o tema. Se essas manifestações de interesse dos docentes fossem levadas à sério pelo poder público, com certeza haveria maiores investimentos na formação do professor/educador para o trabalho nesta área. Para que isto se efetive, no entanto, é necessário que os profissionais reivindiquem coletivamente, tanto junto às universidades quanto às instâncias responsáveis pela coordenação do ensino em suas diversas esferas, para que sejam estabelecidas políticas para que tal se concretize.

Dentro ainda deste foco temático, as concepções/representações dos professores e educadores revelam tendências diretamente relacionadas às características, posturas e práticas já mencionadas. A começar pela falta de diálogo no trato deste tema, atitude constante na educação dos próprios professores/educadores que, tendo sido educados, em sua grande

maioria, no silêncio e na repressão, encontram uma enorme dificuldade nesta abordagem com os alunos. Conseqüência disto são suas concepções/representações sobre sexualidade que encontram-se no nível do senso comum, perpetuando valores, conceitos e preconceitos nele introjetados. Resgatar o diálogo é o primeiro passo, como bem apontam as ações pedagógicas em algumas das pesquisas estudadas, para o início do enfrentamento destas dificuldades.

Na reflexão realizada a partir de suas posturas e práticas escolares desenvolvidas no cotidiano do contexto escolar, está a possibilidade do professor/educador rever-se ampliando sua criticidade, revisando seus conceitos e valores e, ainda, construindo a possibilidade de tratar a Educação Sexual em todas as suas dimensões e não só através de informações dentro do aspecto biológico, em que a priorização fica por conta de temas como DST/AIDS, planejamento familiar e contracepção. Resgatar o trabalho da Educação Sexual, enfocando as relações afetivas, o prazer, a igualdade entre os gêneros é prioritário e possibilitará aos professores/educadores uma concepção integrada da sexualidade humana abrangendo, não só seus aspectos biológicos, mas principalmente os aspectos sociais, políticos e culturais.

Uma das concepções/representações constatada em algumas pesquisas e que se constitui numa das lacunas da formação do professor/educador a ser, com urgência, enfrentada, é a compreensão que os profissionais têm das crianças das faixas escolares mais baixas como não necessitando de Educação Sexual pois são ainda pequenas e inocentes, não têm malícia e, por isto, estas questões lhes devem ser ocultadas. Numa clara manifestação de ingenuidade por parte dos profissionais, além das considerações já apontadas anteriormente, isto se constitui numa dificuldade do professor em ver a sexualidade como natural em todo ser humano. O que ainda favorece, por outro lado, a acomodação e a omissão do professor/educador “justificando-o” na não abordagem da temática. Se um dos objetivos das diretrizes oficiais é prevenir a gravidez precoce e a AIDS entre os adolescentes (que, como foi constatado em algumas pesquisas, tantos conflitos e preconceitos ainda gera em muitos educadores) é necessário que o trabalho de Educação Sexual inicie-se desde que a criança entra na escola.

Por outro lado, a concepção/representação que os profissionais têm sobre a escola deve demandar por parte dos pesquisadores, mas também desta própria instituição, uma atenção especial. Como é possível desenvolver trabalhos com Educação Sexual na escola quando os próprios professores/educadores a concebem como conservadora, repressora, sem abertura para ver, ouvir e compreender os educandos, principalmente os adolescentes, em suas manifestações da sexualidade? A formação continuada, com certeza, passa também pela formação dos diversos profissionais que atuam no espaço escolar, entre outros, os responsáveis pela direção, assistentes, supervisores de ensino, que foram sujeitos de algumas das pesquisas, bem como dos demais profissionais tais como secretária, servente, merendeira etc., grupo que carece da atenção dos pesquisadores uma vez que nenhuma das pesquisas os investiga enquanto educadores.

A família, no âmbito da Educação Sexual, é percebida por alguns professores e educadores como precisando ser envolvida neste processo pois também não está preparada para a abordagem da Educação Sexual e o faz, muitas vezes, de forma incoerente e inadequada. No entanto, penso que se já é difícil enfrentar a questão da formação dos professores/educadores, colocar como meta assumir esta responsabilidade é colocar mais um empecilho para a realização da Educação Sexual nas escolas. Acredito que cada escola, na medida de suas possibilidades, deve estar refletindo com a família sobre a questão mas consciente de que sua prioridade são os educandos.

Especialmente no caso dos portadores de necessidades especiais como os deficientes mentais, as pesquisas sinalizam que, como os mesmos têm características que demandam um acompanhamento familiar próximo e contínuo, seria necessário um envolvimento maior da família como assinalado nas concepções e representações dos profissionais que com eles atuam, para que a abordagem da temática possa trazer para os alunos a possibilidade de resgatar o direito ao prazer através da Educação Sexual.

A sexualidade é uma construção social. Assim como a sociedade, as concepções e os valores relacionados à sexualidade humana também são mutáveis, donde pesquisas que possibilitem conhecer as características do professor/educador para a abordagem da Educação

Sexual, suas representações e práticas escolares sempre serão necessárias. As certezas são temporais; o tempo de agora, em um instante, já é passado. Ainda é acrescido a isto a grande diversidade cultural existente em nosso país que leva a que, nem sempre, sejam encaradas da mesma maneira estas concepções, apesar de se assemelharem muitas de suas facetas. Os resultados encontrados nas produções acadêmicas são fundamentais se se quer compreender o que pensam, sentem e fazem os profissionais para, a partir disto, melhor poder planejar a formação. Porém, para que as concepções/representações possam contribuir verdadeiramente com a Educação Sexual nas escolas é necessário uma maior divulgação destes estudos.

A Formação Continuada é o segundo foco temático em quantidade de pesquisas, com quase 30% dos trabalhos identificados. Há uma grande tendência neste foco relacionada a apresentação das ações pedagógicas desenvolvidas em experiências, programas e/ou projetos. Nestas ações, a de maior expressão numérica é representada pelas oficinas que, apesar de não relatadas em seus detalhes, são baseadas em grande dinamicidade, vivências, envolvimento direto dos participantes. Por isto mesmo, agradáveis à participação dos professores e educadores. Podem ser de curta duração (8 horas) ou mais extensas, durando dias ou até mesmo uma semana inteira. Nas produções investigadas foram desenvolvidas com os professores/educadores para sensibilização ao tema da Educação Sexual na escola e, num projeto de amplitude maior, com enfoque de intervenção junto aos profissionais.

No entanto, tanto a oficina como várias outras ações pedagógicas desenvolvidas não bastam em si mesmas para qualificar o professor para a abordagem da Educação Sexual. É preciso um processo continuado, o que é favorecido quando se realizam grupos de reflexão (também significativos numericamente enquanto ação pedagógica dentre os documentos estudados), em que a ação educativa é centrada no próprio grupo. Nestes se resgata o diálogo aberto e franco, relações permeadas pela compreensão, amizade, respeito e confiança entre os participantes, em que o prazer de estar junto, compartilhar emoções, dúvidas e experiências, sem receio do julgamento social, vão construindo um novo homem, mais completo e verdadeiro. A formação em nível de processo possibilita uma revisão de si próprio ou, no dizer de alguns autores, uma reeducação sexual.

Em algumas das ações pedagógicas relatadas pelos autores há uma mistura enriquecedora de ações, como em cursos que aglutinam, na sua operacionalização, o processo grupal de maneira continuada e reflexiva, como acontece nos grupos de reflexão relatados, com ações baseadas em um ensino experiencial. Ou os cursos que, ao final, garantem a continuidade através de supervisões para acompanhamento das atividades realizadas pelos profissionais.

Dependendo da ação pedagógica e de como ela é utilizada, com certeza o professor e o educador podem ser sensibilizados mas não verdadeiramente formados. Sejam oficinas, cursos, assessorias, supervisões e/ou grupos, considero que o que há de fundamental e que precisa ser garantido nas ações pedagógicas é o processo coletivo reflexivo e continuado como possibilitador do auto-conhecimento, da revisão de valores, da redescoberta e valorização do papel do professor, da ampliação da consciência crítica em relação à sexualidade humana e às várias dimensões da Educação Sexual. E isto consegui detectar em boa parte das produções.

Ainda dentre as pesquisas classificadas no foco da formação continuada, existe uma tendência a referir os limites e dificuldades apresentadas pelo professor/educador na abordagem da Educação Sexual relacionando-as a partir de questões pessoais, pedagógicas e institucionais. A maioria dos trabalhos (em torno de 67% dentre os 18 documentos incluídos neste foco), que em suas investigações apresentam esta tendência, datam dos últimos cinco anos e mostram uma consciência clara dos profissionais a respeito daquilo que os impossibilita trabalhar com a temática. Constatamos uma incapacidade em todas as pessoas e, especificamente no professor/educador para alterar, individualmente, esta realidade. Novamente aqui ressalto a importância do grupo enquanto contexto fortalecedor de reivindicações e de direitos, que possibilitem viabilizar a superação dos limites e dificuldades apontadas pelas diversas pesquisas.

O despreparo profissional na área da Educação Sexual precisa ser reconhecido e enfrentado pelo poder público se este espera que muitas de suas orientações, apresentadas no caderno sobre Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais, não fiquem apenas

enquanto diretrizes curriculares. Neste caderno está prevista a formação do professor através de

*“contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; (...) ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática, constituindo, portanto, um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual.”* (BRASIL, 1997, p. 123).

Observei isto em alguns programas/projetos e experiências relatadas nas dissertações e teses encontradas, mas, na verdade, me pareceu em alguns documentos que parte dos trabalhos desenvolvidos com Educação Sexual foram desencadeados pelo pesquisador a partir do seu interesse pela formação dos professores/educadores para esta abordagem, deixando-me com a curiosidade sobre a sua continuidade e desdobramentos.

Na maioria das vezes, sem uma formação ampla, sem a garantia desse espaço de estudo, reflexão e supervisão que possibilitaria a realização mais consciente de seu trabalho, esses professores e educadores fazem um esforço, como constatado em documento analisado, para mostrarem-se “neutros” em suas práticas escolares como se a neutralidade fosse possível e não contribuisse, por si só, para a manutenção do pensamento hegemônico também nesta área.

O mérito dos PCNs em relação à Educação Sexual nas escolas foi possibilitar sua abordagem sem a perspectiva de proibição e repressão antes dominantes, mas sua grande lacuna está em não garantir o acesso dos professores/educadores à formação inicial e continuada para tal trabalho. E até me pergunto: seria isto possível em toda a sua amplitude frente ao grande contingente de professores existente? Com certeza, é necessário viabilizar este espaço de formação em parceria com outras instituições. Várias dissertações e teses referem, com bastante clareza, a importância da universidade assumir a formação do professor/educador ao lado dos programas oficiais. No entanto, para que isto ocorra, bem

como para que haja o comprometimento da universidade com a formação inicial, especialmente naqueles cursos que estão diretamente envolvidos com a questão da Educação Sexual, é necessário, primeiro, a sensibilização e a preparação dos docentes da educação superior. Os cursos universitários onde se processa a qualificação profissional se omitem da responsabilidade de abordar a Educação Sexual e a remetem para outra instância, por desconhecerem que resposta dar a esta questão e, principalmente, pela falta de formação dos seus professores. Se estes não refletirem sobre esta questão, nada mudará. E, como apontam a descrição dos focos temáticos, as pesquisas que investigam a formação do professor/educador na educação superior para abordagem da Educação Sexual são em número bastante reduzido.

A última tendência referida neste foco temático é a apresentação de programas, projetos e experiências desenvolvidas que aparecem em 55,5% dos 18 trabalhos relacionados neste foco. Nos que são relatados nas dissertações e teses identificadas sinalizo como imprescindível a constatação da necessidade de serem trabalhados todos os funcionários da escola, uma vez que na questão da sexualidade humana, seja pela omissão, pela repressão, pelo não-dito e/ou pelo que é expresso, todos são educadores.

Constato ainda a importância demonstrada em alguns programas/projetos que os professores/educadores sejam formados em sua completude, isto é, na interação entre o pessoal e o profissional, uma vez que tanto questões individuais quanto a falta de preparação científica-metodológica para a abordagem da temática contribui para as dificuldades encontradas. Se isto é, num primeiro momento, difícil considerando a dimensão sócio-cultural e histórica da sexualidade, em que até hoje se percebe uma dificuldade para falar de forma clara e verdadeira sobre questões a ela relacionada, várias experiências relatadas nos documentos mostram o quanto isto traz de ganho aos profissionais.

O foco que abrange pesquisas que realizam estudos sobre a Formação Inicial está diretamente relacionado ao foco da Formação Continuada, seja pela necessidade de preparar naquela etapa futuros profissionais para abordar a Educação Sexual, seja pela necessidade de trabalhar na formação continuada os professores que, na graduação, irão capacitar os futuros professores/educadores. A produção acadêmica apresenta uma tendência ainda incipiente no

que se refere a este foco temático. As pesquisas identificadas (6,2% do conjunto das 65 dissertações e teses) são recentes e muito pouco expressivas numericamente pela importância que ele tem não podendo por isto ser feita nenhuma previsão sobre as investigações acadêmicas na pós-graduação em relação à formação inicial.

Dentre o que os documentos apontaram neste foco, resalto a importância dada à preparação de alunos de cursos ligados à área da saúde para tornarem-se agentes multiplicadores em nível preventivo em questões que envolvam a sexualidade humana. Se no ensino médio, seja com estes cursos ou com os de habilitação ao magistério, for desenvolvida uma formação inicial para o trabalho com Educação Sexual, com certeza, futuramente a formação continuada será mais fácil de ser executada, como já foi comentado anteriormente. É preciso que os pesquisadores se interessem mais por investigar este foco de maneira a poder subsidiar com seus resultados tanto os cursos de habilitação ao magistério de 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> série e os cursos técnicos de ensino médio relacionados à área da saúde, quanto os cursos superiores que qualificam para o trabalho docente e/ou a realização de trabalhos educativos nesta área.

Por outro lado, o poder público ainda não assumiu a responsabilidade por desencadear nas universidades e nas escolas de ensino médio de formação para o magistério o estímulo a que estas assumam a formação através da inclusão curricular do tema em, por exemplo, cursos de licenciatura e os ligados à área da saúde, e da realização de ações pedagógicas com os discentes que contribuam para subsidiar a formação de futuros educadores. Para isto, como já assinaléi, é necessária a sensibilização e conscientização dos docentes para que possam favorecer esta formação.

O foco temático que apresenta estudos sobre Elementos Teóricos, Históricos e Curriculares para abordagem da Educação Sexual nas escolas revela que a maioria destas produções também são recentes, em quantidade pouco significativa (11% do conjunto de 65 pesquisas). Estudos deste tipo são importantes por desvelarem aspectos como a inclusão curricular da temática da Educação Sexual, estudos sobre as diretrizes oficiais apresentadas nos PCNs, e, ainda, por contextualizarem histórico-culturalmente a temática.

As pesquisas deste foco realizaram estudos em que analisaram currículos dos cursos de Medicina e Biologia, referindo que nem nestes os graduandos são preparados para tal abordagem; a aplicação da proposta de Orientação Sexual formulada pelos PCNs, em que há a constatação de que o mesmo não está sendo aplicado por grande parte dos professores/educadores; estudos teórico-críticos sobre a sexualidade e a Educação Sexual, com a inclusão de diretrizes para a formação de professores/educadores para a abordagem do tema.

A reduzida quantidade dos documentos não permite prever outras tendências das investigações neste foco temático, carecendo de maior interesse dos pesquisadores o seu aprofundamento de maneira a servirem, inclusive, como norteadores e avaliadores do que vem sendo desenvolvido no âmbito da Educação Sexual escolar.

Se já é difícil, como apontam vários dos documentos descritos, que o professor de Ciências Biológicas assuma o trabalho com Educação Sexual em todas as suas dimensões, o que dizer em relação aos professores de áreas diferentes, distantes desta temática na graduação? É possível que alguns deles se interessem e mesmo consigam abordar a Educação Sexual transversalmente como proposto nas diretrizes oficiais, sem uma formação para isto? Esta é para mim, a grande lacuna a ser enfrentada na formação inicial e continuada dos professores/educadores: garantir o espaço desta formação. Mais ainda, é a formação inicial prioritária (exatamente a que conta com menos pesquisas no conjunto das 65 produções), pois é preciso assegurar que os futuros profissionais já saiam de seus cursos formados para abordarem adequadamente a Educação Sexual, para que não se tenha que “continuar correndo atrás do prejuízo” iniciando este processo na formação continuada que deveria ser um espaço para o constante aprofundamento/aperfeiçoamento e supervisão dos professores e educadores em relação ao trabalho desenvolvido na abordagem à temática. Para isto, é fundamental que novas pesquisas debruçem-se sobre, entre outros, temas relativos aos docentes da educação superior e do ensino médio e a Educação Sexual nos seus diversos aspectos; programas/projetos que contemplem estes níveis de ensino e possam apontar propostas de trabalho na formação inicial etc.

Da leitura do material que me serviu de subsídio para a elaboração deste texto, ficou a certeza de que o aprofundamento do estudo em muito contribuiu não só para a minha formação, como também poderá contribuir com os docentes que lidam prazerosamente com a abordagem da Educação Sexual no espaço escolar. Cabe a outros pesquisadores realizarem investigações que avancem, a partir do conjunto de dados aqui revelados, em novas descobertas e possibilidades que contribuam para a formação do professor/educador para abordagem da Educação Sexual na escola.

A contribuição proporcionada pela metodologia utilizada, facilitando a classificação e organização dos documentos, viabilizou o alcance do objetivo desta produção acadêmica. Porém, a utilização dos resultados foge ao controle do pesquisador. Acredito que a relação do professor com a apresentação destes dados deva se dar como nos livros técnico-científicos que cada um tem. Nem sempre são lidos na íntegra, mas é importante conhecê-los e "sabê-los lá" para serem utilizados quando necessário. Assim, a divulgação da existência desta pesquisa é ponto fundamental para que o professor dela possa "lançar mão" quando for útil à sua prática docente, expressando também, com a divulgação dos seus resultados, um compromisso social e retorno à população dos estudos realizados.

A sub-utilização das produções acadêmico-científicas está diretamente relacionada à pouca divulgação deste material e à ausência de um órgão que realmente aglutine as informações de forma atualizada. Assim como encontrei várias dissertações e teses no período investigado por Figueiró (1995) e que não foram por ela identificadas; a existência de trabalhos defendidos até 1997 na área da Educação e que não constam do CD-Rom da ANPEd; e ainda, os trabalhos encontrados através de outras fontes e que não estão incluídos no Banco de Teses da CAPES, com certeza o mesmo se dará em relação ao presente trabalho pela grande dificuldade por mim detectada em estar identificando as pesquisas.

A partir disso, questiono: como utilizar adequadamente o que está oculto, o saber não difundido, pouco compartilhado? Se isto ocorre até mesmo no meio acadêmico, suponho a imensa dificuldade dos professores/educadores para terem acesso a essas produções. Esta dificuldade em descobrir dissertações e teses que tratam de uma temática específica confirma

ainda mais a importância da metodologia de pesquisa tipo estado da arte, pela contribuição que possibilita com a aglutinação, descrição e divulgação das produções.

Cabe ainda ressaltar a importância de Bibliotecas Digitais que contenham o texto integral das dissertações e teses, a exemplo do que a Biblioteca Central da UNICAMP vem realizando desde 2002. No mínimo, é necessário que as diversas instituições de ensino superior do país incluam em seus bancos de dados o resumo das produções para que os pesquisadores possam fazer uma primeira seleção do que interessa a sua investigação de forma mais rápida, o que nem sempre é constatado.

Com o acervo adquirido e organizado a partir desta pesquisa, um banco de dados poderá ser incluído na home-page do FORMAR-Ciências/CEDOC. As diversas Diretorias de Ensino do Estado de São Paulo e as demais Secretarias Estaduais poderão ser informadas sobre a pesquisa realizada bem como os pesquisadores dessa área ou áreas correlatas, a fim de facilitar a todos os interessados o acesso ao banco de dados via internet. O mesmo procedimento poderá ser utilizado com as instituições de ensino superior, especialmente as que lidam ou têm possibilidade de trabalhar com o tema em questão.



## **BIBLIOGRAFIA**

AMARAL, Ivan Amorosino do. Bases, obstáculos e possibilidades para a constituição de um novo paradigma da didática em Ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 1998, Águas de Lindóia, S.P. *Anais*.

\_\_\_\_\_ ; CUNHA, Carlos Alberto Lobão. FORMAR-Ciências, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP - São Paulo. In: CUNHA, Carlos Alberto Lobão, AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. (Editores). *Atas I Encontro de formação continuada de professores de Ciências*, 1997. Campinas, S.P.: UNICAMP, 1998. p. 93-98

AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997. p.7-9.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023. Informação e documentação - Referências - Elaboração. Rio de Janeiro, ago. 2000.

\_\_\_\_\_. Alterações na NBR 6023. Rio de Janeiro, 2002.

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

BAGNATO, Maria Helena Salgado. *A contribuição educativa dos programas de saúde na 5ª série do 1º grau*. 1987. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCar, SP.

BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho. O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa. In: MARTINELLI, Maria Lucia (Org.). *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras Editora, 1999.

BARROSO, Carmen. Pesquisa sobre educação sexual e democracia. *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 34, p. 89-90, ago. 1980.

\_\_\_\_\_. *Sexo & juventude: como discutir sexualidade em casa e na escola*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Ciências Naturais*. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

BRUSCHINI, Maria Cristina A. (Coord.). Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 36, p. 99-110, fev. 1981.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Claudia. *Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal*. São Paulo: Moderna; Campinas, S.P.: editora da UNICAMP, 1999. p. 9-54.

CHIZZOTTI, Antonio. A pós-graduação e a relevância da produção acadêmica. *Cadernos ANPEd*. n.3, p. 29-34, 1991.

DUNLEY, Gláucia. Introdução. In: DUNLEY, Gláucia (Org.). *Sexualidade & Educação: um diálogo possível?*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999. p. 1-19.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Pesquisa em leitura: um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995*. 1999. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, UNICAMP, 1999.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Educação sexual no Brasil: estado da arte de 1980-1993*. 1995. 272 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, USP, SP.

\_\_\_\_\_. A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 98, p. 50-63, 1996.

\_\_\_\_\_. *Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio*. Londrina: Ed. UEL, 1996.

\_\_\_\_\_. *A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites*. 2001. 317 f. (Doutorado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, SP.

FRACALANZA, Hilário. *O que sabemos sobre livros didáticos para o ensino de Ciências no Brasil*. 1992. 241 f. + anexos. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, S.P.

FRUET, Maria Silvia Bruni. *Adolescência, sexualidade e AIDS*. 1995. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas/SP.

GAMBOA, Silvio Ancízar Sanchez. *Epistemologia da pesquisa em educação: estruturas lógicas e tendências metodológicas*, 1987. 228 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas.

GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. Atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Orgs.) et al. *O sentido da escola*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 81-110.

GATTI, Bernardete A. Pós-graduação e pesquisa em educação no Brasil, 1978-1981. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 44, p. 3-17, fev. 1983.

GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. *Educação sexual: uma proposta, um desafio*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

GOUVEIA, Aparecida Joly. A pesquisa sobre educação no Brasil: de 1970 para cá. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 19, p. 75-79, 1976.

GOUVEIA, Mariley Simões Flória. Pesquisa e prática pedagógica na formação do professor: como entendê-la. *Pro-Posições*, Campinas, v. 12, n. 1 (34), p. 27-46, mar. 2001.

GTPOS (Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual); ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS); ECOS (Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana). *Guia de Orientação sexual: diretrizes e metodologia*. Trad. e adaptação GTPOS, ABIA, ECOS. 8. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 11-21, 113-117.

GUIMARÃES, Isaura. *Educação sexual na escola: mito e realidade*. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995.

INOUE, Ana Amélia; MIGLIORI, Regina de Fátima; D'AMBROSIO, Ubiratan. *Temas transversais e educação em valores humanos*. São Paulo: Peirópolis, 1999.

JURBERG, Pedro; JURBERG, Marise Bezerra. A pesquisa e a publicação de estudos sobre sexualidade. In: SILVA, Maria do Carmo de Andrade; SERAPIÃO, Jorge José; JURBERG, Pedro (Orgs.). *Sexologia: interdisciplinaridade nos modelos clínicos, educacionais e na pesquisa*. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1997. p.190-235.

KUPERMANN, Daniel. Afinal, o que fazer com o "Juquinha"?: um ensaio sobre a orientação sexual no ensino fundamental. In: DUNLEY, Gláucia (Org.). *Sexualidade & educação: um diálogo possível?*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999. p. 69-100.

LÜDKE, Menga. Pesquisa em educação: conceitos, políticas e práticas. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (Orgs.). *Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)*. Campinas, S.P.: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2000. p. 23-32.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 2000.

MARTINELLI, Maria Lúcia. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social. In: MARTINELLI, Maria Lucia (Org.). *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras Editora, 1999.

MEGID NETO, Jorge (Org.). *O ensino de Ciências no Brasil: catálogo analítico de teses e dissertações 1972-1995*. Faculdade de Educação, Grupo FORMAR-Ciências / CEDOC, UNICAMP, 1998.

\_\_\_\_\_. *Tendências da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Ciências no nível fundamental*. 1999. 114 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas.

\_\_\_\_\_. *Elaboração de projetos técnicos e projetos de pesquisa*, jun. 2000. (mimeo)

\_\_\_\_\_. *Sobre as pesquisas em ensino de Física nós podemos saber; mas... como socializar os conhecimentos elaborados nessas pesquisas?*. mar. 2000. Trabalho apresentado no VII Encontro de Pesquisa em Ensino de Física, Florianópolis, mar. 2000.

\_\_\_\_\_. O que se pesquisa sobre ensino de Ciências no nível fundamental: tendências de teses e dissertações entre 1972 e 1995. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 87-105, mar.-ago. 2001.

MENDONÇA FILHO, João Batista de. Será possível o sexual? In: DUNLEY, Glaucia (Org.). *Sexualidade & educação: um diálogo possível?*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999. p. 101-126.

NUNES, César; SILVA, Edna. *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas, SP: Autores associados, 2000. p. 1-17, 40-44, 61-72, 93-95, 103-129. (Coleção polêmicas do nosso tempo: 72)

PINTO, Heloysa Dantas de Souza. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997. p. 43-51.

RIBEIRO, Marcos. Educação sexual na escola. *Revista Scientia Sexualis*, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 2, p. 67-73, dez. 1997.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. *Uma contribuição ao estudo da sexualidade humana e da educação sexual*. 1989. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas/SP.

ROSEMBERG, Fulvia. Educação sexual na escola. *Cadernos de Pesquisa*. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 53, p. 11-19, maio 1985.

\_\_\_\_\_ ; PIZA, Edith Pompeu; MONTENEGRO, Thereza. *Mulher e educação no Brasil: estado da arte e bibliografia*. Brasília: INEP/REDC, 1990.

SANTOS, Claudiene; BRUNS, Maria Alves de Toledo. *A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica*. São Paulo: Ômega, 2000.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Sexualidade humana: uma abordagem curricular com enfoque educativo*. v. 1. São Paulo: SE/CENP, 1984.

\_\_\_\_\_. *Sexualidade humana: reflexões e proposta em ação*. São Paulo: SE/CENP, 1986.

\_\_\_\_\_. *Proposta curricular para o ensino de Ciências e Programas de Saúde: 1º grau*. 5. ed. São Paulo: SE/CENP, 1992.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997. p.107-117.

SAYÃO, Rosely. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997. p.97-105.

SCHIAVO, Marcio Ruiz; SILVA, Maria do Carmo de Andrade. Educação sexual: história, conceitos & metodologia. In: SILVA, Maria do Carmo de Andrade; SERAPIÃO, Jorge José; JURBERG, Pedro. *Sexologia: interdisciplinaridade nos modelos clínicos, educacionais e na pesquisa*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1997. p.149-189.

SCHUSSEL, Darcy Raica. *Educação sexual: análise de opiniões de diferentes segmentos sociais*. 1982. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC-SP, São Paulo/SP.

SERAPIÃO, Jorge José et al. Educação sexual ao nível do terceiro grau: avaliação de um projeto de implantação de disciplinas de sexualidade humana para os cursos de graduação em medicina e enfermagem, na Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro. *Revista Scientia Sexualis*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 1, p. 111-140, jan. 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Ricardo de Castro. *Orientação sexual: possibilidade de mudança na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

SOARES, Magda B. *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento*. Brasília: INEP / REDUC, 1989.

SUPLICY, Marta et al. *Sexo se aprende na escola*. São Paulo: Olho d'Água, 1999. p. 7-18, 97-112.

THUMS, Jorge; KIELING, Suzana Schuch Santos. Reflexões sobre uma educação sexual: análise de um estudo exploratório. *Educação*, PUCRS, Porto Alegre, ano XIII, n. 18, p.37-45, 1990.

VERARDO, Maria Terezinha Vieira. *A sexualidade educada*: nota crítica sobre pressupostos teóricos e projetos empíricos. 1989. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas/SP.

VITIELLO, Nelson. A necessária educação sexual. *Viver Psicologia*, ano II, n. 15, p. 36-41, out. 1993.

\_\_\_\_\_. A educação sexual necessária. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, v. 6, n. 1, p.15-28, jan.-jun. 1995.

\_\_\_\_\_ ; CONCEIÇÃO, Isméri Seixas Cheque. O exercício da sexualidade na adolescência. II. Educação sexual. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, v. 2, n. 1, p.15-24, jan.-jun. 1991.

WARDE, Mirian Jorge. A produção discente dos programas de pós-graduação em educação no Brasil (1982-1991): avaliação & perspectivas. In: ANPED. *Avaliação e perspectivas na área de educação - 1982-91*. Porto Alegre: ANPED, 1993. p.51-81 + anexos.

WEREBE, Maria José Garcia. A implantação da educação sexual no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 26, p.21-27, set. 1978.

\_\_\_\_\_. *Sexualidade, política, educação*. Campinas, S.P.: Autores Associados, 1998. p.147-204.

XAVIER FILHA, Constantina. *Educação Sexual na escola: o dito e o não-dito na relação cotidiana*. 1998. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UFMS, Campo Grande, MS.



## **ANEXOS**

## ANEXO 1

### REFERÊNCIAS E RESUMOS DAS DISSERTAÇÕES E TESES QUE TRATAM DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E DE OUTROS PROFISSIONAIS PARA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

001

BANZATO, Denise Salete Gomes.

*Sexualidade na escola: um estudo sobre as representações da sexualidade de professores de pré-escolas nas práticas educativas.* São Paulo, SP, Instituto de Psicologia, USP, 1998. 139 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Walkíria Helena Grant).

RESUMO - Esse estudo tem como objetivo principal, refletir sobre as representações da sexualidade de professores de pré-escolas, tais como se mostram presentes nos seus discursos sobre as práticas educativas quando tangenciam temas relativos à sexualidade. Buscando entender esse objetivo nos detivemos em alguns aspectos específicos como: o tratamento que os professores dispensavam às manifestações da sexualidade dos seus alunos, suas dúvidas, curiosidades e perguntas sobre o tema; as representações da sexualidade presentes na situação escolar e nas histórias de vida dos professores; as representações da relação professor-aluno, dos lugares subjetivos de professores e de alunos; as representações das famílias, de corpo e das instituições escolares. Como método da pesquisa foi escolhido o qualitativo, e de tratamento de dados, a análise do discurso tratada dentro de um enfoque psicanalítico. Além da revisão da literatura sobre o assunto a partir de um referencial psicanalítico, foram realizadas entrevistas individuais com seis professores de pré-escolas. O estudo foi realizado com professores de instituições de ensino público e privado. As escolas eram de portes e linhas pedagógicas variadas. Essas escolas estavam localizadas nas cidades de São Paulo, Guarulhos e Campinas. Considerando-se o método da pesquisa, bem como de análise de dados, as informações levantadas nesse estudo não permitem generalizações para a população de professores de pré-escolas. Entretanto, nos permitem valorizar a história de vida do professor e articulá-la com a sua prática no contexto escolar. A análise das entrevistas nos permitiu perceber que a maneira como esses professores significaram a sexualidade e conduziram as manifestações dos seus alunos no contexto escolar, estavam relacionadas com a forma como vivenciavam a própria sexualidade. Através dos relatos dos professores, foi possível perceber atuações, repetições de aspectos da própria história de vida, na relação que estabeleceram com os alunos e na forma como lidaram com suas curiosidades sobre o tema da sexualidade. A maneira como lidaram com a sexualidade dos alunos tinha relação direta com as representações que construíram do lugar subjetivo de professor e de alunos. As concepções de criança assexuada e ingênua por um lado, e criança sexuada e curiosa por outro, justificaram para esses professores a posição de manter a sexualidade sob controle ou afastada das salas de aulas. Os planos de aulas e os dispositivos institucionais ofereceram condições para a manutenção do controle da expressão da sexualidade. Sobre as representações de corpo, nos discursos dos professores, encontramos associações com: proibição, sujeira, vulgaridade, conhecimento e prazer. Por outro lado, os alunos trouxeram a representação de corpo erógeno e suas atitudes eram de curiosidade, exploração e conhecimento desse corpo. O antagonismo apontado justificou para que os professores assumissem uma posição de controle em sala de aula. Estes professores tinham a imagem de que propiciavam aos alunos, acesso a um conceito de sexualidade amplo, associado à diferenciação de papéis, conhecimento, limites e prazer sem tabus. Porém, no relato de suas práticas, foi possível perceber um distanciamento em relação a este discurso. As representações que surgiram nesse estudo sobre a coordenação e a direção, devem ser levadas em conta mediante a subjetividade de cada professor. Diante de um tema como sexualidade, a coordenação surgiu representada principalmente com ações de poucos efeitos concretos nas instituições. As famílias apareceram representadas pelos professores como impedidoras da saúde mental dos alunos, impedidoras da sexualidade, omissos na educação dos filhos, não afetivos e sem conhecimentos, principalmente. Percebemos que algumas destas representações eram projeções das dificuldades dos professores. Para alguns professores estas representações dos

pais justificaram não abordar o tema sexualidade de forma esclarecedora para os alunos. A partir disto, podemos pensar que o posicionamento do professor no que se refere a temas como a sexualidade e ética, não seria de ministrar um conhecimento desvinculado das vivências dos alunos, mas propiciar às crianças situações em que pudessem gerar reflexão e algum conhecimento sobre si. Ocorre que este objetivo não está desvinculado da singularidade de cada professor; como lida com a sua própria história de vida e com a sua sexualidade. Dessa forma, podemos pensar que tanto alunos como professores se beneficiariam, caso estes professores participassem não somente de cursos informativos, mas também, de um espaço onde pudessem refletir à respeito das suas singularidades, das suas repetições e atuações.

---

002

BARCELLOS, Jorge Alberto Soares.

*A pedagogia de Eros: territórios, vida cotidiana e saber nos projetos de implantação da Educação Sexual em Porto Alegre.* Porto Alegre, RS, Faculdade de Educação, UFRGS, 1992. 303 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Marisa Faermann Eizirik).

RESUMO - Este trabalho acompanhou os cursos de formação em Educação Sexual promovidos pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul e pela Secretaria de Educação do Município de Porto Alegre, no ano de 1990, e procurou discutir os aspectos do prazer e do erotismo, freqüentemente ausentes dos discursos e das práticas desses mesmos cursos. O objetivo desta dissertação é o de agregar à discussão sobre a implantação da Educação Sexual nas Escolas questões fundamentais em Ciências Sociais na atualidade, tais como a organização da cultura, da vida cotidiana e as condições de produção do saber. As constatações fundamentais da pesquisa foram: 1- a implantação de programas de Educação Sexual é influenciado pela cultura e vivências no interior de cada escola (de alunos, professores e membros da comunidade) e pelos modos pelos quais é tratado o tema da sexualidade; 2- a análise da vida cotidiana da escola permite compreender os aspectos superficiais e profundos que marcam a vida de professores e alunos no interior da escola, bem como seus conflitos e estratégias adotadas no momento de realização de programas de Educação Sexual; 3- dois fatores se destacaram: o modo como são operadas as relações entre a vida pública e privada, e a demanda e a produção de saber sobre sexo num contexto de massificação da cultura. A Educação Sexual deve observar a sensualidade potencial da escola, a qual valoriza o prazer que a existência do homem desperta. Essa sensualidade é o próprio Eros.

---

003

BARROSO, Celina Regis.

*Professor como educador sexual de adolescentes: um estudo comparativo sobre o pensamento do professor de escolas da rede municipal e do professor de instituições particulares.* Rio de Janeiro, RJ, Sexologia, UGF, 1999. 167 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Marise Bezerra Jurberg).

RESUMO - A responsabilidade da educação ficou, durante muitos anos, dividida entre a família e a escola: enquanto esta preocupava-se em instruir o aluno para a cidadania e o mercado de trabalho, a educação sexual consistia uma função quase exclusiva da família, mas de forma assistemática e, em geral, quando algum problema surgia. Percebendo a necessidade de realizar um trabalho mais sistemático nas escolas, o MEC, através dos Parâmetros Curriculares, acrescenta a orientação sexual em todas as séries do ensino fundamental. Com o objetivo de conhecer o interesse e as expectativas dos professores em relação a exercerem essa tarefa, analisamos 100 questionários, preenchidos por 50 educadores de escolas públicas e 50 de escolas particulares, de ambos os sexos, atuando na 5ª CRE. Os resultados evidenciam que os professores, apesar de afirmarem que se interessam por projetos de educação sexual, não desenvolvem trabalhos sistemáticos de sexualidade, alegando não terem formação para tal assunto. Apesar de acharem importante que a escola assuma, junto com a família, a "educação sexual" dos alunos, sugerem-na como uma disciplina específica, dentro da grade curricular, o que nega o caráter transversal dos parâmetros. Algumas diferenças em relação ao gênero, à idade e à inserção do professor da rede pública ou privada foram constatadas: os homens e o grupo dos mais velhos destacam-se por um maior desinteresse em relação a desenvolverem projetos de educação sexual; não encontramos profissionais capacitados nas escolas particulares, onde sequer conhecem os programas de capacitação oferecidos pela secretaria de Educação. Concluímos que existe uma visão restrita dos professores acerca da sexualidade, pois consideram muito importante temas mais objetivos, pertinentes à sexualidade, tais como as DST/AIDS; gravidez/aborto; sexo/drogas; e dão menos importância às discussões de questões mais amplas sócio-culturais ligadas aos mitos e

aos preconceitos. Torna-se necessário, portanto, mais que a implantação de uma disciplina de educação sexual, para os alunos, nas escolas, que ela seja, imediatamente, oferecida nos cursos de formação e nas graduações de professores, para que esses profissionais tenham condições de exercer a tarefa de educadores sexuais de forma mais ampla, percebendo a sexualidade com seus múltiplos determinantes. Não seria possível atender a demanda dos adolescentes, preparando-os para a vida e a cidadania, sem antes trabalhar com os professores suas dificuldades, acerca de sua própria sexualidade.

---

004

BISON, Rosa Aparecida Pavan.

*Representações sociais dos estudantes de enfermagem sobre sexualidade numa experiência de ensino.* Ribeirão Preto, SP, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, USP, 1998. 223 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Antonia Regina Furegato Rodrigues).

RESUMO - A sexualidade, tema relevante na atualidade e pouco discutido na profissão e ensino da enfermagem, atividade que literalmente invade a intimidade das pessoas (prestador e receptor) faz juz a que se entenda a sua representação no imaginário dos alunos, para que efetivamente se busquem formas de ensino para uma formação completa e humanizada do enfermeiro na sua relação profissional com o outro. O presente trabalho objetivou apresentar uma experiência focalizando a sexualidade, com uso de técnicas projetivas, para apresentar através dos resultados, as representações sociais dos alunos sobre o tema.

---

005

BUENO, Sônia Maria Villela.

*Educação preventiva em sexualidade, DST-AIDS e drogas nas escolas: pesquisa ação e o compromisso social.* Ribeirão Preto, SP, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, USP, 2001. 263 p. + anexos. Tese de Livre Docência.

RESUMO - Neste trabalho desenvolvemos uma pesquisa-ação sobre educação preventiva sobre sexualidade, DST-AIDS e drogas. Nossa preocupação se voltou, fundamentalmente, para a comunidade escolar. Para tanto, procuramos investigar os Delegados de Ensino (2), os Diretores de Ensino (123), e Educadores (4.800) de Escolas de Ensino Fundamental e Médio da rede municipal, estadual e particular de uma cidade do interior do estado e sua região. Posteriormente, o trabalho culminou com ações educativas para atender as suas necessidades educacionais. Na metodologia fizemos uso da observação participante e entrevista individual, tendo como instrumento questionários e formulários abertos, com questões norteadoras. Os resultados nos evidenciaram que os delegados e diretores têm idéia real sobre o que representam os problemas relacionados à AIDS e drogas, mascarados em ameaças e implicações desses no contexto escolar. Revelaram dificuldades frente as temáticas em foco. Da mesma forma os professores também demonstraram sentir dificuldades para trabalhar com estas questões com os escolares. Todos os sujeitos (Delegados, Diretores e Educadores) pesquisados apresentaram problemas em lidar com as temáticas sexualidade, DST-AIDS e drogas, reivindicando ações e intervenções educativas para atender suas necessidades nesta área, tanto para esclarecimento pessoal quanto para formação de agentes multiplicadores nesta área. Isto foi trabalhado, com eles, com o apoio da multidisciplinaridade, atendendo ainda suas reivindicações em relação ao material didático para subsidiar seu trabalho profissional.

---

006

CAPELO, Milena Cirino.

*Educação para sexualidade em busca da cidadania: relato de uma experiência.* Fortaleza, CE, Educação, UFCE, 1998. 198 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Terezinha de Jesus Pinheiro Maciel).

RESUMO - A aprendizagem é um processo de transformações e interações contínuas que se dá na escola, mais fora das salas de aula do que dentro delas. Vive-se um tempo em que é urgente se falar de sexo e sexualidade de forma mais ampla e clara. Faz-se necessário buscar que o ensino seja realizado em função da preparação do indivíduo para a vida, para a cidadania, de forma integral e integrativa, e a educação ser vista de forma holística, realizada em "CASAS DE EDUCAÇÃO", por educadores, e não por transmissores de conteúdos. Tendo em vista

que a sexualidade é o manifestar da própria existência, uma dimensão da personalidade, torna-se necessário envolvê-la na formação integral do indivíduo, lendo-se "sexualidade" como a expressão global humana, afetiva, ideológica, ética e filosófica. A escola é a instituição social na qual mais concretamente se tem a responsabilidade de promover o pleno desenvolvimento da pessoa e a valorização da vida. É ela o elemento importante que une o educador, o educando, a família e a comunidade, podendo ser uma facilitadora de transformações. É deste horizonte que surge este trabalho de dissertação de mestrado. No cap. I são expostos dados problematizando a questão da sexualidade de crianças e adolescentes, formados dentro de uma cultura anti-sexual, genital, machista e patriarcal e a influência dos meios de comunicação de massa sobre estes. No cap. II faz-se uma relação da história da "educação" burguesa com a história da sexualidade humana no ocidente, realçando a necessidade de se passar a educar homens e mulheres para a cidadania, construindo suas histórias. No cap. III expõe-se os conflitos e contradições do papel da família, ressaltando-se a importância do diálogo e o papel social da escola neste momento histórico. No cap. IV, mostra-se o porquê de se usar a terminologia "educação para a sexualidade" e delinear a necessidade de uma capacitação de educadores para trabalhar o tema dentro do universo escolar, a importância da reeducação da família e dos educadores e o constante aprimoramento destes, enquanto pessoas, enquanto profissionais, e enquanto cidadãos. Já no cap. V relata-se um trabalho de pesquisa realizado em busca do conhecimento da vivência de resultados obtidos com esta em relação ao tema Educação para a Sexualidade.

---

007

CARVALHO, Sumaya Persona de.

*Sexualidade, educação e cultura: instantâneos de escolas de Cuiabá e Várzea Grande*. Cuiabá, MT, Instituto de Educação, UFMT, 1997. 221 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Maria de Lourdes Bandeira De Lamônica Freire).

RESUMO - Este estudo pretende contribuir para a discussão da sexualidade na escola. É fruto das minhas incursões no estudo dessa questão, através da dialética da fala/silêncio de professores da pré-escola e séries iniciais do primeiro grau, no contexto de atividades de pesquisa desenvolvidas nos projetos: Em Busca de Uma Prática Interdisciplinar para as séries iniciais do 1º grau, em Cuiabá e Vencendo Barreiras Redescobrimo o Mundo, em Várzea Grande - MT. As expressões da sexualidade na escola, oferecem dois feixes de dados, carregados de tensões reveladoras de sexualidade como problema educativo, no dia-a-dia de professores das séries iniciais. O primeiro feixe é constituído por um conjunto de 192 perguntas escritas, formuladas pelos professores de escolas públicas de Cuiabá. O segundo feixe é construído por registros de assessoramento prestado a professores em casos específicos por eles vivenciados, no contexto de uma prática escolar. Para análise e interpretação dos dados levaram-se em conta duas dimensões da problemática sexualidade, mais presentes tanto nas falas em situações públicas como privadas: repressão da própria sexualidade e despreparo profissional para lidar com a questão da sexualidade em sala de aula. Existem entre os professores três compreensões diferenciadas de orientação sexual (os que se sentem bastante à vontade e preparados para falar de sexo na sala de aula; os favoráveis à discussão, mesmo que não saibam como agir e os contrários a essa discussão). Em sua maioria, os professores demonstram desejo de aprofundamento da discussão, para atender a demandas de curiosidade da criança e de insurgências da sexualidade em sala de aula. Os professores, todavia, possuem uma concepção vaga e difusa da questão. Circunscrevendo sua visão de sexualidade na escola ao âmbito de fatos concretos vivenciados na sala de aula, não têm clareza quanto à dimensão simbólica implicada nessa visão simplificadora.

---

008

CHAGAS, Eva Regina Carrazoni.

*Principais características pessoais e profissionais do educador para a saúde que atua na área de educação sexual: problemática de sua formação*. Porto Alegre, RS, Faculdade de Educação, PUC-RS, 1990. 449 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Juan Jose Mourino Mosquera).

RESUMO - A presente dissertação pretendeu caracterizar pessoal e profissionalmente o educador para a saúde que atua na área de educação sexual a partir dos próprios docentes e de seus alunos. Procurou propor um modelo de educação sexual baseado nos depoimentos, na bibliografia e nos princípios do aconselhamento psicopedagógico. A amostra de professores foi intencional e coincidiu com a reduzida população que efetivamente atua nessa área. A amostra de alunos contou com 6 alunos por professor. As entrevistas dos alunos foram lidas e 2 foram selecionadas por um

professor, a partir de alguns critérios, como por exemplo a idade. As entrevistas foram analisadas com base na técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin. Os dados obtidos mostraram-se muito semelhantes e os resultados nos permitiram sugerir estudos específicos e reflexão pessoal sobre a sexualidade do educador.

---

009

CHAGAS, Eva Regina Carrazoni.

*Concepção e contribuições dos/as professores/as das universidades da Grande Porto Alegre sobre Educação para a Saúde e Educação Sexual para a formação de especialistas em Educação.* Porto Alegre, RS, Faculdade de Educação, PUC-RS, 1995. 235 p. Tese de Doutorado. (Orientador: Claus Dieter Stobaus).

RESUMO - A investigação de cunho qualitativo verifica as concepções e contribuições dos/as professores/as das universidades da Grande Porto Alegre sobre Educação para a Saúde e Educação Sexual para a formação de especialistas em Educação. São 10 entrevistados: 8 professoras e 2 professores. No perfil dos/as entrevistados/as destaca-se os que estão na faixa de 39-55 anos, vivendo todos/as a fase evolutiva denominada adultez média. Provêm de diversos cursos de graduação e a maior parte cursou ou cursa algum curso de pós-graduação e/ou segue estudando. Os dados são categorizados tematicamente através da técnica de análise de conteúdo de Bardin. Sobre os aspectos da sexualidade nas disciplinas, destaca a importância da discussão sobre a sexualidade, que vai do geral para o particular, e se os/as alunos/as gostam do assunto. Sobre as concepções de saúde, sexualidade e Educação Sexual, as categorias e seus indicadores ressaltam os temas: saúde, sexualidade, Educação para saúde, e Educação Sexual. Conclui com propostas pedagógicas, incluindo a Educação Sexual na educação formal, e sugere bibliografia sobre os temas.

---

010

CHAVES, Gilberto.

*A importância do Biólogo na Educação Sexual: reflexões baseadas nas estruturas curriculares de 50 Instituições de Ensino superior.* Rio de Janeiro, RJ, Sexologia, UGF, 1998. 93 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Pedro Jurberg).

RESUMO - Todos os dias a sociedade exige respostas para uma série de questões que afligem o mundo contemporâneo. Dentre estas preocupações, encontram-se a expansão demográfica desordenada sem planejamento familiar e da natalidade, o aumento crescente da gravidez não planejada em adolescentes e a proliferação de doenças sexualmente transmissíveis, o que remete a necessidade de controle destas distorções e, por conseguinte sobre o papel do educador sexual como uma das formas de resolução destas dificuldades. Através do levantamento das leis, Códigos, Resoluções e Pareceres que envolvem a atividade de diferentes profissionais, além da análise de estruturas curriculares de diversas Instituições de Ensino Superior, verificou-se a necessidade de aprimoramento no perfil do curso de Biologia com a finalidade de transformar o Biólogo num dos agentes responsáveis, junto a outros profissionais, em participar do processo de educação sexual, sobretudo dos adolescentes, visando a melhoria da qualidade de vida de toda a população. Acredita-se que, através da disponibilização de recursos adequados poder-se-ia propiciar a discussão, informação e reflexão principalmente junto aos que iniciam sua vivência na adolescência das temáticas anteriormente mencionadas.

---

011

CRUZ, Elizabete Franco.

*Educação sexual e formação do educador de creche e pré-escola.* São Paulo, SP, Psicologia, PUC-SP, 1996. 136 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Fúlvia Rosemberg).

RESUMO - As creches e as pré-escolas são cenário das manifestações da sexualidade infantil e, freqüentemente, tais manifestações despertam o pânico, ansiedade e desorientação nos educadores, evidenciando o despreparo dos adultos no trato com as crianças. A escassez de sistematização sobre o tema, tanto no plano teórico como no prático, conduziu-me a estabelecer como objetivo deste projeto um mapeamento sobre a educação sexual no âmbito da educação infantil, enfocando, principalmente, a formação que os educadores recebem para desenvolver este trabalho. Este mapeamento foi elaborado a partir de duas fontes: escrita e oral. Na primeira considerei o

levantamento da bibliografia disponível sobre o tema; na segunda, entrevistas realizadas com instituições que trabalham com formação de educadores. Os dados das entrevistas foram agrupados e analisados à luz do referencial teórico, seguindo dois grandes eixos: a demanda e as experiências. A bibliografia nacional sobre educação sexual e sexualidade infantil foi arrolada e sistematizada e complementada pela análise de livros de educação sexual para crianças. A sistematização desse material permitiu a construção e avaliação de um estado das artes sobre educação sexual no contexto da educação infantil. Apesar de certo acúmulo de conhecimentos, práticas e materiais pedagógicos, concluiu-se que o campo carece de maiores incentivos, na produção de conhecimentos e/ou sua socialização.

---

012

CURSINO, Edna Aparecida.

*Sexualidade, Aids e drogas: informações, concepções e percepções de alunos e professoras de uma escola de primeiro grau.* Ribeirão Preto, SP, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP, 2000. 240 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: André Jacquemin).

RESUMO: Visando obter subsídios para um trabalho de prevenção à infecção pelo HIV/AIDS, gravidezes juvenis e uso indevido de drogas, investigou-se as informações, concepções e percepções de 221 alunos e 39 professoras de uma escola de primeiro grau sobre aspectos relacionados aos temas. Para análise dos dados, obtidos através de questionários específicos para cada grupo, adotou-se a Análise de Conteúdo Temática e o Banco Correlacional de Dados EPINFO. A análise dos dados revelou que: 1) a maior suscetibilidade à pressão grupal deve-se à percepção da turma como facilitadora das relações sociais e afetivas, e a menor à valorização da individualidade; 2) os sujeitos apresentaram concepções semelhantes do namoro e do ficar, mas, somente as educadoras conceberam as intimidades físicas presentes nos relacionamentos como envolvendo a atividade sexual; 3) a percepção do homem como responsável pela tomada de iniciativa na relação, resulta em dificuldade das meninas para falar de sexo com o parceiro; 4) na percepção dos sujeitos a valorização da virgindade está associada à incorporação de valores sócio-culturais, sendo que os alunos apontaram estar a manutenção da mesma associada ao fato destes perceberem-se como sendo muito jovens e despreparados para a perda; 5) mais de sessenta por cento dos meninos questionaram a atribuição da responsabilidade pela contracepção à mulher; 6) o uso do condom foi referido por todos os alunos que se iniciaram sexualmente, independentemente do planejamento da vida sexual; 7) os sujeitos mostraram-se informados sobre as formas de transmissão e prevenção da AIDS, no entanto, entre os alunos observou-se além do sentimento de invulnerabilidade, o preconceito em relação ao portador do HIV; 8) além de informações incompletas, os sujeitos apresentaram crenças errôneas associadas à contracepção, AIDS e drogas; 9) os amigos são a principal fonte de informações sobre sexo e drogas, sendo que pais e educadoras foram citados mais frequentemente como fonte de informações sobre drogas; 10) os sujeitos apresentaram concepções negativas acerca das drogas e dos usuários; 11) álcool, tabaco e lança-perfume foram as principais drogas citadas pelos alunos a nível de experimentação e consumo; 12) as educadoras associaram significativamente mais que os alunos, o uso de drogas ao fato de se ter amigos usuários, sendo que ambos apontaram a falta de perspectivas como principal motivação para o mesmo; 13) as professoras enfatizaram a transmissão de informações sobre efeitos e conseqüências do uso de drogas como forma das escolas prevenirem o consumo das mesmas. Os dados obtidos evidenciaram a necessidade de uma proposta preventiva em relação aos temas, envolver, além da transmissão de informações adequadas, discussões e reflexões sobre os diferentes aspectos associados aos temas, de modo que o aluno e professoras possam rever suas crenças, valores e preconceitos, bem como superar medos, angústias e incertezas. Evidenciaram também, a necessidade de se discutir junto as professoras metodologias de trabalho, subsidiando estas para um trabalho eficaz de promoção de saúde e cidadania.

---

013

DALL'ALBA, Lucena.

*Sexualidade e deficiência mental: concepção do professor.* São Carlos, SP, Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCar, 1992. 70 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Tércia Regina da Silveira Dias).

RESUMO – O presente trabalho teve por objetivo investigar a concepção do professor sobre sexualidade e deficiência mental, através da análise de suas verbalizações. Para tanto foi definido um referencial teórico que contextualizou a sexualidade dentro de uma perspectiva histórica, econômica, social e cultural o qual subsidiou a

análise de 10 entrevistas realizadas com profissionais que trabalhavam com deficientes mentais adultos, jovens e crianças que freqüentavam escolas de duas cidades de São Paulo e duas de Santa Catarina. Os resultados mostraram que os professores encontram-se despreparados para tratar com o deficiente. Apresentam uma concepção de senso comum quanto a deficiência e sexualidade. Além disso, as manifestações sexuais constituem-se em um drama para o professor e um problema que a instituição não sabe como resolver.

---

014

DE LA OSSA IZQUIERDO, Inés.

*Articulação sexualidade e saber no âmbito pedagógico: uma abordagem psicanalítica.* Porto Alegre, RS, Faculdade de Educação, UFRGS, 1992. 210 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Maria Nestrovsky Folberg).

RESUMO - Com base na psicanálise, aborda a articulação entre sexualidade e saber no âmbito pedagógico. A concepção de sujeito foi fundamento e fio condutor da pesquisa. Resgatou-se a dimensão inconsciente do sujeito como sendo a que estrutura a sua sexualidade. O sujeito desejante é concebido desde a tripla perspectiva do real, do simbólico e do imaginário. Os três integrantes que estruturam a sua sexualidade, origem da vida, morte e diferenças sexuais são da ordem do impossível. Questionou-se quanto a pensar em sexualidade reduzindo-a a sua vertente imaginária consciente, racional. A relação entre saber e sexualidade se abordou tendo em conta a articulação entre educação, ensino e transmissão na circulação da palavra, sendo que, as posições subjetivas estruturam-se via transmissão inconsciente, o que foge da intencionalidade nos atos de educar e ensinar. A partir da escuta dos discursos de uma professora e dos seus alunos de uma pré-escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre, foi possível pensar a sexualidade na escola via concepção e abordagem do sujeito do inconsciente.

---

015

DIAS, Arléia.

*Pesquisa ação com alunos do curso técnico profissionalizante de enfermagem sobre sexualidade e DST/AIDS.* Ribeirão Preto, SP, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, USP, 2000. 158 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Sônia Maria Villela Bueno).

RESUMO - Procuramos desenvolver nesta investigação um estudo sobre sexualidade e DST/Aids, com alunos do Curso Técnico de Enfermagem, reforçando os aspectos da educação preventiva. Objetivamos pesquisar junto com os alunos seus problemas e dúvidas sobre alguns aspectos da sexualidade e DST/Aids; trabalhar posteriormente, com eles, ações de educação e intervenção conjunta, em relação às dificuldades identificadas sobre as temáticas em foco; prepará-los para serem agentes multiplicadores, ao nível preventivo, sobre as temáticas trabalhadas; apresentar uma proposta de conteúdo sobre a temática central para a escola pesquisada, possibilitando implementação na sua grade curricular. Na metodologia, trabalhamos a Pesquisa Ação de forma qualiquantitativa, desenvolvendo referenciais teóricos fundamentados na OMS e Ministério da Saúde, valorizando o homem em sua totalidade, resgatando a qualidade de vida e a cidadania, embasados, sobretudo, em Paulo Freire, no que diz respeito à pedagogia da problematização e metodologia participativa e dialógica. Para o levantamento dos dados utilizamos a observação participativa da realidade e a entrevista coletiva, utilizando o questionário com questões semi-estruturadas e norteadoras como instrumento. Pesquisamos 92 alunos de ambos os sexos, sendo a maioria de jovens e adulto jovem, solteiro e possui 2º grau completo. Os resultados evidenciaram que grande parte dos alunos possui idéia simplista e ingênua sobre sexualidade e sexo; relaciona sexo seguro à prevenção; tem vida sexual ativa; não tem como prática o uso do preservativo; a preocupação maior de usar o preservativo é das mulheres; a maioria adquire o preservativo na farmácia; crê que os outros usam preservativo, mas não são todos; já transou sem preservativo com namorado(a); não conhece o preservativo feminino e possui dúvidas sobre o mesmo; tem pouco conhecimento sobre o significado de DST/Aids, modo de transmissão, bem como os sinais e sintomas das mesmas; relaciona a situação atual das DST/Aids à falta de informação, calamidade e alastramento. Portanto, concluímos que estes alunos apresentam idéia simplista, ingênua, ambivalente e, às vezes, contraditórias em relação à sexualidade DST/Aids, apresentando certo nível de desconhecimento sobre os temas, suscitando ações e intervenções educativas voltadas às temáticas em foco, favorecendo conhecimentos e habilidades, visando preparo para a sua vida pessoal e profissional, além de despertar a reflexão e conscientização para hábitos seguros, consentâneos e responsáveis. Trabalhamos, posteriormente, ações e intervenções educativas conjuntas, visando a garantia da mudança de comportamento

para o sexo seguro e para a sua atuação profissional futura.

---

016

DUARTE, Josmar Barreto.

*Educação/orientação sexual em escolas públicas (3º e 4º ciclos): realidade e perspectivas.* Salvador, BA, Educação, UFBA, 2001. 214 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Alda Muniz Pêpe).

RESUMO - O objeto deste estudo são os programas de Educação/Orientação sexual no ensino fundamental (3º e 4º ciclos), sua realidade e perspectivas em escolas públicas da cidade de Jequié-BA, objetivando identificar a interferência de fatores de contingência na execução do programa em cada escola e a qualidade de desempenho dos professores que deles se ocupam. Trata-se de uma pesquisa do tipo descritivo-explicativa que investiga a relação do desempenho do professor no processo de Orientar/Educar para a sexualidade e sua formação: curso formal; religião, valores, credences, preconceitos e tabus sexuais; disciplina(s) que leciona; conhecimento básico sobre sexualidade; visão que tem do educando e sobre a importância dos referidos programas. Os procedimentos utilizados para a coleta de dados foram: aplicação de questionários/formulários e observação sistemática. Fizeram parte do estudo 30 professores e 190 alunos de quatro escolas públicas de médio e grande porte das redes municipal e estadual da cidade de Jequié-BA. Os dados coletados confirmam a hipótese de que há estreita relação entre o desempenho docente nos programas de educação/orientação sexual e os fatores supra-referidos. A conclusão a que chegamos é que, na qualidade de "terreno de todos", a Educação/Orientação para a sexualidade tornou-se "terra de ninguém" e por isso não se vem fazendo um trabalho sistemático, bem cuidado e conseqüente. É claro que a falta de condições de trabalho, incluindo o interesse institucional tem sido a causa desta situação de despreparo dos professores e a ausência de um programa consistente de Educação para a sexualidade. Diante do exposto, percebemos a grande necessidade do interesse/compromisso/seriedade e reconhecimento da importância desses programas por parte das Secretarias de Educação Municipais e Estaduais, pelos diretores escolares, professores, alunos e pais dos alunos, para que os mesmos possam contribuir para o bom desempenho dos referidos programas. Salientamos também que faz-se necessário, a motivação e formação específica, de maneira sistemática e contínua, de professores para executarem as atividades/estudos requeridos por esta área da educação, construindo e usando conhecimentos, além do senso comum, no desempenho dos programas em Educação/Orientação para a sexualidade.

---

017

EGRY, Emiko Yoshikawa.

*O docente de enfermagem e o ensino da sexualidade humana: ação educativa através da pesquisa participante.* São Paulo, SP, Faculdade de Saúde Pública, USP, 1985. 160 p. Tese de Doutorado. (Orientador: Ruy Laurenti).

RESUMO - Relata o desenvolvimento de uma investigação sobre o ensino da sexualidade humana dentro da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, realizada de 1984 a 1985, com o objetivo de levar os docentes da referida Escola a tomarem consciência crítica da sua realidade no que tange à sexualidade humana por meio da emergência e superação das contradições; promover e propor ações no sentido de superar os problemas levantados, assumindo-se como sujeito de sua própria educação, num processo dinâmico e participativo. A metodologia adotada foi a de pesquisa participante e o referencial teórico utilizado foi o materialismo-histórico-estrutural-dialético. A população escolhida foi constituída por 8 docentes enfermeiras, congregadas em grupo a partir da expressão do desejo pessoal da pesquisada em participar desse estudo. Os dados foram coletados através de duas fontes principais: o discurso contido nas entrevistas individuais centradas no pesquisado e o discurso contido nos registros dos debates grupais. Mostra que o ensino da sexualidade humana na Escola é inexistente dentro da estrutura curricular atual; ao mesmo tempo, revela a ausência da preocupação em ministrar o ensino por parte da Instituição; ainda, a incapacidade das docentes de assumirem de fato a responsabilidade no ensino, traduzidas na formação deficiente do aluno em relação à sexualidade humana. O desenvolvimento do trabalho grupal aborda as multi-dimensões da sexualidade humana, permitindo a crítica da realidade de ensino vivenciado pelas docentes e a emergência das contradições, principalmente as teórico-práticas e a superação de algumas delas. Sobretudo, revela a ansiedade e a vontade das docentes em querer ultrapassar as incapacidades e habilitarem-se a desenvolver, no sentido de melhor domínio da temática que proporcione um ensino de enfermagem mais crítico, mais consciente e mais verdadeiro.

---

018

FALCÃO, Eulina Rosa.

*Um programa de educação sexual - a informação da pesquisa sexual como subsídio para reformulação de atitudes.* Campinas, SP, Instituto de Matemática, Estatística e Ciências da Computação, UNICAMP, 1977. 149 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Alejandro Engel Bratter).

**RESUMO** - Discute a importância da informação científica na compreensão do desenvolvimento da função sexual, dentro de um contexto de educação geral. A partir de um estudo a respeito de educação sexual, desenvolve uma experimentação com 177 indivíduos universitários de formação profissional variada e com experiência profissional de 2 a 7 anos. A experimentação processa-se tomando por base as pressuposições seguintes: - a informação científica é básica e fundamental na compreensão da sexualidade humana e na aceitação de comportamentos pertinentes a evolução da sexualidade; - o profissional da educação desconhece a informação científica e a importância dela na compreensão do comportamento do educando e na prevenção de disfunções sexuais. Conclui que, sendo a reeducação a base para o êxito terapêutico no tratamento das disfunções sexuais e a informação científica a base dessa reeducação, talvez a educação possa trabalhar no sentido de prevenir problemas de desajustamento e de disfunções sexuais. O trabalho resulta de estudo sobre a Resposta Sexual Humana e de experiência realizada em Cursos com profissionais de Educação.

---

019

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico.

*A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites.* Marília, SP, Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, 2001. 317 p. Tese de Doutorado. (Orientador: Celestino Alves da Silva Junior).

**RESUMO** - O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre a formação continuada de professores voltada para atuação positiva e humanizadora em Educação Sexual, buscando compreender o processo de construção do saber e do saber-fazer docente em Educação Sexual, no cotidiano escolar. A reflexão se fez com base no estudo de caso da experiência de formação de educadores realizada na Universidade Estadual de Londrina/PR (UEL). Tal experiência foi composta de dois momentos. No primeiro, foram desenvolvidos Grupos de Estudos, em 1997, nos quais participaram professores de várias escolas públicas. Foram formados três grupos de 20 elementos cada, aproximadamente, que se reuniam, uma vez por semana, para estudar sobre Educação Sexual. No segundo momento, em 1998, dez professoras e um professor, que haviam participado da etapa anterior, passaram a integrar o Mutirão Orientador, encontro quinzenal que se realizava na Universidade, onde recebiam supervisão para o trabalho prático e davam continuidade aos estudos, debates e reflexões em grupo. O critério para integrar-se ao mesmo era desenvolver um programa de Educação Sexual junto a crianças ou adolescentes. Como resultado geral, oito professores obtiveram êxito, tendo conseguido desenvolver um programa e três atenderam parcialmente a exigência, apresentando dificuldades. A reflexão em torno do processo de formação continuada dos que obtiveram êxito, assim como dos que não obtiveram, trouxe contribuições para o entendimento do objeto de estudo desta Tese. Um ano após o encerramento do Mutirão Orientador, os integrantes foram entrevistados, individualmente, a fim de se verificar o quanto conseguiram realizar e avançar em sua prática pedagógica. Foi constatado que, de nove professores (pois duas haviam se aposentado ao final de 98), apenas duas professoras conseguiram desenvolver um programa sistemático de ensino da sexualidade, em sua escola. No entanto, descobriu-se, junto a todos, várias possibilidades do saber e do saber-fazer docente em Educação Sexual, no espaço cotidiano da prática escolar, que contribuíram para o desenvolvimento pessoal e profissional de cada professor, assim como para o processo de construção da identidade profissional do coletivo docente. Foram constatados, também, fatores limitantes ao processo, os quais estavam ligados a questões pessoais, ou à peculiaridades da profissão docente e/ou ao contexto de trabalho. Um segundo estudo de caso foi também inserido: o processo de formação continuada vivido por uma professora de Escola Estadual, durante a elaboração de sua monografia voltada para o ensino da sexualidade nas aulas de Português. Ficou comprovado que, para a eficácia da formação continuada de professores em Educação Sexual, é preciso seguir o modelo reflexivo de formação, no qual são valorizados a experiência, a história de vida, a prática pedagógica, o saber construído pelo professor e o exercício de reflexão em grupo. É importante que o trabalho de formação seja longo e sistemático e que a prática seja acompanhada de assessoria. Conclui-se que as situações de aprendizagem geradas não foram igualmente formativas para todos os professores, assim como não foram igualmente formativas para o mesmo professor, nos seus variados momentos de vida e de trabalho. Os três tipos de saber que cada professor traz consigo (a experiência, o conhecimento da disciplina que ensina e o conhecimento pedagógico) tiveram

influência em seu desempenho e foram responsáveis pelos desempenhos diferenciados entre os vários integrantes. Proponho que haja investimentos (ligados ao campo da sexualidade) no desenvolvimento profissional do professor e, sobretudo, no seu crescimento pessoal. Que ele seja considerado como indivíduo para quem a reeducação sexual é importante e necessária e não somente como um meio para se atingir a Educação Sexual dos alunos.

---

020

FILGUEIRAS, Vera Maria de Sá Antunes.

*Educação, um compromisso feminino? PROJETO EDUCARTE e a questão de gênero na formação de Educadores Sexuais*. Rio de Janeiro, RJ, Sexologia, UGF, 1999. 136 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Marise Bezerra Jurberg).

RESUMO - A partir da constatação de que, desde a implantação do ensino público, a educação tem sido o local do feminino, faz-se necessário saber se o processo de feminização da educação, no ensino fundamental, tem se repetido no caso da implantação da educação sexual nas escolas, conforme postula o documento do Ministério da Educação e do Desporto sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais. O desenvolvimento deste trabalho consta de uma fundamentação teórica, abordando três vertentes: a questão de gênero, seu caráter histórico e cultural; a feminização do magistério e suas implicações educacionais; a educação sexual nas escolas e a adesão majoritária das mulheres no corpo docente. Deu-se ênfase ao citado documento do Ministério da Educação e do Desporto sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais que introduz a Orientação Sexual, de forma transversal, nos currículos escolares. Este trabalho teve como objetivos principais identificar a questão do gênero como categoria para análise na participação do corpo docente, tanto na demanda pela capacitação em educação sexual, como no comprometimento com o trabalho de educação sexual daqueles já capacitados. Neste sentido, poderão ser apontados caminhos que venham a propiciar melhores formas de divulgação dos cursos oferecidos, como atender as demandas e as expectativas de professores e professoras a fim de que trabalhos em sexualidade nas escolas, sejam contemplados pela democratização das relações interpessoais, condição sem a qual será difícil, aos mestres, educar no sentido de uma cidadania plena para seus alunos. Foi realizada uma pesquisa de campo do tipo descritiva em onze escolas da Rede Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro, na região de Campo Grande, onde 130 professores (60 homens e 70 mulheres), responderam a questionário sobre suas concepções acerca da educação sexual, as dimensões do sexo e da sexualidade, expectativas e interesses em relação a capacitação. Foram feitas comparações entre os gêneros e entre professores não capacitados e capacitados. Este grupo respondeu a questões específicas sobre o curso que haviam feito, o que este curso os auxiliou, assim como as dificuldades encontradas por eles para a implantação da educação sexual em suas unidades escolares. Os resultados apontam para o fato de que os estereótipos culturalmente criados para cada gênero fazem com que se reconheça que a sociedade ainda é machista, quando aponta para a contradição de um discurso liberal, preconizando a igualdade do exercício da sexualidade para homens e mulheres, ao mesmo tempo em que uma grande parte desta população-alvo reivindica a virgindade das mulheres, um dos pilares do machismo. Em suma, embora ainda se reproduzam, na escola, comportamentos socialmente determinados para os dois gêneros os quais, muitas vezes são impeditivos para a transformação das relações interpessoais e, no caso desta dissertação, para o trabalho de sexualidade com alunos, uma mudança se observa e se constata em trabalhos pioneiros e postura de alguns docentes. Sugere-se que haja a formação em sexualidade nos cursos regulares do magistério e, emergencialmente, capacitações semelhantes às que têm sido oferecidas, por profissionais habilitados, como por exemplo, a do Projeto EDUCARTE. Capacitações que contemplem as expectativas levantadas nesta pesquisa, para minimizar o déficit desse trabalho nas instituições educacionais, a fim de que se possa responder à demanda social e à orientação do Ministério da Educação e do Desporto, contemplando o tema transversal - Orientação Sexual.

---

021

FRAUCHES, Diana de Oliveira.

*Estudantes de medicina e suas atitudes em relação à AIDS*. Vitória, ES, UFES, 2001. 96 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Maria Margarida Pereira Rodrigues).

RESUMO – As atitudes de profissionais de saúde em relação à AIDS podem acarretar desvios de conduta técnica e a avaliação das mesmas no nível de graduação possibilita eventual intervenção em um momento no qual não se

concretizou a prática profissional, que poderia favorecer a cristalização de atitudes negativas. Tomando como base que atitudes – conhecimento, afeto e avaliação – têm origem na vida social e são largamente partilhadas e considerando que as atitudes em relação à AIDS podem estar relacionadas ao treinamento profissional, além das controvérsias existentes sobre a influência de questões relativas a gênero, selecionou-se amostra probabilística de 176 estudantes do primeiro e do último ano de Medicina, nas duas escolas do Espírito Santo, Brasil, em 2000, estratificada por inserção no curso e por sexo. A Escala de Atitude sobre AIDS (AAS), desenvolvida por Shrum, Turner e Bruce (1989), foi adaptada aos sujeitos distribuídos em grupos segundo instituição e inserção no curso. Os resultados foram submetidos a testes estatísticos não paramétricos. Encontrou-se padrão semelhante de atitudes entre os estudantes do início do curso, nas duas instituições. Em uma das escolas, a tolerância aumentou significativamente no final do curso, em relação ao grupo do início, enquanto na outra, houve queda de tolerância, com aumento de variabilidade dos escores. As variáveis religião e conhecer pessoas com HIV/AIDS, que também foram levantadas pelo instrumento, não produziram diferenças significativas nos escores. Não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos, estando tal avaliação restrita aos grupos no início do curso. Discute-se a adequação da AAS para uso em nosso meio e a oportunidade da realização de estudos sobre a cultura e os projetos pedagógicos das instituições pesquisadas.

---

022

FREITAS, Maristela Rodrigues.

*Concepção de profissionais sobre a importância de uma proposta de educação sexual para deficientes mentais.* São Carlos, SP, Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCar, 1996. 111 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Tércia Regina da Silveira Dias).

RESUMO - O estudo surgiu da necessidade de uma educação sexual para pessoas com deficiência mental em escolas especiais. Participaram 17 profissionais de duas APAEs em cidades e estados diferentes. O objetivo foi saber a opinião de profissionais sobre a necessidade e importância de um trabalho de educação sexual para essa população. Os resultados evidenciaram que: 1) os profissionais reconhecem a necessidade de um programa mas não sabem como fazê-lo; 2) acreditam que através de uma educação sexual as manifestações do aluno serão melhor compreendidas; 3) reivindicam uma formação específica para lidar com os alunos e orientar os pais; 4) apresentam-se como profissionais interessados em trabalhar as questões; 5) reconhecem que a escola pode e deve fornecer educação sexual; 6) questionam seu total despreparo para orientar o aluno e relatam que a orientação eventualmente ocorre por meio de práticas repressoras; 7) acreditam que o aluno, a partir do momento em que tiver uma educação sexual sistematizada, passará a ter outro comportamento sexual e terá outra imagem social, pois a educação sexual tem um papel social.

---

023

GONÇALVES, Eliane. *Educação sexual em contexto escolar: da formação de professores/as à sala de aula.* Goiânia, GO, Faculdade de Educação, UFG, 1998. 195 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Maria Hermínia Marques da Silva Domingues).

RESUMO – O presente trabalho aborda a educação sexual em contexto escolar a partir de duas experiências de formação de professores/as das redes estadual e municipal, ocorridas em Goiânia, no período de 1993-95. Trata-se de um estudo descritivo/avaliativo cujos dados foram coletados através de documentos, questionário e entrevista que visa articular as opiniões daqueles que fizeram ou não os cursos de formação, no contexto analítico da teoria da Construção Social da Sexualidade. A educação sexual é aprovada por 96,2% dos/as educadores/as pesquisados/as, sendo a inserção no currículo a partir das primeiras séries do ensino fundamental, a forma considerada mais adequada. Entretanto, 82,4% ainda consideram que os/as professores/as não estão preparados/as para esta função, o que os/as leva a admitir que as universidades e secretarias de educação deveriam oferecer formação continuada nesta temática específica da sexualidade. Alguns temas ainda são considerados difíceis de abordar tais como: o abuso sexual, a homossexualidade e o aborto, enquanto que aqueles relacionados aos aspectos biológicos da sexualidade são tidos como fáceis de trabalhar com os alunos. O estudo nos permite considerar que a educação sexual apesar de estar sendo viabilizada em algumas escolas, ainda é alvo de muitas contradições e encontra-se em precárias condições de desenvolvimento no espaço escolar. Poucos profissionais capacitados, carência de recursos materiais, ausência de apoio institucional efetivo, figuram entre os obstáculos à

sua inclusão no cotidiano escolar.

---

024

GUERRA, Antônio Fernando Silveira.

*Das tecnologias de poder sobre o corpo a vivência da corporeidade: a construção da oficina como espaço educativo.* Florianópolis, SC, UFSC, 1996. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Maria Oly Pey).

RESUMO - Apresenta inicialmente três etapas da trajetória do pensamento de Michel Foucault: as tecnologias de poder como produtoras da subjetividade, a análise arqueológica e a análise genealógica. Alguns aspectos destas foram utilizados como `ferramenta metodológica` para analisar como se produziu a construção histórica de uma visão mecanicista do corpo humano, ainda muito presente nas práticas discursivas do ensino de Ciências e Biologia. Utiliza como categorias de análise a construção de um `corpo-padrão` (associado ao disciplinamento), inserido no `corpo social` - onde se associa ao processo de regulação das populações pelo `bio-poder`-; e legitimado pelas práticas discursivas dos diferentes `corpos de conhecimento disciplinares` que instituíram, através de práticas pedagógicas e terapêuticas de subjetivação, um modelo padrão de `corpo biológico` (objeto de estudo da medicina e biologia), uma `corporeidade` (pelo culto ao corpo ideal, ao corpo modelo, tanto na sociedade como nos esportes) e ainda um `corpo didático` (`ensinado` através do disciplinamento escolar). Seriam justamente essas práticas que podem levar a produção da subjetividade. Descreve também a construção da prática educacional com a Oficina `Nosso corpo - esse (des)conhecido`, como `espaço de convivencialidade` e também suas condições de possibilidade no espaço escolar. A mesma foi desenvolvida com grupos de alunas do quarto ano de magistério de uma escola pública de Florianópolis - SC, alunos e professores do curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal de Santa Catarina, assim como do Curso de Ciências da Educação da Universidade Nacional de Córdoba - Argentina. A oficina é uma prática corporal que procura resgatar, com as pessoas participantes, a visão de ser humano em sua multidimensionalidade - a corporeidade, utilizando para isso uma série de vivências realizadas e discutidas por elas. Busca-se produzir nessa prática um outro saber sobre o corpo e a corporeidade - diferente do discurso escolar mecanicista, levando em conta outras dimensões da subjetividade, nos aspectos do afetivo, emocional, sensorial, intuitivo e criativo, lúdico-corporal e interpessoal.

---

025

GUIMARÃES, Carmen Regina Parisotto.

*O descaso em relação à educação sexual na escola: estudo de manifestações de futuras professoras de 1ª a 4ª séries do 1º grau.* São Carlos, SP, Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCar, 1992. 231 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Maria da Graça Nicoletti Mizukami).

RESUMO - Considera para a análise 333 sujeitos de duas escolas públicas, que realizavam o curso de 2º grau na habilitação Magistério, na cidade de São Carlos-SP, no 1º semestre de 1991. Procura captar as representações que estas futuras professoras primárias têm da própria sexualidade, da sexualidade infantil e da orientação sexual na escola. Procede a um estudo analítico-descritivo das manifestações destas alunas expressas em questionários, com questões abertas e fechadas, e entrevistas. Faz análises quantitativas envolvendo variáveis consideradas relevantes e análises qualitativas, pelo agrupamento das respostas em classes que contivessem idéias afins. Os resultados evidenciam que as alunas de Magistério: a) apresentam contradição entre o que pensam e o que fazem nos aspectos referentes à própria sexualidade e à sexualidade infantil; b) vêem a sexualidade como uma questão individual, sem vínculo com a questão política; c) apresentam grande desinformação e têm dificuldade de acesso a fontes de informações confiáveis sobre sexo; d) desconsideram o falar eventual de sexo na escola como orientação sexual; e) mostram coincidência de características entre o orientador sexual ideal e os profissionais existentes nas escolas; f) reconhecem-se como elementos capazes de contribuir para a orientação sexual de seus alunos; g) manifestam-se a favor de sempre responder a verdade, quando indagadas a respeito de questões sexuais; h) tomam atitudes normalmente inadequadas, castradoras ou não sabem como reagir frente a situações teóricas que envolvem a sexualidade infantil, contradizendo o item (f); i) apresentam a prática religiosa como a variável com maior número de diferenças significativas nas questões propostas. Procura mesclar aos resultados uma reflexão sobre a prática educacional, oferecendo elementos para se entender e propor formas alternativas de orientação sexual escolar.

---

026

GUIMARÃES, Isaura Rocha Figueiredo.

*Ilusão e realidade do sexo na escola: um estudo das possibilidades da educação sexual*. Campinas, SP, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1989. Tese de Doutorado. (Orientador: Lucila Schwantes Arouca).

RESUMO - O estudo refere-se a uma experiência de implantação de um Projeto de Educação Sexual nas Escolas da Rede Pública Paulista, na Divisão Regional de Campinas. Apoiada nos dados de um levantamento preliminar, a autora assume a coordenação do Projeto durante dois anos e, atenta ao comportamento dos profissionais da escola: supervisores, diretores, professores e alunos, levanta questionamentos sobre os pressupostos da educação sexual. Ao constatar a grande negatividade da instituição escolar à sexualidade e a estagnação do processo burocrático para um problema que hoje se torna emergencial, a autora pesquisa, através da metodologia qualitativa, caminhos para uma educação sexual culturalmente possível. O trabalho aponta as principais categorias de reflexão subjacentes à questão do sexo na escola e discute as perspectivas de uma educação sexual sem mistificações.

---

027

KASSUGA, Ione Hasegawa.

*Sexualidade, gênero e o livro didático: uma contribuição para a prática docente*. Rio de Janeiro, RJ, Centro de Ciências da Saúde, UFRJ, 2000. 169 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Vera Helena Ferraz de Siqueira).

RESUMO - Este estudo teve como finalidade básica ressaltar como a professora vem exercendo a interlocução entre o livro didático e a sua prática pedagógica, no que se refere às questões da sexualidade e gênero. A partir de uma abordagem metodológica qualitativa, investigou-se a natureza da incorporação do livro didático ao trabalho docente, junto às equipes docente e técnico-pedagógica de uma escola pública municipal de Niterói-RJ. Focalizamos em nossa investigação as temáticas: sexualidade e gênero, buscando apontar, não só as práticas passivas e reprodutivas, como também, as estratégias de resistência e de possibilidade criativa. O estudo reforça a percepção de que as escolas apresentam uma forte tendência de desenvolver a educação/orientação sexual por uma via marcadamente biológica, pautada no discurso do medo e da doença, ou, ainda, pelo discurso do ocultamento e da dissimulação. As práticas e as atitudes que as professoras assumem, frente ao tema da sexualidade, corpo e gênero, desveladas em seus relatos, demonstram, muitas vezes, um discurso normatizador e cerceador. A análise dos livros incorporados à prática didática revelou que as imagens e textos continuam a apresentar uma argumentação cristalizada e essencialista em relação a esses temas. Algumas imagens valorizam os aspectos masculinos associados ao poder, à superioridade, enquanto que posturas contemplativas, ou situações mais passivas, são vinculadas à figura feminina, estando comumente associadas ao espaço doméstico. A criatividade e crítica aparecem em iniciativas isoladas das docentes, não encontrando o respaldo necessário para se fortalecerem e ampliarem. O isolamento, a falta de espaço para reflexão e a ausência de uma política de formação continuada são fatores que parecem colaborar para este quadro. O reconhecimento, por parte da equipe, da importância de se promoverem trabalhos cooperativos (redes colaborativas), através do diálogo, da troca de vivências pessoais, de práticas e saberes, apontam para a importância de um processo de formação contínua, imprescindível para o fortalecimento da identidade profissional e para a real melhoria no tocante ao exercício da docência.

---

028

KIELING, Suzana Schuch Santos.

*Atitudes de pais e professores sobre educação sexual de crianças*. Porto Alegre, RS, Faculdade de Educação, PUC-RS, 1993. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Mirian Sirley Comiotto).

RESUMO - Pesquisa de caráter descritivo sobre atitudes de pais e professores frente a educação sexual das crianças. O estudo, realizado em Porto Alegre, envolve seis pais (três casais) responsáveis pela educação da criança e uma professora. Utilizou-se como instrumento de pesquisa uma entrevista semi-estruturada e os dados foram submetidos a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Emergiram sete categorias básicas: manifestação da sexualidade da criança; educação sexual recebida; família; orientação sexual na família; educação sexual da escola; conceituação de sexo e sexualidade; manifestações de sentimentos sobre o participar da entrevista. Os resultados apontam para a necessidade de maior discussão do tema da educação sexual na

escola, na família e na sociedade. Há muita diferença entre o que os pais dizem ensinar e o que efetivamente ensinam. Há pouco conhecimento sobre sexo e sexualidade por parte de pais e professores. Predominam aspectos de moralidade e de medo do que ensinar, quando, onde e como orientar comportamentos sexuais.

---

029

LAVIOLA, Elaine Cardia.

*Sexualidade infantil através de relatos de educadoras de creche*. São Paulo, SP, Psicologia, PUC-SP, 1998. 150 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Fúlvia Rosemberg).

RESUMO - Esta dissertação se propôs investigar como educadoras de creches das redes direta, indireta e conveniada do município de São Paulo, que atendem crianças tendo 2 e 3 anos e 11 meses, relatam observar, significar e reagir frente a manifestações consideradas expressas pelas crianças. O objetivo deste estudo é servir como instrumento auxiliar na programação de cursos de formação oferecidos aos (às) educadores(as) de creche, bem como no planejamento de políticas e de ações sobre educação sexual e sexualidade no contexto da educação infantil. A dissertação apresenta-se estruturada em quatro capítulos. O primeiro refere-se ao posicionamento da pesquisadora frente aos temas creche, formação profissional do educador e educação sexual. O segundo traz um mapeamento sobre sexualidade infantil, onde aborda-se a proposta teórica de Gagnon (1977), realiza-se um balanço dos estudos brasileiros e estrangeiros sobre manifestações sexuais infantis nas creches e educação sexual para crianças pequenas, e descrevem-se conhecimentos psicológicos disponíveis em torno de quatro aspectos: identidade de gênero, papéis sexuais, erotismo e manifestações sexuais infantis, teorias infantis sobre sexualidade. O terceiro capítulo descreve os procedimentos. A pesquisa foi realizada em 39 creches da rede direta e 47 da rede indireta e conveniada agrupadas, correspondendo a 12% do universo de creches do município de São Paulo, excluindo-se as creches privadas e de empresas. A amostra foi composta por 86 educadoras, que responderam a um questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas acerca de dados pessoais, experiência profissional, grupo de crianças atendidas, formação em sexualidade infantil e manifestações das crianças, observações, concepções e reações das próprias educadoras. Foram criadas categorias, a partir das respostas ao questionário, que sintetizavam a concepção e o conteúdo dos relatos das educadoras e tinham como perspectiva a formação profissional do(a) educador(a) de creche. Os resultados são apresentados no quarto capítulo.

---

030

LIMA, Rosângela Cristina Rosinski.

*AIDS e ensino: possibilidades*. Campinas, SP, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1995. 116 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Mansur Lutfi).

RESUMO - Investiga como os professores de Ciências de 1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries do 1<sup>o</sup> grau, da rede municipal de Curitiba, vêm trabalhando questões relacionadas à sexualidade e corpo humano, qual a ênfase adotada, que tipo de material de apoio utilizam, bem como quais as dificuldades encontradas. Constata o descaso e completo preconceito que a literatura vem colocando sobre esse tema, ampliando os obstáculos para o entendimento do assunto. Nesse contexto, coloca-se a questão da AIDS e suas relações com outros três elementos: vida, solidariedade e cidadania. Procura discutir diversas questões relativas a esses elementos: a) é possível trabalhar com esses quatro complexos elementos em nossas escolas?; b) como fazê-lo num sistema educacional ainda conservador, inserido numa sociedade marcada por tabus e interditos?; c) como romper com as limitações de informações fragmentárias do enfoque exclusivamente biológico?; d) de que forma(s) metodologicamente mais consistente(s) poderemos abordar a questão da AIDS em nossas escolas, sem nos assemelharmos a verdadeiros “papagaios” de manuais de prevenção?; e) caberia apenas ao professor de Ciências a responsabilidade pelo trabalho relacionado à sexualidade, à drogadição e à AIDS?

---

031

MACENA, Raimunda Hermelinda Maia.

*Educação sexual nas escolas: como fazer?* Fortaleza, CE, UNIFOR, 2001. 186 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Vera Lígia Montenegro Albuquerque).

RESUMO - No Brasil, desde 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, há um esforço coletivo incipiente de implantar e implementar ações de educação sexual no âmbito das escolas públicas estratégia para a redução das elevadas taxas de gravidez na adolescência e casos de DST's/AIDS. Trata-se de um estudo de intervenção educativa que foi embasado nas necessidades teóricas e metodológicas dos professores, para lhes possibilitar a incorporação da educação sexual como tema transversal no ensino fundamental. No período de março a dezembro de 2000, foi conduzido um estudo de intervenção, dividido em três etapas: 1) seleção da escola, 2) planejamento e execução de capacitação com educadores, monitoramento e 3) avaliação das ações educativas sobre educação sexual desenvolvidas pelos professores em suas salas de aula. O estudo ocorreu em uma escola pública da cidade de Fortaleza/CE, tendo como amostra, aleatória, nove professores e quarenta alunos distribuídos equitativamente por sexo em turmas de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries. Os dados foram coletados através de formulários, questionários e diário de campo. A análise quantitativa dos dados foi feita pelo software Epi-Info 6.0 e a qualitativa por categorização, via semelhanças e diferenças. Os resultados apontam para uma melhoria dos conhecimentos e das práticas dos professores e dos adolescentes após a intervenção, bem como para a necessidade de um processo de monitoramento e avaliação de caráter pedagógico contínuo e sistemático, em que todos os atores envolvidos estejam presentes, bem como para a importância do núcleo gestor da escola tornar este tema como item obrigatório do planejamento pedagógico.

---

032

MANFRIM, Maria Lucia.

*Educação sexual de pré-adolescentes em algumas escolas de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, SP, UNAERP, 1991. 222 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Alvinos Moser).

RESUMO – Esta pesquisa é um estudo qualitativo sobre três escolas de Ribeirão Preto, acerca da Educação Sexual que é ministrada aos seus alunos, especialmente de 5<sup>as</sup> séries. A pesquisa é uma abordagem de dados levantados empiricamente e analisados à luz das correntes teóricas de hoje, ligadas à Sexualidade.

---

033

MARCHI, Maria Cristina França.

*Orientação sexual como tema transversal: um estudo exploratório sobre representações de professoras*. São Paulo, SP, Instituto de Psicologia, USP, 2000. 183 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Paulo Albertini).

RESUMO - Este estudo focaliza representações de professoras a respeito de temas ligados ao assunto sexualidade. Seu objetivo central é investigar se as orientações das docentes se aproximam, ou não, das diretrizes sobre orientação sexual contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNS. Foram entrevistadas 30 professoras do ensino fundamental da rede pública estadual da cidade de Porto Velho, Rondônia. Essas entrevistas versaram sobre quatro hipotéticas situações-problema do cotidiano escolar, cada uma focalizando, prioritariamente, os seguintes temas: homossexualidade, atividade sexual na adolescência, relações de gênero e AIDS. Verificou-se que, em vários pontos, as representações das docentes não estão pautadas pelas idéias sobre orientação sexual presentes nos PCNS. A partir desses resultados, sugere-se a realização de trabalhos de intervenção, sobre a temática orientação sexual, junto aos professores do Ensino Fundamental.

---

034

MARTINS, João Carlos.

*A educação sexual em tempos de AIDS: um caminho possível para uma ação no âmbito escolar*. São Paulo, SP, PUC-SP, 2000. 248 p. Tese de Doutorado. (Orientador: Claudia Leme Ferreira Davis).

RESUMO - Este trabalho teve como objetivo levantar os pontos nodais que devem ser, segundo os professores, contemplados em uma proposta de Educação Sexual, em tempos de AIDS, para alunos do Ensino Fundamental e Médio, numa perspectiva sócio-histórica. Nesta perspectiva a mediação social é fundamental tanto para a apropriação de condutas sexuais que não envolvam ou minimizem riscos, como para a reflexão sobre nossas práticas sexuais. O trabalho se organizou em torno de um levantamento teórico sobre o assunto e, a partir daí, formas de inseri-lo na realidade escolar. Assim, desenvolvemos uma pesquisa com professores e alunos onde os

primeiros prepararam uma atividade que, desenvolvida com os alunos, possibilitou o levantamento das dúvidas e dificuldades para se trabalhar com sexo, sexualidade, AIDS e DST dentro da escola. Estas questões abriram uma outra reflexão sobre a preparação dos professores para o importante trabalho de formação junto aos seus alunos e sobre como os educadores tratam esses assuntos. Podemos afirmar que os resultados da pesquisa confirmaram nossa hipótese de que cabe aos professores fazer da escola um ambiente privilegiado para a auto-reflexão e para a reflexão sobre a realidade. O desafio está em encontrarmos um caminho que não exponha a intimidade do professor e, ao mesmo tempo, garanta na escola este trabalho, fundamental para os alunos, e também oportunize momentos de troca e formação para os professores e pais. Possibilidades para esta ação é o que tentamos desenvolver neste trabalho.

---

035

MATTOS, Miriam.

*Educação sexual na escola: intenções e concepções*. Passo Fundo, RS, Faculdade de Educação, UPF, 2001. 193 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Oswaldo Alonso Rays).

RESUMO - Este trabalho consiste numa pesquisa qualitativa que teve como objetivo investigar as intenções e concepções dos educadores que realizam atividades sobre educação sexual nos terceiros e quartos ciclos do ensino fundamental, em escolas da rede pública e privada do município de Passo Fundo. Estabelece um comparativo entre as escolas de periferia urbana e de centro urbano, que se configuram como contextos sócio-econômicos diferentes. Para isso, utiliza uma entrevista semi-dirigida e o método de análise de conteúdo, tendo como categorias principais as concepções referenciais que fundamentam a ação dos educadores, sua metodologia de trabalho, sua vivência da prática pedagógica e a receptividade das atividades desenvolvidas. A análise dessas categorias permitiu concluir que as concepções e intenções da amostra se aproximam, em termos de classificação, da concepção tradicional de educação, levando, assim, à reprodução de um padrão sexual conservador. No mesmo sentido, o comparativo entre os sujeitos de escolas de periferia e de centro urbano apresentou indicativos de que a ação educacional desenvolvida acaba reproduzindo, pedagogicamente, os ideais do sistema social dominante.

---

036

MELO, Sônia Maria Martins de.

*Corpos no espelho. A percepção da corporeidade em professores*. Porto Alegre, RS, Educação, PUC-RS, 2001. 399 p. Tese de Doutorado. (Orientador: Nara Maria Guazzelli Bernardes; Marilú Fontoura de Medeiros).

RESUMO - O presente trabalho buscou compreender a percepção de professoras e alunas de um Curso de Pedagogia de uma universidade pública, sobre o significado da corporeidade em suas trajetórias de vida. As questões norteadoras da pesquisa enfatizaram a procura do desvelamento dos reflexos dessa percepção de corporeidade da professora como ser-corpo-sexuado no mundo junto a outros seres encarnados, bem como suas expressões na prática pedagógica. O trabalho inicialmente relata o mundo vivido pela pesquisadora, pedagoga e docente em um Curso de Pedagogia, no qual define os rumos da caminhada, pautada principalmente na perspectiva do desvendamento do cotidiano de uma pedagogia que se propõe assexuada. Segue na busca dos cúmplices teóricos, principalmente na perspectiva do resgate crítico da jornada de construção da dicotomia corpo-mente pelo eixo paradigmático, hegemônico no pensamento ocidental cristão por entendê-lo como elemento fundante da dessexualização dos seres humanos em geral. A fenomenologia foi o ponto de partida da definição do método a ser utilizado, tendo Merleau-Ponty, principalmente na sua obra. Fenomenologia da Percepção, como inspiração teórica preferencial, e conseqüentemente, a entrevista fenomenológica como caminho metodológico para a obtenção dos dados. As entrevistas foram realizadas com dez professoras, sendo a opção pelo ser feminino resultante do fato de serem maioria no curso, escolhidas segundo as seguintes características: duas professoras aposentadas e duas professoras em atividade na docência do curso, mais três ex-alunas e três alunas atuais do curso, que já atuam como professoras em escolas. Da análise fenomenológica emergiram quatro essências e suas dimensões que apontam para a imensa possibilidade humana da superação do viés dicotômico fragmentador da corporeidade pelo ser humano, apesar desse viés continuar muito presente ainda hoje nas expressões educacionais do mundo vivido pelos seres-corpos-sexuados no mundo. As essências são as seguintes: (a) A consciência de si como ser corporificado: "sou corpo no mundo." (b) A percepção da sexualidade como dimensão humana: "sou corpo, sexuado." (c) A consciência do processo de deseducação sexual: "sou

corpo, negado." (d) O ressignificar da vida na busca da utopia: "sou corpo esperança." Os resultados apontam a necessidade urgente do resgate da corporeidade como eixo principal de decisões políticas educacionais e de correspondentes critérios e decisões pedagógicos que permeiam os vários currículos escolares brasileiros em todos os seus níveis de ensino. O privilegiamento imediato de linhas de pesquisas que auxiliem no desvelamento dos paradigmas filosóficos sobre corporeidade e sexualidade subjacentes ao currículo oculto existente hoje no sistema educacional brasileiro é sugerido pelo trabalho. Procura também elencar princípios de ação emanados da pesquisa que podem subsidiar uma proposta de educação facilitadora do desenvolvimento pessoal de professores/as e alunos/as no resgate de sua corporeidade como uma expressão básica de cidadania e de direitos humanos. Estratégias pedagógicas facilitadoras desse desvelamento são propostas aos cursos de formação de professores, especialmente ao curso de Pedagogia, para auxiliar na construção de uma escola cidadã.

---

037

MILITÃO, Arthur Corrêa.

*A visão de pais e professores sobre a sexualidade de pessoas portadoras de deficiência mental.* Rio de Janeiro, RJ, Faculdade de Educação, UERJ, 1991. 107 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Rosana Glat).

RESUMO – Este estudo examina as respostas de pais e professores de pessoas portadoras de deficiência mental, sobre alguns aspectos da sexualidade de seus filhos e alunos. Em entrevistas semi-estruturadas foram explorados os temas: afetividade, homossexualismo, namoro, casamento, contracepção, gestação, aborto, esterilização, relação sexual, supersexualidade, educação sexual e expressão de comportamentos masculino e feminino. As entrevistas realizadas em uma instituição em Cuiabá, Mato Grosso, que atende pessoas com deficiência mental, foram gravadas e os dados obtidos categorizados e analisados. Tal análise permitiu observar que esses pais e professores possuem uma visão um pouco inadequada e às vezes até maniqueísta a respeito da sexualidade de seus filhos ou alunos, que reflete suas próprias dúvidas e inseguranças na área sexual, já que a maioria dos pais e alguns professores não conheciam sequer muitos dos termos utilizados por nós. Também notamos em suas respostas ambivalência e até contradições pessoais, além de divergência de opiniões inter e intra-grupo. Evidenciamos que pais e professores fazem uma repressão velada sobre alguns aspectos da sexualidade, sendo que a maioria infantiliza seus filhos ou alunos, vendo o deficiente como uma "eterna criança carente". Pareceu-nos que pais e professores possuem uma enorme dificuldade em lidar com sexo de uma maneira geral, sendo relutantes em aceitar a sexualidade do deficiente mental como um aspecto normal do seu desenvolvimento. Preconizamos então, a importância de uma orientação para que pais e professores entendam e aceitem a sexualidade de seus alunos possibilitando-os a ter um relacionamento social e afetivo mais normalizado. Nosso objetivo a longo prazo, é portanto, a partir da visão dos sujeitos, traçar propostas de um programa de educação sexual, que tenha como meta o desenvolvimento global das pessoas portadoras de deficiência mental para que possam ter uma vida mais saudável, feliz e prazerosa.

---

038

NUNES, César Aparecido.

*Filosofia, sexualidade e educação: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar.* Campinas, SP, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1996. 328 p. Tese de Doutorado. (Orientador: Pedro L. Goergen).

RESUMO - Visa descrever e analisar criticamente os pressupostos filosóficos e os fundamentos éticos dos atuais discursos e concepções sobre a articulação entre Sexualidade e Educação, presentes nos programas de Educação Sexual hegemônicos na década de 1980 na sociedade brasileira. Delimita e circunscreve as contradições de 5 abordagens tipificadas de discursos sobre Sexualidade e Educação que se constituíram em influentes núcleos de ações educacionais, no campo de educação sexual, durante os anos 80: o discurso médico-biologista; a concepção terapêutico-descompressiva; a abordagem normativo-institucional; a concepção consumista e quantitativa pós-moderna e apresenta eixos éticos-filosóficos para uma abordagem emancipatória da sexualidade e Educação Sexual. Discute as bases antropológicas e os conceitos essenciais destas abordagens, questionando sua origem social e histórica, delineando os pressupostos filosóficos presentes no discurso e sua pertinente compreensão da sexualidade humana numa dimensão pedagógica. Expõe os eixos lógicos, gnoseológicos e as bases ontológicas estruturais destas concepções tipificadas, buscando elucidar suas contradições e limites, sua vinculação sócio-política e ideológica, avaliando sua pertinência e validade, alcance e perspectivas na sociedade brasileira atual e

na abrangência do discurso institucional escolar. Apresenta as bases de uma concepção dinâmica e transformadora da sexualidade humana na perspectiva da dialética e os tópicos estruturais de uma abordagem educacional deste tema, configurando novos campos sócio-políticos e epistemológicos da investigação teórica sobre a articulação Sexualidade, Sociedade e Educação. Discute a suposta especificidade de uma “Educação Sexual” e apresenta subsídios para uma compreensão globalizante da sexualidade humana, como dimensão ontológica essencialmente humana e culturalmente determinada. Apresenta elementos para a formação de professores e educadores sociais na área.

---

039

OLIVEIRA, Dora Lúcia Leidens Corrêa de.

*Sexualidade na escola pública: limites e possibilidades da educação de professores*. Porto Alegre, RS, Faculdade de Educação, UFRGS, 1994. 268 p. + Anexos. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Maria das Graças Furtado Feldens).

RESUMO - O tema central é a questão da formação de professores para atuação na área da orientação sexual de estudantes adolescentes. A análise desta problemática está circunscrita à prática pedagógica desenvolvida pelo Curso de Formação de Orientadores Sexuais do Projeto "Orientação Sexual a Alunos Adolescentes da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre". As informações pertinentes à investigação são buscadas, principalmente, através da "observação participante", estratégia de pesquisa que é direcionada para a compreensão da organização curricular do curso de capacitação, nas suas dimensões de "conteúdos de ensino" e "modos de ensinar". Os resultados do estudo mostram que o curso de formação investigado revela-se como uma proposta inovadora no âmbito da educação de professores, caracterizada por, dentre outros, estes aspectos: a definição da sua organização curricular envolve todos os sujeitos da ação educativa; a capacitação docente é compreendida como um processo de formação global da pessoa; o curso investe na formação de profissionais críticos, reflexivos e autônomos; a ação educativa destaca o processo de “ação-reflexão-ação”; o curso opta por uma formação “em situação”; no contexto da capacitação são estabelecidos espaços de formação mútua através da troca de experiências vividas na prática. O estudo demonstra, ainda, que o projeto investigado apresenta implicações no estabelecimento de um novo modelo de formação de educadores e de um novo perfil de educador.

---

040

PARRÉ, Sandra Helena Gramuglia.

*Aplicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais na Área de Orientação Sexual no Ensino Fundamental: um diagnóstico*. Bauru, SP, Faculdade de Ciências, UNESP, 2001. 149 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Elaine Sbroggio de Oliveira Rodini).

RESUMO - O presente trabalho teve como foco principal o estudo da aplicação da proposta de Orientação Sexual expressa pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) para o 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental, e da atuação do professor em relação à mesma. Foi realizado através da aplicação de um questionário a 90 professores, lotados em 14 escolas pertencentes à Rede Pública e Particular de Ensino da cidade de Bauru - SP, e procurou investigar como está sendo realizado o trabalho sugerido pelo documento do MEC nessas escolas. Os resultados obtidos mostraram algumas dificuldades vivenciadas por esses professores em relação à aplicabilidade da proposta oficial, e a partir dessas, procurou-se estabelecer algumas reflexões que pudessem servir como ponto de partida em busca de possíveis soluções para a superação das mesmas.

---

041

PEDROSA, Maria da Piedade Lins.

*Educação sexual: representações sociais de professores(as) de Ensino Fundamental*. João Pessoa, PB, Educação, UFPB, 2001. 114 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Otávio Machado Lopes de Mendonça).

RESUMO - O presente trabalho teve como objeto de estudo a análise das representações sociais que os(as) professores(as) de ensino fundamental de escolas públicas têm sobre a educação sexual. Participaram vinte professres(as) que estivessem ou não trabalhando com o conteúdo de educação sexual nas suas disciplinas. Os

dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas, na perspectiva da análise de enunciação e tiveram como suporte teórico as representações sociais de Serge Moscovici. Os resultados revelaram que os professores(as) possuem uma representação ambígua em relação à educação sexual, ou seja, ao mesmo tempo em que mostram a importância de se realizar a educação sexual na escola (imagem positiva), denotam a falta de preparo deles(as) para realizar tal tarefa (imagem negativa).

---

042

PEREIRA, Gicélia Lombardo.

*A enfermeira Numa “transa” com adolescentes: prevenindo a AIDS.* Rio de Janeiro, RJ, UNI-RIO, 1997. 179 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Iara de Moraes Xavier).

RESUMO – Esta pesquisa tem como objetivo de estudo a enfermeira redescobrir a prática de educação em saúde na prevenção da AIDS em adolescentes, pelo prisma da sexualidade e das relações de gênero. O objetivo principal visa capacitar adolescentes como agentes multiplicadores, conscientes do seu papel de cidadãos, com vistas a divulgar e incorporar práticas sexuais seguras, tendo como base o paradigma crítico-social de educação em saúde correlacionando às questões de gênero e sexualidade. A técnica pedagógica crítico-social foi utilizada no desenvolvimento da educação em saúde. A metodologia compreendeu as seguintes etapas: levantamento da rede pública de ensino, seleção das escolas, seleção das turmas de adolescentes, agendamento da oficina de criação, análise do material pesquisado e elaboração dos produtos resultantes deste processo. Esta pesquisa é do tipo descritivo exploratório com abordagem qualitativa. A investigação evidenciou que os adolescentes estão dispostos a tornarem-se agentes multiplicadores de informações e conhecimento sobre DST/AIDS. Além desta revelação, constatamos que eles assumiram um compromisso de auto-proteção e de preocupação com os seus direitos e deveres de cidadãos.

---

043

PERIM, Paulo Castelar.

*Os (des)caminhos da educação sexual: um estudo à luz da teoria das representações sexuais.* Vitória, ES, Psicologia, UFES, 2000. 157 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Zeidi Araujo Trindade).

RESUMO - A presente pesquisa tem como objetivo identificar os elementos das representações sociais de objetos ligados à temática da educação sexual. Sujeitos - os dados foram coletados entre 161 educadores de escolas públicas e privadas, da Grande Vitória, que possuem alguma relação com a prática da educação sexual. O método por nós empregado para a coleta de dados constitui na realização de uma série de seminários, onde solicitamos aos participantes que, voluntariamente, respondessem ao instrumento elaborado para este fim. O instrumento visava identificar, em linhas gerais: 1- Os elementos das representações sociais a partir de 3 palavras-estímulo dadas: sexualidade, homossexualismo e lésbica. 2- O nível de conhecimento dos sujeitos acerca de alguns temas específicos. 3- O tipo de atitude - liberal ou conservadora, em relação a assuntos ligados à sua prática profissional, tendo como instrumento uma escala de atitudes. Foram identificados vários elementos constituintes das representações sociais, que de forma geral reforçam a existência e manutenção de vários estigmas e preconceitos, especialmente no que se refere às palavras homossexualismo e lésbica. Neste último caso não encontramos elementos tendendo a centralidade da representação. O nível de informação dos sujeitos é muito precário. A maioria dos sujeitos apresentou posição liberal, mas estes dados não foram compatíveis com aqueles decorrentes das palavras-estímulo. É provável que a prática da educação sexual esteja muito mais [ligada] à possibilidade de manutenção de valores e papéis conservadores do que a qualquer prática mais libertária.

---

044

PREVE, Ana Maria Hoepers.

*Sexualidade, quem precisa disso? a trajetória de uma oficina.* Florianópolis, SC, Centro de Ciências da Educação, UFSC, 1997. 133 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Maria Oly Pey).

RESUMO - Reflexão sobre a produção dos discursos sobre a sexualidade nos dias atuais, a partir da experiência com uma oficina, que foi gestada no âmbito dos trabalhos de pesquisa-ensino do Núcleo de Alfabetização

Técnica/CED/UFSC. O trabalho expõe a noção dispositivo de sexualidade e de como este atua no sentido de produzir sujeitos com uma sexualidade e, com necessidade de uma prática que o ajude a viver melhor.

---

045

RAPOSO, Ana Elvira Silva.

*Um estudo sobre a sexualidade infantil no contexto de creche*. Rio de Janeiro, RJ, Departamento de Educação, PUC-RIO, 1998, 113 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Sonia Kramer).

RESUMO – Este trabalho consiste em um estudo realizado numa creche pública conveniada da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, situada em um bairro dessa cidade, sobre a sexualidade infantil no contexto de creche. Envolve a observação de crianças e adultos - as professoras - , durante o período de cinco meses contínuos, em uma jornada de pesquisa de campo que durou cerca de dez meses. Usa também a técnica de entrevistas para abordar a temática com as professoras, após o período das observações. O objeto da observação está circunscrito aos aspectos da expressão da sexualidade, principalmente na fala dos sujeitos. Tal objetivo leva a considerar os estudos de Foucault sobre o dispositivo de sexualidade e a definição do conceito de sexualidade infantil na perspectiva psicanalítica, como o referencial necessário à abordagem da problemática estudada, e um desvio no entendimento da sexualidade como função auto-erógena para aproximar de um enfoque que compreenda a linguagem. O dispositivo de sexualidade seria o conjunto de enunciados heterogêneos sobre um determinado foco de enunciação e de discurso que se constitui a posteriori como campo discursivo dessa temática. A instauração de uma relação consigo, a verdade, a moralidade e a ética são atravessados pelos mecanismos do dispositivo (da técnica, do controle, da normalização) e a “*pedagogização do sexo da criança*” (FOUCAULT, 1993, p.99), um de seus domínios. A sexualidade infantil teorizada pela psicanálise se distingue da concepção de sexualidade que divide o organismo da criança e do adulto com relação ao sexual, por existir na articulação entre a pulsão e a linguagem, constituinte do sujeito. O propósito dessa pesquisa é utilizar conceitos da teoria psicanalítica como uma construção de cultura e não como método clínico, na intenção de abordar o problema do confronto da professora com a criança na creche no que concerne às questões e aspectos da sexualidade infantil. Nos atos de fala da criança e do adulto, e também nos gestos, a fantasia, a repetição/imitação e a redundância oferecem suporte ao entendimento da relação entre sexualidade e linguagem, que se aprofunda sem se resolver.

---

046

RIBEIRO, Hugues Costa de França.

*Orientação sexual e deficiência mental: estudos acerca da implementação de uma programação*. São Paulo, SP, Instituto de Psicologia, USP, 1995. 406 p. Tese de Doutorado. (Orientador: Maria Lúcia Toledo Moraes Amiralian).

RESUMO - Estuda as dificuldades para a implementação de programas de orientação sexual para adolescentes deficientes mentais, com base na visão dos responsáveis pela orientação pedagógica da escola e através das representações que os vários grupos de profissionais e pais dos alunos fazem desta orientação e de questões relativas a sexualidade e deficiência mental. Foram realizadas entrevistas individuais com os responsáveis pela orientação pedagógica e entrevistas em grupos, formados pelos professores, pais e demais equipes de profissionais de uma escola para deficientes mentais. As entrevistas individuais foram registradas via anotações e as em grupo foram gravadas e transcritas. Procedeu-se então a análise de seus conteúdos que fizeram emergir temáticas, analisadas e discutidas em relação a orientação pedagógica, a cada grupo e entre os grupos. Os resultados mostraram a ausência de uma política clara em relação à orientação sexual, entrosamentos e concordâncias entre as representações em questões como: o direito à vida afetivo sexual, o desenvolvimento da sexualidade, as dificuldades para realizar a orientação sexual, as dificuldades para lidar e como atuar diante das manifestações de sexualidade dos adolescentes, a ausência de preparação para atuar na área e a discrepância entre uma postura racionalizada e as emoções experimentadas diante da esterilização compulsória e da criação de oportunidades que possam conduzir ao aprendizado de comportamentos na área da sexualidade humana. Fica clara a necessidade de se pensar nas formas de preparar os profissionais e os pais para lidarem com a questão, de modo que possamos oferecer condições aos deficientes mentais para o acesso à vida comunitária integrada, bem como buscar soluções para a formação de profissionais que possam desenvolver a programação de orientação

sexual junto a clientela.

---

047

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal.

*Uma contribuição ao estudo da sexualidade humana e da educação sexual.* Campinas, SP, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1989. 107 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: João Francisco Régis de Moraes).

RESUMO – Este ensaio tem como objetivo principal levar o leitor a uma reflexão crítica sobre a questão da Sexualidade Humana e a Educação Sexual. Num primeiro capítulo é apresentada a história da Educação Sexual, para mostrar ao leitor como ocorreu a evolução e repressão dos padrões sexuais ao longo da história. Em seguida é feita uma análise da Educação Sexual nos dias de hoje e apresentado um relato de experiência sobre a opinião de alguns profissionais de Educação a respeito da implantação e necessidade de programas de meios de comunicação com o comportamento sexual, a repressão e a própria evolução da educação sexual.

---

048

SALLA, Lilian Fenalti.

*A representação da sexualidade humana na concepção de educadores de escolas estaduais de Santa Maria.* Santa Maria, RS, Educação, UFSM, 2001. 139 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Alberto Manuel Quintana).

RESUMO - O presente estudo constituiu-se em uma investigação de cunho qualitativo e fenomenológico desenvolvida dentro da linha de pesquisa Formação de Professores. A principal finalidade desta investigação foi apreender as concepções acerca da sexualidade humana vigentes entre educadores de escolas públicas estaduais de Santa Maria. A aproximação da realidade focada foi desenvolvida com base na teoria das Representações Sociais. As técnicas utilizadas para a obtenção dos dados foram a entrevista semi-estruturada e a observação participante. Os dados apreendidos passaram pelo processo de análise de conteúdo. A partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, instituídos em 1995 pelo Ministério da Educação, a Orientação Sexual passou a ser um tema transversal idealizado pelo viés da transdisciplinaridade. A Representação da sexualidade humana pelos educadores foi valorizada neste estudo em virtude de constituir-se em um aspecto de extrema relevância na abordagem do tema dentro da escola. O estudo demonstrou que a Representação que os educadores têm sobre a sexualidade humana é bastante reducionista e atrelada ao sexo orgânico, desprezando-se os seus aspectos sócio-político-culturais. Observou-se que existe uma negação da sexualidade infantil e um receio de que a abordagem do tema junto às crianças possa "despertar" a sexualidade precocemente. O estudo evidenciou a existência de uma atitude de censura e a percepção de despreparo pelos educadores para lidar com o tema sexualidade. Considerando-se todos os aspectos inferidos deste estudo, espera-se que ele venha a contribuir, juntamente com outras visões, com a construção de uma proposta menos dogmática e mais crítica da Orientação Sexual escolar.

---

049

SAMPAIO, Juliana.

*AIDS, morte. Criança vida. A representação social da AIDS e suas implicações nas intervenções com crianças.* Recife, UFPE, 2001. 124 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Maria de Fátima de Souza Santos).

RESUMO – No Brasil, segundo Ministério da Saúde, até o ano de 2000, 6857 crianças menores de treze anos adquiriram o HIV. Busca-se compreender, entretanto, porque as ações preventivas em AIDS são preferencialmente dirigidas a jovens e adultos, mesmo sendo as crianças um grupo cada vez mais atingido. Para tanto, investigou-se as representações sociais da aids de 26 professores do ensino público fundamental do Recife, a partir das técnicas de associação livre, pareamento de palavras e entrevistas semi-dirigidas. Trabalhou-se com tais profissionais, pois eles são um dos principais responsáveis pela inserção da criança no social. Foram ainda analisados projetos de prevenção de AIDS em escolas, realizados com a CN-DST/AIDS, em todo o Brasil. Para a leitura dos dados obtidos com os professores, utilizou-se as análises de evocação e conteúdo-temática. A partir de então, pôde-se definir o conteúdo e a estrutura das representações sociais e, junto com a análise documental dos projetos, compreender em que medida as crianças são alvo de trabalhos de prevenção em AIDS. A partir dos

resultados conclui-se que a aids está relacionada a grupos marginais e práticas sexuais perversas, tornando-se incompatível com a imagem da criança inocente assexuada existente no imaginário social. Quando se discute prevenção em AIDS, evidencia-se muito mais o desempenho de práticas sexuais do que a própria sexualidade do sujeito. Tais construções distanciam as crianças das noções de vulnerabilidade, desprivilegiando-as nas intervenções de prevenção.

---

050

SANTOS, Claudiene.

*A orientação sexual pede espaço: compreensão fenomenológica da vivência de educadoras.* Ribeirão Preto, SP, Psicologia, USP, 1999. 215 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Maria Alves de Toledo Bruns).

RESUMO - O presente trabalho teve como objetivo desvelar a práxis pedagógica em Orientação Sexual de dez educadoras participantes de um grupo denominado Comitê de Orientação para a Sexualidade Humana em Uberlândia - MG. Foram entrevistadas sete orientadoras e três coordenadoras do referido Comitê cuja pergunta norteadora foi "Descreva como você vivenciou sua participação no Comitê de Orientação para Sexualidade Humana". Os depoimentos foram submetidos à análise qualitativa fenomenológica e ancorados ao referencial teórico-filosófico de Martin BUBER. Foram apontados os limites e perspectivas da Orientação Sexual nas escolas os quais perpassam pela preparação das profissionais envolvidas, os entraves pessoais, preconceitos oriundos de uma educação sexual repressiva, apoio dos pais dos educandos, conscientização da equipe escolar, resultados positivos alcançados e frustração diante do encerramento do projeto. Face à repressão sexual e à educação sexual das próprias educadoras em relação à sexualidade no decorrer do projeto foi possível evidenciar a predominância do mundo do ISSO de que nos fala BUBER. No entanto, à medida que o projeto foi sendo desenvolvido ocorreram aberturas ao encontro, ao diálogo, assim como a reelaboração de conceitos, posturas e atitudes das educadoras participantes do projeto e, dessa maneira, pudemos perceber nuances da palavra princípio EU-TU. Os depoimentos das entrevistas permitiram-nos entrever que há um longo caminho a ser construído e trilhado. Há a necessidade de um maior envolvimento político-pedagógico dos dirigentes, inclusão de disciplinas nas Universidades que possibilitem aos profissionais da Saúde e Educação um preparo adequado para lidar com a Sexualidade Humana em profundidade numa proposta humanizante, que vise resgatar as relações interpessoais e o diálogo próprios do TU buberiano, proporcionando aos educandos uma vivência autêntica de sua sexualidade.

---

051

SCHUSSEL, Darcy Raiça.

*Educação sexual: análise de opiniões de diferentes segmentos sociais.* São Paulo, SP, PUC-SP, 1982. 114 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Bernadete Angelina Gatti).

RESUMO - Verifica o posicionamento de representantes da sociedade frente à educação sexual na escola e analisa as condições reais do profissional-professor de Ciências Biológicas como um dos possíveis educadores sexuais. Inquiri 146 indivíduos dos principais subgrupos sociais: família, igreja, escola, empresa, poder legislativo, profissões liberais, bem como 155 docentes licenciados em Ciências Biológicas. Os resultados evidenciam a favorabilidade racional dos sujeitos à educação sexual na escola condicionando-a a uma reestruturação da escola e capacitação do educador sexual, o que desvela reticências quanto a sua realização. As condições do professor de Ciências restringem-se a realizar a educação sexual a nível de informação, observando, porém, controvérsias para a função de educador sexual. Sugere que seja repensada a questão da educação sexual em termos de motivos de sua existência, de treinamento de pessoal, de conteúdo e formas de realização.

---

052

SILVA, Edna Aparecida da.

*Medicina e Sexualidade Humana: estudo crítico do currículo atual dos cursos de medicina e suas implicações na formação do médico.* Campinas, SP, Faculdade de Educação, PUCCAMP, 1997. 197 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: César Aparecido Nunes).

RESUMO - A presente pesquisa busca investigar as representações médicas, conceituais e institucionais, sobre Sexualidade e Educação Sexual. Trata-se de um estudo histórico-analítico sobre a formação dos Profissionais Médicos em Sexualidade Humana. As hipóteses fundantes sustentam-se sobre a constatação de que o forte acento cientificista, hegemônico na esfera das Ciências Naturais e Biológicas, venha a reduzir a concepção da corporeidade humana, não compreendendo-a como plena e integral, à semelhança das Ciências Humanas. Busca fundamentar-se na análise histórico-filosófica, partindo de uma interlocução privilegiada, mas não excludente, com o pensamento de M. Foucault, que define a "questão" da prática discursiva sobre Sexualidade, chamada "Scientia sexualis", como histórico-política e institucional-jurídica, que teria tomado corpo com a Medicina do século XIX, produzindo uma tipologia técnica sobre a atuação deste profissional, que passa a ter o poder de definir os dispositivos de controle das sexualidades sadias e a normatização e marginalização das sexualidades classificadas como patológicas, prescrevendo intervenções terapêuticas para decifrá-lo e segregá-lo. A pesquisa vincula-se à linha de pesquisa "Docência em Ensino Superior", conquanto busca analisar a trajetória curricular e o processo institucional-histórico de conformação do ensino de Medicina, acadêmico e clínico. A pesquisa de campo, documental e extratificada, sobre a comunidade médica e os discursos representativos de sua atuação como agente de educação sexual, reclamado pela demanda de escolas e instituições similares na sociedade brasileira contemporânea, foi desenvolvida junto ao corpo docente e discente das Faculdades de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. A formação do médico é tema recente nas Ciências da Educação; a pesquisa busca identificar os conceitos fundamentais que regem sua cosmologia profissional e como formaram-se as grades de significados de suas matrizes institucionais de ação profissional e educativa. A clivagem social e acadêmica, hoje brutalmente vigente e segregacionista de saberes e competências entre educadores e médicos, entre outros, parte da ruptura que separa os aspectos filosófico-históricos e naturalistas-empíricos, próprio das Ciências Biológicas, onde especialmente a Medicina tem materializado esta divergência objetual na análise do homem e do conhecimento. A articulação é epistemologicamente necessária, e existem possibilidades de estabelecer uma relação interdisciplinar entre a Pedagogia e a Medicina. A relevância e justificativa para empreender tal estudo reconsidera que a sexualidade assumiu fundamental importância na sociedade contemporânea, a partir da constituição das forças produtivas atuais, que consubstanciam processos de alienação que têm como regra básica a produtividade priorizando o dever-fazer em detrimento do conhecimento e do prazer. A reflexão sobre sexualidade parte da concepção de que esta é uma importante dimensão ontológico-existencial humana, como também uma questão política, econômica e ideológica que precisa ser tratada com atenção e critérios, que merece não ser vista e tratada em função do receituário etiológico, identificado com o estigma da lubricidade ou o proselitismo consumista da devassidão moral. Ao pesquisar e identificar as representações existentes no currículo atual dos cursos de Medicina e no discurso médico, recolhido e interpretado, o trabalho pretende sugerir revisões e inclusões propositivas na formação acadêmica, no currículo pleno dos cursos de Medicina. Os resultados apresentados na pesquisa demonstram que há uma clareza acadêmico-profissional da comunidade médica investigada, docente e não-docente, sobre as carências estruturais de sua formação no tocante ao tema da Sexualidade Humana, ao mesmo tempo em que há uma maior demanda social pela sua presença educacional na escola. A dissertação aponta propostas de superação da atuação normativa dominante na atual intervenção do médico neste campo e reflete sobre as perspectivas de uma atuação profissional renovada e transformadora, articulada organicamente a novos fundamentos epistemológicos e políticos de ação emancipatória na universidade e sociedade.

---

053

SILVA, Edna Aparecida da.

*Filosofia, educação e educação sexual: matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de FREUD, REICH e FOUCAULT para a abordagem educacional da Sexualidade Humana.* Campinas, Faculdade de Educação, UNICAMP, 2001. 296 p. Tese de Doutorado. (Orientador: César Aparecido Nunes).

RESUMO – Estudo crítico e propositivo das principais matrizes teóricas dos discursos modernos sobre sexualidade humana. O trabalho caracteriza-se como uma reflexão crítica sobre a necessidade de fundamentação científica do educador, privilegiando o conhecimento filosófico, histórico e antropológico do tema como subsídio para uma abordagem escolar emancipatória da sexualidade humana. Investiga a Sexualidade Humana a partir da análise filosófica e sua articulação com a Educação. Constitui-se numa reflexão crítica e criteriosa sobre a questão da necessidade da fundamentação teórico-científica para a atuação de educadores no campo da educação sexual escolar. Procura realizar uma síntese das colaborações teóricas de FREUD, S., REICH, W. E

FOUCAULT, M., como principais matrizes da produção científica moderna sobre Sexualidade Humana, colocada como referencial para o conhecimento filosófico, histórico e antropológico, que deve pressupor a ação pedagógica dos educadores motivados pela possibilidade de promover a educação sexual numa abordagem escolar. Tal referencial poderá firmar-se no sentido de fornecer ao professor, individualmente, elementos para realizar a crítica do atual cenário da educação sexual e compreender a dialética, social, histórica e cultural das relações estabelecidas em torno da questão da sexualidade humana. Coletivamente, poderá subsidiar uma forma metodológica orientadora e abrangente de aplicação na ação docente nesta modalidade de educação, para a qual defendemos um horizonte “Emancipatório”, nos termos das pesquisas sobre esta concepção, nas áreas da Filosofia e História da Educação. A pesquisa foi desenvolvida no Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia da Educação PAIDÉIA, na linha de pesquisa Ética, Política e Educação. Aponta diretrizes para a formação de professores e educadores sexuais.

---

054

SILVA, Ricardo de Castro e.

*A orientação sexual vivida por educadores e alunos: possibilidades de mudanças.* Campinas, SP, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1995. 151 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Ana Maria Faccioli de Camargo).

RESUMO – A Orientação Sexual é hoje uma realidade que vem se expandindo à medida que a escola percebe sua importância e admite integrá-la à sua estrutura. Para que isto ocorra de forma significativa para o aluno é preciso atentar para a formação do educador que será o responsável pelo envolvimento de toda a escola, neste processo. O presente trabalho enfoca esta formação tendo como referência o trabalho que vem sendo desenvolvido junto a escolas da rede municipal de educação de Campinas e de outras cidades brasileiras. Os caminhos pelos quais passou a construção deste espaço de formação são identificados: a garantia da continuidade do processo, a construção do grupo de referência, a possibilidade de falar, de constatar a existência das diferenças sempre tendo os acontecimentos da sala de aula como mola propulsora. Permeadas pelos relatos dos professores reflexões foram construídas, tendo como alicerce conceitos da aprendizagem, da sexualidade, da construção do desejo, da singularidade e do espaço da intimidade.

---

055

SILVA, Tânia Maria da.

*Orientação sexual nas escolas - dos desafios propostos às necessidades formativas: meta governamental ou iniciativa individual?.* Recife, PE, Educação, UFPE, 2000. 265 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Patrícia Smith Cavalcanti).

RESUMO - Este trabalho tem como tema central a formação e a prática pedagógica de professores do Ensino Fundamental de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> série, em relação à abordagem, na escola, de temáticas relacionadas à sexualidade humana, conforme normatização prevista pela legislação nacional. Questiona pontos sobre as necessidades formativas dos professores, para trabalhá-las, tendo em vista as orientações curriculares do Ministério da Educação, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) via Temas Transversais em Educação, já que a orientação sexual, tema bastante polêmico, encontra-se entre eles. Investigou-se, através de questionários, cinquenta e dois professores e posteriormente realizou-se um estudo de caso sobre as trajetórias individuais de nove deles. Os dados apontam, em linhas gerais, que: 1) todos os professores consideram importante a orientação sexual na escola, mas, um número considerável sente-se inseguro, despreparado para realizá-la e não as realizam; 2) há diferença quanto à preferência de conteúdos relacionados à sexualidade humana entre os professores de Ciências (PC) e professores de outras disciplinas (POD); 3) as trajetórias escolar/acadêmica/profissional individuais influenciam na base da prática pedagógica do professor devido à ausência de uma formação acadêmica inicial e uma política educacional que contemple a preparação necessária, nessa área, no processo de formação continuada. Nesse sentido, conclui-se, então, que é preciso primar pela qualidade educacional no trabalho, com a orientação sexual de forma a contemplar importantes aspectos referentes à formação humana, evitando que a formação docente fique a cargo da vida pessoal de cada professor e transforme-se em formação profissional.

---

056

SILVEIRA, Mariluz Terra.

*Formandos de Medicina: conhecimentos, comportamentos e atitudes frente à sexualidade.* Goiânia, GO, Faculdade de Educação, UFG, 1993. 269 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Maria Hermínia Marques da Silva Domingues).

RESUMO – Com o objetivo de promover uma reflexão sobre a importância do estudo da sexualidade humana no curso de Medicina, foram avaliados alguns aspectos da sexualidade de formandos de Medicina da UFGO., através da aplicação de um questionário a alunos do 6º ano do referido curso, comparando-os com alunos do último ano do curso de Engenharia Civil e Elétrica. Este questionário foi dividido em cinco partes: conhecimentos básicos em Sexologia, mitos, experiências sexuais, atitudes sexuais e relação entre sexualidade e exercício profissional. Foi observado que sobre os conhecimentos básicos de Sexologia houve diferença estatisticamente significativa entre os estudantes de turma de Medicina e Engenharia, demonstrando que os alunos de Medicina, apesar de terem baixos conhecimentos também, se saíram melhor que os de Engenharia. Quanto à presença de mitos, foi notada também diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos, sendo que os estudantes de Medicina no geral têm menos mitos do que os de Engenharia, porém foi observada uma sobreposição, apesar da diferença significativa, entre os mitos mais frequentemente encontrados entre os alunos de Medicina e Engenharia. Quanto a experiências sexuais não foi detectada diferença estatisticamente significativa entre os estudantes de Medicina e Engenharia. Quanto à relação entre sexualidade e exercício profissional houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos, em todas as perguntas. Considerando os mesmos aspectos citados, foi encontrada diferença significativa relacionada a conhecimentos básicos de Sexologia, quando analisamos os alunos de Medicina por sexo, ou seja, os homens responderam de forma mais adequada do que as mulheres. Também em relação aos mitos foi verificada diferença significativa entre as respostas masculinas e femininas, sendo que os alunos responderam de forma mais adequada do que as alunas sobre os mitos da fisiologia da resposta sexual feminina. As respostas referentes a experiências sexuais não obtiveram nível de diferença estatisticamente significativas entre os alunos do sexo feminino e masculino do curso de Medicina. Fazem exceção no entanto, aquelas que se relacionavam aos jogos sexuais infantis, à masturbação, ao sentimento de culpa com a masturbação, à atividade sexual e à idade da sexarca. Com a análise dos dados obtidos chegamos à conclusão que seria de importância uma disciplina curricular, para o curso de Medicina, que se oriente para a temática sexual, onde os alunos possam não somente aprender e discutir as questões referentes aos pacientes, mas também a se reconhecerem como seres sexuais.

---

057

SOARES, Guiomar Freitas.

*Sexualidade e gravidez na adolescência: um estudo sobre a educação sexual na escola e sua articulação com a educação ambiental.* Rio Grande, RS, FURG, 1999. 203 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Valéria Lerch Lunardi).

RESUMO - Detectar como o professor percebe a questão da sexualidade e da gravidez na adolescência e como vêm implementando medidas para sua prevenção, no cotidiano escolar, foi o tema central deste estudo. Questionamento que emergiu da preocupação dos educadores com a evasão escolar, associada a ocorrências de gestação entre as adolescentes, fato que envolve questões de cidadania na medida em que, a privação precoce da escolaridade, compromete a participação das jovens nas decisões do contexto social, do qual fazem parte. Dificulta-se, assim, a redução das desigualdades das relações entre homens e mulheres, favorecendo a manutenção de uma estrutura social cimentada na exploração e na dominação, fundamentalmente, contrária à reconstrução de um modelo de desenvolvimento humano e ambientalmente sustentável, no qual o compromisso com a vida, com a ascensão do ser humano, e com as gerações futuras prevaleçam. Este trabalho apoia-se em estudos da sexualidade e busca, da proposta de educação problematizadora de FREIRE, a fundamentação teórica para a análise do procedimento das professoras, expressas no conteúdo de suas falas. Objetivando responder às questões deste estudo, contextualizaram-se os principais temas envolvidos, o que remeteu à utilização de instrumentos de investigação, questionários (fechados) entrevistas semi-estruturadas, aplicadas em 12 professoras, de três escolas públicas do município de Rio Grande, possibilitando o emergir de dados significativos e reveladores das dificuldades por elas encontradas. O trabalho evidencia a existência de um generalizado despreparo do professor com relação às questões da sexualidade, que dizem respeito à sua formação pessoal e, também, científica. Fatos que se colocam na base dos obstáculos à implementação de ações a serem

desencadeadas, nessa área, como a introdução da orientação sexual, de forma interdisciplinar, na escola, perpassando os conteúdos de todas as disciplinas, a elaboração de projetos que contemplem a prevenção da gravidez indesejada e a realização de atividades que focalizem as relações de gênero. Nesse sentido, este estudo aponta para a necessidade do planejamento de ações alternativas, através das quais, as lacunas evidenciadas na formação dos professores possam ser preenchidas.

---

058

SOARES, Maria da Graça.

*Educação sexual na escola: percepção de pais, alunos e educadores; sugestão de programa.* Porto Alegre, RS, Faculdade de Educação, PUC-RS, 1985. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Augusto Silva Triviños).

RESUMO - O presente trabalho é um estudo sobre a educação sexual na escola. Trata-se de uma pesquisa realizada entre pais, professores e alunos de 1º e 2º graus, das redes pública e privada, da cidade de Novo Hamburgo, Estado do Rio Grande do Sul. A população é constituída por 3.839 sujeitos, assim discriminados: pais, 1.700; educadores, 178; alunos, 1.961. A amostra foi aleatória, estratificada e não proporcional, constituída por 698 sujeitos: pais, 138; educadores, 82 e alunos, 478. Para esta pesquisa formularam-se as seguintes questões de pesquisa: - Quais são as características gerais dos educadores, pais e alunos alvo do presente estudo? - Qual é a preocupação dos alunos, pais e educadores sobre a possível implantação da educação sexual nas escolas? - Existem diferenças significativas entre a percepção dos alunos, pais e educadores sobre a possível implantação da educação sexual nas escolas? - Existe relação entre a opinião que têm alunos, pais e educadores sobre a possível implantação da educação sexual nas escolas e as variáveis situacionais que distinguem os sujeitos alvos da presente pesquisa? Utilizaram-se como instrumentos um questionário de identificação e uma escala tipo Likert. As técnicas utilizadas para tratar as questões de pesquisa foram: distribuição de frequências absolutas e percentuais, análise de variância, coeficiente de correlação, teste "t" de Student e teste de Kruskal-Wallis. Os resultados gerais sugerem que pais, educadores e alunos são favoráveis à implantação da educação sexual na escola. Arrola-se, a título de sugestão, alguns tópicos que podem constar de um programa de educação sexual para crianças e adolescentes. Novas pesquisas são sugeridas.

---

059

SODELLI, Marcelo.

*Escola e AIDS: um olhar para o sentido do trabalho do professor na prevenção à AIDS.* São Paulo, SP, PUC-SP, 1999. 130 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Heloísa Szymanski Ribeiro Gomes).

RESUMO – Grande parte dos projetos de prevenção à AIDS desenvolvidos no âmbito escolar apontam o professor como o principal mediador deste processo. Entretanto, esses profissionais se apresentam divididos em dois grupos: os favoráveis e os não favoráveis ao trabalho na prevenção à AIDS nas escolas. Qual o motivo dessa divisão? O objetivo dessa pesquisa é o de buscar compreender a existência desses dois grupos de professores. Para tal empreitada, optamos pelo referencial teórico da Fenomenologia Existencial, especificamente nas idéias do filósofo alemão Martin Heidegger acerca da questão do sentido. Assim o problema desta pesquisa é: - compreender o sentido, para o professor do ensino fundamental, de trabalhar ou não a prevenção à AIDS na escola. Realizamos três entrevistas coletivas semi-abertas com oito professores do ensino fundamental (1 homem e 7 mulheres), sendo que quatro eram favoráveis e quatro não eram favoráveis ao trabalho do professor na prevenção à AIDS. Todos os participantes eram da mesma escola; esta é estadual e se localiza numa região de população de baixa renda da cidade de São Paulo. A análise das informações revelou o modo distinto como cada grupo de professores sente e cuida da tarefa preventiva à AIDS. Essas diferenças fundamentais concentram-se principalmente nos sentimentos em relação à Educação e à Prevenção da AIDS e nas compreensões sobre Educar de cada grupo. Ao explicitar essas diferenças, esta pesquisa coloca em discussão a idéia de que a grande responsável pela existência dos dois grupos é a dificuldade dos professores em falar sobre sexualidade. Com esse novo modelo de olhar a questão, estamos abrindo uma possibilidade de compreender o posicionamento dos professores numa perspectiva de escolha. É a principal contribuição desta pesquisa: a sinalização da possibilidade de mudança.

---

060

STOLL, Raul Roberto.

*Professoras de Escola Infantil: práticas e significados a respeito da sexualidade de meninas e meninos e educação sexual.* Porto Alegre, RS, Faculdade de Educação, PUC-RS, 1994. 139 p. Dissertação de Mestrado.

RESUMO - O foco principal desta Dissertação é a compreensão das práticas e dos significados apresentados por professoras no que se refere à sexualidade de meninas e meninos bem como à educação sexual na escola infantil. Para estudar o fenômeno, optei pelo método da Observação Participante e os dados, coletados em três turmas de Jardim (escolas infantis) do Vale do Taquari/RS, foram analisados qualitativamente por meio de uma Análise de Conteúdo. As categorias que emergiram dessa análise dizem respeito a condições de espaço e tempo das atividades, condutas espontâneas das crianças, estratégias pedagógicas e jeito de ser das professoras, concepções e significações das professoras sobre a sexualidade infantil e a educação sexual. A reflexão sobre tais temas possibilita compreender que as professoras enfrentam dificuldades nas suas ações quando se defrontam com manifestações sexuais de meninos e meninas. As significações das professoras, no que diz respeito à sua própria sexualidade e corporalidade, bem como à sexualidade e à corporalidade das crianças, mostram-se ambíguas, heterogêneas e suscetíveis às influências sociais e culturais do contexto no qual as escolas se inserem. Embora apresentem um discurso favorável à educação sexual na escola, as professoras não possuem clareza quanto à forma como esta ação pedagógica poderia ser desenvolvida no âmbito da educação infantil.

---

061

VEIGA, Semíramis Gorini da.

*Buscando paradigmas indicadores da interdisciplinaridade no processo de construção do sujeito sexuado na escola.* Porto Alegre, RS, Faculdade de Educação, UFRGS, 1996. 216 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Cleonice Carolina Reche).

RESUMO - O ser humano se constrói como sujeito durante toda a sua vida. Os aspectos relacionados a sua sexualidade devem ser promovidos ao longo desse processo, pela família e pela escola. A pesquisa objetivou verificar se a escola - através do seu currículo diversificado e através das práticas pedagógicas que adota - pode oferecer ao/a aluno/a, interdisciplinarmente, a possibilidade de construir-se como sujeito, respeitando-se sua sexualidade. O que se pretende é mostrar - nas diferentes disciplinas, nos conteúdos trabalhados, nas práticas desenvolvidas, nas falas e atitudes de professores/as e alunos/as, de que forma os temas envolvendo a sexualidade são abordados. Além disso, procura-se identificar, alguns indicadores da possibilidade de o/a aluno/a chegar a interdisciplinaridade, no que tange a aprendizagem e à construção da sua sexualidade.

---

062

VERARDO, Maria Terezinha Vieira.

*A sexualidade educada: nota crítica sobre pressupostos teóricos e projetos empíricos.* Campinas, SP, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1989. 140 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes).

RESUMO - No primeiro capítulo levantamos a discussão polêmica entre Freud e Reich a respeito da condição política da sexualidade. Um projeto de educação sexual poderia visar a sexualidade enquanto vivência do prazer ou enquanto canalização da energia para a produção. No segundo capítulo revisitamos a educação do jovem grego através das teorias de Platão e Aristóteles e refletimos sobre o risco das doutrinas eugenistas serem veiculadas num curso de educação sexual. No terceiro capítulo analisamos dois projetos de educação sexual ministrados pela CENP, tomando-os como modelo de uma educação sexual nos moldes formais e usuais, e não como um estudo de caso. O quarto capítulo, que também pretende ser a conclusão, utilizamos as análises de Foucault e discutimos os discursos silenciosos presentes numa educação sexual.

---

063

WAIDEMAN, Marlene Castro.

*Sexualidade, Aids e adolescência no espaço escolar contemporâneo: a família não fala, o adolescente pede, e a escola...* Marília, SP, Educação, UNESP, 1997. 240 p. Tese de Doutorado. (Orientador: Teresa Correa Cariola).

RESUMO - Falar sobre a prevenção da AIDS a adolescentes, pressupõe necessariamente falar sobre sexualidade, sobre afeto, sobre contato com o outro, sobre a construção da subjetividade. Este trabalho pretende uma análise das possibilidades e barreiras para o desenvolvimento de um programa de educação sexual junto a adolescentes, no espaço escolar, levando em conta as considerações acima. Para a realização desta pesquisa, foi adotado o método clínico de investigação, através de realização de entrevistas - fechadas e abertas, com professores e alunos adolescentes. A leitura psicanalítica orienta de início uma análise sobre as questões psicossociais que envolvem a sexualidade do adolescente. Em seguida, uma análise da instituição escolar no que diz respeito à sua funcionalidade e a capacitação profissional e pessoal do educador para lidar com as questões da sexualidade, partindo da construção de sua própria subjetividade. A partir desses dados, procede-se uma discussão de modos de intervenção, considerando a perspectiva da dinâmica psicosssexual do adolescente e do professor, bem como de seu aspecto inter-relacional. Finalmente, são apresentadas algumas considerações sobre a complexidade de uma geração que cresceu sob o bombardeio da Aids, mas que certamente não se previne, e sobre um educador do qual se espera mais do que está preparado técnica e pessoalmente para realizar. Estas reflexões culminam com apresentação de subsídios para propostas educacionais que visem a premência da dimensão do sexual, envolvendo os diferentes saberes e considerando as instituições família, escola, cultura, que se inscrevem na formação do sujeito.

---

064

WUO, Moacir.

*Prevenção da AIDS na escola: representações sociais de professores.* Campinas, SP, Instituto de Psicologia, PUCCAMP, 1998. 182 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Eliana Martins da Silva Rosado).

RESUMO - O objetivo deste estudo foi explorar as Representações Sociais de professores sobre o HIV/AIDS e Programas de Prevenção da AIDS na Escola. Foram sujeitos 54 professores de Escolas Técnicas de 2º Grau do Estado de São Paulo. Utilizou-se de um questionário com questões abertas e fechadas sobre a AIDS: noções da doença, formas de transmissão, prevenção, AIDS – adolescentes e preconceitos – e sobre Programas de Prevenção da AIDS na Escola: funções, dificuldades, responsabilidades e possibilidades de envolvimento. As respostas foram tratadas e analisadas pela técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados obtidos indicaram que os professores apresentaram conhecimentos satisfatórios sobre a doença, sobre formas de transmissão e prevenção; há idéia sobre "grupos de risco" e como fatores de transmissibilidade da AIDS entre adolescentes, apontaram o comportamento, o sexo e uso de drogas e, com relação a Programas de Prevenção, consideram que estes têm função de informar, são de responsabilidade da Secretaria da Saúde, devem ser conduzidos pelos professores de Biologia; apontaram como dificuldades questões psicossociais e técnicas e manifestaram interesse em participar. Pareceu faltar uma ação reflexiva sobre as implicações AIDS-adolescência-processo educacional e sobre a possibilidade de Programas de Prevenção promoverem mudanças comportamentais desejáveis e consistentes entre os adolescentes.

---

065

XAVIER FILHA, Constantina.

*Educação sexual na escola: o dito e o não-dito na relação cotidiana.* Campo Grande, MS, Faculdade de Educação, UFMS, 1998. 176 p. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Ana Maria Gomes).

RESUMO - Esta dissertação analisa a educação sexual tal como ocorre no currículo em ação das escolas. A pesquisa empírica esteve centrada nas ações de educadores/as que atuam no ensino fundamental. O olhar investigativo foi o das Relações de Gênero, através do qual analisamos o impacto da educação sexual para alunos e alunas. Para desvendar as tramas da educação sexual, imbuída de papéis diferenciados para meninos e meninas, utilizamos os estudos da Representação Social, que possibilitaram um melhor entendimento dos discursos dos/as educadores/as e também dos/as adolescentes das escolas pesquisadas. Através da apreensão das representações de sexualidade, que os/as educadores/as possuem, pudemos compreender melhor as ações educativas no cotidiano escolar. O currículo em ação permite-nos desvendar a educação sexual que ocorre nas escolas, naquilo que extrapola os conteúdos curriculares. A educação se processa de inúmeras maneiras através de silêncios, omissões

e ações de todos/as os/as profissionais da escola (que chamamos de educadores/as), educando em suas respectivas funções. Foi nessa trama de interações e trocas que procuramos desvelar a educação sexual em duas escolas do município de Campo Grande (MS).

---



TABELA II- Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por ano de defesa e nível escolar.

ANO	NÍVEL ESCOLAR							TOTAL
	EI	EF	EF1	EF2	EM	ES	Geral	
1977							1	1
1978								
1979								
1980								
1981								
1982		1			1			2
1983								
1984								
1985		1			1	1		3
1986								
1987								
1988								
1989				1	1		2	4
1990							1	1
1991				1			1	2
1992	1				1		2	4
1993						1	1	2
1994	1						1	2
1995			2	2		1	1	6
1996	1			1	1	1	2	6
1997	1		1			1	3	6
1998	3			2	2	1	2	10
1999		2		1	1		2	6
2000		2	1	2	2		1	8
2001		3		4	1	2	3	13
<b>T. Abs.</b>	<b>7</b>	<b>9</b>	<b>4</b>	<b>14</b>	<b>11</b>	<b>8</b>	<b>23</b>	<b>76</b>

Fonte: "Pesquisas em Educação Sexual Escolar" (Silva e Megid Neto, 2003)

Nota: O total de classificações (76) supera o número de documentos (65) pois há trabalhos que abrangem mais de um nível.

TABELA III - Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por instituição de ensino superior e nível escolar

Instituição de Ensino Superior	NÍVEL ESCOLAR							TOTAL
	EI	EF	EF1	EF2	EM	ES	Geral	
FURG							1	1
PUCCAMP					1	1		2
PUC-RIO	1							1
PUC-RS	1	1			1	2	2	7
PUC-SP	2	3			2			7
UERJ							1	1
UFBA				1				1
UFCE							1	1
UFES						1	1	2
UFG				1	1	1		3
UFMS				1				1
UFMT	1		1					2
UFPB		1						1
UFPE		1		1				2
UFRGS	1			1			2	4
UFRJ			1					1
UFSC					1	1	1	3
UFSCar					1		2	3
UFSM							1	1
UGF		1		1	1		1	4
UNAERP				1				1
UNESP				1			2	3
UNICAMP			2	3	1		5	11
UNIFOR				1				1
UNI-RIO							1	1
UPF				1				1
USP	1	2		1	2	2	2	10
<b>Total Absoluto</b>	<b>7</b>	<b>9</b>	<b>4</b>	<b>14</b>	<b>11</b>	<b>8</b>	<b>23</b>	<b>76</b>

Fonte: "Pesquisas em Educação Sexual Escolar" (Silva e Megid Neto, 2003)

Nota: O total de classificações (76) supera o número de documentos (65) pois há trabalhos que abrangeram mais de um nível.

TABELA IV - Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por instituição de ensino superior e foco temático

Instituição de Ensino Superior	FOCO TEMÁTICO			
	1	2	3	4
FURG			1	
PUCCAMP			2	1
PUC-RIO			1	
PUC-RS			6	
PUC-SP	1	2	3	
UERJ			1	
UFBA			1	
UFCE		1		
UFES			2	
UFG		1	1	
UFMS			1	
UFMT		1	1	
UFPB			1	
UFPE			2	
UFRGS		2	3	
UFRJ		1	1	
UFSC	1	2		
UFSCar			3	
UFSM			1	
UGF			2	1
UNAERP			1	
UNESP		1	2	1
UNICAMP		3	3	4
UNIFOR		1		
UNI-RIO	1			
UPF			1	
USP	1	3	8	
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>18</b>	<b>48</b>	<b>7</b>

Fonte: "Pesquisas em Educação Sexual Escolar" (Silva e Megid Neto, 2003)

Legenda: Foco Temático: 1 – Formação Inicial

2 – Formação Continuada

3 – Características, Concepções/Representações e Práticas Escolare

4 – Elementos Teóricos, Históricos e Curriculares

TABELA V - Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por ano de defesa e foco temático

Ano	FOCO TEMÁTICO			
	1	2	3	4
1977		1		
1978				
1979				
1980				
1981				
1982			1	
1983				
1984				
1985		1	1	
1986				
1987				
1988				
1989		1	2	2
1990			1	
1991			2	
1992		1	4	
1993			2	
1994		1	1	
1995		1	3	
1996	2	2	2	1
1997	1	2	3	1
1998		2	6	1
1999		1	5	
2000	1	2	6	
2001		3	9	2
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>18</b>	<b>48</b>	<b>7</b>

Fonte: "Pesquisas em Educação Sexual Escolar" (Silva e Megid Neto, 2003)

Legenda: Foco Temático: 1 – Formação Inicial

2 – Formação Continuada

3 – Características, Concepções/Representações e Práticas Escolares

4 – Elementos Teóricos, Históricos e Curriculares

TABELA VI - Distribuição das 65 dissertações e teses sobre formação dos professores/educadores para abordagem da Educação Sexual na escola, 1977-2001, por nível escolar e foco temático.

Nível Escolar	FOCO TEMÁTICO			
	1	2	3	4
EI	1	3	6	
EF		2	8	
EF1		3	3	
EF2		4	11	1
EM	2	5	8	
ES	1	2	6	1
Geral	1	6	13	5

Fonte: "Pesquisas em Educação Sexual Escolar" (Silva e Megid Neto, 2003)

Legenda: Foco Temático: 1 – Formação Inicial

2 – Formação Continuada

3 – Características, Concepções/Representações e Práticas Escolares

4 – Elementos Teóricos, Históricos e Curriculares